UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Rafaela Miliorini Alves de Brito
Raquel Darelli Michelon

A LÍNGUA QUE EU ESTUDO NÃO É A MESMA QUE EU FALO: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Florianópolis
2013

Rafaela Miliorini Alves de Brito
Raquel Darelli Michelon

A LÍNGUA QUE EU ESTUDO NÃO É A MESMA QUE EU FALO: REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do 9º período do Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (Licenciatura) sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

Florianópolis
2013

Resumo

No estágio docência, as professoras-estagiárias tiveram a oportunidade de reger uma classe e ministrar aulas sobre determinados conteúdos. Porém, a prática docente ultrapassa a aplicabilidade e os desdobramentos de uma aula em sala. Por isso, é quesito essencial que certas etapas sejam cumpridas a fim de que a ação de lecionar concretize-se com sucesso. Primeiramente elabora-se o projeto com o planejamento das etapas do estágio docência; em seguida, a aplica-se o projeto; e, por fim, reflete-se sobre as atividades docentes. Para sistematizar as experiências que vivenciamos, agora em nosso segundo contato com uma sala de aula, elaboramos este documento, em que ficam registrados os momentos essenciais para o desenvolvimento daquilo que programamos. O estágio de docência em língua portuguesa e literatura foi realizado no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – escola localizada na região central de Florianópolis – em uma turma de primeira fase do Curso Técnico Integrado em Eletrônica. Intitulado *A língua que eu estudo não é a mesma que eu falo: reflexões sobre a língua portuguesa na escola*, o projeto foi elaborado objetivando o ensino de linguística na sala de aula, ou seja, o estudo científico e reflexivo a respeito da língua. Foi um projeto experimental e inovador, que se propôs ensinar a língua à luz de teorias, em geral, pouco aplicadas à educação básica. Compreendemos a linguagem como um objeto de muitas faces: ela é parte da biologia humana, tendo sua origem em nossas *estruturas cognitivas*; é um sistema heterogêneo, mutável, que se organiza segundo regras *lógicas* e *sociais*. Todas essas características estão interligadas, portanto, buscamos apresentar aos alunos um pouco de cada uma delas, trabalhando a variação linguística, os diferentes tipos de norma, a ironia, o sarcasmo, a polissemia, a ambiguidade e a metáfora conceptual. Buscamos focar as aulas no estudo naturalista que enxerga a língua como uma faculdade inata (CHOMSKY, 1971; 1991; 1997). Tomando como alicerce a proposta de Pires de Oliveira, Basso e Quarezemin (2013), esforçamo-nos por criar em sala de aula um verdadeiro laboratório de estudos da linguagem, tendo como objetivo geral realizar o exercício de reflexão sobre a língua, através do estudo científico da linguagem, realizando atividades de análise linguística baseadas em identificação da ocorrência e formulação de hipóteses para explicar os fenômenos. Na vivência extraclasse, ministramos uma oficina que refletiu sobre a ciência linguística por trás de palavras apontadas como chulas. Consideramos que o projeto foi bem sucedido, pois percebemos que os alunos conseguiram refletir sobre sua língua materna através de suas percepções intuitivas a respeito dos fenômenos apresentados por nós. Fomos mediadoras no processo de ensino-aprendizagem, o qual foi construído em conjunto entre as professoras-estagiárias e os alunos, num processo constante de interação.

Palavras-chave: estágio de docência supervisionado, ensino de língua portuguesa, linguística na educação básica.

Sumário

INTRODUÇÃO

A disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II é integrante do currículo do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa – (Licenciatura) e possui como ementa:

> O ensino médio: estudos conjunturais do campo de estágio. Atividades de pesquisa bibliográfica, propostas de ações de extensão e definição do objeto de ensino. Atividades de vivência escolar: acompanhamento do professor da escola na função de monitoria (dois meses); participação nas atividades pedagógicas da escola; estabelecimento de interações possíveis com outros projetos em curso e com estagiários/professores de outras áreas. Organização das atividades por equipes e preparação do projeto de trabalho. Observação analítica dos fenômenos didáticos. Seminários de acompanhamento e produção de pequenos ensaios. Preparação orientada dos planos de aula. Regência de classe (dois meses). Seminário final, com mostra das atividades de pesquisa, ensino e extensão e produção da monografia, ensaio ou artigo.

Para o futuro professor, o estágio de docência tem como objetivos: (i) conhecer a realidade escolar brasileira atual, tendo como foco o estado e o município onde está inserido; (ii) aproximar-se da escola e da turma em que realizará a atividade de docência; (iii) elaborar o diagnóstico da realidade escolar para traçar o plano de ação para a docência.

É importante que o estagiário tenha contato com o ambiente escolar antes da integralização do curso de licenciatura, pois essa atividade o auxiliará no processo de identificação, reconhecimento e análise da realidade educacional com a qual irá se deparar. Dessa maneira, o futuro professor termina seu curso universitário melhor preparado para exercer um bom trabalho no sistema de ensino.

Durante o período de estágio, entramos em contato com a escola (onde atuaríamos) em diversas oportunidades: realizamos a observação das aulas de língua portuguesa em uma turma de 1ª fase durante 21 de agosto a 17 de setembro, participamos da reunião de avaliação e do atendimento aos pais, etc.

Nosso projeto de docência em língua portuguesa ocorreu em uma turma da 1ª fase do Curso Técnico Integrado em Eletrônica, em uma escola da rede federal de ensino, durante cinco semanas (totalizando 19 aulas). O projeto de docência extraclasse foi desenvolvido na mesma escola, mas com alunos de diversas fases e cursos, com duração de seis semanas de docência (totalizando 06 aulas). Além disso, também realizamos atendimentos particulares a alguns alunos da nossa turma de Língua Portuguesa (totalizando 05 aulas). Portanto, ao fim do processo de estágio, ministramos 30 horas-aula – 15 horas-aula sob a responsabilidade de cada uma de nós – durante o período de 07 de outubro a 12 de novembro.

Como etapa final do processo de estágio, é exigida a escritura de um relatório, com os objetivos de (i) possibilitar a visualização da totalidade do trabalho

desenvolvido; (ii) proporcionar o acesso a todos os recursos que serviram de base para o desenrolar das aulas e oficinas por nós planejadas; e (iii) dar a conhecer as produções dos alunos, como resultado da ação pedagógica empreendida em cada uma das turmas.

Nosso relatório organizar-se-á do seguinte modo: na seção 1 detalharemos a experiência da docência no Ensino Médio, mais especificamente do Ensino Técnico integrado ao Médio, apresentando e caracterizando a estrutura da instituição e o ensino no Instituto Federal de Santa Catarina, nosso campo de estágio, bem como a descrição do nosso projeto de docência e uma reflexão e análise sobre a prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa.

Para a seção 2 reservamos a apresentação do projeto extraclasse e uma reflexão sobre o ensino de língua em atividades extracurriculares. Já na terceira e última seção, dedicamo-nos à apresentação de todas as atividades que fazem parte do dia a dia do docente além da sala de aula, como a reunião de avaliação, atendimentos aos pais ou responsáveis, atendimento aos alunos no LabTexto etc. e à reflexão acerca dessas atividades.

1. A DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

1.1 Relato das atividades de observação

1.1.1 A escola

O Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) é uma escola pública da Rede Federal de Ensino. Foi criado em 1909 como Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina, com o objetivo de proporcionar formação profissional aos cidadãos provenientes de classes sociais desfavorecidas.

A instituição sempre buscou oferecer cursos que tivessem grande demanda social e trabalhista na região da grande Florianópolis, objetivando o avanço tecnológico na educação básica e em cursos de desenho, tipografia, encadernação e pautação, carpintaria da ribeira, escultura e mecânica.

No ano de 1937, a Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina transforma-se em Liceu Industrial de Florianópolis. Após cinco anos, passa à categoria de Escola Industrial de Florianópolis, oferecendo cursos industriais básicos para alunos com Ensino Fundamental completo e cursos chamados “de mestria”, correspondentes, hoje, a cursos profissionalizantes integrados às séries finais do Ensino Fundamental.

Em 1965, a escola recebe nova denominação e é alçada a outra categoria: Escola Industrial Federal de Santa Catarina. Três anos depois, já com a alcunha de Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETF-SC), a instituição passa a encerrar gradativamente seu trabalho no nível Fundamental de Ensino, objetivando tornar-se uma escola especializada em cursos técnicos para o Ensino Médio. Após a edição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1971, o ETF-SC passa efetivamente a trabalhar apenas com o Ensino de nível Médio.

O chamado “milagre brasileiro”, ocorrido durante o período da ditadura militar no Brasil, foi responsável por fomentar o desenvolvimento de tecnologia para crescimento econômico. Por essa razão, durante esse período, a instituição implantou uma gama de novos cursos: Estradas, Saneamento, Eletrônica, Eletrotécnica, Telecomunicações e Refrigeração e Ar Condicionado.

Em 1991, o ETF-SC inaugura sua primeira sede fora da capital do estado, em São José, oferecendo inicialmente os cursos de Telecomunicações e Refrigeração e Ar Condicionado.

Ao longo da década de 1990, a instituição implanta os cursos de Informática, Enfermagem e Segurança do Trabalho em sua sede, na cidade de Florianópolis; passa a ofertar também Eletromecânica e Têxtil, em sua nova unidade, em Jaraguá do Sul.

No ano de 1994 uma lei federal, efetivada por meio de decreto presidencial, transforma todas as Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica. O ETF-SC torna-se efetivamente Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET-SC) em 2002, quando publicado seu decreto de criação no Diário Oficial da União. A partir de então, a escola inaugura a oferta de cursos superiores de tecnologia e de Pós-Graduação *Lato Sensu.*

Entre 2006 e 2008, a instituição expandiu-se com quatro novas sedes: na região continental de Florianópolis (oferecendo cursos na área de hospitalidade e turismo), em Chapecó, em Joinville e em Araranguá. Passou a ofertar também o curso técnico em Pesca, em Itajaí (subordinado à Unidade Continente).

Em 2009, iniciou-se o processo de alçamento do CEFET-SC para Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), status que possui atualmente. O IFSC trabalha, hoje, com educação profissional e tecnológica, incentivando a pesquisa e a extensão. Oferece as seguintes modalidades de cursos: Cursos de Qualificação – Formação Inicial e Continuada (FIC); Cursos Técnicos na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA); Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio; Cursos Técnicos Concomitantes ao Ensino Médio; Cursos Técnicos Subsequentes; Certificação Profissional por Competência; Cursos Superiores de Tecnologia; Cursos de Bacharelado; Cursos de Licenciatura; Educação a Distância; Cursos de Pós Graduação *Lato Sensu*; Cursos de Pós Graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Profissional).

Segundo o *site* da instituição, o IFSC tem por missão e finalidade:

> Missão: A missão do IF-SC é desenvolver e difundir conhecimento científico e tecnológico, formando indivíduos capacitados para o exercício da cidadania e da profissão e tem como visão de futuro consolidar-se como centro de excelência na educação profissional e tecnológica no Estado de Santa Catarina.
> Finalidade: A finalidade do IF-SC é formar e qualificar profissionais no âmbito da educação profissional e tecnológica, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, para os diversos setores da economia, bem como realizar pesquisa aplicada e promover o desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade, especialmente de abrangência local e regional, oferecendo mecanismos para a educação continuada.
> (Disponível em: http://www.ifsc.edu.br/menu-institucional/missao. Acesso em: 24 set 2013.)

Por ser uma instituição da rede pública de ensino, todos os professores efetivos da instituição são selecionados através de concurso público.

A disciplina de Língua Portuguesa é vinculada ao Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência (DALTEC), o qual é responsável pelas disciplinas do núcleo comum dos Cursos Técnicos Integrados em Edificações, Eletrotécnica, Eletrônica, Química e Saneamento até a conclusão da 4ª fase. Após essa

etapa, a responsabilidade se transfere aos Departamentos Acadêmicos específicos de cada curso.

A tabela abaixo apresenta o número de alunos vinculados ao DALTEC, distribuídos pelas turmas:

Turmas	Quantidade de alunos
111	31
112	33
113	16 + 15
121	26
122	**27**[1]
123	27 + 7
211	27
212	28
213	15
214	31
221	29
222	21
223	14 + 4
311A	15
311B	14
312	28
314	12
321	34
322	14
323	14
411	28
412	18
414	22
421	31
422	24
TOTAL:	**623**

Tabela 1: número de alunos vinculados ao DALTEC, distribuídos pelas turmas.

O departamento possui atualmente 18 professores substitutos e 89 efetivos, dentre os quais alguns se encontram afastados da atividade docente por motivo de doença ou por estarem ocupando cargos administrativos.

1.1.2 A turma

Tendo em vista a elaboração do projeto de docência, acompanhamos, durante o período de observação do estágio – 21 de agosto a 17 de setembro – as aulas de língua portuguesa da turma 122 do IFSC: são alunos do Ensino Médio Integrado que frequentam a primeira fase do curso de Eletrônica.

A turma é composta por 25 alunos, sendo 17 meninos e apenas 8 meninas. Não acreditávamos que isso poderia causar alguma diferença na dinâmica da turma, mas

[1] A tabela foi fornecida pelo DALTEC. Entretanto, atestamos que o número de alunos contidos na turma 122 é 25, e não 27, como consta na tabela. Isso se deve, provavelmente, pela desistência de alguns alunos.

observamos a formação de um grupinho composto pela maioria das meninas, cujas conversas constantes, muitas vezes, atrapalham o andamento das aulas.

As idades dos alunos variam entre 14 e 18 anos; entretanto, a maioria deles não está deslocada em idade/série, possuindo 15 anos, o esperado para o primeiro ano do Ensino Médio.

Tendo em vista que o IFSC é uma escola que não possui Ensino Fundamental e que a turma 122 é de primeira fase, os alunos estão se conhecendo agora, ao decorrer do semestre. Acreditamos que esse seja um dos motivos pelos quais os alunos não são, em geral, muito conversadores. Brincam, discutem, conversam, como qualquer turma de adolescentes (ou jovens), mas não podem ser considerados um grupo de alunos "bagunceiro" ou demasiadamente agitado. Entretanto, são estudantes de perfil bastante participativo, gostam de dar suas opiniões e contribuir para a construção da aula. Consideramos esse um aspecto muito positivo e fundamental para o objetivo que buscamos alcançar enquanto a turma estiver sob nossa docência.

1.1.3 O docente

O professor-regente da turma 122 graduou-se em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – em 1981 e concluiu seu mestrado em Literatura Brasileira pela mesma instituição em 1988.

É profissional efetivo da instituição; trabalha em regime de dedicação exclusiva, com carga-horária de 40 horas semanais, dentro das quais estão incluídas as horas necessárias ao planejamento das aulas.

Trabalha como professor efetivo no IFSC há cinco anos, tendo atuado como docente substituto na instituição nos anos de 1996 (contrato de dois anos) e 2002 (contrato de um semestre). Ao todo, exerce a atividade de docência há 32 anos.

Além de dar aulas, o professor também integra a Comissão de Implantação de Ensino Médio Integrado em Meteorologia, realiza atendimentos aos alunos (uma espécie de reforço, para quem tem dúvidas com relação aos conteúdos ministrados em aula) e ministra oficinas. Ademais, faz aulas de inglês num curso extracurricular.

Costuma visitar feiras de livro, livrarias e – com menor frequência – bibliotecas. Nesses ambientes, não permanece para realizar leituras, pois prefere apenas escolher os livros e realizar as leituras em outro local. Quanto à prática escrita, o docente afirma limitar-se a realizar registros pessoais e de assuntos relacionados ao trabalho.

Afirma trabalhar seguindo uma linha próxima ao sociointeracionismo.

Felizmente, o docente tem autonomia para escolher o material didático com o qual deseja trabalhar. Ele busca trazer textos diferentes às aulas, embora utilize bastante o livro didático, cuja importância é por ele ressaltada: (i) é um recurso que facilita o trabalho do professor, na elaboração de materiais para as aulas; (ii) disponibiliza os conteúdos aos alunos de forma organizada; (iii) o aluno aprende a lidar com o livro e a consultá-lo quando considerar necessário, dessa forma, exercitando a leitura e aprendendo a pesquisar; (iv) possui um recurso de imagens as quais podem contribuir para o desenvolvimento dos estudos. Entretanto, reconhece que o livro didático não deve ser o único recurso do professor, nem o condutor das aulas.

As aulas de língua portuguesa são planejadas em conjunto entre os professores que lecionam para as mesmas fases.[2]

1.1.4 O ensino de língua portuguesa

Observamos, ao longo de seis semanas, 13 aulas de Língua Portuguesa da turma de 1ª fase 122. As aulas ocorrem às segundas e às quartas-feiras, das 14h25min às 15h20min e às terças-feiras das 13h30min às 15h20min.

Durante o período de observação, pudemos perceber quanto o Instituto Federal de Santa Catarina é uma escola diferenciada: possui infraestrutura boa e, em geral, adequada às necessidades de cada aluno (como rampas para acesso dos cadeirantes, por exemplo); equipamentos disponíveis ao professor (como projetor multimídia, caixas de som e computador com acesso à internet) para facilitar o trabalho de realização das aulas, tornando-as mais interativas e agradáveis para os alunos; busca formar profissionais no âmbito da educação tecnológica e profissional, atuando em vários níveis de ensino; tem como missão desenvolver a ciência e a tecnologia, capacitando seus alunos para o exercício da cidadania e para o futuro profissional almejado; procura adequar o ensino ao aluno, à turma, à comunidade e ao momento histórico presente, formando cidadãos críticos; busca consolidar-se como instituição de excelência na educação tecnológica e profissional em Santa Catarina; etc.

Os alunos trabalharam, durante o nosso período de observação, a história da língua portuguesa, o conceito do que seja o *literário* (buscando diferenciar um texto literário de um não-literário) e os gêneros crônica e diário.

O professor-regente da turma utiliza o livro didático[3] em muitas de suas aulas, mas procura trazer materiais diferentes, sempre que possível. Ao que nos parece, ele faz

---

[2] As informações aqui expostas remetem a um questionário formulado por nós e respondido pelo docente via e-mail. Os documentos completos encontram-se no Anexo 3 deste relatório.

[3] CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português Linguagens*: volume 1. 7. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

uso do material didático quando necessário, mas sem depender dele para o planejamento de suas aulas. Além disso, é também perceptível sua preocupação com os discentes, pois pergunta a eles quais livros didáticos precisarão trazer na aula seguinte, antes de pedir que trouxessem o de língua portuguesa – sua intenção é cuidar para que não carreguem muito peso na mochila.

Busca seguir o programa indicado pelo currículo da escola, o qual sustenta sua *base tecnológica* (conteúdos programáticos) em três partes: (i) gêneros textuais, (ii) língua: uso e reflexão e (iii) literatura.

Observamos que, quando são trabalhados textos avulsos (que não estão no livro didático), raramente estão indicadas as referências, o que se torna importante quando são deslocados de seus suportes.

Em uma das primeiras aulas a que assistimos, o docente fez um encaminhamento muito importante aos alunos: indicou que sempre fizessem anotações durante as exposições, mesmo quando não houvesse nada escrito do quadro. Dessa forma, iriam se habituando ao registro. Consideramos que essa fala do professor foi bastante interessante, evidenciando sua preocupação com a aprendizagem dos alunos, tanto no âmbito da disciplina quanto numa esfera mais geral, considerando o futuro deles enquanto profissionais de diversas áreas do conhecimento.

Outro ponto bastante positivo observado foi o fato de o docente sempre realizar suas aulas em diálogo com os alunos, perguntando as opiniões e concepções deles acerca dos assuntos (textos) estudados e contribuindo, por sua vez, com suas considerações. Além disso, quando percebe que os alunos não entenderam determinado conteúdo, o professor não avança na matéria, mas explica novamente para se certificar que os discentes aprendam.

Em uma das aulas, o professor lê com os alunos alguns trechos, presentes no livro didático, de escritores e críticos literários os quais tentam definir o que diferencia um texto literário de um não-literário. Um deles era de Harold Bloom, que defendia a leitura de clássicos, pois eles seriam representações de sabedoria, memória e democracia; por isso, para ele, é importante a leitura de cânones, que formaria cidadãos críticos.

Como sabemos[4], Bloom é famoso por sua posição um tanto radical quanto à literatura, considerando importantes somente os textos clássicos e tendo congelado seu modelo ideal de cânone em Shakespeare. Entretanto, o docente reafirma a importância de ler os clássicos, pois, segundo ele, seriam escritos por autores que têm sabedoria.

---

[4] Sabemos nós, acadêmicos das letras, não os alunos da escola.

Apesar da opinião conservadora do docente quanto à leitura de clássicos, ele traz à aula (devido a uma indicação nossa), um trecho da obra "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus [5]. Esse livro é narrado pela própria Carolina, moradora da extinta favela do Canindé (localizada às margens do Rio Tietê, em São Paulo, onde hoje passa a Marginal Tietê), durante a década de 1950[6]. A autora é semianalfabeta, pobre, catadora de lixo e mãe solteira de três filhos. Portanto, claramente não faz parte do cânone literário brasileiro.

O professor utiliza um trecho do livro em aula, como exemplo do gênero *diário*. Ressalta a não-correspondência entre uso da norma culta e qualidade literária de uma obra, exemplificando com trechos do livro em questão, ao mostrar que a autora escreve utilizando as normas da língua falada. Consideramos que esse comentário do professor foi muito importante, para ir, aos poucos, desconstruindo o preconceito linguístico que muitos alunos possam ter.

Por fim, uma atitude do docente nos chamou a atenção positivamente, inspirando-nos a agir da mesma forma em nossas aulas: quando um aluno tem dúvida quanto ao significado ou à grafia de uma palavra, entregar-lhe o dicionário e pedir para que leia a acepção para a turma.

Ademais, suas aulas nos trouxeram ideias acerca de alguns conteúdos com os quais trabalharíamos em nosso projeto de docência: retomar a história da língua portuguesa através da discussão acerca da variação e mudança linguística, iniciando pela diacronia; trabalhar a questão da norma linguística, retomando a origem do português, que veio do latim vulgar, a língua falada pelo povo. Essa seria a maneira de iniciar nosso projeto dando prosseguimento ao que os alunos já estavam aprendendo com o professor regente da turma, constituindo-se em uma transição suave para os conteúdos a serem desenvolvidos por nós ao longo do período de docência.

1.2 O projeto de docência

1.2.1 Problematização, escolha do tema e justificativa

Por estarmos temporariamente vinculadas ao Departamento de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência (DALTEC), o qual se insere em uma instituição, por natureza, voltada ao ensino tecnológico e científico, buscamos elaborar um projeto de docência que condissesse com os objetivos da escola. É sua missão, como citado na seção 1.1.1 deste relatório, "desenvolver e difundir conhecimento científico e

---

[5] DE JESUS, C. M. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

[6] O livro constitui-se numa compilação dos diários escritos por Carolina durante sua vida, publicados, com sua autorização, por um jornalista.

tecnológico"; entendemos, portanto, que é nosso papel, enquanto professoras-estagiárias da disciplina de Língua Portuguesa, contribuir para a formação científica de nossos alunos.

Seguindo uma perspectiva científica/naturalista de ensino de língua, indo ao encontro da proposta elaborada por Pires de Oliveira, Basso e Quarezemin (2013), objetivamos proporcionar aos nossos alunos um ambiente de experimentação, onde possam refletir criticamente sobre sua língua – a qual, identificando-os como seres humanos, individualiza-os como sujeitos mas, ao mesmo tempo, une-os enquanto espécie.

> [...] O papel da Linguística no ensino não é tema novo. Há vários projetos que já foram desenvolvidos e há vários aspectos positivos proporcionados por essa perspectiva. Um aspecto positivo, que foi tema de experiências didáticas descritas em Chomsky et al (1985) e Carey et al (1989), é o ensino de ciências e matemática através da reflexão sobre as línguas naturais. Esses projetos foram aplicados em comunidades carentes dos Estados Unidos – em comunidades indígenas americanas – e na África, em escolas sem infraestrutura, sem laboratórios, sem bibliotecas. **Refletir sobre a linguagem exige apenas um bom professor, quadro negro e a intuição dos alunos**. Essa é uma maneira de ensinar a raciocinar cientificamente com pouquíssimos recursos, **o que permite a inserção social dessas comunidades**. Essas são experiências com resultados altamente positivos para o ensino da língua escrita e para a matemática. (PIRES DE OLIVEIRA; BASSO; QUAREZEMIN, 2013, p. 15, grifos nossos)

A linguística também permite que todos os alunos fossem socialmente incluídos nas aulas de língua portuguesa, independentemente da variação que utilizam como seu vernáculo (do português ou não), pois ensina a olhar para a linguagem como um objeto a ser estudado cientificamente, objetivamente, eliminando preconceitos e "confusões" a respeito da linguagem, provocados pelo senso comum.

Ademais, as aulas puderam ser um laboratório de reflexão sobre a linguagem enquanto faculdade mental e sistema lógico, de modo que os alunos compreendessem a gramática subjacente a todas as línguas.

Quando utilizamos o termo "gramática" – e esse foi mais um tema discutido e esclarecido durante as aulas de língua portuguesa –, referimo-nos à gramática natural, subjacente a todas as línguas humanas[7] e às gramáticas como modelos científicos construídos por pesquisadores com o objetivo de explicar uma língua. Não confundamos com a gramática normativa, um conjunto de regras criado para servir como "manual do bem dizer".

Outro motivo que nos impulsionou a levar a linguística à sala de aula é a quebra dos paradigmas impostos, justamente, pela tradição gramatical normativa, pois eles

[7] Chomsky denominou esse tipo de gramática de *faculdade da linguagem* ou *Gramática Universal (GU)*. Sua teoria e os conceitos por ela criados serão mais bem desenvolvidos na próxima seção deste relatório, "Referencial teórico".

levaram os alunos (e as pessoas em geral) a avaliarem negativamente sua língua materna, engessando um modelo de língua certa que deve ser seguido por todos. O problema é que nenhuma variedade se encaixa nesse molde, pois ele foi artificialmente elaborado.

Ademais, se analisarmos as normas prescritas para o português brasileiro (PB) padrão, perceberemos que elas foram desenvolvidas com base no vernáculo europeu (PE), deixando transparecer um sentimento de colônia ainda arraigado em nosso povo. E, juntamente com a suposta inferioridade da língua, vem a subalternação da cultura e a submissão de seu povo.

Muitos argumentam que o domínio da norma padrão [8] da língua deve ser o objetivo a se alcançar durante as aulas de português. Entretanto, evidenciamos aos nossos alunos a importância de que reconhecessem a si próprios como sujeitos falantes de português, que valorizassem sua língua materna e que percebessem seu lugar na sociedade. Fizemos isso por meio de análises científicas da língua, dando autonomia ao aluno, para que pudesse se tornar um pesquisador curioso em estudar a natureza do mundo em que vive.

É de grande importância para nós contribuir para a formação de cidadãos críticos. Acreditamos que o estudo de ciência em todas as áreas pode contribuir muito nesse sentido, pois incentiva o olhar investigador, o questionamento, a não-aceitação de explicações prontas e de conceitos preestabelecidos. No caso específico das aulas de língua, os alunos puderam aprender a perceber sua língua materna como tão importante quanto todas as outras línguas (ou dialetos), pois se deixou de privilegiar somente as variedades cultas de prestígio para refletir *também* sobre as outras variedades, cultas ou vernaculares, escritas ou faladas. Os alunos, incentivados à pesquisa, passaram a ver a língua como uma faculdade natural a todos os seres humanos, que sofre influências do meio social externo e dos falantes. Investigar a língua pelo viés naturalista contribui para a não valoração acerca do objeto – ou seja, se um fenômeno é atestado no mundo natural, não há como julgá-lo "errado" ou "feio"; ele existe, cabe a nós estudá-lo.

1.2.2 Referencial Teórico

1.2.2.1 Concepção de língua

Compreendemos a linguagem como um objeto de muitas faces: ela é parte da biologia humana, tendo sua origem em nossas *estruturas cognitivas*; é um sistema

[8] O termo *norma padrão* é aqui entendido como a norma prescrita nas gramáticas normativas. Opõe-se à *norma culta* ou a *variedades cultas de prestígio*, que denominam a maneira como falam as pessoas com maior poder econômico e prestígio sociocultural na sociedade. Esse tema será mais bem abordado na próxima seção deste relatório, "Referencial teórico".

heterogêneo, mutável, que se organiza segundo regras *lógicas* e *sociais*. Todas as características estão interligadas.

Iniciemos por sua nascente: a cognição.

A língua é parte de nossa constituição biológica cerebral, desenvolvida através da história evolutiva da espécie humana. Possuímos a *faculdade da linguagem*, como referido por Noam Chomsky [9]: há estruturas em nosso cérebro especializadas para a linguagem, anteriores à experiência material.

Existe uma Gramática Universal (GU) inata a todo ser humano, a qual será desenvolvida ao longo de suas experiências segundo o *input* linguístico recebido. A criança nasce com a faculdade da linguagem, permitindo-lhe a aquisição de qualquer língua natural, de acordo com o estímulo externo – assim, uma criança que recebe *input* do alemão, falará alemão; do português, falará português etc.

Indícios dessa faculdade tornam-se evidentes quando, por exemplo, percebemos que a língua é *recursiva*, ou seja, podemos construir um número infinito de sentenças a partir de uma quantidade finita de palavras. Veja:

(1) João, que é professor de história, que deu aula hoje sobre Roma Antiga, que trabalha naquele colégio da Rua 5, que saiu de casa cedo, que chegou atrasado por causa do trânsito, que sempre para na loja em frente à escola para tomar café, que...

Todas as línguas são recursivas, possibilitando o encaixe de sentenças ilimitadamente. Entretanto, como postula Chomsky, há uma diferença entre *competência* e *desempenho*: a estrutura inata da linguagem possui a arquitetura necessária à recursividade, mas nossa memória falha ao fazermos uso real dessa língua. Ou seja, a competência é completa e muito maior do que o desempenho efetivo.

Um segundo argumento para essa faculdade surge quando presenciamos crianças em idade de aquisição proferindo sistematicamente palavras e construções gramaticais nunca antes ouvidas por elas. Chomsky denomina esse problema de "pobreza do *input*".

As inadequações gramaticais que uma criança apresenta em sua fala não são arbitrárias, pois toda criança passa por determinados (e semelhantes) processos até adquirir a gramática adulta.

Essas inadequações revelam conhecimento da gramática. Por exemplo: é comum uma criança em período de apreensão da língua apresentar construções como "eu di", "eu fazi", "eu cabo". Nos dois primeiros casos, a criança está fazendo a análise dos verbos "dar" e "fazer" como se fossem regulares: analisa-os morfologicamente, unindo os supostos radicais *d-* e *faz-* à desinência temporal de primeira pessoa do singular do pretérito *-i* (note-se que a desinência de pretérito singular em primeira pessoa nos

[9] Cf. CHOMSKY, 1997, 1991, 1971.

verbos regulares é sempre *-i*, nas três conjugações: beijar – beijei; vender – vendi; partir – parti). No segundo caso, a criança está também tratando o verbo "caber" como regular: une-se o suposto radical *cab-* à desinência temporal de primeira pessoa do singular do presente *-o* (note-se novamente que a desinência de presente em primeira pessoa do singular nos verbos regulares é sempre *-o*: beijar – beijo; vender – vendo; partir – parto).

Os três casos mostram como a criança é capaz de aplicar de modo produtivo regras morfológicas regulares em formação de palavras que não conhece. Contudo, a fixação da forma irregular do verbo é algo aprendido e memorizado tardiamente, algo que precisará ser formalizado para a criança, para que ela adquira a gramática do adulto. Esse comportamento evidencia-se ao analisarmos também pessoas adultas que preservaram essas formas "regularizadas" de verbos irregulares: não foram apresentadas formalmente às formas irregulares, portanto conservaram as formas aprendidas inicialmente por si mesmas, utilizando sua gramática interna.

Sem dúvida, o meio externo e o outro-falante também são muito importantes nesse processo; entretanto, o foco recai sobre cada indivíduo, pois o aparato neural é comum a todos. E, como a linguagem é produto desse aparato, a universalidade também faz parte de sua natureza.

Os *universais linguísticos* também são grandes evidências desse instinto natural: existe uma estrutura subjacente a todas as línguas naturais e um limite dentro do qual elas podem variar. Os sistemas linguísticos não se distanciam muito entre as diferentes línguas do mundo, ao contrário da cultura. Isso mostra, como nos lembra Pinker (2002 [1994]), que a língua não pode ser entendida como uma invenção cultural, mas sim como um produto da biologia humana.

A linguagem, portanto, é uma forma de expressão do pensamento. Entretanto, não confundamos: ela não é um espelho da mente. A cognição é muito maior do que a linguagem. Esse fato evidencia-se quando dizemos sentenças como *Eu sei, mas não sei explicar* ou *Não foi isso que eu quis dizer*.

Ferrari (2011, p. 14, grifos da autora) ressalta que

> [...] a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não *contêm* significados, mas orientam a construção do sentido.

Percebendo a intrínseca relação entre língua e mente, não podemos negar o grande papel desempenhado pelas neurociências no entendimento do processamento e desempenho linguísticos. Dessa forma, conforme evidencia Dehaene (2012), é essencial

que todo professor de língua procure entender as bases neurais subjacentes ao aprendizado de seus alunos.

1.2.2.2 As aulas de língua

Primeiramente, faz-se necessário um importante esclarecimento. Como acima referido, a língua materna de um sujeito é por ele adquirida ainda em casa, no ambiente familiar, durante seus primeiros anos de vida. Ela é apreendida anteriormente ao período de escolarização da criança e se desenvolve naturalmente, sem aulas de gramática ou interpretação. Portanto, evidentemente não é papel da escola e/ou do professor ensinar língua materna ao aluno.

Por consequência, é também perigosa a correlação entre língua materna (oral ou visual) e língua escrita. A língua falada é uma herança biológica da espécie humana, naturalmente adquirida, enquanto a escrita (e a leitura) é uma invenção cultural e precisa ser ensinada. Portanto, a escrita não pode ser entendida como uma transposição da fala, mas sim como uma outra língua, com características distintas e gramática própria. *A língua escrita não é língua materna de ninguém*.

Acreditamos, pois, que as aulas de língua devem ser focadas no estudo naturalista que enxerga esse objeto como uma faculdade inata. Tomando como alicerce a proposta de Pires de Oliveira, Basso e Quarezemin (2013), julgamos ser papel do professor criar em sala de aula um verdadeiro laboratório de estudos da linguagem, onde os alunos possam refletir sobre sua língua materna – a qual adquiriram em casa, antes de ingressar na vida escolar – de modo científico: coletando dados, analisando fenômenos, criando hipóteses e refutando-as.

As aulas podem também ser ambientes de estudo acerca das várias línguas, inclusive da escrita, mas não somente dela. É importante que o aluno perceba a existência dessa diversidade de línguas (que ele próprio utiliza) e que seja capaz de refletir a respeito das universalidades – aquilo que as une – e também das particularidades – aquilo que as identifica.

O material para estudo desse laboratório é a própria mente do aluno, pois ele possui conhecimento implícito sobre sua língua materna, um saber internalizado compartilhado por todos os falantes. Além disso, as interações com outros sujeitos ocorrem por meio da língua, o que torna o convívio social um grande corpus passível de ser analisado.

Qualquer falante nativo do português possui intuições acerca do funcionamento de sua língua e consegue plenamente bem diferenciar sentenças gramaticais de agramaticais. Vejamos, por exemplo, as sentenças abaixo:

(2) João acha a menina alta de cabelos negros inteligente.

(3) *Alta de acha cabelos inteligente a João menina negros.

É certo que nenhum falante do português reconheceria (3) como uma sentença de sua língua, mesmo sem ter tido nenhuma instrução formal [10] acerca disso. Os alunos, como seres humanos, são dotados da Gramática Universal que lhes permite compreender o que é possível e o que não é possível dentro de sua língua.

Dessa forma, o estudo científico nas aulas de português não levaria o aluno a exercer uma atividade artificial; pelo contrário, seria capaz de guiá-lo por um caminho de descobertas sobre a sua própria natureza, através da janela da linguagem.

O olhar naturalista sobre a linguagem contribui também para o desenvolvimento da cidadania, pois mostra ao aluno uma visão diferente de si mesmo, afinal, se a língua faz parte da identidade dos sujeitos, considerar uma língua como incorreta é avaliar negativamente o sujeito que fala aquela língua.

> Não somos cidadãos plenos se temos vergonha da nossa fala, se negamos até hoje que há um português do Brasil, que tem características próprias reconhecidas há séculos, e se vemos no português da gente, na feliz expressão de Ilari & Basso (2006), um motivo de chacota porque **não sabemos falar.** Esses são indícios de uma subjetividade em desacordo consigo, porque não aceita o que é. E é só quando aceitarmos quem somos que seremos mais plenos. Acreditamos que legitimar a língua que falamos, nossa identidade linguística é uma das funções do professor de português, uma função que ele realiza olhando para as línguas faladas, ensinando aos alunos a construir modelos de gramáticas para explicá-las. Nesse percurso, ele mostra que há outras línguas, outras gramáticas, e que, contrariamente ao senso comum que acredita haver uma única língua no Brasil, somos multilíngues e podemos aprender novas línguas, entre elas a língua escrita com a sua gramática. (PIRES DE OLIVEIRA; BASSO; QUAREZEMIN, 2013, p. 17, grifo dos autores)

Ademais, estaremos contribuindo para a formação de cidadãos críticos que aprendem a observar o mundo a sua volta e a inquietar-se com o desconhecido, criando hipóteses e buscando explicações para entender a natureza que os cercam.

1.2.2.3 Pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), variabilidade e mudança são características naturais das línguas, as quais se constituem em um sistema heterogêneo (visto como um conjunto de subsistemas alternantes). Tal corrente vai de encontro à teoria estruturalista de Saussure, a qual pregava que a língua só poderia se constituir em um sistema – só poderia possuir sistematicidade – se fosse homogênea e hermética. Para essa corrente, a noção de sistematicidade e a de variabilidade são incompatíveis, excluem-se reciprocamente. Entretanto, segundo WLH (2006 [1968]), enxergar na língua um todo homogêneo é apenas consequência do método (imanentista

[10] Entenda-se *formal*, aqui, como sinônimo de *escolar*.

– em que tudo o que acontece na língua é motivado e explicado pela própria estrutura da língua, sem qualquer atuação de “forças” externas) utilizado.

Sendo a língua um sistema heterogêneo, ela possui regras categóricas e variáveis. Por exemplo: a regra de posição do determinante, em PB, é categórica, pois podemos dizer *os livros*, mas não **livros os*; já a regra de marcação do plural no sintagma nominal é variável, pois é possível dizer *os livros interessantes*, *os livros interessante* ou *os livro interessante* – o *-s* cai da direita para a esquerda. A evidência dessa organização e sistematicidade da língua é que indivíduos de uma comunidade compreendem-se e comunicam-se uns com os outros, apesar das diversidades linguísticas existentes.

A heterogeneidade é, portanto, ordenada e não caótica; a mudança linguística é condicionada por diversos fatores e ocorre de maneira lenta e gradual. Esse é outro ponto em que as ideias de WLH (2006 [1968]) diferem da teoria saussureana: para esta, as mudanças seriam discretas (metáfora do jogo de xadrez: cada movimento pressupõe um novo jogo; cada peça se move de uma vez e cada elemento novo acarreta um rearranjo total do sistema) e isso impossibilita a teoria de explicar como as pessoas continuam a se comunicar durante o processo de variação da língua. A comunicabilidade não é afetada, segundo WLH (2006 [1968]), devido à lentidão e gradualidade da mudança: primeiro ocorre a variação, portanto, há formas distintas coexistindo e concorrendo, gradualmente, até que, em tese, uma(s) das formas desapareça(m) e outra prevaleça: ocorre, então, a mudança. Por exemplo, o fenômeno de queda do -n- intervocálico na passagem do latim vulgar para o português não aconteceu de maneira direta. Para a forma *luna* se transformar em *lua*, ocorreu um caminho: provavelmente, primeiro a nasalização se estendeu à vogal *u* anterior ao *n*, depois o *n* caiu criando um hiato e, então, a vogal perdeu a nasalização (luna > lũna > lũ-a > lua). Mas essas formas coexistiram por algum tempo, em concorrência, até que a variação *lua* se tornasse mais frequente e as outras desaparecessem completamente. São essas pequenas variações internas e graduais que fazem com que a língua mude, em muitos anos.

Ademais, a língua antes considerada por Saussure como um sistema hermético, praticamente independente do meio externo, é tida pelos autores como uma união de fatores linguísticos e extralinguísticos. A mudança na língua, pois, ocorre principalmente em decorrência de fatores externos, como estigma–prestígio social, região geográfica, idade, escolaridade, gênero etc.

Os autores apresentam cinco problemas dos quais uma teoria que investiga a mudança linguística deve dar conta: problema dos fatores condicionantes, problema da transição, problema do encaixamento (estrutural e social), problema da avaliação e problema da implementação. Apesar de divididos em tópicos e explicados separadamente na obra de WLH (2006 [1968]), os limites entre esses princípios fundamentais são indissociáveis; é impossível pensar sobre um dos problemas apontados pelos autores sem, consequentemente, refletir sobre os demais. Não podemos, por exemplo, estudar como a avaliação positiva ou negativa de uma forma linguística por parte de uma(s) comunidade(s) de fala influenciou na mudança de determinada língua sem considerar o problema da transição – como uma variante passa de um indivíduo a outro, de uma comunidade a outra; em que região começou a usar-se determinada forma linguística, em que situações era comum sua utilização etc. Contudo, também não é possível abordar o problema da transição excluindo o problema dos fatores condicionantes, ou seja, as condições, internas e externas, que propiciam ou restringem a mudança linguística.

O problema dos fatores condicionantes diz respeito às condições necessárias para que uma dada língua mude. A variação e a mudança irão ocorrer segundo fatores internos (ou linguísticos) e externos (ou extralinguísticos), os quais irão favorecer ou restringir o uso das variantes. A entrada do *você* no PB é exemplo de fator externo agindo sobre a língua; seu surgimento inicialmente em posição de sujeito é um fato interno.

O estudo da transição de uma forma A a uma forma B é importante, tendo em vista que as mudanças ocorridas na língua são graduais e não discretas. Sempre há variação antes de haver mudança. De acordo com Coelho *et al*. (2012, p.25), "a variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes".

O encaixamento descreve como as mudanças ocorridas se encaixam no sistema linguístico e que rearranjos na estrutura da língua acarreta a entrada de uma nova forma. O encaixamento é analisado tanto no nível linguístico quanto no social. A reorganização no paradigma de conjugação verbal do PB, após a entrada do *você* como estratégia para se referir à segunda pessoa do discurso, é um exemplo de encaixamento linguístico. O uso diferenciado das formas *tu* e *você* para se referir ao interlocutor em relações assimétricas de poder é exemplo de encaixamento social. Isso mostra como o encaixamento depende dos fatores condicionantes.

O encaixamento social se relaciona também ao problema da avaliação. Este consiste no teste de atitude do falante, o qual estabelece valor de prestígio ou estigma

sobre uma variante e *avalia* qual a melhor forma, por exemplo, para tratar seu interlocutor, segundo critérios de distanciamento, poder, intimidade etc.

O julgamento da variação e mudança se aplica também a contextos funcionais (sistêmicos), pois a nova forma será avaliada quanto a sua produtividade, coerência com o restante do sistema, às outras partes da estrutura que ela irá atingir e/ou afetar etc. O restante do sistema se adaptará, se acomodará, à nova forma.

Entretanto, a avaliação não se aplica à estrutura interna do sistema neste sentido: a mudança não pode ser vista como progresso ou degeneração da língua, mas como característica intrínseca a ela. A mudança é constitutiva da língua, não um mero acidente. Contudo, ela não é teleológica: a língua não muda para atingir um determinado objetivo, muda porque faz parte de sua natureza mudar. A avaliação, logo, se aplica primordialmente a contextos sociais: os falantes avaliam qual forma é mais adequada a cada contexto. Em muitas situações, quando uma forma sofre estigma social ela tende a ser menos utilizada pelos falantes – como é o caso de alguns nativos de Santa Catarina ou do Rio Grande do Sul que se mudam para outras regiões do país e sofrem estigma por usarem o pronome *tu*, tido por algumas pessoas como rude.

O último problema referido por WLH (2006 [1968]) é o da implementação, o qual retoma todos os outros problemas: só é possível afirmar algo sobre a implementação quando a mudança já estiver completa.

1.2.2.4 As contribuições da Sociolinguística para ensino de língua

A experiência de vida é sociolinguisticamente heterogênea. Por que deveria a escola ignorar a realidade e perseguir a quimera de ser sociolinguisticamente homogênea e esterilizada?
Carlos Alberto Faraco

O ensino de língua portuguesa nas escolas encontra-se carente de reflexões teóricas e técnicas acerca do funcionamento natural da língua que falamos e a qual adquirimos em casa ainda quando crianças. É interessante pensarmos como a escola ainda é preconceituosa nesse sentido. Por exemplo, em geral, o paradigma pronominal apresentado nas aulas de língua portuguesa é aquele prescrito pelas gramáticas mais tradicionais, que ainda conservam a forma *vós* como representante da segunda pessoa do plural e não consideram a entrada do *você* no PB. Nesse sentido, para que se ensine a reflexão teórica a respeito de uma língua, é indispensável que um professor de língua portuguesa tenha uma formação consistente em sociolinguística.

Não há dúvida de que o papel da escola é ensinar aquilo que o aluno ainda não sabe, possibilitando-o a transitar e se inserir em esferas sociais distintas daquelas presentes em seu universo imediato. Portanto, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola deve oferecer condições linguísticas para que o aluno tenha capacidade de se expressar adequadamente em diferentes situações de interação oral e escrita.

Para isso, os professores de língua portuguesa precisam, também, ensinar aos seus alunos a *norma culta* da língua, a qual preferimos aqui denominar *variedades cultas de prestígio* [11] (no plural), tendo em vista que essa nomenclatura diz respeito a um conjunto de variedades faladas pelas pessoas de maior prestígio sociocultural e poder econômico da sociedade. O termo utilizado no plural, como evidencia Faraco (2012)[12], mostra a diversidade desses falares que, juntos, compõem um sistema heterogêneo.

> A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p.26)

É importante, aqui, esclarecer a diferença entre norma culta (ou variedades cultas de prestígio) e norma padrão. Enquanto aquela diz respeito à forma como efetivamente falam as pessoas de maior *status* na sociedade, de acordo com Faraco (2002 *apud* GÖRSKI; COELHO, 2009) e Bagno (2011), a norma padrão consiste em uma abstração. É um modelo de "língua certa" engessado em algumas gramáticas normativas, na tentativa de legislar sobre a língua, apontando a forma correta de falar. Esse modelo idealizado transmite uma falsa impressão de homogeneidade linguística, é artificial, não representando a fala de nenhum falante natural da língua, salvo raros casos de escrita extremamente monitorada.

Os PCNs de Língua Portuguesa trazem itens que dizem respeito não somente à competência comunicativa esperada pelos alunos – citando a leitura e a escrita como conhecimentos agregados também às demandas sociais, e a expressão oral mais em situações distintas daquelas do dia a dia –, mas permeia a questão do respeito às diferenças quando considera "refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade linguística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua" (BRASIL, 1998a, p.59).

---

[11] Seguindo a nomenclatura utilizada por Bagno (2011).

[12] Em palestra ministrada no evento "Olimpíadas de língua portuguesa" (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=CUKfzAeGNrE. Acesso em: 30 abr 2013.)

Entendemos, portanto, que um dos papéis da escola é ensinar as variedades cultas de prestígio. Entretanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais também apontam para a importância de a escola refletir sobre a língua e a variedade linguística, combatendo qualquer forma de discriminação, estigma e preconceito linguístico. O conhecimento na área de Sociolinguística, pois, se mostra relevante para o ensino de língua portuguesa. O professor precisa ter ciência de que a língua que ele está ensinando não é absolutamente nova para os alunos, pois eles já a trazem de casa, adquiriram-na no ambiente familiar, se expressam através dela e a dominam pelo menos na modalidade oral vernacular. Tratar o aluno como *tabula rasa*, como apontamos anteriormente, é uma concepção demasiadamente antiga, mas, infelizmente, ainda presente em muitos contextos escolares.

Quanto ao Ensino Médio, os PCNs sugerem que devem ser consideradas três competências: (i) a interativa – salientando, além da consciência do papel social que é desempenhado por cada indivíduo, que o grande número de variedades linguísticas é comportado por qualquer língua e precisam ser respeitadas, sendo estas variações adequadas a determinadas situações comunicativas. Sendo assim, cabe o questionamento acerca dos rótulos de "certo" e "errado". Apesar de as variedades cultas de prestígio serem pauta garantida na escola, estas não devem ser as únicas variedades privilegiadas. (ii) a textual – ligada à capacidade que o aluno deve ter para construir o entendimento e para que possa produzir textos em diferentes gêneros. E (iii) a gramatical, que, envolvendo conhecimentos metalinguísticos sobre a estrutura da língua, desenvolve a capacidade de reflexão sobre ela e o domínio de suas regras de funcionamento nos diferentes níveis linguísticos, sejam eles morfológicos, sintáticos, fonológicos etc.

O professor deve respeitar o vernáculo de seus alunos e ensiná-los o conjunto de regras referentes às variedades cultas de prestígio com o objetivo de contribuir para a formação multidialetal dos mesmos. Sendo assim, cabe ao professor respeitar algumas práticas relacionadas à linguagem. Se a língua funciona como forma de interação social, as situações reais de interação nos dão condições para estabelecer um ensino da língua menos artificial, contemplando articuladamente diferentes usos linguísticos, envolvendo competências como ler, escrever, ouvir e falar. E ainda: o professor deve ensinar seus alunos a refletirem sobre a língua que falam e sobre a língua que escrevem, incentivando-os a se tornarem investigadores linguísticos.

Cabe ao professor de Língua Portuguesa contribuir também para o fim de comportamentos preconceituosos acerca da língua. É importante que o professor tenha consciência a respeito da sistematicidade e heterogeneidade da língua, e exponha isso

aos seus alunos. É certo que o professor não abordará a própria teoria em suas aulas, mas, insistimos, é fundamental que sua prática esteja ancorada nas contribuições da sociolinguística.

1.2.2.5 Avaliação

1.2.2.5.1 A avaliação dos conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais

Zabala (1998), procura analisar situações reais de interação no processo de ensino–aprendizagem em sala de aula, afirmando a necessidade de se trabalharem os conteúdos globalmente – ou seja, de maneira interdisciplinar, para levar os alunos ao entendimento de uma realidade extramuros que se manifesta de modo global – não dividida por áreas temáticas, tal qual as disciplinas escolares.

Propondo métodos de trabalho em sala de aula que objetivem atingir a educação global, separa os conteúdos a serem ensinados em quatro tipos[13]: os factuais, os conceituais, os procedimentais e os atitudinais. Portanto, segundo o autor, a avaliação deve também sustentar-se sobre esses quatro pilares, buscando englobar todo o processo.

Os conteúdos **factuais** e os **conceituais**, dizem respeito aos fatos e conceitos, tendo como foco uma aprendizagem significativa que permita ao aluno refletir sobre o que foi ensinado, sendo capaz de interpretar as situações analisadas e não apenas memorizar dados desconexos. Para o autor, quando temos como objetivo que o aluno se aproprie de conteúdos factuais, a boa forma de avaliação é a simples e objetiva pergunta; quando temos um grande número de alunos, podemos recorrer a uma prova escrita simples.

Contudo, divergindo ligeiramente do autor, acreditamos que os conteúdos conceituais não podem ser separados dos primeiros, pois a simples memorização de fatos não desempenha, *isoladamente*, papel relevante na formação de sujeitos como cidadãos. Portanto, entendemos que os conteúdos factuais e os conceituais fazem parte do mesmo eixo e devem, logo, ser trabalhados e avaliados em conjunto, pois é importante que os alunos sejam capazes de fazer relação entre o que aprendem na escola e a realidade extramuros, como evidencia Feynman (1985, p. 4):

> Então eu fiz a analogia com um erudito grego que ama a língua grega, que sabe que em seu país não há muitas crianças estudando grego. Mas ele vem a outro país, onde fica feliz em ver todo mundo estudando grego – mesmo as menores crianças nas escolas elementares. Ele vai ao exame de um estudante que está se formando em grego e pergunta a ele: "Quais as idéias [sic] de Sócrates sobre a relação entre a Verdade e a Beleza?" – e o estudante não

[13] Os quatro tipos de conteúdo a serem trabalhados em sala de aula, propostos pelo autor, são gerais e não específicos à disciplina de Língua Portuguesa.

> consegue responder. Então ele pergunta ao estudante: "O que Sócrates disse a Platão no Terceiro Simpósio?" O estudante fica feliz e prossegue: "Disse isso, aquilo, aquilo outro" – ele conta tudo o que Sócrates disse, palavra por palavra, em um grego muito bom. Mas, no Terceiro Simpósio, Sócrates estava falando exatamente sobre a relação entre a Verdade e a Beleza!

O físico utiliza tal exemplo para constatar a deficiência do ensino de ciência (especialmente de física) no Brasil, o qual se pautava, na época, em simples memorização de conceitos. Os professores ensinavam os alunos a passarem nas provas, num sistema de "autopropagação", embora a real aprendizagem na verdade não existisse. Sabemos que, infelizmente, esse é um sistema de ensino cuja realidade ainda se faz presente em muitas localidades de nosso país. Entretanto, pretendemos contribuir para a formação de sujeitos reais, com conteúdos socialmente relevantes e avaliações pertinentes, as quais nos permitam diagnosticar tanto o grau de aprendizagem do aluno quanto o caminho pelo qual devemos orientar nossas próximas aulas para que ele continue progredindo. Afinal, a avaliação não é importante apenas para o aluno, mas também para o docente – através dos resultados, somos capazes de perceber se o conteúdo ensinado e a metodologia utilizada foram pertinentes àquele grupo de estudantes.

Zabala (1998) propõe que avaliemos os conteúdos **conceituais**[14] através da observação do *uso* dos conceitos em situações distintas. Foi mais interessante, pois, propormos exercícios nos quais os estudantes tivessem de fazer uso dos conhecimentos por meio de elaborações de hipóteses e reflexões, do que se precisassem responder a perguntas como "o que significa *variação diatópica*" ou "quais são os elementos que compõem uma *metáfora*?".

O terceiro eixo proposto pelo autor é o de conteúdos **procedimentais**, o qual se refere a capacidades como debater, trabalhar em equipe, fazer uma pesquisa etc. Esse tipo de conteúdo precisa ser avaliado em seu processo e aplicabilidade. Só fomos capazes de incidir sobre a capacidade de entendimento do aluno acerca de fenômenos linguísticos como ironia, polissemia e ambiguidade porque observamos suas participações nas aulas e produções de tirinha por nós encaminhadas. Da mesma forma, sua capacidade de trabalho em equipe foi avaliada durante a confecção e realização do "jogo da variação lexical".

Os conteúdos **atitudinais** constituem o quarto pilar sobre o qual se sustenta o processo de ensino–aprendizagem, segundo Zabala (1998). Dizem respeito ao posicionamento do aluno diante dos demais conteúdos, de acordo com atitudes e valores esperados. Esse eixo se estabelece na relação entre sujeito e sociedade, em que se fazem

---

[14] Aqui por nós compreendidos como conteúdos conceituais *e factuais*.

necessárias atitudes de respeito, solidariedade, tolerância etc. Como aponta o autor, a avaliação desse tipo de conteúdo é bastante desafiadora, pois não é possível quantificar valores como os supracitados. Sugere, pois, que

> A fonte de informação para conhecer os avanços nas aprendizagens de conteúdos atitudinais será a observação sistemática de opiniões e das atuações nas atividades grupais, nos debates das assembleias, nas manifestações dentro e fora da aula, nas visitas, passeios e excursões, na distribuição das tarefas e responsabilidades, durante o recreio, nas atividades esportivas, etc. (ZABALA, 1998, p. 209)

Portanto, a avaliação dos conteúdos atitudinais deve ser feita em todas as aulas e atividades extracurriculares, percebendo, por exemplo, o respeito que os alunos têm perante seus colegas – inclusive com os que falam dialetos diferentes, provenientes de regiões brasileiras mais distantes de Florianópolis – e com aqueles que os cercam no ambiente escolar nos momentos de interação informal, apresentação de trabalhos etc.

1.2.2.5.2 A avaliação nas aulas de Língua Portuguesa

Com base no modelo de ensino e de avaliação gerais proposto por Zabala (1998), consideramos importante realizar um ensino global e interdisciplinar, procurando colocar o aluno em contato com conteúdos socialmente relevantes e avaliando suas atividades de modo integral, sem perder de vista a especificidade da área de conhecimentos com a qual vamos atuar.

No que se refere aos conhecimentos de língua, acreditamos que a avaliação precisa, ainda, recair sobre os três eixos – a reflexão linguística, a leitura de textos e a produção de textos. Para o ensino–aprendizagem de língua portuguesa em nossas aulas, devido ao tema do projeto, a avaliação ocorrerá, sobretudo, por meio da *reflexão linguística.*

Geraldi (1997) estabelece uma diferenciação entre *redação* e *produção de textos*: aquela seria uma produção mecânica de textos *para a* escola, com o objetivo apenas de adquirir nota para a disciplina (fazendo com que o aluno escreva apenas aquilo que o professor quer ler); já a segunda pressupõe uma atividade interlocutiva real, com propósitos concretos de interação, comunicação e projeto de dizer. Contudo, na escola, o professor, no ato de leitura do texto do aluno, assume-se como "função–professor" e não como "sujeito–professor". Esse fato interrompe a ação interlocutiva entre os dois sujeitos e contribui para maior artificialidade da escrita de textos no ambiente escolar – contribuindo para a prática de ensino tradicional, em que os conteúdos eram todos divididos em disciplinas e não se buscava o trabalho interdisciplinar (ZABALA, 1998.).

Essa artificialidade acaba gerando grande assimetria no meio escolar: o professor coloca-se como detentor absoluto do conhecimento que tem o papel de *corrigir* o texto do aluno; e o aluno precisa sempre dar a resposta exata que o professor espera, ou ela estará errada. Tal situação impede a existência do diálogo em sala de aula, o que remete a uma concepção de *educação bancária* e a um ensino de ciência traduzido na dicotomia certo–errado (e quem define o *certo* é o professor). As opiniões dos alunos são frequentemente desmerecidas, fato que incide negativamente sobre todo o processo de produção de textos sugerido por Geraldi (1997): ao receber o conteúdo sem diálogo e de maneira simplificada e dicotômica, o aluno tem o seu "o que dizer" afetado, pois terá construído uma visão de mundo extremamente rasa e unidirecional; tendo um professor que não se assume como sujeito na relação interlocutiva, o aluno *determina/direciona* seu "a quem dizer" para o professor-corretor, o qual, em vez de incidir sobre o texto do aluno – seja oral ou escrito – como mediador mais experiente na forma de diálogo, põe-se a apontar erros e identificar opiniões divergentes das dele, portanto vistas como erradas; a "artificialidade constitutiva" do ambiente escolar transforma as "razões para dizer" do aluno em motivações pragmáticas rasas, a saber, adquirir nota para a disciplina; sem considerar a complexidade dessas diversas nuanças implicadas na produção de um texto, o aluno vê-se sem "estratégias para dizer", pois a relação interlocutiva foi quebrada, transformando-se em locução unidirecional sem propósito discursivo/enunciativo.

Ademais, a frequente pergunta "quando eu vou usar isso na minha vida?" reflete a percepção pelo aluno dessa artificialidade das aulas. Ele constrói um conceito negativo acerca da disciplina, pois precisa estudar as normas de uma língua que não é a sua. Mais grave ainda – e é uma situação muito frequente – é quando o professor tenta impor as regras dessa língua "da escola" ao vernáculo do aluno, fazendo-o acreditar que ele fala errado e escreve errado. O resultado disso é um sujeito que acredita não saber nem a sua própria língua, ou seja, ele torna-se um sujeito sem língua e sem identidade.

A ação de assumir-se como sujeito e enxergar seu aluno como também sujeito, com suas idiossincrasias sociais, culturais e históricas é um ato político e ideológico:

> A devolução da palavra ao aluno faz deste o condutor de seu processo de aprendizagem, assumindo-se como tal. Isto não quer dizer a decretação de um "nada a fazer ou a declarar" para o professor. Fora isto, e teríamos a desconsideração pela palavra, o que significa, na verdade, uma não devolução da palavra ao *outro*. Ouvidos moucos, a não escuta é na verdade uma não devolução da palavra; é negação ao direito de proferir. A não escuta do professor ou seu mutismo empurrariam a ambos, aluno e professor, à monologia. [...] (GERALDI, 1997, p. 160-161)

De acordo com Antunes (2003, p. 160, grifos da autora), "A *avaliação,* em função mesmo de sua finalidade*, deve acontecer em cada dia do período letivo,* pois *a aprendizagem, também, está acontecendo todo dia*."

A autora critica a tradição de avaliar o texto produzido pelo aluno na busca apenas dos erros. Salienta que a avaliação não deve apenas ser uma forma de apontar o incorreto, mas também de o docente refletir sobre as dificuldades do aluno, buscando estratégias para direcionar suas aulas a tais dificuldades. Ademais, o professor deve ser capaz de discernir entre os tipos de erro: certamente um texto sem coerência e coesão é mais carente de correção do que um outro com apenas erros ortográficos ou inadequações de linguagem.

Entendemos como essencial a refacção das produções textuais escritas pelos alunos. Durante tal processo, o professor deve incidir sobre o texto do aluno mais de uma vez, objetivando a adequação ao gênero, a consistência temático-conceitual, a apropriação no agenciamento dos recursos linguísticos (clareza, concisão, precisão, objetividade, adequação à norma culta) e a exercitação da autoria – assumir-se como enunciador no processo de interlocução.

A partir da concepção de avaliação aqui assumida, pretendemos avaliar nossos alunos de modo global, buscando incidir sobre seu aprendizado dos conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais, partindo do pressuposto de que a língua possui um caráter heterogêneo.

Avaliamos nossos alunos, primordialmente, através de suas reflexões orais e escritas a respeito da língua falada por eles; pois é a partir delas que seríamos capazes de perceber suas representações de fatos e conceitos, suas habilidades (linguístico-textual) em realizar uma boa argumentação e tomar posições quanto aos fatos e/ou ideias discutidas.

Acreditamos que a avaliação é um instrumento de medida não somente da aprendizagem do aluno, mas também do trabalho realizado pelo professor e de todo o processo de ensino–aprendizagem. Portanto, as atividades avaliativas foram também diagnósticas, para que pudéssemos sempre melhorar e adequar as nossas aulas às realidades daqueles sujeitos.

1.2.2.5.3 A avaliação no Instituto Federal de Santa Catarina

No Instituto Federal de Santa Catarina, conforme consta na Organização Didático Pedagógica[15] da instituição, a avaliação do ensino e da aprendizagem deve consistir em um

> conjunto de ações desenvolvidas de forma sistemática, processual, integral e que primarão pelo caráter diagnóstico e formativo, tendo as seguintes funções consideradas primordiais:
> I. obter evidências sobre o desenvolvimento do conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes necessárias à constituição de competências previstas nos PPCs;
> II. orientar ou reorientar as ações e os encaminhamentos do trabalho pedagógico, de acordo com as finalidades educativas previstas nos PPCs;
> III. sustentar a tomada de decisão sobre a progressão do aluno para a fase ou módulo seguinte da matriz curricular.
> (Organização Didático Pedagógica do IFSC. Disponível em: http://florianopolis.ifsc.edu.br/images/stories/sitepdf/ODP_2009.pdf. Acesso em: 02 out 2013)

A avaliação de competências poderá se dar por meio de instrumentos diversificados, que estimulem "à pesquisa, reflexão, iniciativa, criatividade, laboralidade e cidadania" (ODP – IFSC), como, por exemplo, trabalhos de pesquisa, resoluções de exercícios, autoavaliação descritiva etc.

Diferentemente da maioria das escolas públicas, o IFSC, adota os seguintes conceitos para o registro das avaliações:

> I. (**I**) – Insuficiente – ao aluno que não atingir os parâmetros mínimos estabelecidos para a construção da competência.
> II. (**S**) – Suficiente – ao aluno que atingir os parâmetros mínimos estabelecidos para a construção da competência.
> III. (**P**) – Proficiente – ao aluno que superar os parâmetros mínimos estabelecidos para a construção da competência.
> IV. (**E**) – Excelente – ao aluno que ultrapassar as expectativas quanto à construção da competência.
> §1o Serão considerados conceitos de aprovação: Excelente (**E**), Proficiente (**P**) e Suficiente (**S**).
> §2o Será considerado conceito de reprovação: Insuficiente (**I**).
> (Organização Didático Pedagógica do IFSC. Disponível em: http://florianopolis.ifsc.edu.br/images/stories/sitepdf/ODP_2009.pdf. Acesso em: 02 out 2013)

Pensar em avaliar o aluno utilizando esses conceitos é um tanto desafiador não somente para nós estagiárias, como também para os professores, que se dizem confusos a respeito dessa forma de registro, pois não se trata de dar uma nota numérica e depois transformá-la em conceito, e sim pensar nas competências que o aluno atingiu ou não durante a atividade avaliativa, estabelecendo previamente os parâmetros que precisam ser avaliados.

---

[15] A instituição encontra-se em processo de elaboração do novo Regulamento Didático-Pedagógico, através de um comitê técnico - 31 servidores da Reitoria. O novo documento propõe-se a reger os processos didáticos e pedagógicos em todos os campi do IFSC. (Cf. http://linkdigital.ifsc.edu.br/2013/07/18/ifsc-tera-regulamento-didatico-pedagogico-atualizado/)

O importante é que tudo esteja acordado com os alunos desde o início do período letivo, conforme prevê o documento que regulamenta a Organização Didático Pedagógica da instituição. Cabe também ao professor viabilizar estudos que promovam a recuperação paralela dos conteúdos abordados durante o período letivo.

1.2.3 Objetivos

1.2.3.1 Objetivos gerais

Refletir sobre a língua, através do estudo científico da linguagem, realizando atividades de análise linguística baseadas em identificação da ocorrência e formulação de hipóteses para explicar os fenômenos em estudo: variação e mudança linguística, preconceito linguístico, normas linguísticas, linguagem verbal e não-verbal, ironia, sarcasmo, polissemia, ambiguidade e metáfora conceptual.

1.2.3.2 Objetivos específicos

Reconhecer a linguística como a ciência que estuda as línguas naturais;

Compreender que todas as línguas naturais mudam com o tempo e que variam de acordo, principalmente, com (i) o tempo; (ii) os estratos sociais; (iii) o espaço; (iv) os veículos de expressão;

Entender que existem diversas normas regendo a língua e que cada uma delas é associada a um diferente contexto de uso;

Compreender narrativas imagéticas;

Compreender os conceitos de ambiguidade, polissemia e ironia como fenômenos linguísticos.

Ressignificar o conceito de metáfora, compreendendo-a como fenômeno cognitivo de conceptualização com base em nossas experiências de mundo.

1.2.4 Conhecimentos trabalhados

Introdução à linguística;

Variação diacrônica;

Aspectos linguísticos acerca do paradigma pronominal/flexional;

Variação diatópica;

Língua e dialeto;

Variação diatópica;

Variação diastrática;

Preconceito linguístico;

Rotacismo;

Variação diamésica;

Normas linguísticas: padrão, culta e vernacular;

O texto verbal e não-verbal (narrativa imagética – texto não-verbal; crônica – texto verbal; *storyboard* – texto não-verbal ou que articula a linguagem verbal e a não-verbal);

Ironia;

Sarcasmo;

Ambiguidade e polissemia;

Metáfora conceptual.

1.2.5 Metodologia

Iniciamos com a leitura de um pequeno texto de apresentação, explicando o projeto aos alunos. Após essa introdução, eles foram convidados a conhecerem o poema "Auto-retrato aos 56 anos", de Graciliano Ramos. Propusemos que cada um se apresentasse de maneira semelhante ao poema, para que fôssemos nos conhecendo melhor.

Na segunda aula, lemos o texto "Ascensão e queda da paquera hetero", adaptado de Wagner Maia, para perceber a evolução comportamental existente entre os casais de namorados desde o século passado. Tentamos realizar uma aula descontraída, trazendo músicas de cada época como trilha sonora para o texto, buscando inserir o aluno na atmosfera romântica específica a cada período da história. Objetivamos, dessa forma, fazer uma introdução a respeito da variação através do tempo, explicando aos alunos que as línguas naturais também sofrem variações e mudanças históricas.

Para desmistificar a noção de "erro gramatical" e mostrar que variação e mudança são fenômenos constitutivos de todas as línguas, trouxemos o documento latino "*Appendix probi*", o qual determina, em forma de lista, quais palavras eram consideradas erradas (expressões do latim vulgar) e suas correspondentes formas tidas como corretas (expressões dos latins culto e clássico). Em comparação, trouxemos um documento semelhante, mas relativo aos "erros e acertos" no português brasileiro. Objetivamos mostrar aos alunos que sempre houve, ao longo de toda a história, repreensão quanto à língua falada pelas camadas menos escolarizadas da sociedade; mas que é justamente essa língua falada *pelo povo* que reflete o curso da mudança linguística. Afinal de contas, o português e todas as outras línguas românicas se originaram do latim vulgar!

Entrando na "variação diacrônica (através do tempo)" de nossa língua, explicamos sobre a entrada do item *você* como pronome de segunda pessoa do singular

no paradigma pronominal do português brasileiro. Esse pronome entrou em nosso paradigma pronominal gramaticalizando-se de *Vossa Mercê* a *você*, sofrendo erosão fonológica e semântica e passando a exercer novas funções sintáticas.

Com base nessa exposição, solicitamos que fizessem uma pesquisa sobre a inserção do item *a gente* no paradigma pronominal do português brasileiro, para que pudessem perceber a semelhança histórica de origem dessas expressões e para que tivessem uma primeira experiência com a pesquisa linguística.

Continuando o tema, na aula seguinte, lemos um trecho da "Carta de Pero Vaz de Caminha", enviada ao rei de Portugal na oportunidade da chegada das tropas portuguesas em solo brasileiro. Com a leitura da carta, os alunos entraram em contato com a escrita da língua na época do português clássico – aquele utilizado durante o período das grandes navegações. Foram capazes, pois, de comparar as duas variantes da língua e perceber algumas mudanças históricas ocorridas no idioma.

A carta de Caminha foi também um texto de transição, para entrarmos no assunto "variação diatópica (de acordo com os diferentes locais)". A partir dele, iniciamos a discussão acerca das diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal, pois esse foi o primeiro texto escrito em solo brasileiro – a partir daí, as duas línguas seguiram caminhos independentes, cada uma de um lado do Atlântico.

Estudamos também a respeito das diferenças regionais dentro do Brasil, evidenciando alguns traços característicos de cada localidade e apresentando, quando possível, hipóteses para a causa de cada um desses fenômenos. A todo o tempo, estivemos em diálogo com os alunos, incentivando-os a serem investigadores linguísticos e a utilizarem o conhecimento inato que todos possuem sobre o funcionamento de sua língua materna.

Percebendo a grande variedade do português falado no Brasil, levantamos a questão: qual a diferença entre língua e dialeto? Buscamos construir os conceitos juntamente com os alunos, mostrando a eles que a definição é flutuante: a questão acaba sendo menos linguística do que política.

Na quarta aula, finalizamos o tema "variação diatópica", discutindo com os alunos a respeito das implicações da entrada do *você* para o português brasileiro, pensando sobre o novo paradigma pronominal/flexional que se instaurou, em grande medida, devido a esse fato. Ao fim, os alunos compartilharam com a turma as suas pesquisas a respeito da expressão *a gente*, muito timidamente, pois disseram que a pesquisa não fora fácil e que quase não encontraram informações nos livros e na *internet* a respeito do tema.

Na aula seguinte, retomamos o "*Appendix probi*", trazendo exemplos de autores ao longo da história que fizeram previsões apocalípticas a respeito da língua portuguesa. Todos eles decretaram o fim de nosso idioma, "degradado pelos falantes iletrados", entretanto, ele permanece vivo e sendo falado por milhões de pessoas nos quatro cantos do globo.

A partir dessa discussão, demos início ao próximo tópico, "variação diastrática (de acordo com os estratos sociais)". Falamos sobre preconceito linguístico e desenvolvemos o tema através de exemplos do fenômeno do rotacismo. Os alunos perceberam que tal variante ocorria já em Camões, escritor canônico da língua portuguesa.

Ao fim da aula, foram convidados a realizarem, em casa e em grupos, uma atividade de pesquisa para depois ser socializada em sala na forma de jogo. Chamamos de "jogo da variação lexical": cada grupo recebeu (por sorteio) uma região brasileira como tema de pesquisa; deveriam trazer palavras e expressões típicas daquela região, com seus respectivos significados, para realizarem um jogo entre os grupos.

A aula seis foi iniciada com a leitura da crônica "Papos", de Luis Fernando Verissimo. O texto faz uma brincadeira, em forma de diálogo, com a colocação pronominal ditada pelas gramáticas prescritivas. A partir da leitura, evidenciamos que a ênclise é uma construção sintática do português europeu, não do brasileiro. Discutimos, então, a respeito de a norma da língua escrita do português brasileiro ter sido formada a partir da norma vernacular falada do português europeu.

Apresentamos a "variação diamésica (através dos veículos de expressão)", estabelecendo relações e diferenças entre a língua falada e a língua escrita.

Nessa aula, foram apresentados os importantes conceitos de norma padrão, norma culta e norma vernacular, para que os alunos entendessem que cada língua (ou variante) é regida por normas próprias. A confusão acontece quando tentamos submeter uma língua às normas da outra.

Na sétima aula fizemos um momento de pausa para retomar com a turma a primeira atividade solicitada. Como a maioria dos alunos apresentou-nos textos copiados da internet e não conseguiu compreender os objetivos e as etapas da atividade, elaboramos uma apresentação que visou refletir sobre as respostas que eles nos deram e o quão distantes essas respostas estavam do que havíamos solicitado. Em seguida, mostramos um caminho possível para se fazer uma boa pesquisa na internet e como aproveitar as informações dos diferentes sites para criar o próprio texto.

Na oitava aula, fizemos o fechamento do conteúdo "variação linguística", sistematizando os tópicos estudados a partir da retomada do pronome *você* e sua

influência no restante do sistema linguístico em todos os níveis de variação: diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica. Finalizando o tema, a continuação da aula foi dedicada à realização, em sala, do "jogo da variação lexical".

Encerrando-se o conteúdo "variação linguística", continuamos a estudar outras formas de manifestação de fenômenos da língua. O primeiro deles foi a diferença entre linguagem verbal e não-verbal, a partir da exibição do vídeo "Jerry e Elaine: 'this' & 'that'", da série Seinfield. O trecho evidencia o papel da linguagem não-verbal para a construção de sentidos, mesmo em uma comunicação verborrágica.

Trabalhamos, através de slides, algumas narrativas imagéticas com imagem e texto ou com apenas imagem. Apresentamos exemplos de histórias contadas apenas por meio de imagens ao longo do tempo, iniciando com as pinturas rupestres. Esperamos que os alunos percebessem que é possível narrar uma história sem utilizar-se da linguagem verbal.

Na décima aula, trabalhamos o conceito de ironia lexical e discursiva, iniciando pela exibição do vídeo "Placa de sarcasmo", da série The Big Bang Theory. O trecho é de uma sequência do personagem Sheldon, o qual é conhecido por não entender o discurso sarcástico. Tentamos diferenciar ironia e sarcasmo, apontando este como uma variação daquela, embora com um toque de maldade e zombaria.

Após o vídeo, lemos algumas tirinhas que apresentam conteúdo irônico, analisando e discutindo cada uma delas.

Realizamos também a leitura da crônica "O que cada um tem por dentro", de Luis Fernando Verissimo, como exemplo de construção irônica num nível mais sutil. Por fim, encaminhamos uma atividade para casa: leitura da crônica "O verdadeiro George Clooney", do mesmo autor, para análise dos efeitos de ironia que o texto apresenta.

Na aula seguinte, continuamos lendo diversas tirinhas, entretanto com o tema polissemia e ambiguidade. Evidenciamos, sempre a partir da construção conjunta dos conceitos com os alunos, os efeitos de sentido causados pelas palavras e construções polissêmicas e ambíguas presentes nas tirinhas.

Ao fim da aula, encaminhamos uma tarefa de criação de uma tirinha que manifestasse um discurso de conteúdo irônico ou polissêmico e ambíguo. Inicialmente, indicamos que realizassem apenas o *storyboard*, uma espécie de rascunho, sem colorir ou delimitar bem o traçado.

Na aula 12, trabalhamos a noção de metáfora conceptual, a partir da Teoria Cognitiva da Metáfora (LAKOFF e JOHNSON, 1980). Evidenciamos aos alunos que a metáfora não é uma figura de linguagem, utilizada apenas pelos poetas para embelezar o

texto; na verdade, ela é um fenômeno linguístico cognitivo e natural, o qual manifesta nossa maneira de pensar e enxergar o mundo.

Entregamos aos alunos uma folha com o desenho de uma pessoa; no quadro, a professora-estagiária desenhou também uma pessoa, para que fossem lembrando, juntos, as metáforas criadas por meio da extensão mente-corpo (como *pé da mesa, braço da cadeira, testa de ferro* etc.), muito comuns em todas as línguas.

Conversamos sobre as construções metafóricas que expressam fatos positivos e negativos, utilizando como veículo as orientações "para cima" e "para baixo", respectivamente. Mais uma vez, são construções que tomam como base o corpo humano.

Por fim, trabalhamos uma construção extremamente habitual nas diferentes línguas: a metáfora de tempo como espaço (*a velhice o alcançou, estamos chegando ao fim do ano, o natal se aproxima* etc.).

Os alunos entregaram os *storyboards* e nós pedimos para que trouxessem material para confecção da versão final na próxima aula. Nesse próximo dia, portanto, eles realizaram a reescritura da atividade em sala, onde puderam tirar eventuais dúvidas com as professoras-estagiárias. Entregaram ao fim da aula.

Após corrigirmos os quadrinhos, pedimos permissão aos alunos para publicarmos seus trabalhos no blog de língua portuguesa da escola, assim dando uma função social aos textos.

Na última aula do projeto, pedimos aos alunos que escrevessem um breve depoimento sobre sua experiência de aprendizagem durante o período em que estiveram sob nossa docência. Dessa forma, recebemos um *feedback* acerca do nosso trabalho.

1.2.5.1 Cronograma-síntese das aulas ministradas

Outubro/Novembro 2013						
DOM	**SEG**	**TER**	**QUA**	**QUI**	**SEX**	**SÁB**
06	07	08	09	10	11	12
	Aula 1 **AULA 1 - RAFAELA** - Introdução ao projeto; - Introdução à linguística; - Atividade de apresentação: Autorretrato	Aulas 2 e 3 **AULA 2 - RAQUEL** - Variação diacrônica (tempo) - Encaminhamento da atividade 1: pesquisa sobre a expressão *a gente*	Aulas 4 **AULA 3 - RAQUEL** - Variação diatópica (espaço)			
13	14	15	16	17	18	19
	Aula 5 **AULA 4 - RAQUEL** - Variação diatópica (espaço) - Entrega da atividade 1	Aulas 6 e 7 **AULA 5 - RAFAELA** - Variação diastrática (estratos sociais); - Encaminhamento da atividade 2: jogo da variação lexical	Aula 8 **AULA 6 - RAFAELA** - Variação diamésica (veículos de expressão)			

20	21	22	23	24	25	26
	Aula 9 **AULA 7 - RAQUEL** - Como fazer pesquisa escolar - Encaminhamento da recuperação da atividade 1	Aulas 10 e 11 **AULA 8 - RAQUEL** - Fechamento do conteúdo "variação" - Realização do jogo da variação lexical em sala - Entrega da atividade 2 (material utilizado no jogo)	Aula 12 **AULA 9 - RAFAELA** - Linguagem verbal e não-verbal; - Quadrinhos			
27	28	27	30	31	01	02
	Recesso – Dia do Servidor Público	Aulas 13 e 14 **AULA 10 - RAFAELA** - Ironia e sarcasmo em quadrinhos, vídeos e crônicas; - Encaminhamento da atividade 3: ironia na crônica *O verdadeiro George Clooney*, de Luis Fernando Veríssimo	Aula 15 **AULA 11 - RAQUEL** - Ambiguidade e polissemia em quadrinhos; - Encaminhamento da atividade 4: *storyboard*			
03	04	05	06	07	08	09
	Aula 16 **AULA 12 - RAFAELA** - Metáfora; - Entrega da atividade 3 - Entrega da atividade 4	Aulas 17 e 18 **AULA 13 - RAFAELA** - Finalização metáfora; - Elaboração da versão final da atividade 4 em sala; - Entrega da versão final da atividade 4.	Aula 19 **AULA 14 - RAQUEL** - Fechamento - Encaminhamento da recuperação da atividade 3: ironia na música *Perfeição*, da banda Legião Urbana[16]			

1.2.5.2 Recursos necessários

1.2.5.2.1 Recursos materiais

Xerox;

Quadro-negro;

Computador com projetor multimídia;

Acesso à *internet;*

1.2.5.2.2 Recursos bibliográficos

ANDRADE, V.L.V. *Sobre a identidade da metáfora literária*: uma análise do romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue vai-e-volta. 2008. 85 f.. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011 [1999].

CHOMSKY, N. *Estructuras Sintáticas*. Lisboa: Edições 70, 1997.

[16] Os alunos interessados em recuperar o conceito obtido na atividade 3, entregaram a recuperação para a representante de turma, que a repassou para nós no dia 12 de novembro de 2013.

_____. *Language and problems of knowledge*. The Managua Lectures. The MIT Press: Cambridge, Mass., 1991.

_____. Linguagem e pensamento. Petrópolis: Vozes, 1971.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2012.

COLASSANTI. M. Eu sei, mas não devia. In.:_____. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

EISNER, W. *Quadrinhos e a arte sequencial*: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura*: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Editora Penso, 2012.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva.* São Paulo: Contexto, 2011.

GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. *História da Língua*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2010.

GÖRSKY, E. M.; COELHO, I. L. *Variação linguística e ensino de gramática*. Working papers in linguística, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

IANNONNE, L. R; IANNONNE, R. A. *O mundo das histórias em quadrinho*. São Paulo: Moderna, 1994.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

ILARI, R. *Introdução à Semântica*: Brincando com a Gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

MCCLOUD, S. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: M. books, 2005.

PINKER, S. *Do que é feito o pensamento*: a língua como janela para a natureza humana. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

PINKER, S. *O instinto da linguagem*: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

RAMOS, G. Auto-retrato aos 56 anos. (Disponível em: http://graciliano.com.br/site/autorretrato/. Acesso em: 01 out 2013).

Tirinhas sobre ironia, ambiguidade e polissemia. (Disponível em: http://www.jacarebanguela.com.br/. Acesso em: 01 out 2013).

TOFIELD, S. *Simon's cat*: as aventuras de um gato travesso e comilão. Porto Alegre: L&PM, 2012.

VEREZA, S. (org.). *Sob a ótica da metáfora*: tempo, conhecimento e guerra. Niterói: Editora da UFF, 2012.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.). *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERISSIMO, L. F. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VERISSIMO, L. F. O que cada um tem por dentro. In.:_____. Em algum lugar do paraíso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. (Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-que-cada-um-tem-por-dentro,368256,0.htm. Acesso em: 01 out 2013).

VERISSIMO, L. F. O verdadeiro George Clooney. In.:_____. Em algum lugar do paraíso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. (Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/28/o-verdadeiro-george-clooney-261247.asp. Acesso em: 01 out 2013).

Vídeo "Jerry e Elaine: 'this' & 'that'" (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Xm-S2jBTl3g. Acesso em: 01 out 2013)

Vídeo "Placa de sarcasmo". (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=t2qcBTupXHw. Acesso em: 01 out 2013).

1.2.6 Planos de aula 1 – 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 1: 1h/a
(07/10 – Segunda-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: Introdução ao projeto

Objetivo geral:
Conhecer o projeto *A língua que eu estudo não é a mesma que eu falo: reflexões sobre a língua portuguesa na escola* a ser realizado pelas professoras-estagiárias
Objetivos específicos:
Reconhecer a linguística como a ciência que estuda as línguas naturais;
Entrar em contato com os primeiros temas a serem estudados durante o projeto;
Apresentar-se às professoras-estagiárias e aos colegas em forma de poema com base na leitura do texto de Graciliano Ramos.

Conhecimentos abordados:
Introdução ao projeto de docência;
Comunicação oral;
Primeiro contato com a linguística.

Metodologia:
Leitura em conjunto do texto de apresentação do projeto de docência;

Breve explicação a respeito do projeto, respondendo possíveis dúvidas;

Entrega do poema "Auto-retrato aos 56 anos", de Graciliano Ramos;

Leitura do poema em conjunto com os alunos;

Orientação da atividade de apresentação: cada aluno deve escolher pelo menos cinco versos do poema para servirem de inspiração ao seu autorretrato; cada aluno escreverá o seu autorretrato, nos moldes de Graciliano, e o lerá para a turma.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Fotocópias da introdução ao projeto;
Fotocópias do texto.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração durante a explicação pela atitude de escuta atenta e ativa e a participação na atividade de apresentação pela produção e apresentação de um pequeno texto de autorretrato, a exemplo do texto lido.

Referências

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

RAMOS, G. *Auto-retrato aos 56 anos*. (Disponível em: http://graciliano.com.br/site/autorretrato/. Acesso em: 01 out 2013).

Anexos

Anexo I: Texto de apresentação do projeto

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

Querido aluno,

Você sabia que existe um campo da ciência destinado a estudar as línguas naturais? Durante este projeto, vamos conhecer um pouco sobre essa área, chamada de **linguística**.

Você perceberá que todas as línguas naturais, inclusive a língua portuguesa, **variam** de acordo com o tempo, o local, os estratos sociais e os meios de veiculação (como fala e escrita).

Além disso, aprenderá que as línguas **mudam** com o tempo. Lembra do latim vulgar, que deu origem ao português, ao italiano, ao espanhol, ao francês e a todas as outras línguas românicas? Pois é. É natural que as línguas variem e depois mudem, seguindo seu curso histórico e dando origem a novas línguas.

Entraremos em contato também com outros fenômenos linguísticos bastante interessantes, como **ironia**, **metáfora**, **polissemia e ambiguidade**, estudando essas manifestações em crônicas e tirinhas.

Esperamos que aproveitem ao máximo esse mês de aula que preparamos com todo o carinho para vocês.

Um abraço,

Rafaela e Raquel

Anexo II: “Auto-retrato aos 56 anos”, de Graciliano Ramos

Auto-retrato aos 56 anos
Graciliano Ramos

Nasceu em 1892, em Quebrangulo, Alagoas.
Casado duas vezes, tem sete filhos.
Altura 1,75.
Sapato n.º 41.
Colarinho n.º 39.
Prefere não andar.
Não gosta de vizinhos.
Detesta rádio, telefone e campainhas.
Tem horror às pessoas que falam alto.
Usa óculos. Meio calvo.
Não tem preferência por nenhuma comida.
Não gosta de frutas nem de doces.
Indiferente à música.
Sua leitura predileta: a Bíblia.
Escreveu "Caetés" com 34 anos de idade.
Não dá preferência a nenhum dos seus livros publicados.
Gosta de beber aguardente.
É ateu. Indiferente à Academia.
Odeia a burguesia. Adora crianças.
Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.
Gosta de palavrões escritos e falados.
Deseja a morte do capitalismo.
Escreveu seus livros pela manhã.
Fuma cigarros "Selma" (três maços por dia).
É inspetor de ensino, trabalha no “Correio do Manhã”.
Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo.
Só tem cinco ternos de roupa, estragados.
Refaz seus romances várias vezes.
Esteve preso duas vezes.
É-lhe indiferente estar preso ou solto.
Escreve à mão.
Seus maiores amigos: Capitão Lobo, Cubano, José Lins do Rego e José Olympio.
Tem poucas dívidas.
Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava os presos para construírem estradas.
Espera morrer com 57 anos.

Fonte: http://graciliano.com.br/site/autorretrato/

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 2: 2h/a
(08/10 – Terça-feira – 13h30min às 15h20min)

Tema: A variação linguística através do tempo (diacrônica)

Objetivo geral:
Compreender que todas as línguas naturais variam através do tempo.

Objetivos específicos:
Estabelecer relações de sentido a partir da leitura do texto "Ascensão e queda da paquera hetero", de Wagner Maia;
Compreender que as línguas mudam com o tempo e que as mudanças podem ser percebidas através da comparação entre gerações, a partir da análise de fenômenos linguísticos;
Discutir acerca do que significa falar corretamente e falar adequadamente;
Conhecer um indício de variação diacrônica: a entrada do *você* como pronome de segunda pessoa do singular no português brasileiro.

Conhecimentos abordados:
Variação diacrônica;
Aspectos linguísticos acerca do paradigma pronominal;
Compreensão leitora.

Metodologia:
Entrega e leitura do texto *Ascensão e queda da paquera hetero*, de Wagner Maia, seguida de uma discussão acerca da evolução comportamental – refletida no uso que fazem da língua para expressarem seus sentimentos ao sexo oposto – existente entre os casais de namorados desde o século passado;

Discussão sobre as línguas também estarem sujeitas à variação através do tempo, e sobre o conceito de variação histórica ou variação diacrônica;

Entrega e leitura de um quadro comparativo sobre o falar corretamente no Latim Vulgar – *Appendix Probi* – e no Português Brasileiro – *Não diga* –;

Breve explicação sobre como o que é certo e o que é errado em uma língua podem estar associados com as relações de poder existentes;

Apresentação sobre a entrada do item *você* como pronome de segunda pessoa do singular no paradigma pronominal do Português Brasileiro;

Solicitação de uma pesquisa sobre a inserção do item *a gente* no paradigma pronominal do Português Brasileiro observando a discussão feita com o pronome *você*;

Recursos didáticos:
Xerox dos textos *Ascensão e queda da paquera hetero; Appendix Probi; Não diga;* e da solicitação de pesquisa sobre o item *a gente*;
Computador com projetor multimídia e caixa de som;
Quadro-negro.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua.

Referências

COLASSANTI. M. Eu sei, mas não devia. In.:_____. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GÖRSKY, E. M.; COELHO, I. L. *Variação linguística e ensino de gramática*. Working papers in linguística, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

ILARI, R.; BASSO, R. *O Português da gente*: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006, pg. 185

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola.* Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

Anexo I – Pesquisa sobre a expressão *a gente*.

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel
Nome: _____
Data: 08/10/2013

Atividade 1
(Entregar dia 14 de outubro)

Discutimos na aula de hoje sobre a entrada da palavra *você* no quadro de pronomes do Português Brasileiro como forma de exemplificar a variação da língua através do tempo. Analise os textos abaixo atentando para a utilização da expressão "a gente" e, em seguida, faça uma pesquisa sobre a função gramatical que essa expressão exerce nestes textos. Procure informações a respeito de **como ela era utilizada há séculos** e como ela é utilizada pelos falantes de Português Brasileiro. Se for o caso, formule hipóses e dê exemplos.

Fonte: http://kdfrases.com/frase/133934

Fonte: http://profeticos.net/category/dito-e-divino/

Fonte: http://tvfoco.pop.com.br/audiencia/media-dia/

Eu sei, mas não devia

Marina Colasanti

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagar mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.

(1972)

COLASSANTI. M. Eu sei, mas não devia. In.:_____. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Anexo II – Texto *Ascensão e queda da paquera hetero*.

INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

Os flertes durante o século XX
Ou ascensão e queda da paquera hetero

- Na primeira década:
O rapaz de terno, colete e cravo na lapela, canta embaixo da janela dela:
"Tão longe,de mim distante
Onde irá,onde irá teu pensamento?
Quisera,saber agora
Se esqueceste,se esqueceste
O juramento
Quem sabe?Se és constante
Se ainda é meu,teu pensamento
Minh'alma toda devora
Da saudade,da saudade
Agro tormento!"

- Década de 20:
Ele de terno branco e chapéu de palha, embaixo do sobrado em que ela mora, canta:
"Ó linda imagem de mulher que me seduz
Ai se eu pudesse tu estarias num altar
És a rainha dos meus sonhos, és a luz
És malandrinha não precisas trabalhar"

- Década de 30:
Ele de terno cinza e chapéu panamá, em frente à vila onde ela mora, canta:
"Tu és, divina e graciosa
Estátua majestosa do amor
Por Deus esculturada
E formada com ardor
Da alma da mais linda flor
De mais ativo olor
Que na vida é preferida pelo beija-flor"

- Década de 40:
Ele ajeita seu relógio Pateck Phillip na algibeira, escreve para a Rádio Nacional e manda oferecer a ela uma linda música:
"A deusa da minha rua
Tem os olhos onde a lua
Costuma se embriagar
Nos seus olhos eu suponho
Que o sol num dourado sonho
Vai claridade buscar"

- Década de 50:
Pega o pente do bolso, ajeita o cabelo com brilhantina, vai em direção do cantor da boate e pede que ofereça a ela a interpretação de uma bela bossa:
"Olha que coisa mais linda

Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
A caminho do mar
Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar”

- Década de 60:
Ele aparece na casa dela com um compacto em vinil embaixo do braço, ajeita a calça Lee e coloca na vitrola uma música papo firme:
“Nem mesmo o céu nem as estrelas
Nem mesmo o mar e o infinito
Não é maior que o meu amor
Nem mais bonito
Me desespero a procurar
Alguma forma de lhe falar
Como é grande o meu amor por você”

- Década de 70:
Ele chega em seu fusca, com tala larga, sacode o cabelão, abre a porta pra gata entrar e bota uma melô joia no toca-fitas:
“Foi assim, como ver o mar
A primeira vez que os meus olhos se viram no seu olhar
Não tive a intenção de me apaixonar
Mera distração e já era momento de se gostar
Quando eu dei por mim nem tentei fugir
Do visgo que me prendeu dentro do seu olhar
Quando eu mergulhei no azul do mar
Sabia que era amor e vinha pra ficar”

- Década de 80:
Ele telefona pra ela e deixa rolar um:
“Fonte de mel
Nos olhos de gueixa
Kabuki, máscara
Choque entre o azul
E o cacho de acácias
Luz das acácias
Você é mãe do sol”

- Década de 90:
Ele liga pra ela e deixa gravada uma música na secretária eletrônica:
“Bem que se quis
Depois de tudo ainda ser feliz
Mas já não há caminhos pra voltar
E o que é que a vida fez da nossa vida?
O que é que a gente não faz por amor?”

- Em 2000:
Ele baixa na internet um batidão legal e manda pra ela por e-mail:
“Beijo na boca é coisa do passado,

Agora a moda é, é namorar pelado!
E joga as mãos pra cima e bate na palma da mão
E mexa o seu corpo, vai descendo até o chão
Agora eu quero ver, quero ver você pular,
Agora eu quero ver, quero ver você mexer,
Agora eu quero ver, quero ver você dançar,
Agora eu quero ver, quero vê você beijar.
Beijo na boca é coisa do passado,
Agora a moda é, é namorar pelado!"

-Em 2012:
Ele grava um vídeo com o celular e manda pra gata pelo face:
"Peguei no seu cabelo você diz que ficou louca
Falei no ouvidinho vou beijar na sua boca.
Você piscou pra mim dizendo estou acompanhada
E o cara do seu lado olhando sem entender nada
Era ele vira e você me olhava pra gente combina
Um sinal disfarçado com o jeito safado
Gostoso de olhar
Vai no banheiro pra gente se beijar
Bem lá no escurinho pra ninguém desconfia
Cara de santa mais não me engana não
É hoje que eu te pego
Você não escapa não"

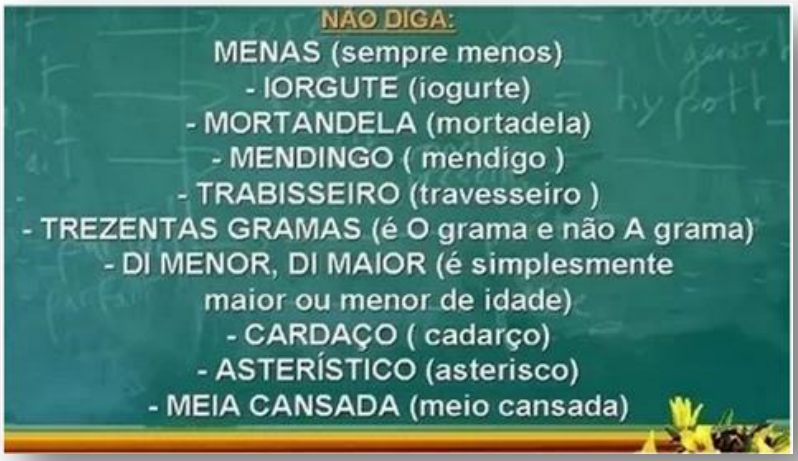
Autor: Wagner Maia
(adaptado)

Anexo III – Quadro comparativo Latim Vulgar e Português.

Appendix Probi

1.	*porphireticum marmor non purpureticum marmur.*
2.	*tolonium non toloneum.*
3.	*speculum non speclum*
4.	*masculus non masclus.*
5.	*vetulus non veclus.*
6.	*vitulus non viclus.*
7.	*vernaculus non vernaclus.*
8.	*8.articulus non articlus.*
9.	*baculus non vaclus.*
10.	*angulus non anglus.*
11.	*iugulus non iuglus.*
12.	*calgostegis non calcosteis.*
13.	*septizonium non septidonium.*
14.	*vacua non vaqua.*
15.	*vacui non vaqui.*
16.	*cultellum non cuntellum.*
17.	*marsias non marsuas.*
18.	*cannelam non canianus.*
19.	*hercules non herculens.*
20.	*columna non colomna.*
21.	*pecten non pectinis.*
22.	*aquaeductus non aquiductus.*
23.	*athara non atera.*
24.	*crista non crysta.*
25.	*formica non furmica.*

(Fonte: Ruy Magalhães de Araujo. *Soletras*, Ano III, Nos. 05 e 06. 98 São Gonçalo: UERJ, 2003)



(Fonte: https://www.facebook.com/Gramaticando)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 3: 1h/a
(09/10 – Quarta-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: A variação linguística nos diferentes lugares (diatópica)

Objetivo geral:
Compreender que todas as línguas naturais variam de acordo com a dimensão do espaço, ao serem faladas em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países.

Objetivos específicos:
Estabelecer relações entre o Português Brasileiro e o Português Europeu;
Identificar a variação regional no Português Brasileiro;
Compreender a diferença entre língua e dialeto.

Conhecimentos abordados:
Variação diatópica;
Língua e dialeto.

Metodologia:
Leitura de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha ao chegar em terras brasileiras;

Introdução ao tema "variação linguística de acordo com os diferentes lugares", apresentando exemplos no quadro;

Comparação entre o Português Brasileiro e o Português Europeu e a variação regional no português do Brasil, através de exemplos;

Discussão acerca da diferença entre língua e dialeto.

Recursos didáticos:
Fotocópias do trecho da *Carta de Caminha;*
Quadro negro.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de variação diatópica que forem solicitadas.

Referências
BAGNO, M. *Preconceito linguístico:* o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011 [1999].

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2012.

GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. *História da Língua*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2010.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

Anexo I – Trecho da *Carta de Caminha*

Trecho da Carta de Caminha, na qual ele descreve os habitantes nativos do Brasil. Observe que as linhas estão mantidas como no documento original:

afeiçam deles he seerem pardos maneira dauermelhados de boõs rrostros e boos narizes bem feitos. / am dam nuus sem nenhuu[m]a cubertura. nem estimam n huu[m]a coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas. e estam açerqua disso com tamta jnocemçia como teem em mostrar orrostro. / traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos por eles senhos osos doso bramcos de compridam dhuu[m]a maão travessa e de grossura dhuu[m] fuso dalgodam e agudo na pöta coma furador. mete[m] nos pela parte de dentro do beiço e oque lhe fica antre obeiço eos demtes he feito coma rroque denxadrez. e em tal maneira o trazem aly emcaxado que lhes nom da paixã nem lhes tor ua afala nem comer nem beber. / os cabelos seus sam coredios e andauã trosqujados de trosquya alta mais que de sobre pemtem deboa gramdura e rrapados ataa per cjma das orelhas. e huu[m] deles trazia per baixo da solapa de fonte afonte pera detras huu[m]a maneira de cabeleira de penas daue amarela que seria decompridam dhuu[m] couto. muy basta e muy çarada que lhe cobria otoutuço eas orelhas. aqual amdaua pegada nos cabelos pena e pena com huu[m]a comfeiçam branda coma cera e nõ no era. demaneira que amdaua acabeleira muy rredomda e muy basta e muy jgual que nõ fazia mjngoa mais lauajem peraa leuantar.	A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. / an dam nus, sem nenhuma cobertura. nem estimam n um a coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas. e estão acerac disso com tanto inocência como têm em mostrar o rosto. / traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos por eles seus ossos brancos de compridão de uma mão travessa e de grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta como um furador. metem-nos pela parte de dentro do beiço e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque de xadrez. e em tal maneira o trazem ali encaixado que lhes não dá paixão nem lhes estor vam a fala nem comer nem beber. / os cabelos seus são corredios e andavam tosquiados de tosquia alta mais que de sobre-pente de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. e um deles trazia por baixo da solapa de fonte a fonte por detras uma maneira de cabeleira de penas de ave amarela que seria da compridão de um coto. mui basta e mui cerrada que lhe cobria o toutiço e as orelhas. a qual andava pegada nos cabelos pena e pena com uma confeição branda como cera e não o era. de maneira que andava a cabeleira mui redonda e mui basta e mui igual que e não fazia míngua mais lavagem para a levantar.

(Fonte: GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. *História da Língua*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2010)

No link a seguir, você poderá ter acesso ao trecho da carta com uma transcrição para a ortografia contemporânea: http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 4: 1h/a
(14/10 – Segunda-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: A variação linguística nos diferentes lugares (diatópica)

Objetivo geral:
Compreender que todas as línguas naturais variam de acordo com a dimensão do espaço, ao serem faladas em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países.

Objetivos específicos:
Identificar a variação regional no português brasileiro;
Compreender as variedades do português brasileiro;
Reconhecer a influência do você para as regiões marcadas pelo seu uso, pela revisão do estudo sobre a entrada do você como pronome de segunda pessoa;
Socializar o resultado das pesquisas realizadas em casa sobre o pronome *a gente*.

Conhecimentos abordados:
Variação diatópica;
Variação no paradigma pronominal;
Socialização oral da pesquisa.

Metodologia:
Recolhimento da primeira atividade avaliativa individual feita em casa - uma pesquisa sobre a expressão *a gente*;

Continuação do tema "variação linguística de acordo com os diferentes lugares", apresentando exemplos no quadro;

Explicação sobre a variação regional no português do Brasil;

Discussão acerca das implicações da entrada do *você* para o português brasileiro, pensando sobre o novo paradigma pronominal;

Compartilhamento sobre o que os alunos puderam pesquisar sobre o pronome *a gente*.

Recursos didáticos:
Quadro negro.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de variação diatópica que forem solicitadas.

Referências

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011 [1999].

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2012.

GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. *História da Língua*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2010.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 5: 2h/a
(15/10 – Terça-feira – 13h30min às 15h20min)

Tema: A variação linguística através dos estratos sociais (diastrática)

Objetivo geral:
Compreender que todas as línguas naturais variam de acordo com os estratos sociais.

Objetivos específicos:
Compreender que as línguas mudam com o tempo e que variam também de acordo com os estratos sociais em que vivem as pessoas que as falam;
Ressignificar a noção de erro gramatical, percebendo que o olhar normativo para a linguagem é preconceituoso e não-científico;
Compreender o rotacismo como um fenômeno (natural) antigo existente no português brasileiro.

Conhecimentos abordados:
Variação diastrática;
Preconceito linguístico;
Rotacismo.

Metodologia:
Leitura de alguns trechos de textos publicados ao longo da história que fazem "previsões apocalípticas" a respeito da língua (retomada do *appendix probi*, trabalhado na aula 2);

Introdução ao tema "variação linguística de acordo com os estratos sociais (ou diastrática)", apresentando exemplos no quadro;

Discussão acerca do preconceito linguístico;

Leitura da charge sobre rotacismo;

Comparação entre o rotacismo bem aceito em Camões e o mal avaliado no dialeto caipira, através do banner (fotocopiado em A4) intitulado "Gramática do português 'errado'";

Encaminhamento da atividade "Jogo da variação lexical", em fotocópia.

Observação: caso sobre tempo, deixamos preparada uma discussão acerca da construção "vou ir" do português brasileiro (diacronia e uso atual), em comparação com a expressão "going to" do inglês.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Fotocópias dos textos;
Fotocópias da atividade.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de preconceito linguístico levantadas (a partir do estudo do fenômeno do rotacismo) e às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua.

Referências

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011 [1999].

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2012.

GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. *História da Língua*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2010.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

Anexos

Anexo I: Previsões apocalípticas sobre a língua portuguesa

Linha do tempo: previsões apocalípticas sobre a nossa língua portuguesa. Quanto tempo de vida ainda nos resta?

"Se está certo dizer "dois mais dois é cinco", então a regra gramatical, que determina a concordância do verbo com o sujeito, não vale. E, se não vale essa nem nenhuma outra — uma vez que tudo está certo —, não há por que ensinar a língua. [...] Uma coisa, porém, é usar certas palavras com significados diferentes, construir frases de outro modo ou mudar a regência de certos verbos. Coisa muito distinta é falar contra a lógica natural do idioma ou simplesmente cometer erros gramaticais primários. [...] Pode o leitor alegar que a época é outra, mais dinâmica, e que a globalização tende a misturar as línguas como nunca ocorreu antes. Isso de falar correto é coisa velha, e o que importa é que as pessoas se entendam, ainda que apenas grunhindo."

Ferreira Gullar, poeta brasileiro. 2012

"[...] pode-se registrar o fato, facilmente comprovável, de que nunca se escreveu e falou tão mal o idioma de Ruy Barbosa. [...] A classe dita culta mostra-se displicente em relação à língua nacional, e a indigência vocabular tomou conta da juventude e dos não tão jovens assim, quase como se aqueles se orgulhassem de sua própria ignorância e estes quisessem voltar atrás no tempo."

Arnaldo Niskier, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, 1998

"Quanto mais progressista é a civilização de um povo, mais sujeita é a sua língua a deturpações e vícios, sob a variada influência das relações internacionais, dos novos inventos, das travancas da ignorância, e até dos caprichos da moda. [...] Sábios e romancistas, poetas e prosadores, e nomeadamente a imprensa periódica, parece haverem conspirado para dar curso às mais extraordinárias invenções e enxertos de linguagem."

Cândido de Figueiredo, filólogo português, 1903

"Se não existissem livros compostos por frades, em que o tesouro está conservado, dentro em pouco podíamos dizer: ora morreu a língua portuguesa, e não descansa em paz."

José Agostinho de Macedo, escritor português, [1761 - 1831]

Anexo II: Charge sobre rotacismo

Anexo III: Gramática do português "errado": o fenômeno do rotacismo

Gramática do português "ERRADO"

É muito comum ouvirmos pessoas comentando que se "trocam letras" na hora de falar. Na verdade, nesses casos o que ocorre não é a "troca" de letras, mas de sons. Essas "trocas", porém, não são propositais e desregradas, elas sempre seguem a tendência natural da língua.

O FENÔMENO DO ROTACISMO

A "troca" do som de /l/ por /r/ acontece desde as primeiras mudanças do Latim, como podemos perceber na mudança da palavra *ecclesia* para *igreja*, ou *blanco* para *branco*. Quando a mudança é antiga, como essas que vêm do Latim, os falantes não têm consciência dessa mudança. Nos casos em que ocorre variação sincrônica, isso é, a variação que ocorre num mesmo período de tempo, os falantes da variante não-padrão, ou seja, da variante que "troca" /l/ por /r/, são estigmatizados socialmente, dentre outros motivos, por conta da discrepância que há entre a língua que é falada e a língua que é prescrita pelas gramáticas normativas. Essa "troca" dos sons de /l/ pelos sons de /r/ é chamada de *rotacismo*. A Língua Portuguesa tem uma preferência pelos sons róticos (sons de erre), em detrimento de outras líquidas, como é o caso do /l/. Essa preferência pode ser atestada pela maior frequência de palavras com encontro consonantal com "r", em relação ao grupo com "l".

O fenômeno do rotacismo se verifica ao longo da história das línguas. No quadro abaixo, veja que muitas palavras que hoje usamos com som de /r/, em sua origem eram pronunciadas com /l/:

Português padrão	etimologia	origem
Branco	blank	germânica
Brando	blandu	latim
Cravo	clavu	latim
Fraco	flaccu	latim
Obrigar	obligare	latim
Prega	plica	latim

(Fonte: Nilce Silva, "A construção do Estigma em Migrantes Lusófonos no século XXI", 2004.)

FRORES E FRECHAS

"A variação entre as líquidas foi persistente em textos literários. Said Ali diz que a variação entre /l/ e /r/ aparece nas obras de Camões, Vieira, Sá Miranda e Fernão Lopes. Curioso é o uso variável das líquidas encontrado nas duas edições de *Os Lusíadas* de 1572, que se diferenciam uma por preferir o "inglês" com "l" e outra o "ingrês" com "r". Em seu livro "Lexeologia do Portuguez Histórico", Said Ali (1921) faz referências às frequentes metásteses (fremoso por fermoso, trocer por torcer, graganta por garganta) aliadas à possibilidade de se substituir um fonema por outro e à existência de variantes da palavra planeta em português antigo (*praneta* e *pretena*)".

(Luciene T. da Costa, "Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas". Dissertação de Mestrado, 2006).

Veja algumas situações em que ocorre o rotacismo na língua falada:

Final de sílaba:		Encontro consonantal:
cal.ma -> car.ma	úl.ti.mo -> úr.ti.mo	flo.res -> fro.res
fil.me -> fir.me	fal.ta -> far.ta	cla.ro -> cra.ro
al.mo.ço -> ar.mo.ço	vol.tou -> vor.tou	cli.en.te -> cri.en.te
al.gu.ma -> ar.gu.ma	nor.mal -> nor.mar	ex.pli.ca -> ex.pri.ca

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CCE Centro de Comunicação e Expressão
nec núcleo de estudos gramaticais http://negr.paginas.ufsc.br

EXPEDIENTE

Professores: Renato Basso, Roberta Pires de Oliveira, Sandra Quarezemin e Cristiane Lazzarotto Volcão.
Bolsistas: Ana Lúcia Pessotto (DO), Denise Dias Martins (ME), Diego Rafael Vogt (ME), Kayron Bevilâqua (IC), Letícia Lemos Gritti (DO), Lovania Rohrig Teixeira (ME), Maurício Resende (IC), Meiry Peruchi Mezari (ME), Ruan de Souza Mariano (ME).

Anexo IV: Encaminhamento da atividade "jogo da variação lexical"
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC

Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

Atividade

Durante as últimas aulas, estudamos um pouco sobre variação e mudança linguística. Na última aula, discutimos a respeito da variação de acordo com a localização no espaço.
Agora, vamos realizar uma atividade chamada "Jogo da variação lexical".

Léxico:
Repertório de palavras existentes numa determinada língua; vocabulário; glossário
Exs.: o léxico dos juristas
o léxico de Guimarães Rosa
(Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa)

Faça o seguinte:

Junte-se aos seus colegas, formando grupos de 5 alunos;
Juntamente com o grupo, pesquise sobre palavras e/ou expressões típicas de uma das regiões do Brasil, conforme o tema sorteado para vocês;
Em uma folha A4, tragam digitadas pelo menos 25 palavras e/ou expressões com seus respectivos significados;
Não se esqueçam de informar: nome dos componentes do grupo, região-tema das palavras ou expressões e fontes utilizadas para a pesquisa.

Veja um exemplo para a região de Florianópolis:

1. Amainá
Acalmar, diminuir. Mais utilizado para definir o vento. Ex: "O vento vai amainá".

2. Mandrião
Pessoa preguiçosa, malandra.

3. Mofas c'a pomba na balaia
Expressão usada para dizer que uma pessoa não vai alcançar o seu intento, que vai cansar de esperar.

4. Não istrova!
Não atrapalha, não complica.

(Disponível em: http://dicionariodailha.blogspot.com.br/. Acesso em: 01 out 2013.)

→ O jogo será realizado em sala na próxima quarta-feira, **dia 22 de outubro**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 6: 1h/a
(16/10 – Quarta-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: A variação linguística através dos veículos de expressão (diamésica)

Objetivo geral:
Compreender que todas as línguas naturais variam de acordo com os meios ou veículos nos quais se manifestam.

Objetivos específicos:
Compreender que as línguas variam também de acordo a fala e a escrita;
Entender que existem diversas normas regendo a língua e que cada uma delas é associada a um diferente contexto de uso;
Ressignificar a noção de erro gramatical, percebendo que o olhar normativo para a linguagem é preconceituoso e não-científico;
Perceber que as normas da língua escrita do português brasileiro foram criadas a partir das normas da língua vernacular do português europeu;
Ler e compreender uma crônica que versa sobre esse tema.

Conhecimentos abordados:
Variação diamésica;
Normas linguísticas: padrão, culta e vernacular;
Preconceito linguístico.

Metodologia:
Leitura da crônica "Papos", de Luis Fernando Veríssimo;

Discussão acerca do texto;

Discussão a respeito da norma da língua escrita do português brasileiro: evidenciar aos alunos que a ênclise é uma construção sintática portuguesa, não brasileira;

Discussão acerca do "sentimento de colônia" presente em nossa norma escrita, a qual ainda segue as regras do português europeu;

Explicação sobre a diferença entre norma padrão, norma culta e norma vernacular, segundo Bagno (2011) e Faraco (2008).

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Fotocópias do texto.

Avaliação:

Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de preconceito linguístico levantadas (a partir do estudo da diferença entre fala e escrita) e às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua.

Referências

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011 [1999].

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2012.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

VERISSIMO, L. F. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Anexos

Anexo I: “Papos”, de Luis Fernando Verissimo

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é "disseram-me". Não "me disseram".
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é "digo-te"?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O "te"e o "você"não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.
- É para o seu bem.
- Dispenso suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouviu bem?
- Eu só estava querendo...
- Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece"ou "esqueça"? Ilumine-me. Me diga. Ensines-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que mas dás. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

Fonte: VERISSIMO, L. F. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 7: 1h/a
(21/10 – Segunda-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: Revendo a atividade 1: da pesquisa à produção do próprio texto

Objetivo geral:
Compreender como deveria ser feita a atividade de pesquisa sobre a expressão *a gente* que as professoras-estagiárias solicitaram.

Objetivos específicos:
Compreender as etapas da atividade 1, que envolvia desde uma pesquisa sobre a expressão *a gente* até a criação de um texto expondo o que se encontrou a respeito da pesquisa e o que se criou de hipóteses;
Entender as etapas necessárias para fazer uma boa pesquisa na internet.

Conhecimentos abordados:
Expressão *a gente* no Português Brasileiro;
Pesquisa na internet;
Seleção de conteúdos de uma pesquisa e elaboração de seu próprio texto.

Metodologia:
Discussão acerca da entrada do *a gente* no paradigma pronominal, retomando o que os alunos escreveram na atividade 1;

Exposição de trechos da atividade desenvolvida pelos alunos, justificando partes que não fazem sentido, e por isso não atingiram os objetivos e partes que atingiram os objetivos propostos pela atividade 1;

Explicação sobre como elaborar uma pesquisa que extrai informações da internet para posteriormente elaborar um texto de autoria própria.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de reflexão sobre pesquisa na internet.

Referências

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2012.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

Anexos

Anexo I: Slides-base para a aula.

Atividade 1:
da pesquisa à produção do próprio texto

Atividade 1

Discutimos na aula de hoje sobre a entrada da palavra *você* no quadro de pronomes do Português Brasileiro como forma de exemplificar a variação da língua através do tempo. Analise os textos abaixo atentando para a utilização da expressão "a gente" e, em seguida, faça uma pesquisa sobre a função gramatical que essa expressão exerce nestes textos. Procure informações a respeito de **como ela era utilizada há séculos** e como ela é utilizada pelos falantes de Português Brasileiro. Se for o caso, formule hipóteses e dê exemplos.

1. Analisar os textos prestando atenção na utilização da expressão "a gente";

Fonte: http://kdfrases.com/frase/133934

Fonte: http://profeticos.net/category/dito-e-divino/

COLASSANTI. M. Eu sei, mas não devia. In.:_____. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Fonte: http://tvfoco.pop.com.br/audiencia/media-dia/

Eu sei, mas não devia

Marina Colasanti

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

2. Pesquisar sobre a <u>função gramatical</u> que o "a gente" exerce;

(aqui poderia citar como exemplo os 4 textos da atividade)

Analisando os textos fornecidos, e observando a utilização da expressão "a gente", tive as seguintes conclusões:

No texto 1: Tem o sentido de Nós. De uma maneira bem abrangente.
Ex. : A Humanidade
No texto 2: Também tem o sentido de Nós, mas de uma maneira mais restrita.
Ex. : Eu e você.
No texto 3: Continua com o mesmo sentido de Nós, mas se refere a um grupo de pessoas.
Ex. : Uma empresa, uma turma, etc.

É CORRETO USAR A EXPRESSÃO "A GENTE"?

Sim, ela pode ser usada no lugar do pronome pessoal "Nós" para conversas informais. Mas quando for necessário usar a na norma culta, ela está incorreta.

- "Como exemplo, as tirinhas da folha entregue, em que a expressão 'a gente' exerce o mesmo significado do pronome 'nós' e os verbos estão conjugados [...] na terceira pessoa do singular "

- "Nos textos é possível utilizar tanto 'a gente' quanto 'nós'."

- "Por exemplo: '**Nós** queremos', caso substituíssemos a palavra 'nós' por 'a gente', ficaria '**a gente** queremos', o que é foneticamente e sinteticamente feio, o certo seria '**a gente** quer' e '**nós** queremos'."

"O uso da expressão 'a gente' no lugar de 'nós' não é errada. Caso a utilização seja em uma conversa informal, a palavra 'a gente' não serve para substituir o 'nós' e caso seja utilizada para isso, se deve prestar atenção na concordância para não causar confusões.

No texto 3, o uso da expressão 'a gente' deixa a frase meio estranha, poderia ser utilizado 'nós nos ligamos em você', mas como é uma propaganda, pode-se utilizar uma linguagem mais informal."

“Esse pronome equivale a nós, não possui abreviação.”

“‘Nós’ é formal e ‘a gente’ é informal.”

“ Também seria um jeito menos formal de se falar, já que a primeira pessoa do plural ‘nós’ parece um jeito formal de se falar.”

“Esta é uma expressão que só pode ser utilizada na linguagem informal e não é aceita na escrita formal, mesmo sendo uma expressão muito popular.”

3. Como a expressão era utilizada há séculos e como é utilizada hoje. (formular hipóteses)

“O traço semântico da pessoa começa a deixar de ser ‘ø Eu’ e muda para ‘+ Eu’.”

“Não possui sentido ambíguo como nos séculos passados.
‘A gente se liga em você’ – Séc. XXI
=
‘Nós nos ligamos em você’ – Séc. XXI
≠
‘Ele se liga em você’ – Séc. anteriores”

“Como ela era usada há séculos?

R: Antigamente as pessoas utilizavam mais o pronome ‘nós’, que era uma maneira mais culta deles se expressarem em cartas e documentos, já hoje em dia utilizamos a expressão ‘a gente’ que substitui o pronome ‘nós’.”

- Hipótese: “Com isso, supõe-se que antes de substituir o pronome ‘nós’, essa expressão substituiu o pronome ‘ele(a)’ e com o tempo ela foi se modificando até chegar ao que temos hoje.”

“A pronominalização do substantivo ‘gente’ foi um processo lento e gradual, pois só foram localizados ocorrências do ‘a gente’ no século XVII.”

O que levar em conta em uma pesquisa na internet

Parar no primeiro resultado que aborda o assunto

- Na internet tem um fator importantíssimo que se chama **democracia**.
- Abordagem dos assuntos segundo o ponto de vista daqueles que os escrevem. Dificilmente existirão conteúdos imparciais na web.
- Comparar os resultados de vários sites.

Todos dizem a mesma coisa? As datas (no caso de uma pesquisa histórica) são as mesmas? Existe um site mais completo que outros ou todos se completam?

Checar credibilidade das informações pela extensão do endereço do site

- É importante que saber que tipo de site é melhor para cada tipo de busca.

Selecionar palavras-chaves

- Levar em consideração o contexto em que quer abordar esse assunto.
- Selecionar as palavras-chaves.
- Na medida em que forem lendo os conteúdos da busca, podem passar a considerar outras palavras-chaves dependendo do contexto.

Releia o enunciado da atividade 1 e elabore em seu caderno 3 combinações de palavras-chaves.

Discutimos na aula de hoje sobre a entrada da palavra *você* no quadro de pronomes do Português Brasileiro como forma de exemplificar a variação da língua através do tempo. Analise os textos abaixo atentando para a utilização da expressão "a gente" e, em seguida, faça uma pesquisa sobre a função gramatical que essa expressão exerce nestes textos. Procure informações a respeito de **como ela era utilizada há séculos** e como ela é utilizada pelos falantes de Português Brasileiro. Se for o caso, formule hipóteses e dê exemplos.

Use sinônimos

- Use sinônimos ou termos de pesquisa alternativos. Use um dicionário de sinônimos, se for necessário.

Localizar palavras ou frases em uma página

Depois que você encontrar uma página da Web que aparente ser o que você procura, o Internet Explorer poderá ajudá-lo a localizar uma palavra ou frase específica.

Fazer anotações da pesquisa

- Fazer pequenas anotações para que elas possam ajudar a interpretar a informação obtida na pesquisa em diversas fontes.
- Produzir pequenas sínteses e resumos da busca e confrontá-las com diversas fontes.

Interpretar os dados que se está coletando

- Transformar tabelas em texto e vice-versa ou textos em imagens ou vídeos.
- Sintetizar conteúdos de várias fontes em um único texto.

Citar os sites pesquisados na referência do trabalho

- **Não** inserir na referência apenas a palavra "internet".
- Cópia do link do site e data de acesso ao conteúdo.

Wikipedia: uma enciclopédia famosa

Busca - Quando se busca determinado assunto na internet, os primeiros resultados sempre apontam para verbetes da Wikipedia, uma enciclopédia colaborativa e livre, com mais de 7,5 milhões de termos, sendo quase 500 mil em português.

Edição - A enciclopédia é editada pelos próprios usuários. Qualquer um pode escrever ou acrescentar uma descrição sobre determinados termos a partir do próprio navegador, o que gera controvérsias sobre a confiabilidade dos seus dados.

Wikipedia: uma enciclopédia famosa

Erro - Segundo a própria *Wikipedia*, a taxa de erros encontrados em seus arquivos é similar à de enciclopédias renomadas como a Brittanica (de acordo com uma pesquisa inglesa que comparou as duas) e o tempo médio de correção dos erros é de dois minutos, feita pelos próprios usuários.

http://scholar.google.com.br/

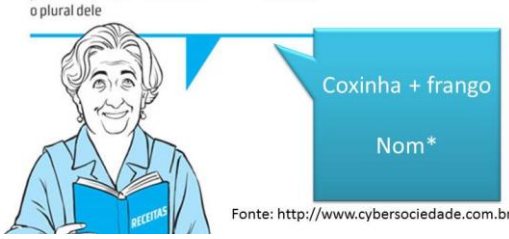
É o site do **Google Acadêmico**, que busca, a partir de um termo específico, artigos revisados por especialistas, teses, livros, resumos e artigos de editoras acadêmicas, organizações profissionais, bibliotecas de pré-publicações, universidades e outras entidades acadêmicas.

www.google.com.br/imghp

- É o site do **Google imagens**, que permite a busca de textos, fontes e imagens através de imagens.

Os operadores de pesquisa no Google

PARA ENCONTRAR...	...COMO...	...DIGITE NO GOOGLE
Expressões ou frases exatas	"torta holandesa"	"torta holandesa", entre aspas
Palavras em uma mesma frase, porém não juntas	"arroz" e "branquinho"	arroz * branquinho
Resultados que não contenham uma palavra	que tenham "churrasco" mas não "gato"	o sinal de menos, como churrasco -gato
Só o termo procurado, e não o plural dele	"coxinha" e não "coxinhas"	o sinal de +, como +coxinha



Fonte: http://www.cybersociedade.com.br

Vamos conferir!

https://www.google.com.br/

MÓDULO: AVANÇADO

PARA ENCONTRAR...	...COMO...	...DIGITE NO GOOGLE
A definição de algo	"metafísica"	define: metafísica
Palavras apenas em sites acadêmicos	"moléculas"	moléculas site:edu
Palavras em um site específico	"cérebro" no site da SUPER	cérebro site:super.abril.com.br
Uma palavra em um formato específico de documento	"energia" em um documento em PowerPoint ou Word	energia filetype:ppt ou energia filetype:doc

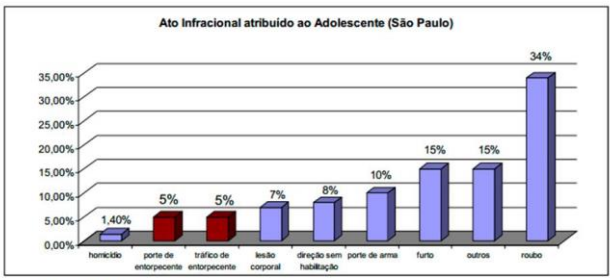
Fonte: http://www.cybersociedade.com.br

Vamos conferir!

https://www.google.com.br/

Para finalizar...

Observe o gráfico abaixo e escreva um parágrafo sobre ele. Preste atenção nos dados que o gráfico traz, pois eles devem constar no texto que você for escrever.



Fonte: ILANUD

Referências

http://clubinhofabercastell.com.br/app/core/professores.html?area=4&id=39
http://cantinhodaproffatima.blogspot.com.br/2012/09/ensinando-nossos-alunos-pesquisar.html
http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/conteudo.phtml?id=868059
http://windows.microsoft.com/pt-br/windows-vista/tips-for-searching-the-internet
http://pt.kioskea.net/contents/708-pesquisar-na-internet

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 8: 2h/a
(22/10 – Terça-feira – 13h30min às 15h20min)

Tema: Jogo da variação lexical

Objetivo geral:
Apropriar-se do conceito de variação lexical.

Objetivos específicos:
Estabelecer relações de sentido a partir dos resultados das pesquisas feitas em grupo;
Observar a variação lexical presente nas diferentes regiões do Brasil.

Conhecimentos abordados:
Variação lexical do Português Brasileiro.

Metodologia:
Discussão acerca das regras que irão reger o jogo, registrando-as no quadro-negro;

Divisão dos alunos em grupos (os mesmos que efetuaram a pesquisa das expressões regionais) para realização do jogo da variação lexical.

Recursos didáticos:
Material utilizado por cada grupo ao elaborar o jogo da variação lexical.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação no jogo da variação lexical.

Referências
GÖRSKY, E. M.; COELHO, I. L. *Variação linguística e ensino de gramática*. Working papers in linguística, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

ILARI, R.; BASSO, R. *O Português da gente*: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006, pg. 185

Anexos

Anexo I: Atividade substitutiva para ser utilizada caso os grupos não levem as pesquisas e inviabilizem a execução do jogo da variação lexical

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

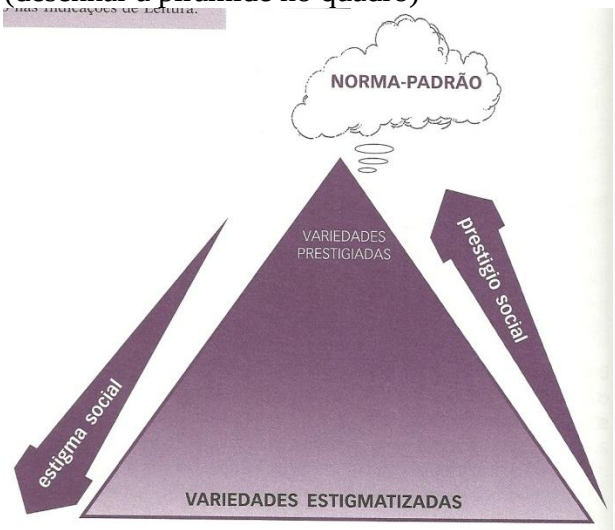
Atividade substitutiva

1. Reflita sobre os seguites tópicos, dissertando sobre cada uma.
   a. A sua região recebeu imigrantes? Existe algo típico da fala de sua comunidade que revele a influência dessa colonização?
   b. Pense em alguns exemplos de variação regional. Registre-os.

2. Comente a seguite afirmação:
   "Uma língua é um dialeto com um exército e uma marinha" (Max Weinreich)

3. Observe a charge e explique por que a fala do personagem torna a charge engraçada. Lembre-se dos conceitos de variação linguística vistos em aula.

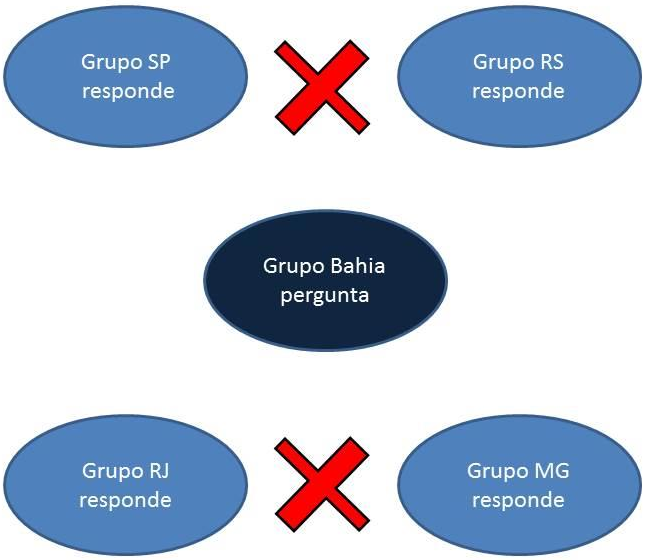
4. Comente a pirâmide abaixo de acordo com os conceitos vistos em aula. (desenhar a pirâmide no quadro)



Anexo II: Regras do Jogo da Variação Lexical a serem inseridas no quadro e explicadas antes do desenvolvimento do jogo.

Jogo da variação lexical

Regra 1 – o jogo terá cinco rodadas – sendo duas competições simultâneas a cada rodada;
Regra 2 – enquanto um grupo pergunta, os outros quatro grupos respondem;
A competição se dará em duplas de grupos, sendo que, a cada rodada, haverá dois grupos vencedores, um de cada dupla;
Exemplo:



Regra 3 – o grupo que responder corretamente à questão, avança uma casa. Se errar a resposta o outro grupo avança uma casa; ganha quem chegar à casa número 3 primeiro;
Regra 4 – ao término de cada rodada, um novo grupo passa a fazer as perguntas, na seguinte ordem:

Rodada 1.
Bahia pergunta
São Paulo X Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro X Minas Gerais

Rodada 2.
São Paulo pergunta
Bahia X Minas Gerais
RJ X RS

Rodada 3.
RJ pergunta
SP X MG
BA X RS

Rodada 4.
MG pergunta
São Paulo X RJ
BA X RS

Rodada 5.
RS pergunta
BA X SP
RJ X MG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 9: 1h/a
(23/10 – Quarta-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: Linguagem verbal e não-verbal

Objetivo geral:
Reconhecer narrativa através de imagens, ou seja, imagem como texto pela leitura e interpretação de textos-imagéticos.

Objetivos específicos:
Compreender narrativas imagéticas;
Estabelecer a diferença entre narrativas verbais e não-verbais;

Conhecimentos abordados:
O texto não verbal;
Narrativas imagéticas.

Metodologia:
Exibição do vídeo "Jerry e Elaine: 'this' & 'that'", da série Seinfield, para exemplificar linguagem não-verbal;

Exibição de slides sobre narrativas imagéticas;

Encaminhamento de atividade para avaliação da compreensão do conteúdo.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Fotocópias da atividade;
Projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração durante as explicações e a capacidade de identificar, ao fim da aula, as diferenças entre uma ilustração e uma imagem como texto através de uma atividade.

Referências
EISNER, W. *Quadrinhos e a arte sequencial*: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

IANNONNE, L. R; IANNONNE, R. A. *O mundo das histórias em quadrinho*. São Paulo: Moderna, 1994.

MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos.* São Paulo: M. books, 2005.

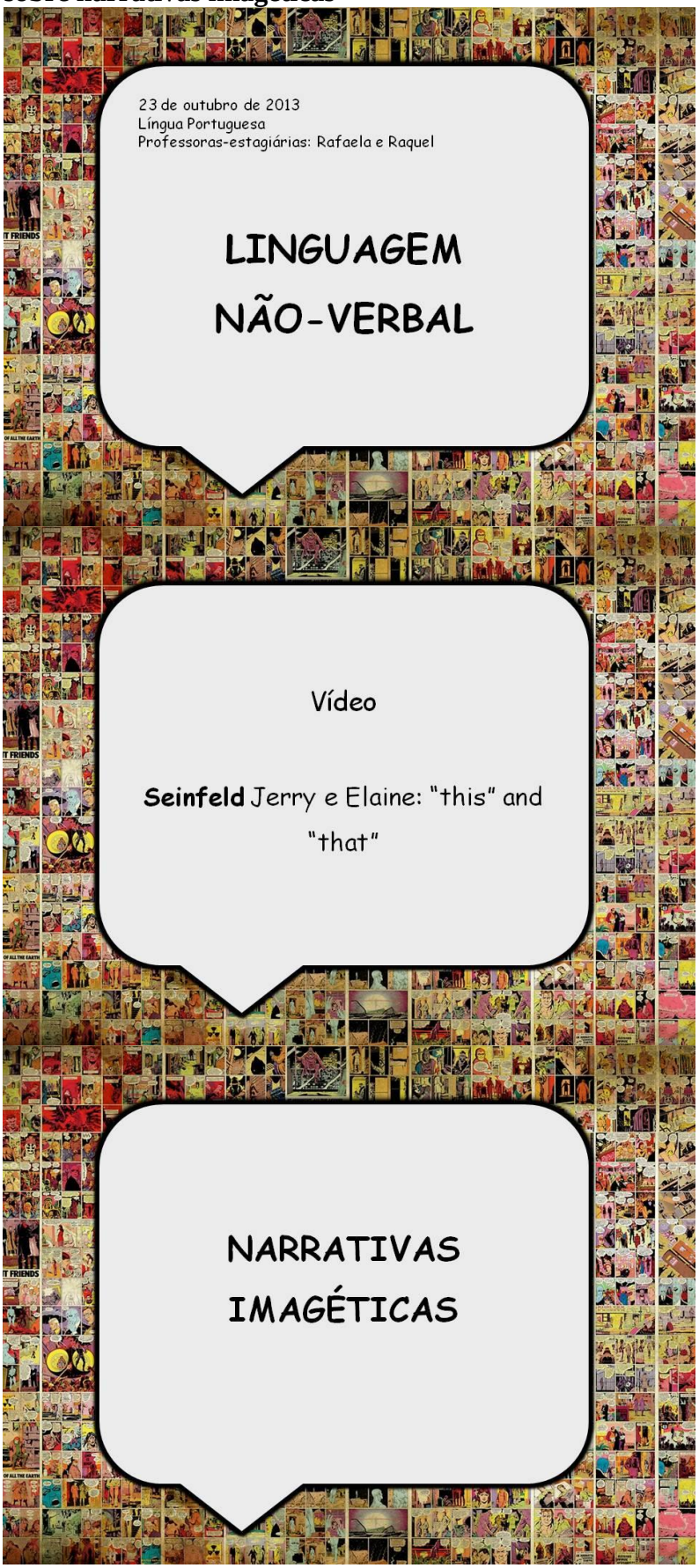
TOFIELD, Simon. *Simon's cat*: *as aventuras de um gato travesso e comilão*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

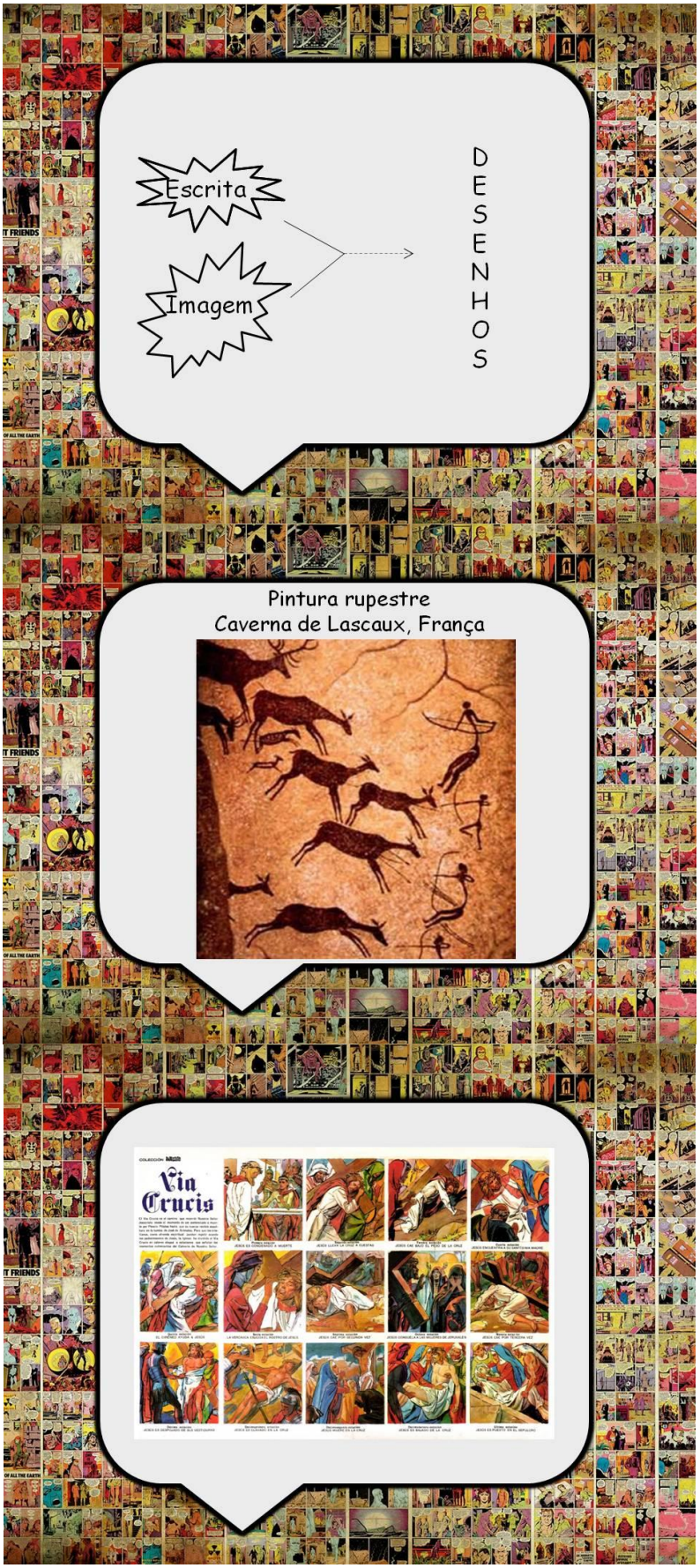
VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.). *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.

Vídeo "Jerry e Elaine: 'this' & 'that'" (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Xm-S2jBTl3g. Acesso em: 01 out 2013)

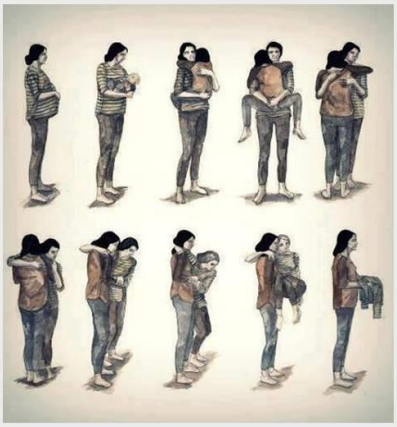
Anexos

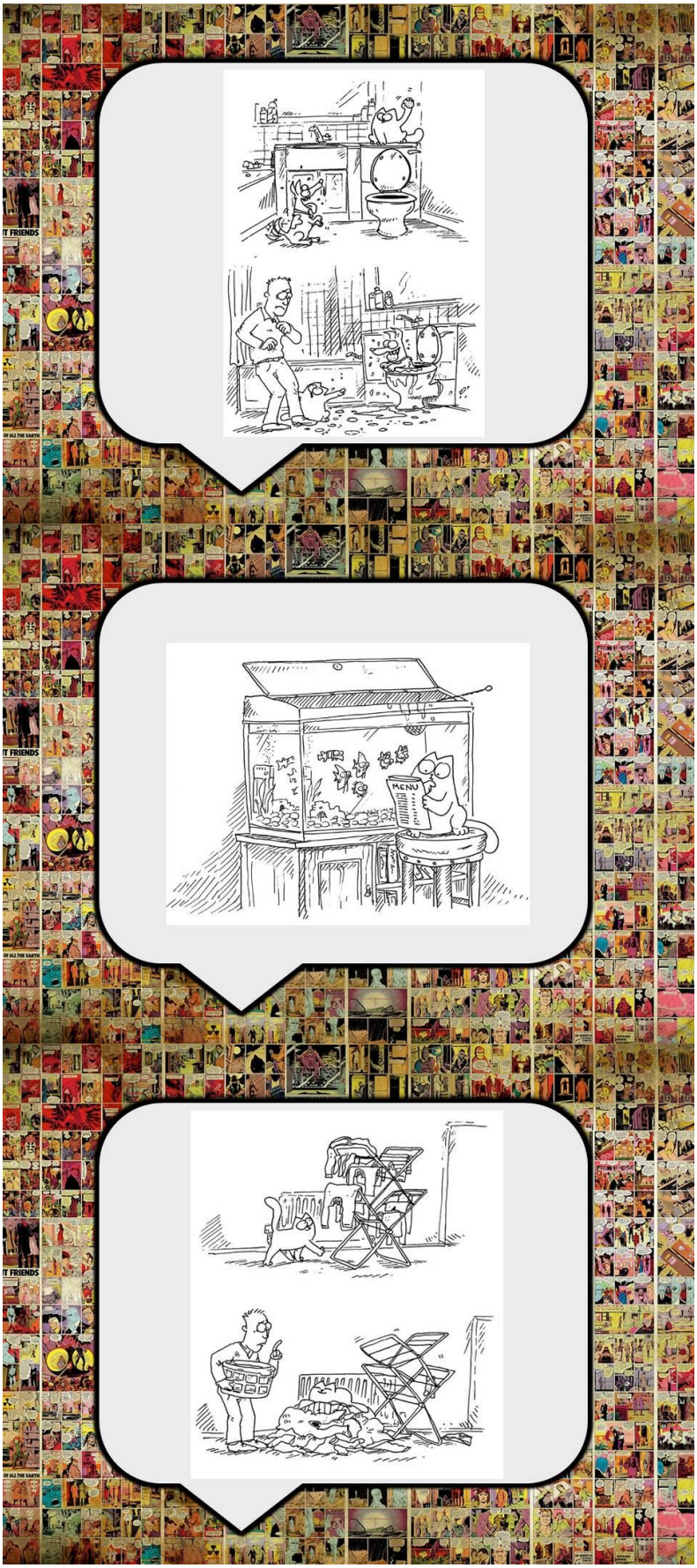
Anexo I: Slides sobre narrativas imagéticas




Escrita
Imagem
DESENHOS
Pintura rupestre
Caverna de Lascaux, França
Via Crucis

Afrescos egípcios




MENU

História em quadrinho:

Apenas imagem

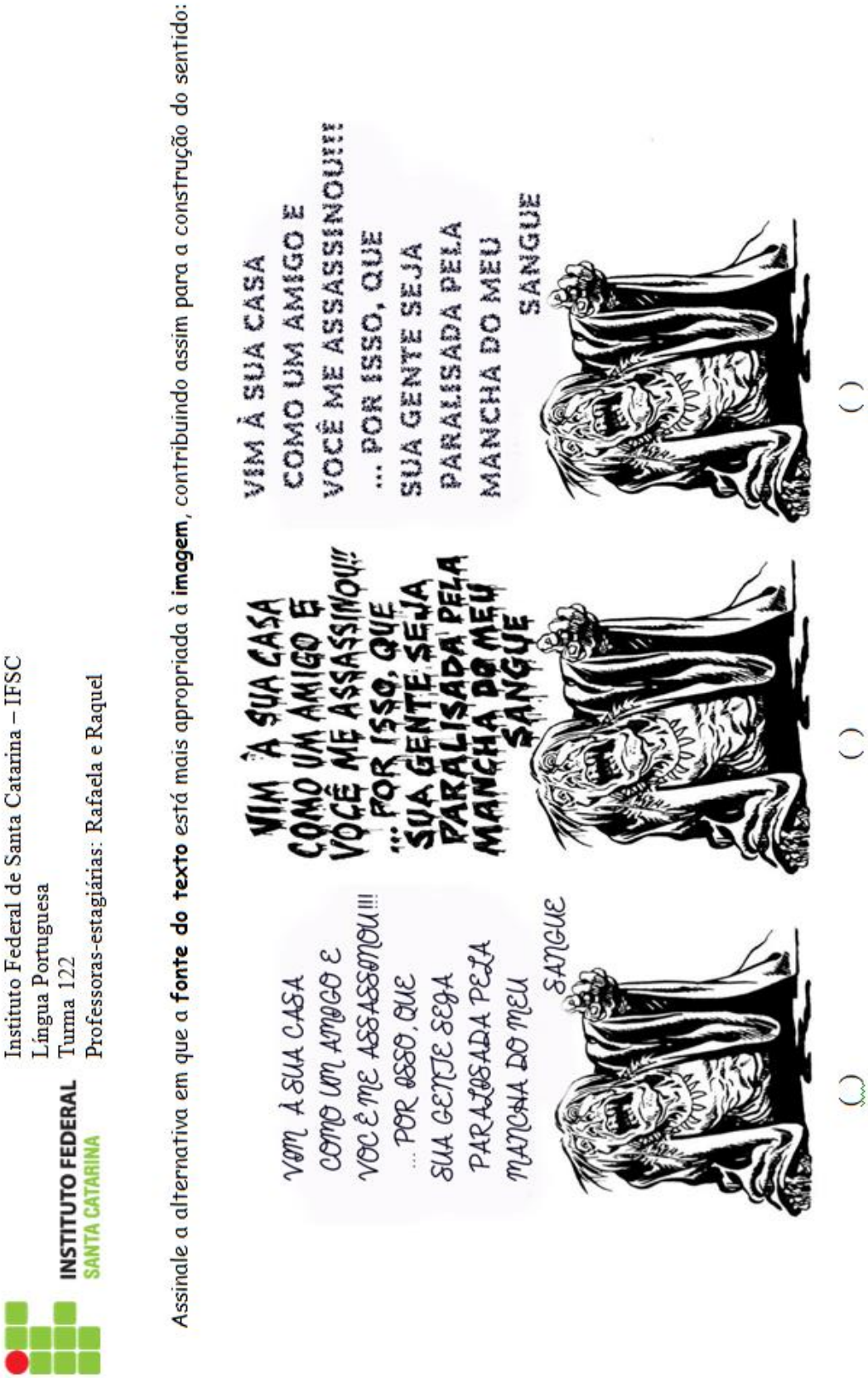
Imagem + texto

GIBI: s.m. 1. menino negro
2. revista em quadrinhos

(HOUAISS, 2009, p. 376)


GIBI
JULHO DE 1950
Gibi Mensal
CAPITÃO MARVEL
MUNDOS LONGINQUOS
32 PAGINAS
Gibi
300 REIS
Gibi
AS AVENTURAS DE
CHARLIE CHAN
A VOLTA SENSACIONAL DO
CAVALEIRO NEGRO
Gibi Mensal
BUCK JONES
DON CHUCKER

Anexo II: Atividade de compreensão leitora



Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

Assinale a alternativa em que a **fonte do texto** está mais apropriada à **imagem**, contribuindo assim para a construção do sentido:

VIM À SUA CASA
COMO UM AMIGO E
VOCÊ ME ASSASSINOU!!!
... POR ISSO, QUE
SUA GENTE SEJA
PARALISADA PELA
MANCHA DO MEU
SANGUE

( )

VIM À SUA CASA
COMO UM AMIGO E
VOCÊ ME ASSASSINOU!!!
... POR ISSO, QUE
SUA GENTE SEJA
PARALISADA PELA
MANCHA DO MEU
SANGUE

( )

VIM À SUA CASA
COMO UM AMIGO E
VOCÊ ME ASSASSINOU!!!
... POR ISSO, QUE
SUA GENTE SEJA
PARALISADA PELA
MANCHA DO MEU
SANGUE

( )

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 10: 2h/a
(29/10 – Terça-feira – 13h30min às 15h20min)

Tema: Ironia

Objetivo geral:
Compreender a ironia como um fenômeno linguístico que se manifesta em textos de diferentes gêneros.

Objetivos específicos:
Estabelecer relações de sentido a partir da leitura de diferentes tirinhas;
Reconhecer a construção do sentido irônico em diferentes textos;
Perceber a ironia nos níveis lexical e discursivo;
Compreender o papel da ironia empregada nas tirinhas e em outros gêneros textuais;
Compreender o sarcasmo como um tipo específico de ironia;

Conhecimentos abordados:
Ironia;
Sarcasmo;
Narrativas em quadrinhos;
Crônicas.

Metodologia:
Exibição do vídeo "Placa de sarcasmo", da série The Big Bang Theory, para exemplificar sarcasmo;

Discussão e explicação acerca do vídeo;

Leitura e discussão de algumas tirinhas que apresentam conteúdo irônico (lexical ou contextual);

Leitura e discussão da crônica "O que cada um tem por dentro", de Luis Fernando Veríssimo;

Encaminhamento de atividade para casa, sobre a crônica "O verdadeiro George Clooney", de Luis Fernando Verissimo.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Fotocópias dos textos;

Fotocópias da atividade;
Projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação durante as explicações, bem como o reconhecimento e a compreensão do tema abordado em sala: ironia.

Referências

ILARI, R. *Introdução à Semântica:* Brincando com a Gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

Tirinhas sobre ironia. (Disponível em: http://www.jacarebanguela.com.br/. Acesso em: 01 out 2013).

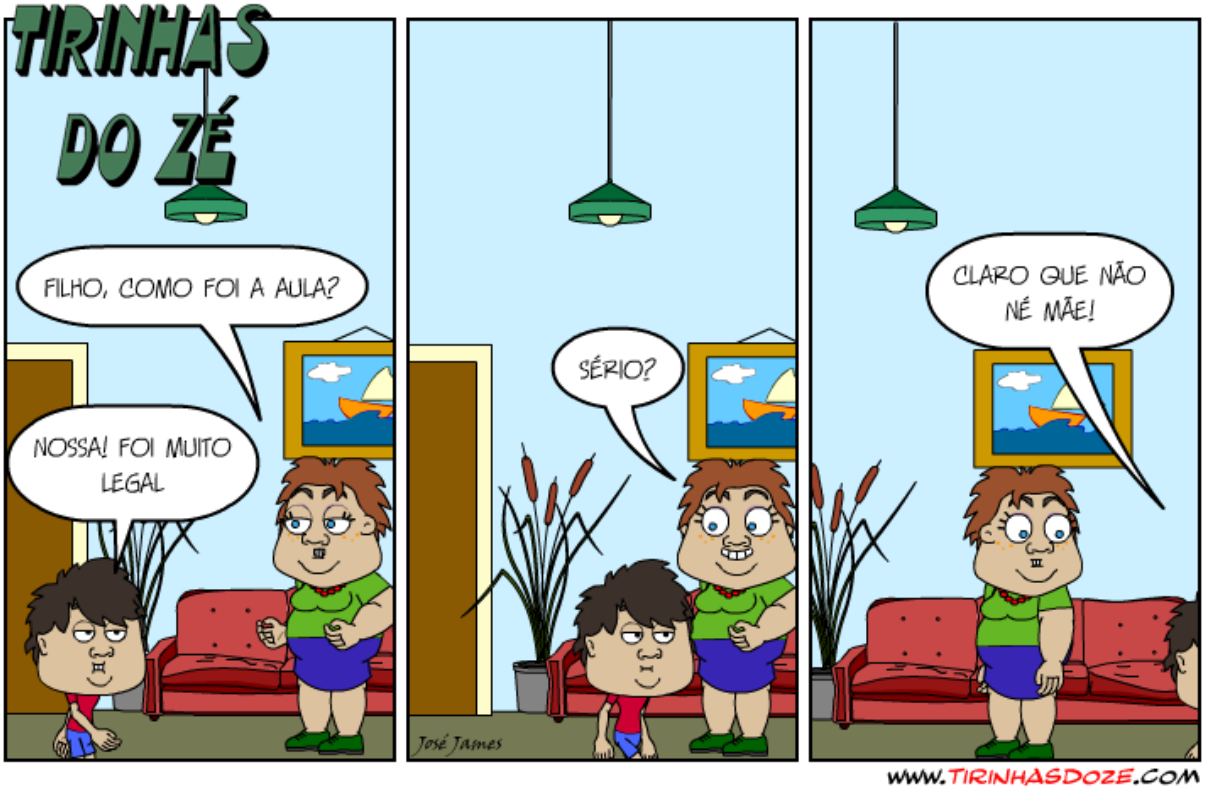
Vídeo "Placa de sarcasmo". (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=t2qcBTupXHw. Acesso em: 01 out 2013).

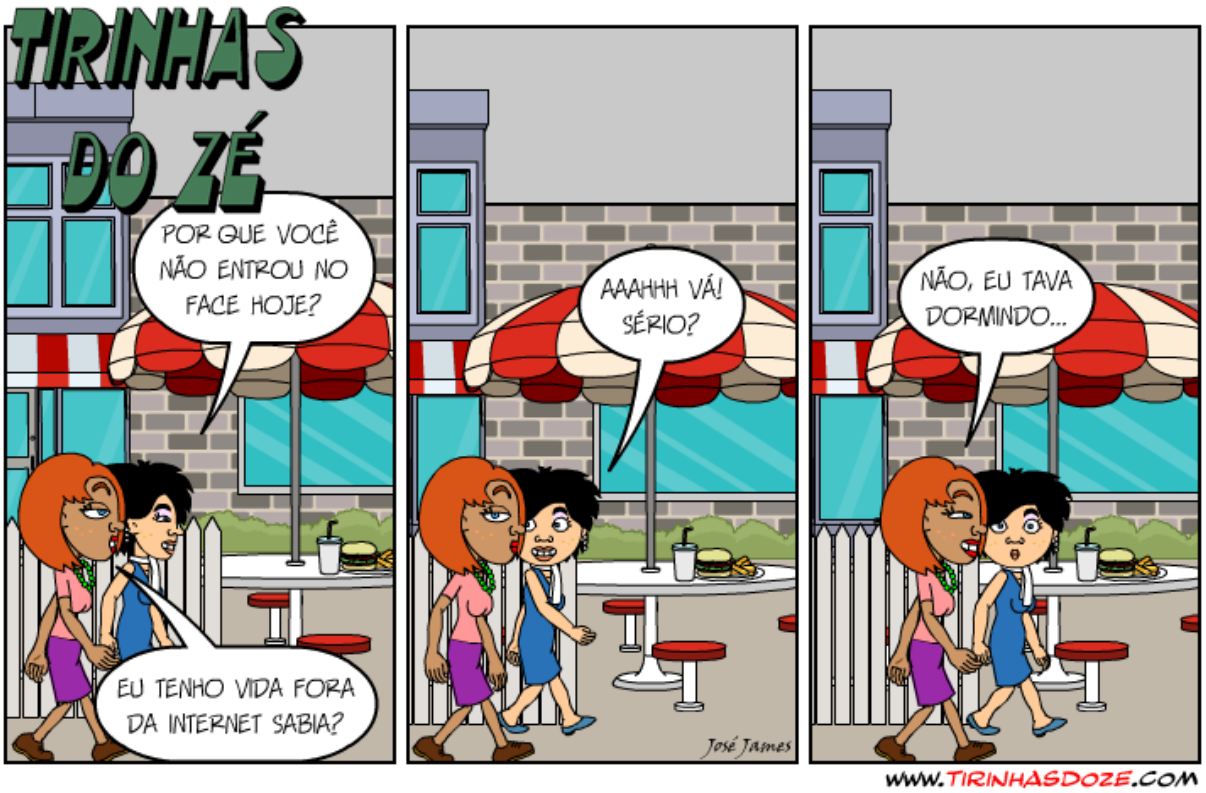
VERISSIMO, L. F. O que cada um tem por dentro. In.:_____. *Em algum lugar do paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. (Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-que-cada-um-tem-por-dentro,368256,0.htm. Acesso em: 01 out 2013).

VERISSIMO, L. F. O verdadeiro George Clooney. In.:_____. *Em algum lugar do paraíso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. (Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/28/o-verdadeiro-george-clooney-261247.asp. Acesso em: 01 out 2013).

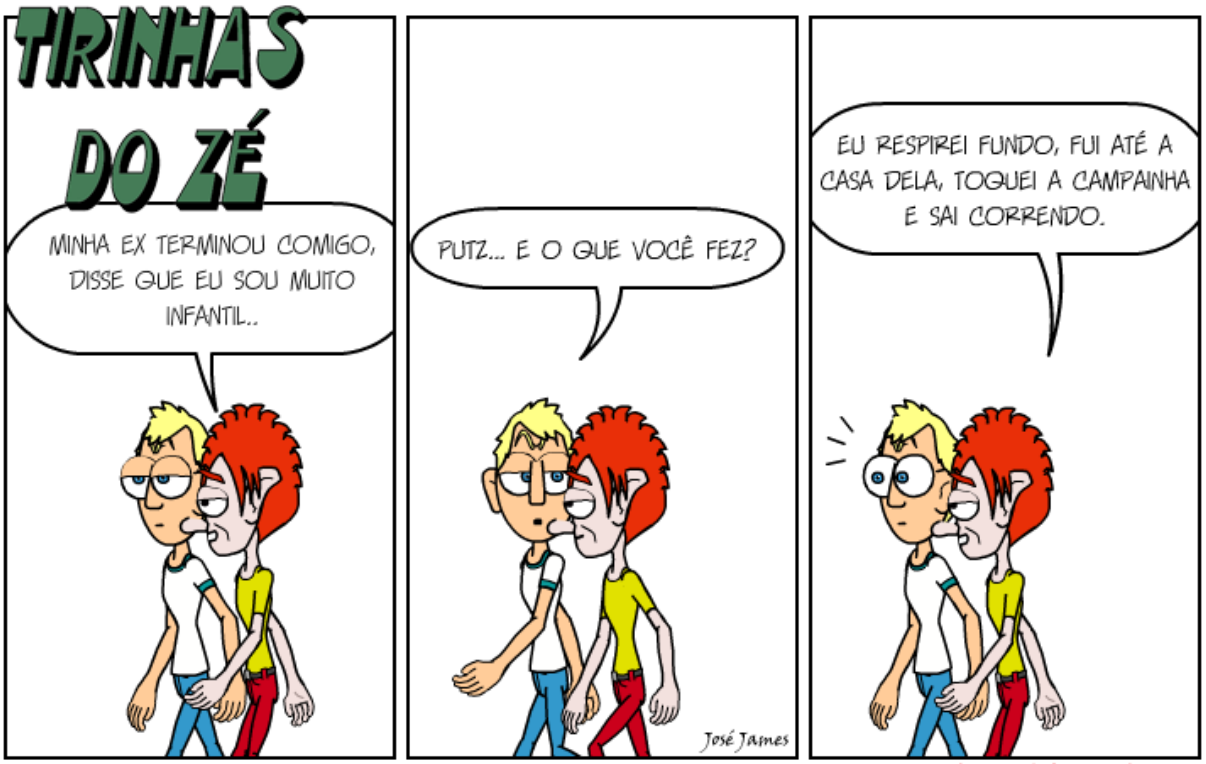
Anexos

Anexo I: Tirinhas com conteúdo irônico





www.DrPepper.com.br



WWW.TIRINHASDOZE.COM

Fonte: http://www.jacarebanguela.com.br/

Anexo II: Crônica "O que cada um tem por dentro", de Luis Fernando Veríssimo

O que cada um tem por dentro

09 de maio de 2009 | 0h 00

- O Estadao de S.Paulo

Ela tem, delegado, um nariz arrebitado, mas isso não é nada. Nariz arrebitado a gente resiste. Mas a ponta do nariz se mexe quando ela fala. Isso quem resiste? Eu não. Nunca pude resistir a mulher que quando fala a ponta do nariz sobe e desce. Muita gente nem nota. É preciso prestar atenção, é preciso ser um obsessivo como eu. O nariz mexe milímetros. Para quem não está vidrado, não há movimento algum. Às vezes só se nota de determinada posição, quando a mulher está de perfil. Você vê a pontinha do nariz se mexendo, meu Deus. Subindo e descendo. No caso dela também se via de frente. Uma vez ela reclamou, "Você sempre olha para a minha boca quando eu falo". Não era a boca, era o nariz. Eu ficava vidrado no nariz. Nunca disse pra ela que era o nariz. Delegado, eu sou louco? Ela ia dizer que era mentira, que seu nariz não mexia. Era até capaz de arranjar um jeito de o nariz não mexer mais.

Mas a culpa, delegado, é da inconstância humana. Ninguém é uma coisa só, nós todos somos muitos. E o pior é que de um lado da gente não se deduz o outro, não é mesmo? Você, o senhor, acreditaria que um homem sensível como eu, um homem que chora quando o Brasil ganha bronze, delegado, bronze? Que se emocionava com a penugem nas coxas dela? Que agora mesmo não pode pensar na ponta do nariz dela se mexendo que fica arrepiado? Que eu seria capaz de atirar um dicionário na cabeça dela? E um Aurelião completo, capa dura, não a edição condensada? Mas atirei. Porque ela também se revelou. Ela era ela e era outras. A multiplicidade humana, é isso. A tragédia é essa. Dois nunca são só dois, são 17 de cada lado. E quando você pensa que conhece todos, aparece o décimo oitavo. Como eu podia adivinhar, vendo a ponta do narizinho dela subindo e descendo, que um dia ela me faria atirar o Aurelião completo na cabeça dela? Capa dura e tudo? Eu, um homem sensível?

Eu deveria ter desconfiado que o nariz arrebitado não era tudo. Que ela tinha me enganado com seu jeitinho de falar, com o apelido que me deu, "Guinguinha", veja o senhor, "Guinguinha", que só depois eu descobri era o nome de um cachorro que ela teve quando era pequena e morreu atropelado. E que ela tinha aquelas outras por dentro. Tudo bem, eu também tenho outros por dentro. Nós já estávamos juntos um tempão quando ela descobriu que eu sabia imitar o Silvio Santos. Sou um bom imitador, o meu Romário também é bom, faço um Lima Duarte passável, mas ninguém sabe, é um lado meu que ninguém conhece. Ela ficou boba, disse "Eu não sabia que você era artista". Também sou um obsessivo. Reconheço. A obsessão foi a causa de nossa briga final. Tenho outros por dentro que nem eu entendo, minha teoria é que a gente nasce com várias possibilidades e, quando uma predomina, as outras ficam lá dentro, como alternativas descartadas, definhando em segredo. E, vez que outra, querendo aparecer. Tudo bem, viver juntos é ir descobrindo o que cada um tem por dentro, os 17 outros de cada um, e aprendendo a viver com eles. A gente se adapta. Um dos meus 17 pode não combinar com um dos 17 dela, então a gente cuida para eles nunca se encontrarem. A felicidade é sempre uma acomodação. Eu estava disposto a conviver com ela e suas 17 outras, a desculpar tudo, delegado, porque a ponta do seu nariz mexe quando ela fala.

Mas aí surgiu a décima oitava ela. Nós estávamos discutindo as minhas obsessões. Ela estava se queixando das minhas obsessões. Não sei como, a discussão derivou para a semântica, eu disse que "obsedante" e "obcecante" eram a mesma coisa, ela disse que não, eu disse que as duas palavras eram quase iguais e ela disse "Rará", depois disse que "obcecante" era com "c" depois do "b", eu disse que não, que também era com "s", fomos consultar o dicionário e ela estava certa, e aí ela deu outra risada ainda mais debochada e eu não me aguentei e o Aurelião voou. Sim, atirei o Aurelião de capa dura na cabeça dela. A gente aguenta tudo, não é delegado, menos elas quererem saber mais do que a gente. Arrogância intelectual, não.

Luis Fernando Verissimo

Fonte: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-que-cada-um-tem-por-dentro,368256,0.htm

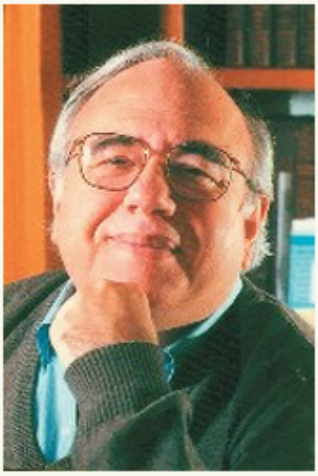
Anexo III: Atividade sobre a crônica "O verdadeiro George Clooney", de Luis Fernando Veríssimo

29 de outubro de 2013.

Explique, em um parágrafo, a ironia do texto.

Lembre-se: entrega em 04 de novembro de 2013.

O verdadeiro George Clooney



Longe de mim querer difamar alguém, mas acho que no caso do George Clooney o que está em jogo é a autoestima da nossa espécie, os homens que não são George Clooney.

Todas as nossas qualidades e todos os nossos atributos, físicos e intelectuais, desaparecem na comparação com o George Clooney.

As mulheres não escondem sua adoração pelo George Clooney. O próprio George Clooney nada faz para diminuir a idolatria e nos dar uma chance.

Fica cada vez mais adorável, cada vez mais George Clooney. E se aproxima da perfeição. É bonito. É charmoso. É rico. É bom ator. Faz bons filmes. Está envolvido com as melhores causas. E que dentes!

Não temos defesa contra esse massacre. Só nos resta a calúnia.

Os dentes são falsos. Ali onde elas veem pomos da face irresistíveis e um queixo decidido, há, obviamente, botox. Ele tem pernas finas e desvio no septo.

É solteiro, portanto, claro, gay. Tem casa num dos lagos italianos, o que já é suspeito, e dizem que anda pelos seus chãos de mármore depois do banho de espuma vestindo um longo caftan bordado e sendo borrifado com perfumes florais pelo seu amante filipino Tongo, enquanto seu amante italiano, Rocco, prepara a salada de rúcula completamente nu.

George Clooney bate na mãe todas as quintas-feiras. É extremamente burro. Só leu um livro até hoje e não lembra se foi "O pequeno príncipe" ou "O grande Gatsby". Nos filmes em que faz personagens mais reflexivos, contratam um dublê para as cenas dele pensando.

Foi ele que propôs a demolição da Torre Eiffel porque já era mais que evidente que não encontrariam petróleo no local. E sua sovinice é lendária. Levou nadadeiras quando visitou Veneza, para não gastar com táxi.

É notório, em Hollywood, o mau hálito do George Clooney. Quando ele fala em algum evento público, as primeiras três fileiras do auditório sempre ficam vazias.

Atrizes obrigadas a trabalhar com ele têm direito a um adicional por insalubridade, em dobro se houver cenas de beijo. Outra coisa: a asa. Não adiantam as imersões em espuma na sua banheira em forma de cisne, nem os perfumes florais borrifados, o cheiro persiste.

Sabem que George Clooney e suas axilas se aproximam a metros de distância, e muita gente aproveita o aviso para fugir.

Além de tudo, tem seborreia e é republicano.

Passe adiante.

Fonte: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/28/o-verdadeiro-george-clooney-261247.asp

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 11: 1h/a
(30/10 – Quarta-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: Ambiguidade e polissemia

Objetivo geral:
Compreender a polissemia e a ambiguidade como fenômenos linguísticos que se manifestam em textos de diferentes gêneros

Objetivos específicos:
Estabelecer relações de sentido a partir da leitura de diferentes tirinhas;
Reconhecer e diferenciar a ambiguidade e a polissemia de outros fenômenos linguísticos;
Compreender o papel da ambiguidade e polissemia empregadas nas tirinhas e outros gêneros textuais;
Desenvolver a habilidade de utilização da ironia, ambiguidade e polissemia como recursos linguísticos na produção escrita de tirinhas.

Conhecimentos abordados:
Conceito de ambiguidade e polissemia;
Gênero *storyboard*.

Metodologia:
Entrega de algumas tirinhas e do texto *Seu ou Teu?* contendo tanto ambiguidade como polissemia para que os alunos possam identificar estes fenômenos linguísticos;

Construção do conceito de ambiguidade e polissemia juntamente com os alunos enquanto forem interpretando as tirinhas;

Encaminhamento da atividade de criação de um *storyboard* que contemple algum dos fenômenos linguísticos estudados: ironia, ambiguidade ou polissemia;

Entrega de um exemplo de *storyboard*.

Recursos didáticos:
Fotocópias com exemplo de *storyboard;*
Fotocópias das tirinhas e texto a serem utilizados;
Quadro negro.

Avaliação:

Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões dos fenômenos linguísticos, seja ambiguidade ou polissemia, presentes nas tirinhas e no texto *Seu ou Teu?*.

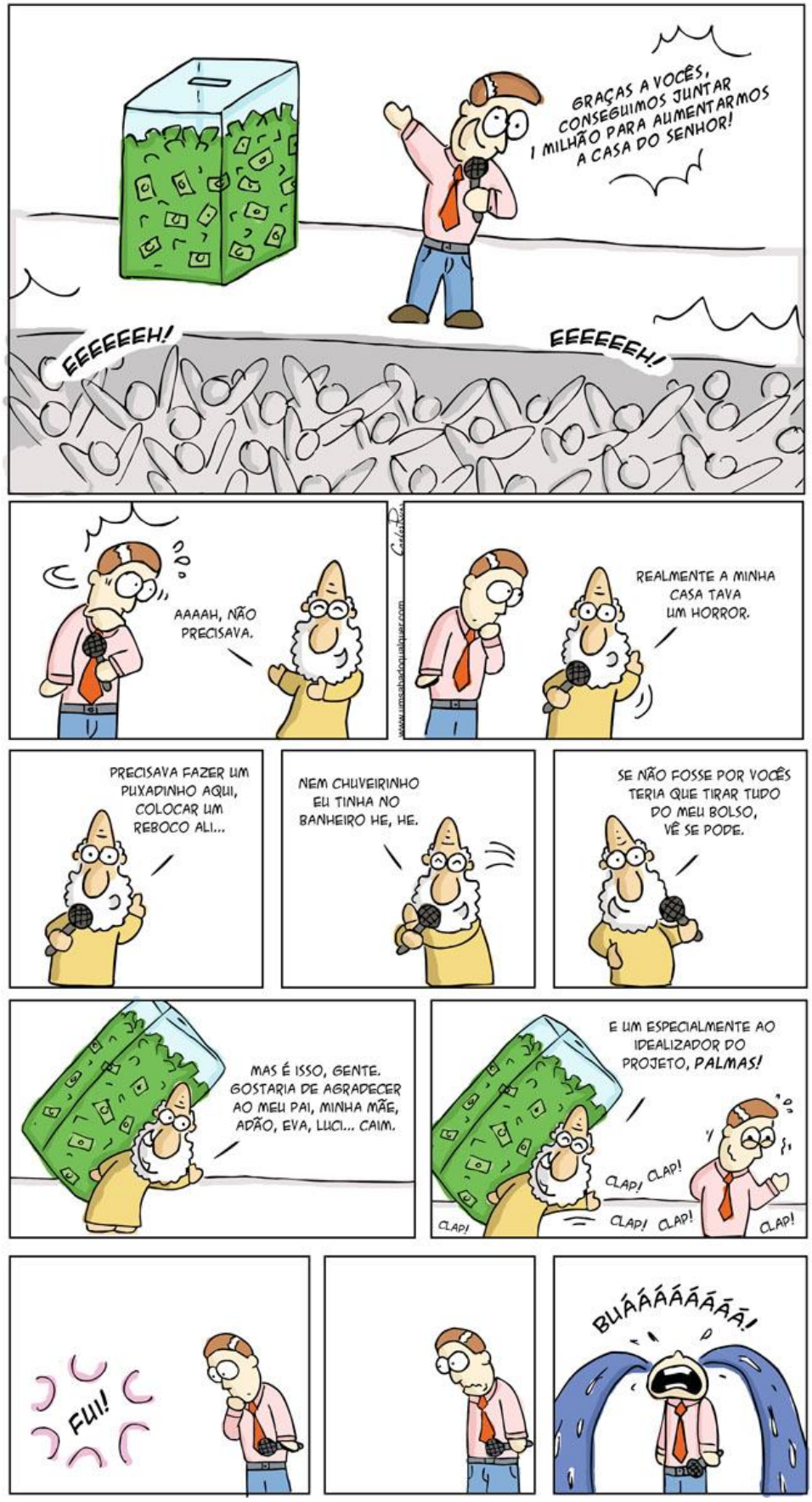
Referências

ILARI, R. *Introdução à Semântica:* Brincando com a Gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

Anexos

Anexo I: Tirinhas com conteúdo polissêmico e ambíguo

Fonte: http://www.jacarebanguela.com.br/



Fonte: http://www.umsabadoqualquer.com/?s=casa+do+senhor

Anexo II : Texto com conteúdo ambíguo

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

Seu ou Teu?

Há muito tempo a culpa lhe corrompia a mente, era como se nunca mais fosse ter paz ao olhar para sua esposa. Ouvia os juízes do além lhe confrontar por nunca ter dado a um ser de tanta devoção a chance da descoberta.

Timidamente ele falou:

-- Querida, tenho algo para te contar... Espero que me perdoe.

-- Como assim? Fale logo homem de Deus!

-- Sabe a estagiaria que contratei no ano passado e que ficou até o último novembro? Pois então, tenho que te falar que ela saia todos os dias uma hora antes para ir á sua casa, beber de seu vinho, afagar os íntimos desejos de seu marido e depois voltar no outro dia atrasada para a empresa.

-- Ah meu amor, você sempre teve um coração mole com os seus empregados... Outra vez não dê toda essa liberdade!

E admirado com sua astucia, o marido olhou para suas mãos tremulas e refletiu silenciosamente as consequências que evitara...

O que seria de sua vida se o trocasse a sua pela tua e o seu pelo teu?

Autor: Felipo Bellini
Fonte: http://www.ligadosfm.com/2011/11/3-cronica-teu-ou-seu.html

Anexo III : Exemplo de *Storyboard*.

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

Exemplo de *storyboard*

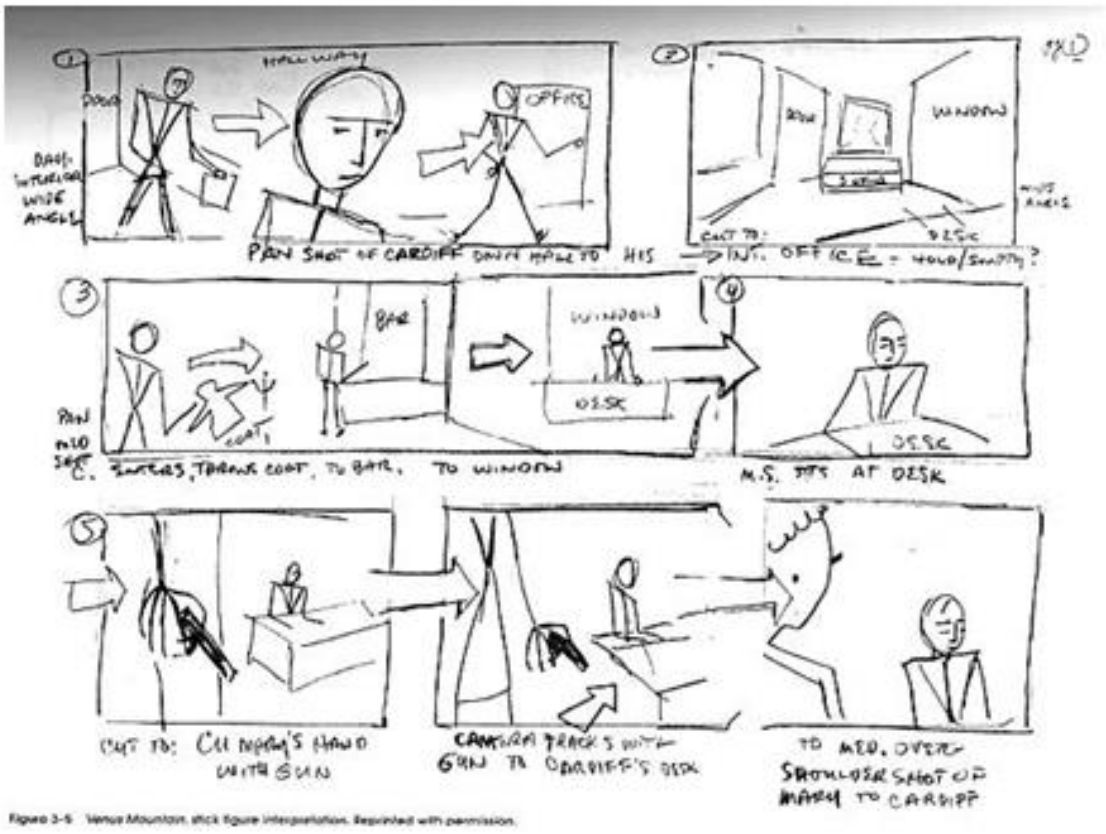


Figure 3-5 Venus Mountain, stick figure interpretation. Reprinted with permission.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 12: 1h/a
(04/11 – Segunda-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: Metáfora conceptual

Objetivo geral:
Compreender a metáfora como um fenômeno cognitivo de conceptualização com base em nossas experiências de mundo.

Objetivos específicos:
Ressignificar o conceito de metáfora, compreendendo-a como modo de conceptualização e não de figura de linguagem;
Perceber a metáfora como uma conceptualização a partir da extensão mente-corpo;
Compreender a metáfora de tempo como espaço;

Conhecimentos abordados:
Metáfora conceptual.

Metodologia:
Conversa sobre os conceitos de metáfora já estudados pelos alunos;

Apresentação da metáfora como modo de enxergar o mundo;

Entrega da folha de atividade: corpo humano;

Orientação para que escrevam na folha as metáforas relativas a cada parte do corpo, enquanto a professora-estagiária desenha no quadro; a professora-estagiária e os alunos irão trazer juntos os exemplos;

Conversa, explicação e colocação de exemplos no quadro sobre a metaforização do bom como “para cima” e do ruim como “para baixo”;

Conversa, explicação e colocação de exemplos no quadro sobre a metaforização de tempo como espaço.

Entrega pelos alunos do *storyboard*, cuja produção foi encaminhada em aula anterior;

Encaminhamento para que tragam material para desenho na próxima aula, para realizarem a reescritura das tirinhas.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Fotocópia da atividade.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua a respeito da metáfota e a realização da atividade solicitada.

Referências

ANDRADE, V.L.V. *Sobre a identidade da metáfora literária*: uma análise do romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue vai-e-volta. 2008. 85 f.. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

PINKER, S. *Do que é feito o pensamento*: a língua como janela para a natureza humana. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

VEREZA, S. (org.). *Sob a ótica da metáfora*: tempo, conhecimento e guerra. Niterói: Editora da UFF, 2012.

Anexos

Anexo I: Metáforas a partir do corpo (para refletir sobre exemplos e completar)

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

Metáforas a partir do corpo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 13: 2h/a
(05/11 – Terça-feira – 13h30min às 15h20min)

Tema: Construção das tirinhas em sala

Objetivo geral:
Reescrever a tirinha com base nos apontamentos feitos pelas professoras-estagiárias.

Objetivos específicos:
Perceber os apontamentos feitos pelas professoras-estagiárias no momento da correção dos *storyboards*;
Apropriar-se dos conceitos de ironia, polissemia, ambiguidade e metáfora;
Finalizar a atividade de construção da tirinha.

Conhecimentos abordados:
Ironia;
Sarcasmo;
Polissemia e ambiguidade;
Metáfora;
Narrativas em quadrinhos.

Metodologia:
Retorno dos *storyboards* corrigidos;

Explicação coletiva (no quadro negro) acerca das principais dúvidas dos alunos no momento da construção da tirinha e/ou explicação individual sobre dúvidas particulares de cada aluno;

Reescritura, em sala, da tirinha.

Entrega ao fim da aula.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Storyboards dos alunos;
Folhas brancas;
Lápis de cor.

Avaliação:

Serão avaliados o comportamento do aluno durante a reescritura da tirinha, a adequação do texto ao gênero e o emprego adequado de um dos fenômenos linguísticos em estudo.

Referências:

EISNER, W. *Quadrinhos e a arte sequencial*: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

IANNONNE, L. R; IANNONNE, R. A. *O mundo das histórias em quadrinho*. São Paulo: Moderna, 1994.

ILARI, R. *Introdução à Semântica:* Brincando com a Gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

MCCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos.* São Paulo: M. books, 2005.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

TOFIELD, Simon. *Simon's cat*: *as aventuras de um gato travesso e comilão*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.). *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Professor regente da turma: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 122

Plano de aula 14: 1h/a
(06/11 – Quarta-feira – 14h25min às 15h20min)

Tema: Produção de *depoimento* sobre o período das aulas com as estagiárias

Objetivo geral:
Produzir um texto no gênero *depoimento*, manifestando-se em relação as suas aprendizagens durante o período do estágio de docência.

Objetivos específicos:
Exercitar a habilidade de escrita no gênero *depoimento*;
Refletir sobre a aprendizagem que foi construída durante o período de estágio.

Conhecimentos abordados:
Produção textual no gênero *depoimento*.

Metodologia:
Solicitação de que os alunos escrevam, em sala, um breve depoimento sobre sua experiência de aprendizagem durante o período em que estiveram sob nossa docência;

Recursos didáticos:
Depoimentos produzidos pelos alunos.

Avaliação:
Será avaliada a autorreflexão sobre o que foi aprendido durante as aulas das professoras-estagiárias.

Anexos

Anexo I: Atividade de recuperação sobre ironia

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma 122
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel

Explique a ironia presente na música abaixo.
(Fonte: http://musica.com.br/artistas/legiao-urbana/m/perfeicao/letra.html)

Perfeição

LEGIÃO URBANA

31

Artistas › L › Legião Urbana › Músicas › **Perfeição**

Curtir 45 Tweetar +1

adicionar à playlist editar imprimir

Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos
Covardes, estupradores e ladrões
Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso Estado, que não é nação
Celebrar a juventude sem escola
As crianças mortas
Celebrar nossa desunião
Vamos celebrar Eros e Thanatos
Persephone e Hades
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade.

Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro e feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta de hospitais
Vamos celebrar nossa justiça
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água podre
E todos os impostos
Queimadas, mentiras e seqüestros
Nosso castelo de cartas marcadas
O trabalho escravo
Nosso pequeno universo
Toda hipocrisia e toda afetação
Todo roubo e toda a indiferença
Vamos celebrar epidemias:
É a festa da torcida campeã.

Vamos celebrar a fome
Não ter a quem ouvir
Não se ter a quem amar
Vamos alimentar o que é maldade
Vamos machucar um coração
Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado de absurdos gloriosos
Tudo o que é gratuito e feio
Tudo que é normal
Vamos cantar juntos o Hino Nacional
(A lágrima é verdadeira)
Vamos celebrar nossa saudade
E comemorar a nossa solidão.

Vamos festejar a inveja
A intolerância e a incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente a vida inteira
E agora não tem mais direito a nada
Vamos celebrar a aberração
De toda a nossa falta de bom senso
Nosso descaso por educação
Vamos celebrar o horror
De tudo isso - com festa, velório e caixão
Está tudo morto e enterrado agora
Já que também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou esta canção.

Venha, meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão.

Venha, o amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera -
Nosso futuro recomeça:
Venha, que o que vem é perfeição

1.2.7 Trabalhos dos alunos

1.2.7.1 Pesquisa sobre a expressão “a gente”

1.2.7.1.1 Ana Alzira

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA – IFSC
LINGUA PORTUGUESA
TURMA 122
PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: RAFAELA E RAQUEL
NOME: ANA ALZIRA MENEZES DE SOUZA

A HISTÓRIA DO PRONOME “NÓS”

PRONOME: pronome é a palavra que substitui um grupo nominal ou um nome.

Origem do pronome "nós"
O pronome "nós" tem origem no Latim, assim como a maioria das palavras da nossa língua.
1ª pessoa no plural: nos (nom.) >nós; nos (ac.) > nos; nobiscum (abl. lat.clássico) noscum (lat.vulgar) > nosco.

Ao longo do tempo o ~~CONVOSCO~~ e CONOSCO foi substituido pelo A GENTE, que atualmente é utilizado no lugar no pronome NÓS

por exemplo:

Você vai com todos **nós**.
Você vai **conosco.**
Você vai com **a gente.**

Fonte:

Pronomes Oblíquios Tônicos < http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf45.php > Acesso em: 11/10/2013

Ana Alzira,

A atividade era composta por duas etapas.
1. função gramatical de "a gente"
2. História de "a gente" (note que não pedimos a história do pronome "nós").

Rafaela e Raquel
OUT/13

1.2.7.1.2 Ângela

15/10

DATA

I

Nome: Angela C. Becker Turma: 122

Pesquisa: "A GENTE"

Atualmente, é possível encontrar nas realizações dos falantes do Português Brasileiro a inserção de "a gente" em seu paradigma pronominal, consonante à forma tradicional "nós".

Nos últimos anos, a "a gente" pronominal tem ganhado espaço entre os falantes do Português Brasileiro, a fim de constatar os motivos que o levaram a se gramaticalizar e estabelecer uma suposta competição com a forma tradicional "nós", bem como a quantidade de ocorrências de "nós" e "a gente" ao longo do tempo, resaltando os fatores que motivaram a escolha de uma ou outra forma.

A respeito do processo de gramaticalização, duas correntes linguísticas interpretam o assunto de maneira diferente. A vertente funcionalista não admite a existência de uma gramática que seja independente do uso e, consequente, rejeita também as noções de estruturas e categorias como um primitivo.

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

DATA

Já a visão formalista, representada pelo gerativismo, considera a gramaticalização como um fenômeno diacrônico, que desenvolve núcleos lexicais em núcleos funcionais.

CÓPIA DO SITE:
www.celsul.org.br/encontros/10/completos/xcelsul_artigo1.20(1).pdf

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

1.2.7.1.3 Bruno

15/10

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
Campus Florianópolis
Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia e Ciência
Unidade Curricular: Português Data: 14 de Outubro de 2013

NOME: Bruno Gorlatzki Medeiros Cunha.

5

PESQUISA DO USO DA EXPRESSÃO "A GENTE".

Analisando os textos fornecidos, e observando a utilização da expressão "a gente", tive as seguintes conclusões:

No texto 1: Tem o sentido de Nós. De uma maneira bem abrangente.
Ex. : A Humanidade
No texto 2: Também tem o sentido de Nós, mas de uma maneira mais restrita.
Ex. : Eu e você.
No texto 3: Continua com o mesmo sentido de Nós, mas se refere a um grupo de pessoas.
Ex. : Uma empresa, uma turma, etc.

É CORRETO USAR A EXPRESSÃO "A GENTE"?

Sim, ela pode ser usada no lugar do pronome pessoal "Nós" para conversas informais. Mas quando for necessário usar a na norma culta, ela está incorreta.

Acho que "inadequada" ficaria melhor aqui.

REGRAS DE CONCORDÂNCIA PARA USAR A EXPRESSÃO "A GENTE"

O verbo fica sempre no singular

Ex: A gente quer comida.

Adjetivo fica no feminino caso se refira a mulheres e no masculino se incluir pelo menos um homem

Ex: A gente está cansada.
A gente está cansado.

Bruno,

Gostamos de você ter feito uma verdadeira reflexão a respeito das tirinhas. Muito bom!

Mas a atividade pedia também uma segunda coisa: a história (diacronia) do "a gente". Lembra do "Vossa Mercê", que originou o "você"? Então, qual expressão originou o "a gente"?

Rafaela e Raquel
OUT/13

1.2.7.1.4 Clara

Nome: Clara Lanelate Laurentino Data: 12/10/2013

Unidade curricular: Português

Professor: Rafaela e Raquel

P

Atividade 1 → uso da expressão "a gente".

→ Significado atual: Tal expressão se refere a "nós", ela é seguida de um verbo conjugado na 3ª pessoa do singular

A utilização da "a gente" só foi aceito no século XVIII como um pronome. Ela expressa ambiguidade por se referir tanto à pessoa como a nós.

?

• Exemplo

"Rosinha - a prima Amaricota disse-me que era uma coisa de por a gente de queixo caído

Você entende o significado dessa sentença?

O traço semântico da pessoa começa a deixar de ser "de Eu" e muda para "+Eu". A interpretação passou da 3ª pessoa para do discurso para o "nós" plural passou a se referir a todos. ? Não compreendemos o que você quis dizer aqui.

Esse período de mudança ocorreu entre o século XVII e o XIX. Com o passar do tempo a utilização de "a gente" se intensificou como forma pronominal, fazendo com que os casos de ambiguidade deixassem de existir.

Referência: www.letras.ufrj.br/posverna/docente/10994-2.pdf

→ a expressão (são duas palavras)

→ nos textos a palavra "a gente" se referiu a "nós".

→ Não possui sentido ambíguo como quando nos séculos passados.

"A gente se liga em você" Globo → sec. XXI

=

Nós nos ligamos em você → sec. XXI

≠

Ele se liga em você → seculos anteriores

1º utilizamos e foi utilizado no texto "a gente" como 3ª pessoa do plural, mas com o verbo conjugado na terceira do singular.

Clara,

Você fez uma boa pesquisa e escreveu sobre a expressão "a gente" de acordo com a sua interpretação.

Procure, apenas, revisar o seu texto para que as ideias fiquem claras para o leitor.

Rafaela e Raquel
OUT/13

1.2.7.1.5 Dalton

Nome: Dalton Cruzel Pedro dos Santos.

I

Função gramatical da expressão "a gente"

Quando se diz: *A gente fez isso.* O pronome *a gente* refere-se, de fato, a presença de duas ou mais pessoas, sendo uma delas alguém *quem fala* (1ª pessoa gramatical).

Exemplo: *A gente está cansada. A gente está cansado. A gente quer comida.*

- Como ela era usada há séculos? R: Antigamente as pessoas utilizavam mais o pronome "(nós)" que era uma maneira mais culta deles se expressar em cartas e documentos, já hoje em dia utilizamos a expressão "a gente" que substitui o pronome "(nós)". A expressão "a gente" pode ainda apresentar valor impessoal, indeterminado:

EX:"Eu sabia os riscos que estava correndo. A gente sempre pensa: comigo não vai acontecer. Aí aconteceu" (a gente pensa = pensa-se)

A norma culta da língua tende a rejeitar essas construções, comuns na fala coloquial.

Dalton,

Você copiou as duas primeiras linhas do site pt.wikibooks.org/wiki/Portugues [...] ou do pt.scribd.com/doc/[...]. Seu texto ficou todo verde, porque essa era a cor do site.

A parte assinalada com "[ ]" no texto foi escrita por você. Ainda assim, o que foi escrito por você não atingiu os objetivos da atividade.

Rafaela e Raquel
OUT/13

1.2.7.1.6 Gabryel

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA.
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE FORMAÇÃO GERAL
DISCIPLINA: PORTUGUÊS
PROFESSOR (A): RAFAELA E RAQUEL
ALUNO (A): GABRYEL LESSA BERNARDES
TURMA: 122 DATA: 12/10/13

(P)

FUNÇÃO GRAMATICAL DA EXPRESSÃO "A GENTE"

A expressão "a gente" substitui o pronome "nós" no significado, porém essa expressão é seguida de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular. Como exemplo, as tirinhas da folha entregue, em que a expressão "a gente" exerce o mesmo significado do pronome "nós" e os verbos estão conjugados, como dito, na terceira pessoa do singular. Com isso, supõe-se que antes de substituir o pronome "nós", essa expressão substituiu o pronome "ele (a)" e com o tempo ela foi se modificando até chegar ao que temos hoje.

Boa hipótese! Quem sabe uma pesquisa pode ajudar a comprová-la

Nos dias atuais essa expressão é facilmente confundida com a palavra "agente" por ter as mesmas letras, porém a forma escrita é diferente. Em minha opinião, essa expressão é usada mais em diálogos informais de linguagem coloquial, usando para os diálogos formais o pronome "nós".

Gabryel,

Gostamos da pesquisa que você fez e de ter levantado uma hipótese. Faltou apenas comprovar a origem histórica do pronome "a gente".

Rafaela e Raquel

1.2.7.1.7 Ivan

15/10

P

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA.
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE FORMAÇÃO GERAL

A gente
Ivan Luiz Cardoso 122

É comum confundirmos a expressão "a gente" e "nós", pois geralmente pensamos que ambas tem o mesmo sentindo, utilizando a palavra no dia-a-dia quase não notamos diferença.
→ "NÓS" e "a gente" têm o mesmo sentido, mas não a mesma forma.

Por exemplo: **Nós** queremos, caso substituíssemos a palavra "nós" por a gente, ficaria **a gente** queremos, o que é foneticamente e sinteticamente feio, o certo seria **a gente** quer e **nós** queremos.

Como vimos acima, a palavra "a gente" não pode ser substituída por "nós" em todos os casos.

Inicialmente, era utilizado "gente", a mudança dessa expressão foi do século XIII até o século XX, foi uma mudança lenta.

Apenas no século XVIII a expressão "a gente" foi reconhecida como forma pronominal.

A noção da palavra "gente" vem se perdendo e o utilização de "a gente" vem ganhando espaço, já que no caso de "gente", o falante não está incluído, já em "a gente" o mesmo se inclui.

No século XIX, o duplo sentindo da utilização de "gente" e "a gente" deixou de existir, já que era comum confundir a utilização das duas expressões.

O uso da expressão "a gente" no lugar de "nós" não é errada caso a utilização seja em uma conversa informal, a palavra "a gente" não serve para substituir o "nós" e caso seja utilizada para isso, se deve prestar atenção ~~com a~~ na concordância para não causar confusões.

No texto 3, o uso da expressão "a gente" deixa a frase meio estranha, poderia ser utilizado "nós nos ligamos em você", mas como é uma propaganda, pode se utilizar uma linguagem mais informal. ?

Ivan,
Você fez uma boa pesquisa histórica.
No entanto, precisa revisar alguns conceitos linguísticos.

Rafaela e Raquel
OUT/13

1.2.7.1.8 João Vitor

Instituto Federal de Santa Catarina.
Língua Portuguesa
Professoras estagiárias: Rafaela e Rafaela (RAQUEL)
Data 08/10
Nome: João Vitor Ribeiro Garcia

"A gente"

O "a gente" se caracteriza mesmo que nós, por uma união de pessoas por fazer alguma coisa. "A gente" é trocado pelo "nós". "A gente" utilizado atualmente, séculos passados ou antepassados eram usado vossa mercê, vossa senhoria e outros mais. Por exemplos, vossa senhoria vai viajar de trem. A diacronia do contexto que vem do Portugal o início a língua Portuguesa pela separação do Galego e Portugal. Até descobrir o Brasil para estabelecer a língua, que tem até os dias atuais, que houve muitas mudanças. Por exemplo o nós eram mais falado durante época dos meus avós e avós. A gente são é usados nos dias atuais. Mais na gramática da língua Portuguesa é usado nós da primeira pessoa do plural.

1.2.7.1.9 Juliany

curti! ☐ ñ curti! ☐

Nome: Juliany Zimermann

Unidade Curricular: Português

5

A gente

Pronomes de tratamento são todas as palavras ou expressões que referem-se a alguém ~~da primeira ou~~ da segunda pessoa gramatical como se ela estivesse na terceira pessoa, ou representando alguém que efetivamente está na terceira pessoa gramatical. mas "nós" é um pronome de tratamento?

O "a gente" pode ser considerado um pronome de tratamento, pois equivale a nós (primeira pessoa gramatical do plural) e Para concordância verbal, deve-se tratar esses elementos sempre como alguém da terceira pessoa. o "nós" concorda na 3ª pessoa?

Nos séculos passados o "a gente" era usado como substantivo "gente".

A pronominalização do substantivo "gente" foi um processo lento e gradual, pois só foram localizadas ocorrências do "a gente" no século XVIII.

Juliany,

Percebemos que você fez a pesquisa sobre o assunto, mas talvez alguns conceitos não tenham ficado muito claros. Sentimos falta também da referência aos textos que estão na folha da atividade.

Rafaela e Raquel
out./2013

credeal

1.2.7.1.10 Kauê

15/10

Kauê dos Santos
122

I

/ /

A forma "a gente" originou-se de outra expressão nominal, o substantivo "gente" que, ao assumir certos aspectos discursivos, determinados propriedades, valores e funções, passou a fazer parte de uma outra categoria. Trata-se, pois, de um caso de gramaticalização que, grosso modo, ocorre quando um item lexical se torna, em certas circunstâncias, um item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais. Percebe-se um processo contínuo de regularidade e previsibilidade no momento em que o item perde a eventualidade criativa do discurso para ser regido por restrições gramaticais. É como se os elementos lexicais fossem perdendo potencialidades referenciais de representações, qualidades e seres do mundo biossocial e fossem ganhando a função de estruturar o lexico na gramática assumindo por exemplo, funções conectivas e esperando funções gramaticais como tempo-modo, aspecto etc.

Na gramaticização de "gente (nome) > a gente (pronome)"
A forma gramaticalizada mantém do nome gente o traço pessoal de 3ª pessoa, embora acione numa interpretação remotivo-discursiva de 1ª pessoa. Mesmo que o verbo em concordância com a gente permaneça na 3ª pessoa do singular se pressupõe a existência de um "falante + alguém" numa frase tipo a gente, precisa comprar nossa casa própria cara. Tal comportamento remete-nos ainda ao princípio da decategorização que consiste na neutralização dos marcos morfológicos e propriedades sintáticas da categoria-origem (nome) e atributos da categoria destino (forma pronominal).

CÓPIA DO SITE:
periódicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/7725/7055

/ /

[Nos textos é possível utilizar tanto a gente quanto nós]

Este foi o único trecho do texto escrito por você, Kauê.

1.2.7.1.11 Luan

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom / /

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis
Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência - DALTEC
Florianópolis, 14 de outubro de 2013
Professoras: Raquel e Rafaela
Aluno: Luan de Barros
Fase: 1ª fase Turma: 122

Pesquisa sobre o "a gente"

nos textos que estão na folha, o "a gente" é usado como pronome pessoal de 1ª pessoa do plural (nós).

O nós durante muito tempo foi usado como é hoje, ou seja, 1ª pessoa do plural. Mas o "a gente" era usado pelas pessoas mais "afastadas da sociedade", isto é, pelo sertão, pelas áreas mais afastadas do centro. ?

Então o nós era usado no nosso dia a dia da capital normalmente, mas quando as pessoas do sertão vieram para as capitais procurando por trabalho, trouxeram o "a gente" e assim ficou estabelecido.

Hoje usamos normalmente o "a gente" como 1ª pessoa do plural.

FORONI

1.2.7.1.12 Marielle

PUCCA

I

Instituto Federal de Santa Catarina
Aluna: Marielle C. Carvalho
Turma: 122

Uso do termo "a gente"

A gente: 1ª pessoa gramatical do plural (nós)
Esse pronome equivale a nós, não possui abreviação.

Uso do "a gente" nos textos

Nos textos o termo é usado como função de tratamento

FORONI
www.puccastyle.com © VOOZ

LOVE YOU

XOXO

LOVE

PUCCA

Etimologia

? { Era designada para clãs, tribos e famílias nobres. Utilizado hoje em dia para uma quantidade indeterminada de pessoas

Marielle,
A atividade era composta por duas etapas: 1. função gramatical de "a gente"
2. História de "a gente" (como o Vossa Mercê > Você. Lembra?

Rafaela e Raquel

LOVE

LOVE YOU

www.puccastyle.com © VOOZ

1.2.7.1.13 Matheus Andrade

15/10

Aluno: Matheus Andrade Alves
Turma: 122

5

Expressão "a gente"

Essa expressão tem o mesmo significado que "nós". Mas, diferente do pronome pessoal "nós", "a gente" é seguida de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular.
Ex: A gente quer.
Nós queremos.

1 A expressão "a gente" é considerada menos formal do que "nós", ou seja "nós" é formal e "a gente" é informal.

Matheus,

A atividade era composta por duas etapas:
1. Função gramatical de "a gente"
2. História de "a gente" (como o Vossa Mercê > você. lembra?

Você fez a primeira parte corretamente.
Ficou faltando a segunda.

Rafaela e Raquel
OUT/13

1.2.7.1.14 Matheus Imlau

(P)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação
De Santa Catarina
Departamento de Formação Geral
Português
Rafaela e Rachel (RAQUEL)
Matheus Imlau Tº: 122

O pronome "a gente" refere-se, à presença de duas ou mais pessoas, sendo uma delas alguém que fala. Esse termo equivale ao pronome "nós", mas, por efeito de concordância, o verbo concorda imaginariamente com o pronome de terceira pessoa (ele). A expressão deve sempre ser utilizada da tal maneira: "a" e "gente" separados, para que não haja alteração no significado da palavra.

Essa substituição é feita geralmente em textos de registro informal, apesar de o ex-presidente Lula ter a usado em uma entrevista à revista ÉPOCA.

[redacted] estima (Quem estima?) que antigamente o "a gente" era usado como "minha gente" que seria segunda pessoa do plural e com a variação diacrônica ela passou a ser utilizado como "a gente" na primeira pessoa do plural. E, como citado anteriormente, por um efeito de concordância sofreu uma gramaticalização e passou à concordar com a terceira pessoa do singular.

Matheus,

Parabéns pela excelente pesquisa! Percebemos que você estudou e depois escreveu o texto com as suas palavras. No entanto, faltou fazer referência aos textos que estão na folha da atividade.

Rafaela e
Raquel
out/2013

1.2.7.1.15 Rogério

15/20

Emprego do "a gente" (I)

cópia da internet

- Em primeiro lugar, a expressão a gente faz parte de uma linguagem mais coloquial, na qual nós só utilizamos na fala, em uma conversa com amigos mais íntimos.

  Na escrita, ela deverá ser substituída pelo pronome pessoal do caso reto – "Nós".

  Observe o exemplo:Ontem a gente viu muitos amigos no shopping.

  O correto seria:Ontem nós vimos muitos amigos no shopping.

  ↳ A sentença acima, com "a gente", está incorreta?

cópia da internet

- **A gente** também é uma forma popular de se referir à primeira pessoa do plural: nós.

  Exemplo:

  A gente foi lá ontem.

  Neste caso, as outras palavras devem seguir a concordância para o singular, mesmo que "a gente" expresse uma ideia coletiva e seja equivalente à primeira pessoa do plural: "nós".

  Sempre escreva "A gente fez", "A gente foi", "A gente comeu", e nunca "A gente fizemos", "A gente fomos", "A gente comemos".

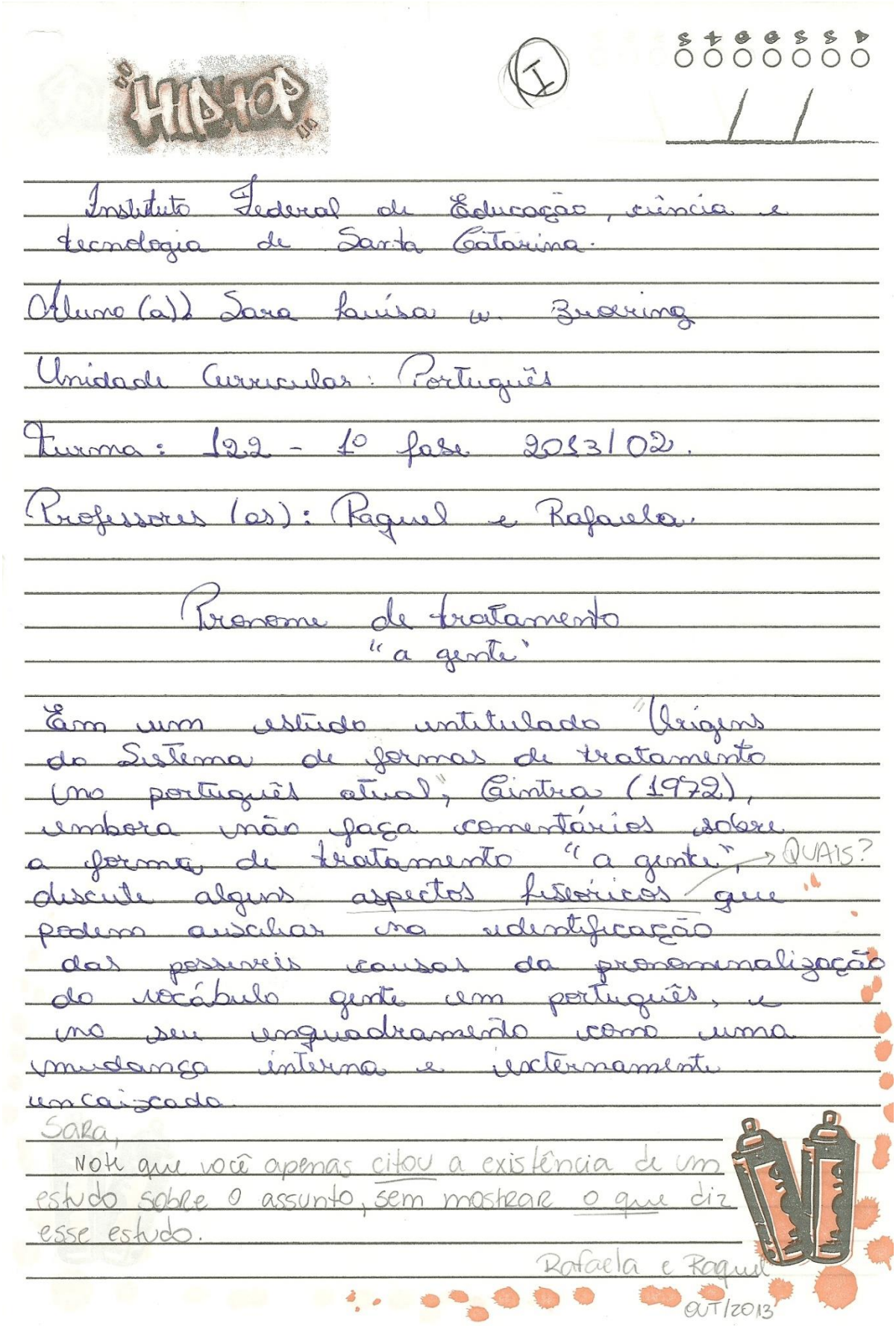
  O plural será usado, é óbvio, se você usar a forma **nós**: "Nós fizemos", "Nós fomos", "Nós comemos", etc.

- Também seria um jeito menos formal que de falar, já que a primeira pessoa do plural "nós" parece um jeito formal de se falar.

Este trecho, apenas, foi você quem escreveu.

Rogério

1.2.7.1.16 Sara



Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia de Santa Catarina.

Aluno (a): Sara Luísa W. Bueering

Unidade Curricular: Português

Turma: 122 - 1º fase 2013/02.

Professores (as): Raquel e Rafaela.

Pronome de tratamento
"a gente"

Em um estudo intitulado "Origens do Sistema de formas de tratamento no português atual", Cintra (1972), embora não faça comentários sobre a forma de tratamento "a gente", QUAIS? discute alguns aspectos históricos que podem auxiliar na identificação das possíveis causas da pronominalização do vocábulo gente em português, e no seu enquadramento como uma mudança interna e externamente encaixada.

Sara,
Note que você apenas citou a existência de um estudo sobre o assunto, sem mostrar o que diz esse estudo.

Rafaela e Raquel
OUT/2013

1.2.7.1.17 Tamiris

15/10

data
S T Q Q S S D

Nome: Tamiris Vargas
Turma: 123
IFSC

I

"A gente"

~> Atualmente é possível encontrar nas realizações dos falantes de Português Brasileiro a inserção de "a gente" em seu paradigma pronominal consonante a forma tradicional nós"

~> Ao analisar dados, investigou que o "(a) gente" nome passou para "a gente" pronome.
Quando a expressão "gente" surgiu de acordo com analises ela foi perdendo suas características peculiares.

CÓPIA DO SITE:
www.celsul.org.br/encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(1).pdf

MONOKUROBOO

data
S T Q Q S S D

IFSC

Nome: Tamiris Vargas

Turma: L21

-> Atividade 1

Expressão "a gente"

Em primeiro lugar, a expressão a gente faz parte de uma linguagem mais coloquial na qual nós só utilizamos na fala, em uma conversa com amigos íntimos. Na escrita, ela deverá ser substituída pelo pronome pessoal - "Nós"

MONOKUROBOO

1.2.7.1.18 Thiago

DATA

I

Aluno: Thiago Schurous Turma: 122

A expressão "a gente"

A expressão "a gente" surgiu através da língua coloquial, ou seja, a linguagem popular. Esta expressão "substitui" o pronome "nós" e pode significar também valor impessoal e indeterminado e pode substituir pensa-se.

Esta é uma expressão que só pode ser utilizada na linguagem informal e não é aceita na escrita formal mesmo sendo uma expressão muito popular.

A gente pensa
=
Pensa-se
?
Você poderia ter explicado melhor.

Thiago,

A atividade era composta por duas etapas:
1. Função gramatical de "a gente" nos textos
2. História de "a gente" (como o Vossa Mercê > você, lembra?)

Rafaela e Raquel
OUT/2013

1.2.7.1.19 Volnei[17]

A atividade era individual!

15/10

15/10/13

Nome: Volnei Junior, Vinicius Vieira
Turma: 122
Professoras: Rafaela e Raquel.

Conceito I, pois a atividade era individual!

"A gente não tem cara de badaca"

*Expressão que significa "nós", mas, diferentemente do pronome pessoal nós, esta expressão é seguida de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular.

O que significa "a gente"?
(No Brasil é muito fácil ouvir pessoas substituirem "nós" por "a gente", quando falarem. Mas isto é sempre possível fazê-lo? ou às vezes é um erro?
de fazer

R: É admissível, embora nada elegante dizer "a gente" na linguagem coloquial, especialmente falada no dia a dia. O uso deve ser restrito a essa condição devendo ser evitando na linguagem culta, ou ~~mais~~ menos na linguagem escrita que permite alguns "desvios" da formalidade.

Como esse trecho foi escrito por outra pessoa, você precisa colocá-lo entre aspas.

Na minha opinião, mesmo nas conversas informais esse termo não é agradável, principalmente o tal do "a gente fomos" ou do "a gente vamos", que está atingindo até estudantes do segundo grau (1) quando usa "a gente" é singular, "a gente foi" quem usa?
Por essa razão, prefiro sempre que possível "nós fomos" ou "nós vamos". Você acha ruim a construção "a gente foi"?

Também não devemos ser extremamente rigorosos e não temer o uso da linguagem informal de ~~uma~~ vez em quando, alguém que ~~procura~~ procura usar ~~a~~ norma culta o tempo todo, mesmo em conversas com amigos

[17] A atividade foi feita somente pelo aluno Volnei; como ele faltou à aula, pediu que seu colega Vinicius entregasse a atividade para nós. Vinicius, como não havia feito, colocou seu nome junto à atividade, sem o colega saber. Depois tudo foi esclarecido e Volnei recebeu conceito S, enquanto Vinicius continuou com I, por não ter realizado a atividade.

OU EM CASA, O BOM É PROCURAR CONHECER A LÍNGUA PORTUGUESA O MÁXIMO ~~QUE FOR~~ POSSÍVEL, MAS SABER DOSAR O NÍVEL DA LÍNGUA SEM DE ACORDO COM O AMBIENTE EM QUE SE ENCONTRA.

Volnei e Vinícius,

Gostamos muito de vocês terem se expressado com suas próprias palavras e dado suas opiniões.

Mas, na atividade, pedíamos também para que vocês explicassem a origem dessa expressão, a sua diacronia.

Lembram do "você", que veio da forma antiga de tratamento "Vossa Mercê"? E o "a gente", veio de onde?

Ficou faltando essa parte.

Percebemos também que vocês se contradizem em algumas partes do texto.

Rafaela e Raquel
OUT/2013

1.2.7.2 Recuperação da pesquisa sobre a expressão “a gente”

1.2.7.2 .1 Ana Alzira

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA – IFSC
LINGUA PORTUGUESA
TURMA 122
PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: RAFAELA E RAQUEL
NOME: ANA ALZIRA MENEZES DE SOUZA

5

A expressão “a gente” se refere a duas pessoas ou mais sendo que uma dessas pessoas é quem fala (1ª pessoa), equivale ao pronome “nós” e é usada como forma de tratamento. A expressão “a gente” não está errada, apenas não está entre as normas “cultas” do português, ou seja, varia de ocasião, ou de pessoa para pessoa utilizá-la ou não.

Texto1: No primeiro texto, a expressão “a gente”, exerce a função do pronome “nós” e o verbo que vem após o pronome é alterado de acordo com o pronome usado.

“Às vezes as coisas estão tão ruins que a única vontade que **nós** temos é de sumir. Mas sempre existe um lugar onde **nós** podemos recomeçar. E essa música é sobre isso.”

Texto2: No segundo texto, a expressão “a gente” também pode ser trocada pelo pronome “nós”. É utilizada a expressão “a gente”, pois representa uma conversa informal entre dois amigos.

“ Divino, você já teve a impressão de que ninguém leva **nós** a sério.”
nos leva

Texto3: Também pode ser trocada pelo pronome nós. Como é uma propaganda, se utiliza a expressão “a gente” pois é mais popular, mais utilizada pelas pessoas.

“ **Nós** nos ligamos em você”

Texto4: No 4º texto a autora utiliza a expressão “a gente” para ter uma linguagem mais informal com o público.

“Eu sei que **nós** nos acostumamos. Mas não devia.” nos

Bibliografia

Português/Classificação das palavras/Pronomes/Pessoais/Pronomes de tratamento < http://pt.wikibooks.org/wiki/Português/Classificação_das_palavras/Pronomes/Pessoais/Pronomes_de_tratamento >

Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa sociolingüística ao ensino < http://acd.ufrj.br/~pead/tema14/ponto25.html >

Falar "a gente" é correto ou só é certo usar "nós"? < http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/falar-gente-correto-ou-so-certo-usar-694084.shtml >

Uso de "gente" e "nós" < http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/varianteslinguisticas/adequacaovocabular-gentenos.htm >

Ana Alzira,

Melhorou bastante, mas faltou dizer qual expressão originou a forma pronominal "a gente".

Rafaela e Raquel Nov/13

1.2.7.2 .2 Ângela

ISTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
UNIDADE CURRICULAR: PORTUGUÊS
PROFESSOR (A): RAFAELA E RAQUEL
ALUNO (A): ANGELA C. BECKER TURMA: 122

E

TRABALHO DE PORTUGUÊS: A GENTE X NÓS

Florianópolis, 29 de Outubro de 2013

Origem da Expressão "A Gente"

Ao longo do tempo ocorreu a gramaticalização do substantivo "gente" que deu origem a expressão "a gente" usada como pronome pessoal, ou seja, o nome assumiu caráter prenominal usado, não só na acepção própria, mas para indicar agente vago e indeterminado. Isto ocorreu com certa freqüência por volta do século XIX e é muito comum sua utilização na linguagem atual, onde "a gente" inclui o falante no contexto em geral.

Exemplo de uso do substantivo gente :

- Esta gente sem valor.
- É neste tipo de gente que não se pode confiar.

Exemplo de uso do pronome pessoal a gente:

- A gente chegou cedo.
- A Maria abandonou a gente João.

No segundo exemplo nota-se que "a gente" não tem o significado somente de mais de uma pessoa, mais sim de a si próprio com mais de uma pessoa ou outra pessoa. Existem varias interpretações como: eu + você, eu + ele, eu + todo mundo, eu + qual quer um. E se apresenta sempre empregado no singular, como na seguinte frase: A gente conseguiu escapar bem rápido. (Verbo conseguir está empregado no singular).

A gente x Nós

O "a gente" e "nós" estão em concorrência na no paradigma prenominal do português brasileiro. E ambos são utilizados com freqüência.

O pronome "nós" é empregado no mesmo sentido (representar alguém na 3ª pessoa) que o "a gente", porém o uso do pronome nós é mais adequado para textos e/ou situações formais do que a expressão a gente que por sua vez é mais utilizada na forma coloquial, isto é em situações informais. Então pode dizer-se que estas formas estão corretas e dependem da ocasião que são empregadas. Entretanto a gramática tradicional considera apenas a existência dos pronomes pessoais eu, tu, ele, nós, vós e eles - que não inclui formas como você e a gente. Por isso, quando fazemos o uso da norma culta, é exigido o nós.

Porém o verbo deixa de estabelecer a concordância formal para fazer concordância semântica com a primeira pessoa do plural, pois "a pessoa que está falando tem em mente a sua pessoa e as mais, com ela associadas" no uso do agente:

- A gente vamos hoje.
- A gente tínhamos de voltar.

Para o agente na concordância verbal, o verbo sempre vem flexionado no singular.

- A gente vai hoje.
- A gente tinha de voltar

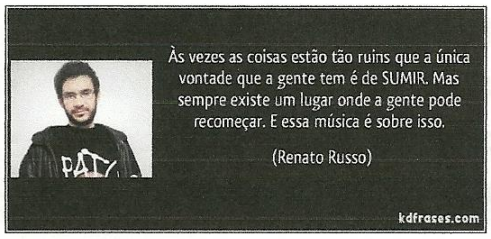
- Nós vamos hoje.
- Nós tínhamos de voltar.

Então a gente representa a primeira pessoa do plural e flexiona o verbo no singular.

E "nós" também representa a primeira pessoa do plural e o verbo é flexionado no plural.

Analise dos textos propostos na atividade:

Texto1:



O "a gente" nesta frase substitui o pronome "nós". E flexiona o verbo ter para o singular (tem). Se no lugar de "a gente" estivesse o "nós" no primeiro período ficaria da seguinte forma: Às vezes as coisas estão tão ruins que a única vontade que nós temos é de sumir.

Texto2:

No primeiro balão é possível perceber que a expressão "a gente" substitui o pronome "nós" como: eu + você. E no último balão é utilizado o pronome "nós" no mesmo sentido. Isso mostra a concorrência que há entre o uso desses dois pronomes na língua portuguesa no tempo atual. ÓTIMO!

Texto3:

Neste texto também é possível notar que o "a gente" e o "nós" possuem a mesma função e o verbo (ligar) se apresenta flexionado de acordo com este.

Texto4:

[...] A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto. [...]

Percebe-se que o "a gente" toma forma na primeira pessoa do plural e flexiona o verbo no singular. Também se pode dizer que esta forma está inadequada para a gramática tradicional no ponto de vista da vertente funcionalista.

?

BIBLIOGRAFIA:

- http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(1).pdf
- http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/Lopestese.pdf
- http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/pronomes-contexto.pdf
- http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/falar-gente-correto-ou-so-certo-usar-694084.shtml
- http://cafecomgramaticaspcbrasil.blogspot.com.br/2010/01/gente-x-nos.html
- http://www.nilc.icmc.usp.br/minigramatica/mini/concordanciadefinicao.htm
- http://www.normaculta.com.br/searchController.do?hidArtigo=BE0ED49D0B411199484BC739F71EECD9
- http://www.letras.ufmg.br/profs/jania/dados/arquivos/Historiando....pdf

Ângela,

Você fez uma ótima pasquisa!
Ficamos muito felizes com a melhora.
Parabéns!

Rafaela e Raquel
NA/13

1.2.7.2 .3 Clara

E

Nome: Clara Zanelato Laurentino

Unidade Curricular: Lingua Portuguesa

Data: 28/10/2013

Professoras: Raquel e Rafaela

ATIVIDADE 1 (RECUPERAÇÃO)

Em todos os quatro exemplos, a expreção "a gente" se refere a nós,primeira pessoa do plural. Porém, o verbo é conjugado na terceira pessoa do singular.

Exemplo:

"(...) vontade que a gente tem (...)" -texto I

"(...) A gente se acostuma a esperar(...)"- texto III

"(...)Lopes (1999, 2003) observou que a pronominalização do substantivo gente foi um processo lento e gradual, pois só foram localizadas ocorrências de a gente como pronome no século XVIII." - Célia Regina dos Santos Lopes - UFRJ

A partir do seculo XV as expreções nominais de tratamentos começaram a ser substituídas pelo pronome de tratamento "vós",no seculo XVIII o fortalecimento e o desgaste semântico se assemelha à observação feita na pronominalização de "a gente" por Lopes (1999,2003). A perda de algumas das propriedades formais de "a gente" foi dada a partir do seculo XVI.

Dizem que a pronominalização (prossesso ocorrido para a expreção a gente deixar de ser um substantivo para se tornar um pronome) do substantivo "a gente" foi a concequência da mudança linguística e social,o que fez desta alteração um proscessocomum,diria.

A expreção "a gente" deixou de se referir ,com o tempo, a terceira

pessoa do singular,no caso "ele",para se tornar a primeira do plural,ou seja, "nós".

Eu diria que com o tempo a implantação do artigo "a" na frente do substantivo "gente" alterou seu significado,tornando-o um pronome de tratamento,e não só isso,com a adição do artigo dava-se a entender que a pessoa também havia participado do ocorrido,se esquecendo que antes se referia somente a "ele" e não a "nós",eu também diria que é por isso que apesar da alteração na frase em que substituímos "nós" por "a gente" o verbo continua sendo conjugado na terceira pessoa do singular (ele).

Referencia:

http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-2.pdf - 28/10,13:30 hrs

http://www.sinonimos.com.br/corresponder/ - 28/10,14:00 hrs

http://www.sinonimos.com.br/consolidacao/ - 28/10,13:40 hrs

http://www.antonimos.com.br/isolado/ - 28/10,13:40 hrs

Ótimo, Clara!

Rafaela e Raquel
Nov/13

1.2.7.2.4 Dalton

Nome: Dalton Coryel Pedro dos Santos. T: 122

(P)

ATIVIDADE 1

O "a gente" foi incluído nos pronomes pessoais por ele ser regularmente encontrado na fala coloquial, ora se aproximando da significação do nós, ora indeterminado, ou ainda em alguns casos funcionando como um plural de modéstia.EX:

"No primeiro texto, o RENATO RUSSO, ele substitui o pronome (nós) pela expressão "a gente", vemos que ele é a primeira pessoa do plural e o restante se refere aos leitores, por exemplo, a parte que ele fala " tão ruins que a única vontade que a gente tem é de sumir"

A transformação do substantivo "gente" foi de uma maneira tão lenta, que somente se obteve vestígios do uso dela a partir do século XVIII. O pronome era mais usado em finais de frase para incluir mais fragmentos ao texto e também para uma leve abreviação. EXS:

Século XIII:

"O jograr por tod' aquesto | non deu ren, mas violou como x ante violava, | e a candea pousou outra vez ena vyola; | mas o monge lla cuidou fillar, mas disse-ll' a gente: | "Esto vos non sofreremos." A virgem Santa Maria... (p. 27 V. I, CSM, Século XIII)

Séc. XVI:

"Também há muita infinidade de mosquitos prnçipalmente ao longo dalg | Rio antre h | as aruores ~q se chamão manges não pode nenh | a pessoa esperallos e pello matto quando não há viração são muj sobeios e perseguem muito a gente". (GÂNDAVO, 1965: 235) 2

"Quanto mais se chega a fim do mundo, atodo andar, tanto a gente é mais ruim!" (GV, p. 230, dado 21, século XVI)

Séc. XVII:

"(...) E os tigres, em tanta cantidade (por não haver descampados), que, em se metendo | a rês no mato, não sae, e o mesmo risco corre a gente, se não anda acompanhada, e pelos rios e lagos dos jaguarés..." (BERNARDO, 1996:28)

"e o mesmo risco corre a gente, se não anda acompanhada" (MNM, dado 4, p.28) "onde multiplica menos a gente que no Maranhão (idem, dado 12, p.97

Séc. XIX:

"Rosinha - A prima Maricota disse-me que era uma coisa de pôr a gente de queixo caído." (JÚNIOR, (1882: 165).

Hoje em dia o "a gente" como forma pronominal, idêntica a do século XIX e a interpretação ambígua (Que contém ou pode conter múltiplos sentidos) deixa de se fazer presente. EX:

No segundo texto, observamos dois jovens conversando, utilizam o pronome "a gente" de forma que o locutor inclui o amigo em sua fala, como por exemplo, a parte "ninguém leva a gente a serio".

Fonte: http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-3.pdf

Melhorou muito, Dalton!

Rafaela e Raquel
Nov/13

1.2.7.2.5 Gabryel

E

data

Instituto Federal de Santa Catarina
Disciplina: Português
Professores: Rafaella e Raquel
Aluno: Gabryel Lesso Bernardes

FUNÇÃO GRAMATICAL DA EXPRESSÃO "A GENTE"

A expressão "a gente" substitui o pronome "nós" no significado, porém essa expressão é seguida de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como exemplos, os tirinhas dadas em sala, em que a expressão "a gente" encerra o mesmo significado do pronome "nós" e os verbos estão conjugados, como dito, na terceira pessoa do singular.

Com algumas pesquisas e até mesmo ao analisar bem essa expressão, vi que antes de ser considerado pronome ele era um substantivo (gente). Este foi o motivo pelo qual esse pronome, "a gente", tem seus verbos conjugados na 3ª pessoa do singular. Antigamente, quando era um substantivo, ele tinha um significado de população, para entre outros sinônimos que em uma frase formulada, como exemplo "Essa gente faz tudo isso", ficaria com os verbos, referente a "gente", na terceira pessoa do singular. Porém, não consegui comprovar que foi por antes ser um substantivo que teria o motivo da conjugação dos verbos serem

data

S T Q Q S S D

desse gesto. Com isso, formulei essa hipótese.

Ótima pesquisa, Gabriel!

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.2.6 Ivan

P

Ivan Luiz Cardoso turma: 122

A gente

É correto utilizar "a gente" para substituir "Nós"? Nem sempre, na linguagem coloquial ela é bastante utilizada, mas tem quem ache que essa expressão deva ser abolida.

Mas é claro que isso não vai acontecer, pois a utilização dessa expressão já é muito forte no Brasil.

Na linguagem coloquial ela é comumente utilizada, já na linguagem formal há quem defenda que seu uso é errado.

Por exemplo: "Agente quer" pode ser substituído por "Nós queremos" sem perder o sentido da frase.

Algo deste tipo já havia acontecido na substituição de "tu" e "Vós" por vocês.
você vocês

Inicialmente, utilizava-se "gente", a mudança ocorreu de forma lenta do Século XIII ao séc. XX

O uso de "gente" vem sendo menos utilizado já que o falante não está incluído, já em "a gente" o mesmo se inclui.

No séc. XVIII, "a gente" passou a ser reconhecida como forma pronominal.

Era comum confundir o uso de "gente" com "a gente" mas no séc. XIX, essa confusão deixou de existir.

Fontes: TVCultura acesso dia 29/10
Celsul.org.br acesso dia 29/10

Ótimo, Ivan!
Faltou apenas citar os textos da atividade.

Rafaela e Raquel
nov/13

1.2.7.2.7 João Vitor

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA.

I

TRABALHO

DE PORTUGUÊS

NOME: JOÃO VITOR
TURMA: 122
PROFESSORAS-ESTAGIARIAS:
RAFAELA E RAQUEL

"A gente"

1- Função gramatical de "a gente".

R. A expressão do "a gente" é correto de usar no lugar do pronome pessoal "nós" para conversas informais. Se o "a gente" for usado na norma culta, ele está incorreto. inadequado Por exemplo. Conjugar o "nós" e o caso substituir para o "a gente". "Nós teremos um carro", substituindo para "a gente". "A gente teremos um carro". Deste jeito seria feio, o certo poderia ser, "a gente terá um carro e "nós teremos um carro.

2. A histórico de "a gente"

R Durante séculos passados ou antigamente, do objetivo da pesquisa sobre a evolução diacrônica de "a gente" partir das entradas lexicões, dos tipos que comporativo. A primeiro durante século XIII ao século XX, procuravo verificar o percurso histórico da mudança categorial do substantivo "gente" para pronome "a gente", e o segundo buscava analizar dos dados do século XX, que efetivou na gramaticalização da variação entre "a gente" e o nós.

?

tilibra

Bibliografia

Vargas A.S.C. pdf

lopestuze.pdf.

www.litro.uf rj.br

João Vitor,

Seu trabalho melhorou, mas ainda está um pouco confuso. Vamos conversar sobre ele?

Rafaela e Raquel

NOV/13

1.2.7.2.8 Kauê

Kauê dos Santos

T: 122 Nós e A Gente

Em todos os casos a palavra "a gente" poderia ser substituída por "nós", porém na maioria dos casos a palavra a seguir teria que passar para o plural. Ex Exemplo: No primeiro texto "As vezes as coisas estão tão ruins que a única vontade que nós temos é de sumir", "Divina, você só teve a impressão leva a nós a sérios?", "Nós nos ligamos em você", "Eu sei que nós nos acostumamos, mas não devíamos". Em fim quando substituir a palavra "a gente" por "nós", você sempre se verá obrigado a "pluralizar" algumas palavras.

Obs: Não se pode usar o "a gente" na linguagem culta e em linguagens mais formais, pois seria de "bom tom" evitar o uso.

Hoje em dia o "A gente" pode significar nós, mas não foi sempre assim, no passado a gente era usado sem incluir o falante e sim na terceira pessoa, por exemplo: a gente seria substituível por: O povo, As pessoas, a população.

ATENÇÃO: Atualmente com a internet tem-se confundido A gente e Agente.

Exo em uma frase: Agente da CIA
A gente do mundo
A gente vaia ir onde?

Fontes?

Ótimo, Kauê!

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.2.9 Luan

As gramáticas tradicionais, ao longo tempos, não são concordantes no tratamento que dão à expressão pronominal "a gente".

O comportamento de outras formas que se podem aproximar de "a gente" são o você / vocês

No entanto, no plural, a concordância parece ser menos sistemática.

De acordo com o "dicionário priberam" (site) é uma locução que corresponde semanticamente ao pronome pessoal nós, mas gramaticalmente a uma terceira pessoa do singular.

A forma "a gente" originou-se de uma expressão nominal, o substantivo "gente".

Antes da década de 70, era mais frequente o uso do nós, a partir desta década, o termo

FORONI www.dul.ul.pt/files/sandrabrito_pereira/Pereira_2003_tese.pdf

nós começou a se tornar mais falado na região do Rio de Janeiro.

De acordo com o site "priberam dicionário", o termo a gente vem do latim:

agens → agentis → a gente.

(P) Ótimo, Ivan!

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.2.10 Luiz Eduardo

P

Instituto Federal de Santa Catarina
Departamento de Formação Geral
Disciplina: Português
Professores: Raquel e Rafaela
Aluno: Luiz Eduardo da silva Data: 29/10/13

Pronome "A gente"

Pronome, uma classe de palavra que varia de acordo com o gênero, número e pessoa. E esta mesma classe tende a ter uma grande importância dentro dos normas da língua portuguesa, a escrita. No entanto, a língua falada tende a se ter um ramo controverso, assim chegando ao ponto em que se queria alcançar, o pronome "A gente".

Visando o que foi dito em sala de aula, não existe maneira correta de se falar o português, apenas de adequá-lo com o momento. Olhando por este lado, chega-se à conclusão de que usar o pronome "A gente" tem sua hora e seu lugar, já que se tratando de um ambiente mais formalizado, nos convém usar "nós" no lugar de "A gente". Entretanto, o pronome "A gente" ele de fato está incluído na nossa língua portuguesa?

De acordo com um estudo o "A gente" está interligado a uma língua quale? diacrônica, ou seja, o "A gente" surgiu variação naturalmente com o tempo dentro do português e se tornou efetivo no século XIX - referência a "um estudo preliminar sobre o "A gente": origem e uso" de Adilma Sampaio e Cristiane Namiuti. OK!

Se Analisarmos o português padrão e o compararmos ~~compará-lo~~ à língua com que estamos habituados a falar diariamente, vamos notar uma grande diferença. Contudo, o português na sua forma padrão se é impossível de ser falado e na sua forma, digamos, "popular", está mais associado ~~associável~~ ~~com~~ às pessoas que o dominam. Assim, transcrevendo o português formal usando o "nós" para um mais informal "A gente", se tem um contigente maior de pessoas, não é por mera coincidência que empresas de telemarketing usam mais o "A gente" do que "nós", tendo assim um resultado de abranger um público maior. Muito bom!

Então o "A gente" é um pronome, que com o tempo veio sendo incluído na língua portuguesa até chegar a um uso constante pela massa populacional - não que pessoas ricas não o falem, lembrando que é tudo uma questão de momento.

E está de acordo se falarmos ou até mesmo escrevermos o "a gente" escreve-lo de uma maneira informal, ou seja, algo mais pessoal como por exemplo com sua família, seus amigos, e assim por diante.

NA folha que nos foi entregue havia muitos exemplos de onde o "A gente" está contido. Em uma música, diálogo, propaganda etc. todos esses meios em que é empregado o "A gente" podem-se dizer informais. Sendo assim, a conclusão que é chegada é de que seu uso não é errado. Se usado no momento que o convém usar ou falar, "A gente" não dita se a pessoa que o usa é burra ou pobre, mas sim de que está buscando um meio mais viável e fácil de se comunicar usando o "A gente", já que ele é dominado pela massa populacional. Definitivamente não há problemas em falar "A gente", mas de cometer um erro comum de trocar o "A gente" por "Agente", afinal de contas não somos perfeitos, né gente.

Referências Bibliográficas

- textos usados em sala de aula.
- http://www.brasilescola.com/gramatical/pronome.htm
- http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(1).pdf.

Luiz Eduardo,

Gostamos muito do seu trabalho.
Você apresenta uma boa pesquisa e reflexões maduras.
Faltou apenas dizer qual expressão originou a forma pronominal "a gente".

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.2.11 Marielle

E

Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia de Santa Catarina
Departamento Acadêmico de formação Geral
Unidade Curricular: Língua Portuguesa
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel
Aluno (a): Marielle Cristina Carvalho Turma: 122

Diacronia

Diacrônica do termo "a gente"

Função gramatical exercida nos textos apresentados

Vamos pegar como exemplo a frase citada por Renato Russo:

"Às vezes as coisas estão tão ruins que a única vontade que agente tem é de SUMIR. Mas sempre existe um lugar onde a gente pode recomeçar. E essa música é sobre isso".

[Antes de tocar "Pais e filhos"]

Conseguimos constatar claramente o uso da expressão "a gente" como pronome para substituir o "nós". Em todos os textos essa percepção fica clara.

Percebendo a ocorrência dessa troca notamos também que apesar de substituir o "nós" que é um pronome referente à plural, o termo "a gente" continua no singular devendo assim ser conjugado.

Como era utilizada há séculos

Com base nas fontes pesquisadas supõe-se que antes do século XII "a gente" era usada como substantivo obtendo depois o caráter pronominal a que lhe é atribuído hoje.

Durante essa pronominalização o termo "a gente" pouco era encontrado como variante de "nós", sua ocorrência mais frequente encontrada em relatos daquela época era como sinônimo de "pessoas".

Sua transformação de substantivo para pronome

O substantivo gente tem origem na forma latina gensgentis:'raça', 'família', 'tribo'. Obtendo assim seu significado mais abrangente ao número de pessoas referentes (nós) quando usado com pronome.

Nota-se entre os séculos XIII-XIX um uso mais frequente do "a gente" como substituto de "nós", devido supostamente segundo a autora Omena "à necessidade de, na primeira pessoa do discurso no plural, contrapor um referencia precisa a uma imprecisa", ou seja, procurar algo mais amplo e abrangente quando citado um número maior de pessoas.

Bibliografia

- https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/viewFile/7728/7098
- http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/70994-3.pdf
- http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/14746/000666999.pdf?sequence=1
- http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg06_artigo_4.pdf
- http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/varianteslinguisticas/adequacaovocabular-gentenos.htm
- http://acd.ufrj.br/~pead/tema14/ponto25.html

Ótimo, Mariielle!
Grande melhora. Parabéns!

Rafaela e Raquel
nov/13

1.2.7.2.12 Matheus Andrade

Aluno: Matheus Andrade Alves
Turma: 122

(5)

Expressão "a gente"

Essa expressão tem o mesmo significado que "nós". Mas, diferente do pronome pessoal "nós", "a gente" é seguida de um verbo conjugado na terceira pessoa do singular.
Ex: A gente quer.
Nós queremos.

A expressão "a gente" é considerada menos formal do que "nós", ou seja "nós" é formal e "a gente" é informal.

A origem da expressão "a gente" tem várias propostas, são elas:
→ Eu + Você(s)
→ Eu + Você(s) + Outro(s)
→ Eu + Outro(s)

Matheus,

Você trouxe a função gramatical de "a gente", mas a parte da origem não ficou clara.

Rafaela e Raquel
NOV/2013

1.2.7.2.13 Matheus Imlau

(P)

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação de Santa Catarina.
Departamento de Formação Geral
Português
Rafaela e Raquel
Matheus Imlau 122

"Nós" por "a gente"?

Não há indícios (corretos) definitivos de quando a expressão "a gente" começou a ser usado, mas ela originou-se de uma expressão nominal, gente, que em certos contextos passou a ter outra classe gramatical, logo ela sofreu uma gramaticalização assim como o "você".

O pronome "a gente" deixa o falante desconprometido com seu discurso, tornando-o vago, pois essa forma abrange os demais participantes do discurso, que vão desde um "eu e você" até um sentido amplo como toda a humanidade. Um bom exemplo são os textos contidos na folha da "atividade 1", como a frase de Renato Russo ou a charge satírica com o Palmeiras. A gramaticalização do "a gente" que por efeito de concordância, concorda com a terceira pessoa do singular, alguns estudiosos classificam essa concordância de expressões como "você" e "a agente" um empobrecimento ao vernáculo

brasileiro, que perde dois paradigmas na conjugação verbal, passando a ter três paradigmas apenas. → E você acha que é um empobrecimento?

https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view pil/7728/7098 28/10/2013 22:36

ojs.gc.cuny.edu/index.php/ll journal/article/view/559/722 28/10/2013 22:37

Ótimo, Matheus.
Faltou uma reflexão sua ao final.

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.2.14 Rogério

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA
ISTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CÂMPUS FLORIANÓPOLIS
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO GERAL
UNIDADE CURRICULAR: PI-1
ALUNO: ROGÉRIO VITÓRIA SILVEIRA JUNIOR TURMA: 122

(5)

A gente

Variação Diacrônica: É aquela que varia conforme o tempo e um exemplo de uma variação diacrônica é o pronome "a gente".

Esse pronome começou a ser utilizado com mais frêquencia no século XIX, segundo pesquisas. → Esse pronome veio de qual expressão?

O pronome "a gente" é mais usado diariamente pelas pessoas pois é mais simples e mais informal, por esse motivo e alguns outros estamos começando a substituir o "tu" e "vós" por "você(s)" e "nós" e depois o "nós" por "a gente".
"nós" substitui "vós"?

Essas variações, segundo nossas professoras de português Rafaela e Raquel, não estão erradas mas sim adaptadas para a língua de cada região. → de cada Região, época, estrato social etc...

? Mas essas variações da língua tem seu lado ruim pois dependendo do contexto em que estão inseridas podem ser confundidas, com no caso do "a gente", em gênero, número e plural. ?

Exemplos: "Às vezes as coisas estão tão ruins que a única vontade que "a gente" tem é de sumir. Mas sempre existe um lugar onde "a gente" pode recomeçar. E essa musica é sobre isso.

(Antes de tocar "Pais e Filhos")

-Renato Russo

Bibliografia: Eu

http://kdfrases.com/frase/133934

http://www.celsul.org.br/Encontros/10/completos/xcelsul_artigo%20(1).pdf

28/10/13

Melhorou bastante, Rogério.
Mas faltou dizer qual expressão origi-
nou a forma pronominal "a gente".

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.2.15 Sara

Instituo Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

5

Florianópolis, 29 de outubro de 2013

Aluna: Sara Luísa Weiss Broering

Professores(as): Raquel e Rafaela

Unidade Curricular: Português

UTILIZAÇÃO DO PRONOME A GENTE

A grande maioria das pessoas sabe que o pronome "a gente" é informal, e que a forma correta(ou formal) de se falar seria "nós".

"correta" e "formal" são a mesma coisa?

Porém, "a gente" pode corresponder ao pronome pessoal "nós", implicando uma diferença gramatical,já que gramaticalmente o "a gente" se refere a terceira pessoal do singular (agente dança muito) não havendo uma primeira pessoa no plural como o pronome "nós" nos propõe.

Apesar dos dois pronomes de tratamento apresentarem significados iguais não concordam com o verbo da mesma forma :

-**Nós** fomos ao teatro

-**A gente** *foi* ao teatro

-**Ele/ela** *foi* ao teatro

-**Nós** estamos irritados

-**A gente** *está* irritados

-**Ele *está*** irritado

Até mesmo nas folhas que recebemos, nos textos contidos nela mostra se bem isso que acabo de citar. É algo que muitas pessoas não levam a sério, mais na minha opinião isso também é um pouco de respeito com quem estamos de fato conversando. Assim como os pronomes "você" e "tu".

FONTES :http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/2588306

http://pt.wikibooks.org/wiki/Portugu%C3%AAs/Classifica%C3%A7%C3%A3o_das_palavras/Pronomes/Pessoais/Pronomes_de_tratamento

http://minhalinguaeeu.blogspot.com.br/2009/07/gente-nos-ou-agente.html

data de acesso: todos no dia 27/10/13

Sara,
Sua pesquisa melhorou.
Mas faltou falar sobre a origem de "a gente".
Rafaela e Raquel
Nov/2013

1.2.7.2.16 Tamiris

data
S T Q Q S S D

I

IFSC
nome: Tamiris Vargas
turma: S22

- Atividade 1
- Expressão "a gente"

- A expressão "a gente" ~~acuera~~ 7 ser substituída pelo pronome pessoal "nós".
Ex: "A gente se liga em você"
"Nós nos ligamos em você"
- Em todos os textos podemos usar "nós" (Referência)
- A expressão "a gente" foi aceita em XVIII como pronome, mas a mudança dessa expressão foi entre os séculos XVII - XIX → Como essa expressão era utilizada, antes de virar pronome?
- Exemplo da expressão em frases:

"Às vezes as coisas estão tão ruins que a única vontade que nós temos é de sumir. Mas sempre existe um lugar onde nós podemos recomeçar" [...]

- "A gente tem" = nós temos
- "A gente pode" = nós podemos

Referências: → textos entregues.
→ www: kdfrases.com/frase/43893
→ www: celsul.org.br/encontros/201completos/xcelsul_artigo%20(1).pdf
→ www: letras.ufrj.br/posverna/docente/4094-2.pdf

MONOKUROBOO

data
S T Q Q S S D

Tamiris,

Você não trouxe a expressão que originou a forma pronominal "a gente", nem a função gramatical

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.2.17 Thiago

DATA

Instituto Federal de Santa Catarina
Departamento de Formação Geral
Disciplina: Língua Portuguêsa
Professoras: Raquel e Rafaela
Aluno: Thiago Schirous

(5)

A expressão "a gente"

o "a gente" surgiu de qual expressão?

A expressão "a gente" é um pronome e uma variação diacrônica, ou seja, o pronome "a gente" surgiu com o tempo e principalmente com o português coloquial, seu uso começou a ser mais frequente e mais comum a partir do século XIX.

Este pronome é muito utilizado no lugar do pronome "nós" e é muito utilizado na linguagem informal. Já na linguagem formal este pronome não é muito utilizado nem muito aceito por parecer às vezes um pouco grosseiro? e há também alguns autores que não aceitam seu uso neste tipo de linguagem, pois o acham "errado". Já em minha opinião eu creio que esta forma de julgar o pronome "a gente" é um pouco grosseiro principalmente tratando-o como "errado", pois creio que não há forma "errada", mas sim diferente de falar e de se expressar. ÓTIMO!

Com estas informações, é possível observar que os textos entregues pelas professoras Raquel e Rafaela, o pronome a gente pode ser trocado por nós deixando o texto com uma cara mais informal? com um texto direcionado a um certo público.

E um exemplo que a gente pode ser trocado por nós é:
"a gente pode": nós podemos. no primeiro texto.

Bibliografia:

- www.calsul.org.br/Encontros/10/completos/xalsul_artigo%20(1).pdf (26/10/13)
- www.recantodasletras.com.br/gramatica/2588306 (26/10/13)
- www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg06_artigo_9.pdf (26/10/13)

Thiago,

Sua pesquisa melhorou bastante.

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.3 Jogo da variação lexical

1.2.7.3.1 Grupo Bahia: Gabryel, Clara, Vinicius, Ângela e Matheus Andrade

Gabryel
Clara
Vinicius
Ângela

Matheus A

P

Expressões da Bahia

1. **Retado** - Depende do contexto, pode ser bravo ou muito bom
2. **Porreta** - Bom, excelente
3. **Passeio** - Calçada
4. **Lapiseira** - Apontador de lápis
5. **Grafite** - Lapiseira
6. **Comer água** - Ingerir bebida alcoólica
7. **Cacetinho** - Pão francês
8. **Buzu** - Ônibus
9. **Graxeira** - Empregada doméstica
10. **Piriguete** - Mulher perigosa, vulgar.
11. **Se retar** - Se zangar, se aborrecer.
12. **Não comer reagge** - Não cair em lábia.
13. **Escambau** - e o diabo a quatro. → aqui vocês explicam uma expressão típica com outra. O que significa "E o diabo a quatro"?
14. **Arrelia** - Ato de fazer pirraça.
15. **Sua carniça** - Seu sacana.
16. **Beiju** - Tapioca
17. **Aipim** - Mandioca
18. **Breado** - Sujo
19. **Cair cacau** - Chover
20. **Califom** - Sutiã
21. **Despongar** - Descer do ônibus
22. **Fitifiu** - Assovio
23. **Galupim** - Sapato
24. **Leseira** - Preguiça
25. **Mocofoiado** - Escondido
26. **Pacuçu** - Mulher feia
27. **Patacho** - Relógio
28. **Xuite** - Interruptor

Referências >

Palavras Baianas

→ Buzu: Ônibus → Repetida da 1ª folha

→ Colé: "Ê/ai? Como vai?

→ Porreta: Bom excelente

→ Retado: Pode ser Brava ou muito bom

↳ Repetidas

→ Comer agua: Ingerir bebida alcoólica

→ "Se Plonte": "Fique na sua"

→ Repetida

→ "Num to comeno ruggal": não estar acreditando ou dando muita importância"

→ "Bó batê o boba": Chamar os amigos p/ uma partida de futebol

Referências?

1.2.7.3.2 Grupo Minas Gerais: Ana Alzira, Thiago, Volnei e Kauê

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTACATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE FORMAÇÃO GERAL
PROFESSORAS: RAQUEL E RAFAELA
ALUNOS: ANA ALZIRA, TIAGO, VOLNEI E KAUE

E

Gírias de Minas Gerais

Agaravios: apetrechos, coisas, armas e implementos destinados ao seu porte.
Bacurim: o leitão que ainda amamenta
Barango: diz-se de pessoa ou de coisa de mau gosto, barata, fora de moda, cafona
Bembeu: pessoa raquítica, mirrada.
Bistontado: adoidado.
Bonserá: casa de cômodos, cortiço, habitação coletiva de baixa categoria (Belo Horizonte).
Breguete: coisa, objeto.
Cazumba: rês morta em atoleiro, mordida de cobra, doença ou acidente.
Chá-de-caldeirão: festinha que amigos íntimos do noivo lhe oferecem, poucos dias antes do casamento
Comporta: atenção que se dá a alguém
Consolo (ô): bico.
Currutela : gentinha, ralé.
Embrecho: Dificuldade, problema difícil de ser removido. Empecilho, complicação.
Entrunfado: amuado, aborrecido, mal-humorado, emburrado
Esgandaiado: diz-se de quem está com o cabelo desarrumado, despenteado, desgrenhado, assanhado.
Espírito-santo-de-orelha: aquele que, agindo às ocultas, traz dificuldade a alguém.
Estriziado: magro, desbarrigado
Facão: termo pejorativo para designar moça velha
Franga: recusa para dançar ou namorar.
Frisete: grampinho destinado a prender os cabelos.
Inguengado: perrengue, fraco adoentado.
Jatium: mosquito, pernilongo, muriçoca, moçorongo.
Jurabé: diabo.
Madre: útero.
Miçangueiro: aquele que leva ao mercado consumidor o produto de sua própria horta ou lavoura
Moa(ô): termo pejorativo que designa grupinho suspeito de pessoas
Negrinha: suporte para coador de café.
Paiporô: tolo, abobalhado.
Pateco: grande relógio de bolso.
Patola: preguiçoso, moleirão.
Pigarro: estronca, escora de cabeçalho de carro de boi
Prancha: égua.
Quiabar: desfazer negócio já realizado.
Riúna: aplica-se à roupa larga no corpo.
Sufregante: átimo, abrir e fechar de olhos, fração mínima de tempo.
Troar: fugir ou sair depressa, correndo.
Vacavém: parte traseira do carro de boi ou travessa que prende a extremidade posterior das chedas.
Varsal: cada um dos figurantes não graduados da guarda de moçambique e, por extensão, de qualquer guarda de Nossa Senhora do Rosário.
Trem bão: Coisa boa, legal.
Currutela: Pessoas de baixa renda.
Bololô: Confusão, agitação.

Barango: Pessoa fora de moda.
Franga: Pessoa que se recusa a dançar ou namorar.
Patola: O mesmo que preguiçoso.
Laquera: Agitação infantil.

Fonte: Gírias de Diferentes Regiões do Brasil < http://minilua.com/girias-diferentes-regioes/ >

Gírias de Mineiro < http://dicafacil.com/2011/09/05/girias-de-mineiro >

Data de acesso?

1.2.7.3.3 Grupo Rio de Janeiro: João Vitor, Luiz Eduardo, Luan e Marielle

E

Instituto Federal de Educação, e Tecnologia de Santa Catarina.

Departamento Acadêmico de Formação Geral

Grupo: João Vitor, Luis, Luan marielle

Unidade Curricular: Português

Dialeto de alguns Estados

Rio de Janeiro

(1) Aê- Particular iniciada de frase. "Aê, se liga (...)". Advérbio de lugar. "A parada está por aê"".

(2) Arroz- Aquele que só acompanha. Sujeito que fica rodeado de mulheres, tem muitas amigas, e não pega nenhuma.
(3) Beleza- Comprimento usual. '' E aí, beleza?''
(4) Bolado- Condição de incompressão momentânea preocupação em qualquer nível. ''To ficando bolado''. incompreensão?
(5) Bucha- Indivíduo com marra de malandro, que não passa de um tremendo prego; nas antigas era chamado de malandro coca-cola(só dar um sacode que ele perde o gás).
(6) Cabaço- Sujeito trapalhão.''Tu viu que merda? Esse cara é mó cabaço!".
(7)Fluir- Dar certo.''Meu projeto fluiu''."Essa parada tá fluindo"
(8) – Boiando no noticiário – Sem saber qual o assunto.
(9) – Ser escalado – ficar ciente.
(10) – Curriola – Turma.
(11) – Festival de esculacho – Surra.
(12) – Embaraço – Briga.
(13) – Lavando roupa pra fora – Traindo o amante.
(14) – Arreglados da Fofoca – Condizentes com os boatos.
(15) – Rabicho – Simpatia.
(16) – Napoleão – Valente.
(17) – Coringa – Que entra em qualquer parada.
(18) – Jogar a bola pra corner – Mudar de assunto.
(19) – Meteu uma segunda – Foi em frente.
(20) – Capiau – Boboca.
(21) – Material – Mulher.
(22) – Guia de Necrotério – Criminoso de morte.
(23) – Indo à Missa – Fazendo as pazes.
(24) – Umas e outras – Tomar cachaças.
(25) – Ressonar no asfalto – Beber até cair na sarjeta
(26)-Mermão-Aglutinação de maior. "ih, coe? Mó otário, aê!".
(27)Night- Diz-se a diversão noturna, comumente acompanhada de entorpecentes e Saliências com outrem. Como "Balada" chamado em São Paulo. "Partiu night hoje!"

Os itens assinalados estão repetidos.

Acho que vocês misturaram aqui.
Mó = maior
Mermão = meu irmão
Não é isso?

São Paulo

(1)Ardebal- Usado para chamar ou xingar o próximo
(2)Busão-ônibus
(3)Bater uma xepa- Almoçar
(4) Cagamba- Mesmo que caramba
(5) Coxinha- Policial
(6) Dar um role- Passear, sair.
(7) Mó cara- Muito tempo
(8) Mocréia- Mulher feia
("9) Truta- ''Guarda costas", segurança de alguém.
(10) Vacilou- marcou bobeira.

Rio Grande do Sul

(1) Bah- Interjeição para tudo e não há tradução.
(2) Baia- baia vem de casa. Eu vou pra baia.
(3)Bergamota- fruta do apelido de mexirica ou laranja pocan
(4) Cacetinho- Pão francês.
(5) Chimarrão- É uma bebida típica do Rio Grande do Sul, que mate sem açúcar, tomado em cuia.
(6) Sentar as patas- Ser grosso com alguém.
(7) Cueca virada- misto de sonho e bolinho de chuva com esse nome jocoso.
(8) Estrovar- Uma pessoa está incomodando.
(9) Tchê- Símbolo forte do gauchismo, tchê. Assim como meu na maior metrópole brasileiro.
(10)Tri- Mais um campeão de audiência, é quando se elogia ou quer dar um intensidade a um adjetivo. Tri-legal.

Baia (Bahia)

(1)Arraia-pipa(hoje vou empinar arraia)
(2) Bacuri-criança recém-nascida
(3) Borrachudo- ônibus
(4)Cair cacau- chover
(5)Cair matando-comer tudo; não deixar falar; dar porrada
(6)crendeuspai! –Creio em Deus Pai
(7)Acarajé- Bolinho de massa de feijão-fradinho, frito em azeite de dendê, e servido com molho de pimenta e camarão seco; acará.
8)Porreta- legal, gente fina.
(9)Êta!- Puxa!

WWW.coladaweb.com.br - Data de acesso?

Numa Piração total: Pequeno Dicionário de carioquês: as gírias cariocas!

Meu dicionário gaúcho

Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia de Santa Catarina
Departamento Acadêmico de formação Geral
Unidade Curricular: Língua Portuguesa.

Turma:122 GRUPO: L. EDUARDO, MARIELE, JOÃO VICTOR E LUAN.

Palavras ou expressões típicas

(Rio de Janeiro)

1. ***Arroz-***
   - Aquele que só acompanha. Sujeito que vive rodeado de mulheres, a maioria amigas,é doido pra ficar com todas e não pegauma sequer.
2. ***Aê-***
   - Advérbio de lugar
     ("A parada está por aê);
   - Vocativo genérico
     ("Aê, tu viu a parada?).
3. ***Bucha-***
   - Indivíduo com marra de malandro, mas que não passa de um tremendo prego.
4. ***Cabaço-***
   - Sujeito trapalhão
5. ***Chatubar-***
   - Ato de esculhambar, avacalhar e perder alinha da forma mais sacana possível.
6. ***Coé-***
   - **Aglutinação de qual é.**
     ("Coé, sangue?")
7. ***Conto-***
   - **Unidade monetária sem plural**
8. ***Goiaba-***
   - Diz-se do indivíduo distraído, aéreo,que viaja sozinho.
9. ***Mó-***
   - Aglutinação de maior.
10. ***Na mão do palhaço-***
    - Diz-se da condição das pessoas entorpecidas, não importa com qual substância.
11. ***Pipoqueiro-***
    - Covarde, frouxo, medroso.
12. ***Porrada-***
    - Multidão;
    - Briga.

13. Sacode-

- Ato caracterizado por várias pessoasse juntando para bater em alguém.

14. Sangue-

- Redução de sangue-bom; pessoa legal; genteboa; agradável; maneira.

15. Dar um balão-

- Enganar alguém no relacionamento.

16. Dar um migué-

- É como dar um balão, mas comercialmente.

17. Tá de saca, né?-

- Abreviação de: você está de sacanagem comigo, não é?

18. Deu ruim-

- Deu errado, não funcionou.

19. Sarna-

- Gíria muito usada nas comunidades da Zona Sul: se está produzido, montado, com acessórios e cabelo em dia, está "sarna".

20. Lelesque/Lek-

- Uma variação de "moleque", "leque" e "lesque", o "lelesque" é aquele surfista ou skatista que vive na praia, toma açaí e só fala gírias. O garoto carioca clássico.

21. Embrasar-

- Dançar.

22. Amo, Brasil e Sua linda/seu lindo-

- Podem ser usados como vírgula ou ponto final, em qualquer frase.

23. Ih, alá! -

- Expressão de surpresa quando a pessoa vê algo inusitado. Vem do "Ih! Olha lá".

24. Fala que é nós-

- Usada com cumprimento.

25. Isso aqui tá muito tenso-

- Quando a situação está difícil ou/e constrangedora.

Bibliografia

- http://dicionariopopular.blogspot.com.br/2010/12/f-faca-e-queijo-na-mao-tudo-disposicao.html
- http://daquidali.com.br/fernanda-martinez/mini-dicionario-de-carioques/
- http://www.necessairecomunicacao.com.br/?p=3137
- http://www.backtobrasil.com.br/rj/274-voce-sabia-palavras-tipicas-do
- http://oglobo.globo.com/rio/as-novas-girias-que-prometem-pegar-de-vez-os-cariocas-durante-verao-6875429
- http://www.reidacocadapreta.com.br/2008/03/05/dicionario-de-carioca-fale-o-carioques-aqui-cole-mermao-essa-parada-e-massa/

Data de acesso ?

1.2.7.3.4 Grupo Rio Grande do Sul: Sara, Rogério, Tamiris, Bruno e Dalton

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Florianópolis, 22 de outubro de 2013

Alunos : Sara Luísa, Rogério, Tamiris, Bruno Garbatzki. Dalton

Professores (as) : Raquel e Rafaela

Unidade Curricular : Português

Turma : 122 **1ª fase**

VARIAÇÕES LEXICAIS USADAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

1.**Lomba:** morro

2.**Peixada:** batida de carro

3.**Guisado:** carne miúda

4.**Cusco:** cachorro

5.**Prefixo TRI :** muito bom

6.**Baixado:**i nternado

7.**Aguentar o tirão :** sustentar uma opinião

8.**Arrastar a asa :** enamorar-se

9.**deitar nas cordas :** fazer corpo mole

10.**meter a viola no saco :** calar-se, desistir, acovardar-se

11.**sentar o braço :** surrar, espancar, esbofetetar, bater

12.**Lambão:** Pessoa suja, com pouca ou sem nenhuma higiene.

13.**Xerenga :** Faca antiga, que não funciona bem.

14.**Tererê :** Chimarrão com água fria.

15.**Charlar :** Prosear, conversar.

16.**Cuecão :** ceroula;

17. **Lomba :** ladeira;

18.**Tri :** muito (ex: trilegal, tribonita)

19.veranear : passar o verão

20.Tô tisga : falta de sexo

21.Um ar : lindo

22.Parada de ônibus : ponto de ônibus

23.China : mulher do peão

24.Gaudério : andarilho

25.Melena : cabelo

FONTES:

-http://portugalparanormal.com/index.php?topic=25830.0

-http://minilua.com/girias-diferentes-regioes/

-http://answers.yahoo.com/question/index?qid=20080610141047AAfLAdD

-http://julyoblog.blogspot.com.br/2011/09/girias-gauxas-parana-e-sc.html

-http://pt.wikipedia.org/wiki/Dialeto_ga%C3%BAcho

ÓTIMO!

OBS: TODAS ACESSADAS NO DIA 21 DE OUTUBRO DE 2013.

1.2.7.3.5 Grupo São Paulo: Douglas, Ivan, Juliany, Mariana e Matheus Imlau

Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Língua Portuguesa
Turma: 122
Alunos: Douglas Fochezatto dos Santos, Ivan Luis Cardoso, Juliana Zimermann, Mariana Machado da Costa e Matheus Imlau.

E

Variação Lexical de São Paulo

Farol - semáforo, sinaleira

Guia - meio fio

Holerite - contra-cheque

Bornal - saco para carregar mantimentos ou alimentos, embornal

Trampo/Trampar – Trabalho

Uma pá de vezes - Muitas vezes

Bagalho - Mesmo que baralho.

É fria - É perigoso

Cola lá - Vai lá

Muamba - Produtos importados do Paraguai

Truta - "Guarda costas", segurança de alguém

Sentar o dedo - Dar um tiro, matar alguém

Micreiro - Pessoa que mexe com micro-computadores

Bater essa xepa – almoçar

Tô a pampa – estar tranquilo

Fita forte – produto de roubo

Ei tá preula – ficar impressionado

De vereda – de uma vez (usado para dar enfase)

Cabrito – Algo não original

Salve – (Mesmo que tão Jow) Significa oi ou um cumprimento

Biriba – Caipira ou tropeiro

colher torta – Intrometido (a)

Tapera – Casa velha abandonada

Mundana – Mulher da vida

Mecê – Vossa Mercê (você)

Turuna – Ótimo animal de estimação

Arribar – Chegar

Fonte: http://noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/2005/09/16/462863/dialeto-do-interior-paulista.html 21/10/13

http://www.coladaweb.com/cultura/dialetos-de-sao-paulo-girias 21/10/13

Muito bom!

1.2.7.4 Atividade sobre “ironia”

1.2.7.4.1 Ana Alzira

5

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA.
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE FORMAÇÃO GERAL
UNIDADE CURRICULAR: PORTUGUÊS
ALUNA: ANA ALZIRA MENEZES DE SOUZA

O VERDADEIRO GEORGE CLOONEY

A ironia do texto “O Verdadeiro Geoge Clooney” se encontra logo na primeira linha, quando o autor diz “Longe de mim querer difamar alguém”, ou seja, não será ele a pessoa que irá apontar defeitos em alguém que muitas vezes é dito como perfeito, mas apartir do quinto parágrafo o autor começa uma série de calúnias em direção a Geoge Clooney, como dizer que ele é gay, que bate na mãe todas as quintas-feiras, que tem mau hálito e etc. E por fim o autor diz: Passe a diante, o que vai contra a intenção que ele dizia ter na primeira linha.

Ana Alzira,

Você percebeu um dos pontos irônicos do texto. Mas será que não há mais alguma ironia?

Rafaela e Raquel
nov/13

1.2.7.4.2 Bruno

05/11 atraso (I) / /

ALUNO: BRUNO GARBATEKI T: 122 DATA.

ANÁLISE DO TEXTO

No início do texto, você não percebe, mas no texto há várias ironias. A Principal delas está no começo ~~do texto~~, quando o narrador diz que não quer ofender ninguém, mas com o desenrolar do texto, "solta" vários "podres" sobre George Clooney.

BRUNO,

Será que esses "vários podres" que o narrador conta sobre George Clooney são verdadeiros? Qual o objetivo do narrador ao apontar características positivas de Clooney e depois o caluniar?

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.4.3 Clara

5

A ironia está em todas as partes do texto.
Primeiramente, o autor diz que não difama ninguém, mas depois fala mal, difama, George Clooney. Repete seu nome a todo momento. Ele fala como se Clooney fosse sinônimo de perfeição, porém sempre resalta seus "defeitos". Diz que tudo que ele faz é uma "farsa", que, por exemplo, pra ser bejado tem que se pagar um cachê a mais. Este texto é pura ironia, de início a fim.

Clara,

Você compreendeu a ironia do texto, mas sua explicação não ficou tão clara.

Rafaela e Raquel
nov/13

1.2.7.4.4 Dalton

5

Nome: Dalton Ariel Pedro dos Santos.

O verdadeiro George Clooney

Na minha opinião, o sarcasmo do texto está onde o narrador fala que não quer difamar as pessoas, mas no caso ele escreve um texto de 35 linhas difamando George Clooney e pede no final que as pessoas passem adiante

Dalton,

Você percebeu um dos pontos irônicos do texto. Mas será que não há mais alguma ironia?

Rafaela e Raquel
Nov/13

1.2.7.4.5 Douglas

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom (05/11 ATRASO) / /

(I)

Nome: Douglas F. dos Santos
turma: 122

No texto, o autor começa a falar bem do George Clooney suas qualidades e atributos físicos e intelectuais e como ele é adorado pelas mulheres, mas depois ele fala que George é gay, sobre seus defeitos.

Será que esses defeitos são reais?

Douglas,

Parece que você não compreendeu bem a ironia do texto.

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.4.6 Gabryel

E

Gabryel Lasso Bernardes 122

Além do Título se chamar "O verdadeiro George Clooney" e apresentar características a favor de George Clooney, no começo, o autor, com a desculpa de aumentar a autoestima dos homens que não seja o George Clooney, inventa muitas mentiras sobre o Tal para difamar mesmo que seja um pouco a imagem de Clooney ÓTIMO!

Gabryel,

Você compreendeu a ironia do texto.

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.4.7 Ivan

I

Ivan Luiz Cardoso 122
Fazer um storyboard de uma tirinha irônica/ambiguo/polissêmica ou sarcasmo

A ironia do texto é que ele começa elogiando o ator, dizendo que ele faz bons filmes e depois termina dizendo que ele bate na própria mãe.

Ivan,

Você precisa explicar melhor a ironia presente no texto. O autor ressalta aspectos positivos e negativos de Clooney, como você colocou. Mas eles são todos verdadeiros? Qual o objetivo do autor?

Rafaela e Raquel
nov/13

1.2.7.4.8 João Vitor

I

Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Língua Portuguesa Data: 02/11
Turma: 122
Nome: João Vitor R. Garcia
Professores - estagiários: Rafaela e Raquel

O verdadeiro George Clooney

A ironia do texto começa que não tem ninguém melhor do que George Clooney, e cada vez mais adorável e idolatrável pelas mulheres, e fala que não consegue nada para "diminuir a idolatria". A outra ironia fala quando, "cada vez mais George Clooney. E se aproxima da perfeição". Nesta ironia fala do lado bem e o lado ruim dele. O lado ruim é que ele tem dentes falsos, tem pernas finas e desvio no septo, solteiro, portanto, claro que é gay, ele bate na mãe todas as quintas-feiras e é extremamente bravo, que leu um livro e não lembra o que foi "O pequeno príncipe" ou "O grande Gatsby".

João Vitor,
Parece que você não compreendeu bem o conceito de "ironia". Vamos conversar sobre isso no atendimento. Sua escrita está bastante confusa.
Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.4.9 Juliany

I

curti! ☐ ñ curti! ☐

Ironia: O verdadeiro George Clooney

A ironia é percebida quando o próprio texto se contradiz, como no começo ele elogia George Clooney e logo depois ele "meio" que desprezo.

Nome: Juliany Zimermann

Juliany,

Você acha que o autor se contradiz?
Qual o objetivo dele em afirmar que Clooney "se aproxima da perfeição" e depois apresentar diversas características negativas? Será que elas são verdadeiras?

Rafaela e Raquel
Nov/13

1.2.7.4.10 Luan

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis
Florianópolis, 5 de novembro de 2013
Professoras: Raquel e Rafaela
Aluno: Luan de Barros
1ª Fase Turma: 122

(I)

Ironia do Texto: O verdadeiro George Clooney

A ironia está presente na forma ~~de~~ como o autor atribui as características ao George e depois fala dos pontos negativos destas características.

Luan,

Você acha que as características negativas citadas pelo narrador são verdadeiras? Talvez você não tenha compreendido bem a ironia do texto.

Rafaela e Raquel
nov/13

1.2.7.4.11 Luiz Eduardo

(5)

Luiz Eduardo da silva

Ironia

* Explicar em um parágrafo a ironia do texto sobre George Clooney.

No primeiro parágrafo, o texto nos introduz ao que parece ser um homem brilhante com grandes características. O texto nos passa uma ideia dos homens estarem ameaçados com a genialidade de um ser humano chamado George Clooney, "O que está em jogo é a autoestima da nossa espécie, os homens que não são George Clooney".

O texto toma uma reviravolta quando, no sexto parágrafo, começam uma série de fatos que contradizem os já ditos nos primeiros parágrafos. O texto coloca que, pela tamanha perfeição de George Clooney, resta apenas a calúnia para que se possa ter uma chance contra Clooney.

A ironia do texto está em dizer que homens comuns, com hábitos comuns e horríveis não teriam a menor chance de competir, em qualquer aspecto, com uma pessoa famosa, pois aos nossos olhos são pessoas intelectuais e muito bem instruídas, mas o texto nos mostra totalmente o contrário, mostrando então uma pessoa famosa, mas com características e hábitos piores do que uma pessoa comum.

↳ Mas essas características negativas de Clooney são verdadeiras?

Luiz,

Você construiu um bom texto.
Mas, ao fim, não ficou claro se você compreendeu bem ou não a ironia da crônica.

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.4.12 Marielle

I

Instituto Federal de Santa Catarina
Língua Portuguesa
Turma: 122
Aluno(a): Marielle Cristina Carvalho

O verdadeiro George Clooney

A ironia do texto está apresenta ma controvérsia, pois ele explica ~~o~~ porque as pessoas (principalmente as mulheres) "amam" George Clooney e depois como, na sua opinião, George Clooney realmente é.

Marielle,

Será que o autor realmente pensa todas aquelas coisas ruins sobre George Clooney?

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.4.13 Matheus Andrade

03 11 2013

Aluno: Matheus Andrade Alves

Turma: 122

① O texto é irônico porque diz que não resta mais nada, só a química e então começa a falar um monte de coisas contrais do que foi escrito no começo do texto.

1.2.7.4.14 Matheus Imlau

TOP HAT

Matheus Imlau 122 04/11/2013

P

A ironia está em aceitar que George Clooney é muito "FOD...A" e semi-perfeito e que não há defesa contra ele, simplesmente não tivemos a sorte que ele teve e não somos George Clooney. A ironia está em aceitar a superioridade de George Clooney e que contra ele e "sem mas", nos mesmo assim tentamos difamá-lo, para ter auto-estima e nos sentirmos melhor por não sermos George Clooney. Enfim, é um exercício, quase um Hobby, para aumentar a auto-estima.

Matheus,

Você compreendeu a ironia do texto.

Rafaela e Raquel
NOV/13

TopHat Custom Shop

1.2.7.4.15 Rogério

INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA
ISTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CÂMPUS FLORIANÓPOLIS
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO GERAL
UNIDADE CURRICULAR: PI-1
ALUNO: ROGÉRIO VITÓRIA SILVEIRA JUNIOR TURMA: 122

Texto: O Verdadeiro George Clooney 5

Entregar dia: 4/11/13 – Segunda - Feira.

O autor, sem argumentos para diminuir o George Clooney, relata de forma irônica os mais absurdos defeitos que uma pessoa pede ter. Por exemplo os dentes falsos, solteiro logo gay, usa botox, extremamente burro, etc.

Rogério,

Você compreendeu a ironia do texto.
Poderia ter explicado um pouco melhor.

Rafaela e Raquel
nov/13

1.2.7.4.16 Sara

05/11

HIP HOP

(P)

Texto George Clooney.

O texto fala respectivamente do ator, fala muito bem no início e é aí que está a ironia. No quinto parágrafo começa a "verdade" sobre a perfeição do ator. Usa botox, é gay, bate em sua mãe todas as quintas feiras, é burro e leu apenas um livro até hoje.
A ironia é elogiá-lo, falar bem do seu trabalho e depois fala o contrário.
Confesso que ri muito a partir do quinto parágrafo porque da de ver que é mentira, que é apenas uma brincadeira.

Sara,

Você compreendeu a ironia do texto.

Rafaela e Raquel
na/13

→ Sara.

1.2.7.4.17 Tamiris

IFSC
Nome: Tamiris Vargas
Turma: 122

I

- Explicar o que o texto retrata.

O texto de "O verdadeiro George Clooney" retrata um homem "perfeito" aos olhos deles e de alguns, mais não é bem assim [por exemplo seus dentes considerados perfeitos não passam de dentes falsos.]

↳ Será que os dentes de Clooney são mesmo falsos? Será que todas as características dele apontadas pelo narrador são verdadeiras?

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.4.18 Thiago

I

DATA

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus - Centro
Disciplina: Português
Aluno: Thiago Schirous

No texto "O verdadeiro George Clooney", a ironia está presente pois no início o autor descreve uma pessoa (George Clooney) e mais no fim descreve uma pessoa totalmente diferente. Um exemplo disso é a parte que fala dos dentes de George Clooney.

O autor cria primeiro uma imagem de George Clooney e depois desmonta, transforma esta imagem boa em uma outra ~~em uma~~ totalmente diferente.

Thiago,

Qual o objetivo do narrador ao apresentar (supostas) características boas e ruins de Clooney?

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.5 Recuperação da atividade sobre "ironia"

1.2.7.5.1 Clara

IFSC - Eletronica / DAITEC

Nome: Clara Lanlato Laurentino turma 122

Data: 11/11/2013

E

"Perfeição" - Legião Urbana

Esta música é composta por ironias, diz que devemos celebrar a desgraça de nosso país e ~~devemos~~ comemorar o que mata o ser humano. "Incentiva" a continuarmos ignorantes ao que está ~~na~~ a nossa frente, diz para "adorar" Kadus, deus grego do mundo inferior.

Ela ~~da a mensagem de como somos burros~~ exprime o quão burros nós somos, pois ficamos parados enquanto o mundo ao nosso redor ruí. Também faz crítica ~~do~~ sobre o quanto somos ignaciosos, ~~que~~ pois, por mais que sejamos honestos, essa honestidade é jogada no lixo, é roubada e nos tornamos monstros.

Clara,

Seu texto melhorou muito. Você soube explicar bem a ironia da música, com reflexões maduras.

Rafaela e Raquel

nov/13

1.2.7.5.2 João Vitor

12/11/13 Gmail - Re:Ironia sobre a Perfeição da Legião Urbana

I

Gmail by Google

Rafaela Miliorini Alves de Brito <rafaelamiliorini@gmail.com>

Re:Ironia sobre a Perfeição da Legião Urbana

1 message

João Vitor Ribeiro Garcia <joaovitor.rgarcia@gmail.com> Tue, Nov 12, 2013 at 9:20 PM
To: rafaela.miliorini@gmail.com

Desapontar a estupidez humana por todas as nações, ocorre pela realidade que acontece todo dia. Como desfrutar uma coisa que não temos como "celebrar a juventude sem escola". A verdade sobre música é que uma nação não tem perfeição, mas pode menizar os erros que tem numa nação.

João Vitor,

Você não atingiu o objetivo da atividade.

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.5.3 Juliany

Aluno(a): Juliany Zimermann Turma: 122
Língua Portuguesa

E

Perfeição

A música é irônica porque ela fala em celebrar coisas ruins. Normalmente a celebração é feita por motivos bons, por causa devido a todas coisas boas que acontecem na vida. Mas, na música, os autores estão mandando nos convidando a celebrar as coisas ruins que o ser humano é ou faz, como, por exemplo:

"Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos
Covardes, estupradores e ladrões."

Nesse pedaço da música, não há nenhum motivo bom para celebrar e, mesmo assim, a música diz para celebrarmos.

Juliany,
Você compreendeu a ironia da música e soube explicá-la bem.

Rafaela e Raquel

1.2.7.5.4 Luiz Eduardo

E 09/11/13

-Luiz Eduardo da Silva.
-Instituto Federal de Santa Catarina
-turma: 122

Recuperação Ironia

A música da Legião Urbana critica o governo e a sociedade brasileira por meio da ironia. Eles utilizam os problemas e a falta de consideração do governo com o povo como um ato a ser celebrado.

Usando o mesmo contexto, é criticada a sociedade também, ~~da mesma maneira~~ como, por exemplo, em "vamos celebrar os preconceitos"; esta frase dita que na sociedade há muito preconceito, e na forma de ironia o compositor da música se diz "celebrar o preconceito", assim tentando fazer com que a sociedade perceba seus defeitos.

Usada também para critical meio politico, a ironia no texto mostra como o governo está mal com o povo, em "celebrar a juventude sem escola", a música retrata ironicamente ~~a ironia na música dita~~ a mal administração do governo em relação à educação.

que tal assim:
com esta frase, o compositor denuncia um dos grandes males da sociedade, o preconceito. Ironicamente, ele nos convida a celebrar esse comportamento, tentando fazer com que a sociedade perceba seus defeitos.

Luiz,

Você compreendeu e soube explicar bem a ironia da música. Mas precisa melhorar um pouco a estrutura do texto, pois algumas partes ficaram um pouco confusas.

Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.5.5 Matheus Imlau

TOP HAT

Matheus Imlau 122 11/11/2013

Perfeição (E)

A ironia do texto se percebe logo depois do título, nos primeiros versos; ela fala sobre todos os defeitos das pessoas, coisas que não são reconhecidos ou que não deviam ser comemorados, pois não levam a nada. Há ironia também no final do texto, onde se diz que o que vem é a perfeição, mas nada se fala sobre mudar todas as coisas erradas citadas anteriormente.

Matheus,

Você compreendeu a ironia da música e sabe explicá-la.

Rafaela e Raquel
NOV/13

TopHat Custom Shop

1.2.7.5.6 Tamiris

Nome: Tamiris Vargas

Turma: 122

5

Texto Reflexão

No texto, ele o autor retrata mamias coisas muins, como "As crianças mortas", mas no começo ele coloca "Festejar" e é aí que está a ironia: não celebramos [esse tipo de coisa, o tipo de coisa que nosso mundo pede socorro] as coisas pelas quais o mundo pede SOCORRO.

Tamiris,

Você compreendeu a ironia da música e conseguiu recuperar a atividade.

Rafaela e Raquel

1.2.7.5.7 Thiago

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus - Florianópolis - centro
DALTEC
Unidade curricular: Português
Aluno: Thiago Schürous

P

"Perfeição"

A ironia da música é que o título dela é "perfeição", mas sua letra critica as imperfeições, o modo de viver e de pensar das pessoas.

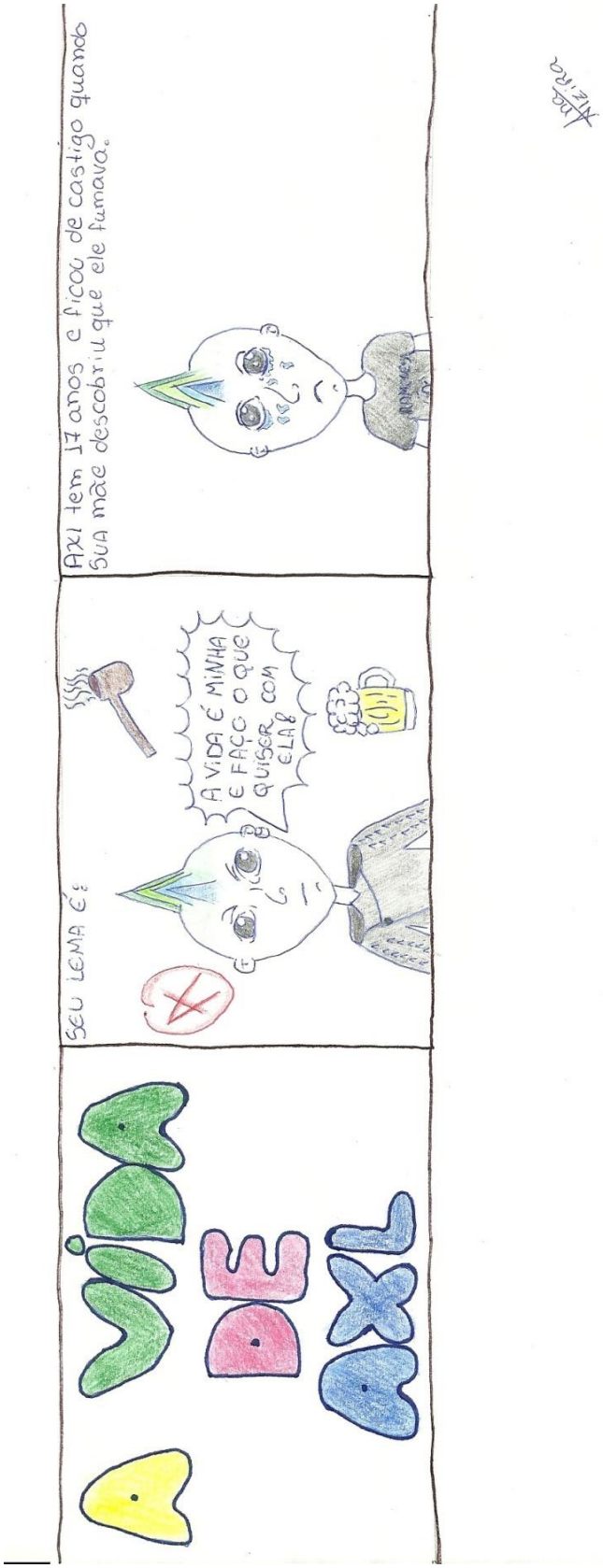
Thiago,

Sua reflexão melhorou bastante. Você conseguiu compreender a ironia da música.

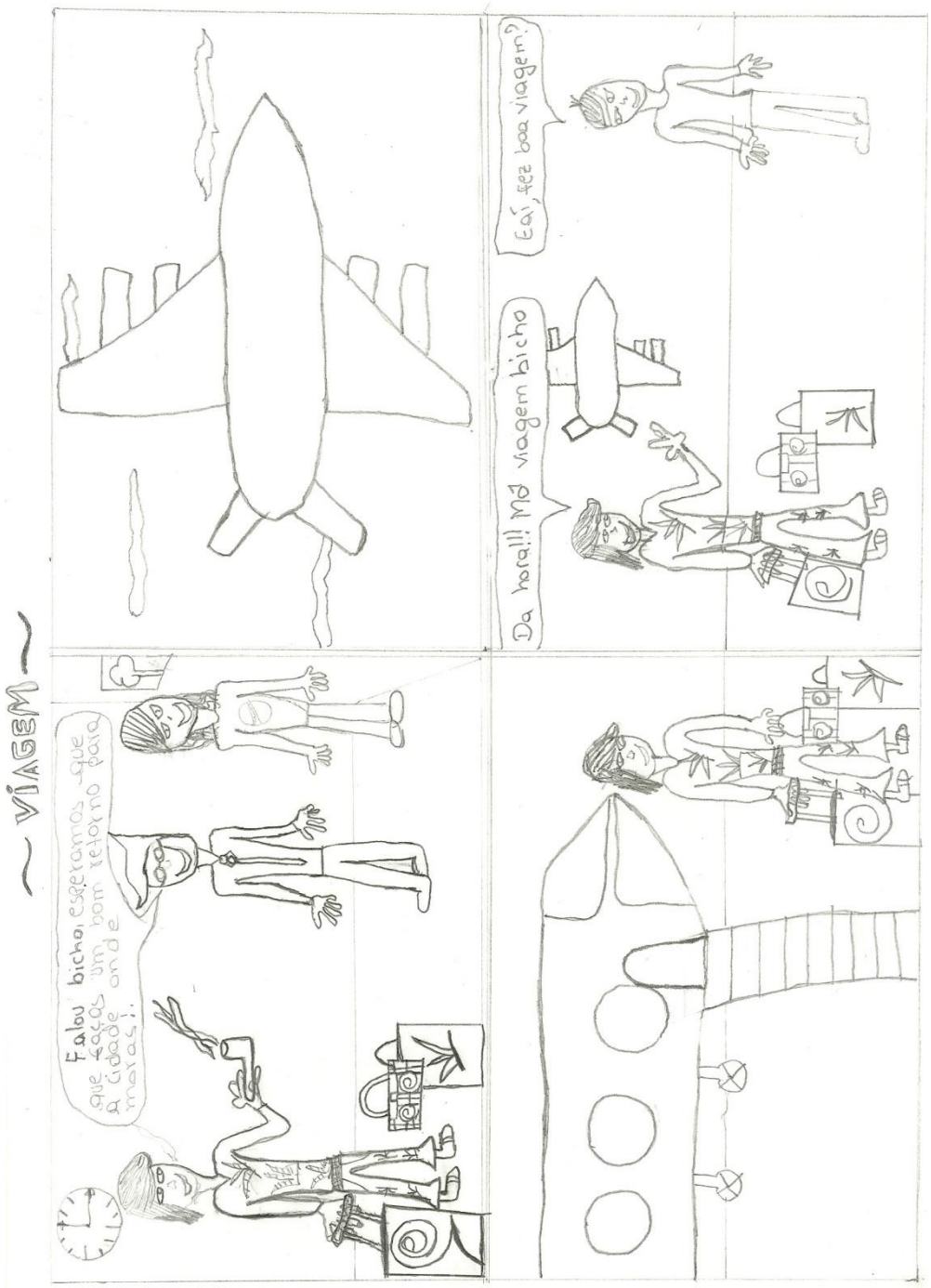
Rafaela e Raquel
NOV/13

1.2.7.6 Tirinha sobre ironia, polissemia, ambiguidade

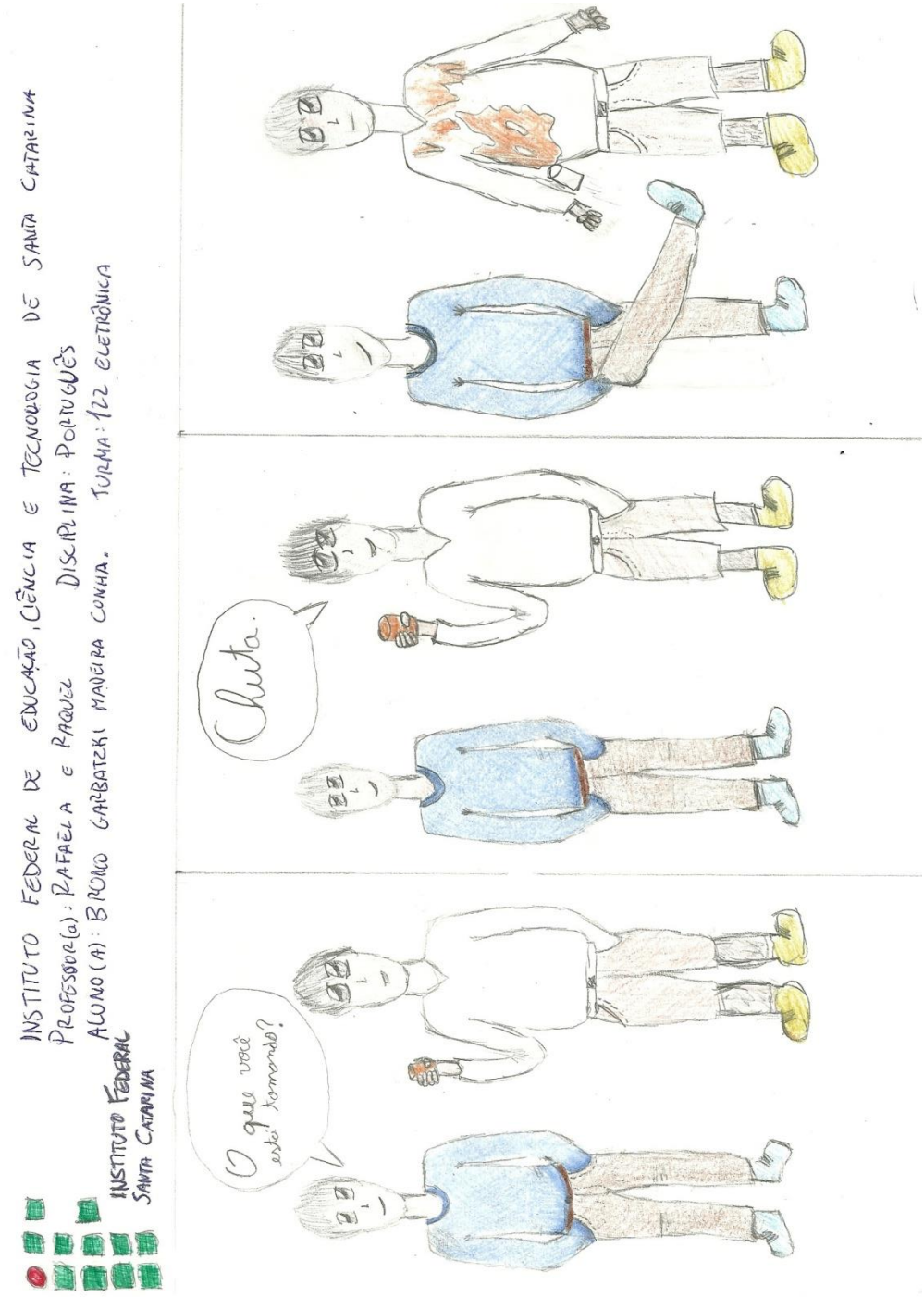
1.2.7.6.1 Ana Alzira



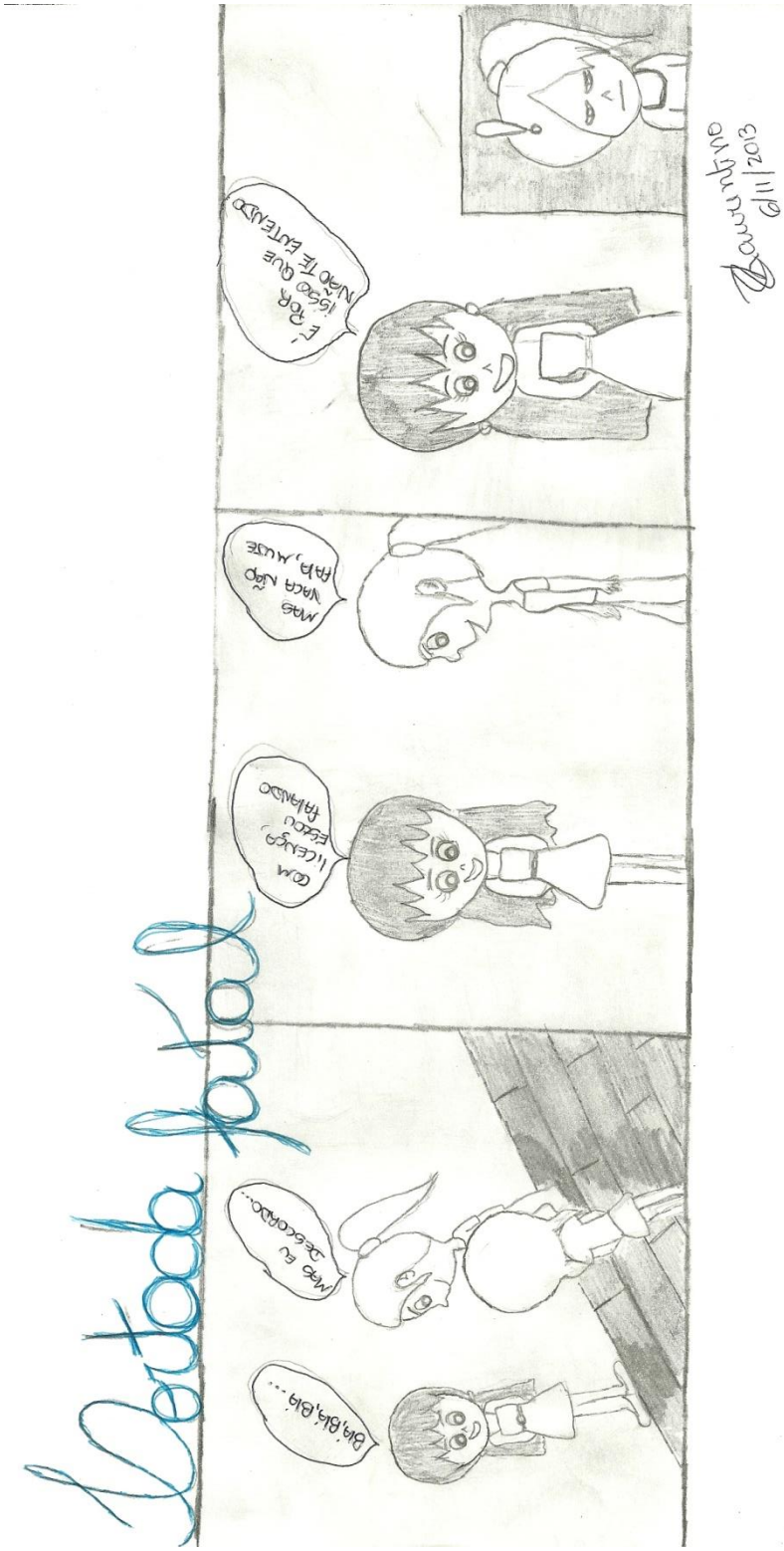
1.2.7.6.2 Ângela



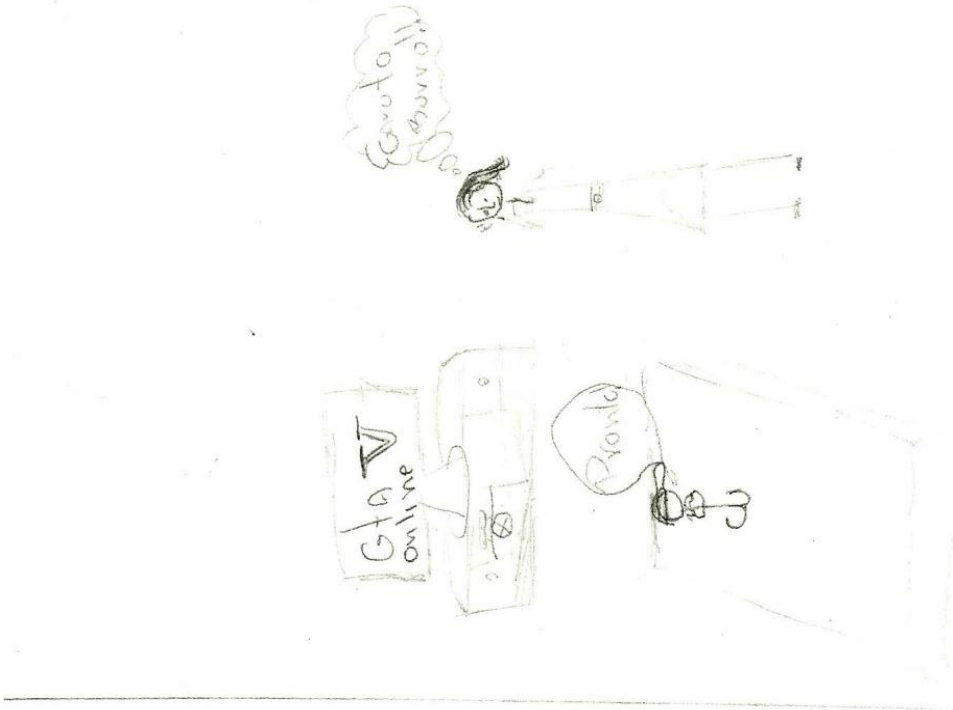
1.2.7.6.3 Bruno

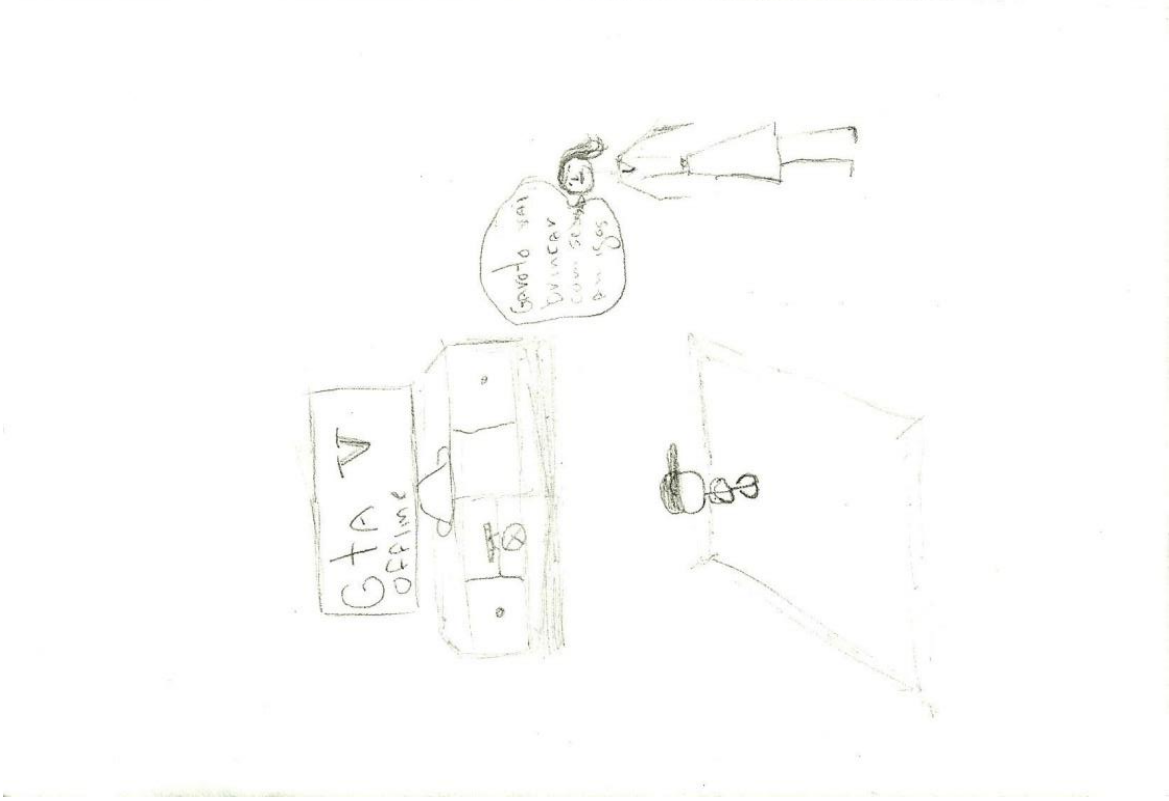

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
PROFESSOR(a): RAFAELA E RAQUEL
DISCIPLINA: PORTUGUÊS
ALUNO(A): BRUNO GARBATZKI MADEIRA CUNHA.
TURMA: 122 ELETRÔNICA
INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA
O que você está fumando?
Chuta.

1.2.7.6.4 Clara


Futebol para
Bla,Bla,Bla...
Mas eu Jeecorado...
com licença, eeeu falando
mas não não Aha, Muse
E- Por isso que não TE futeado
Bauruhe 01/11/2013

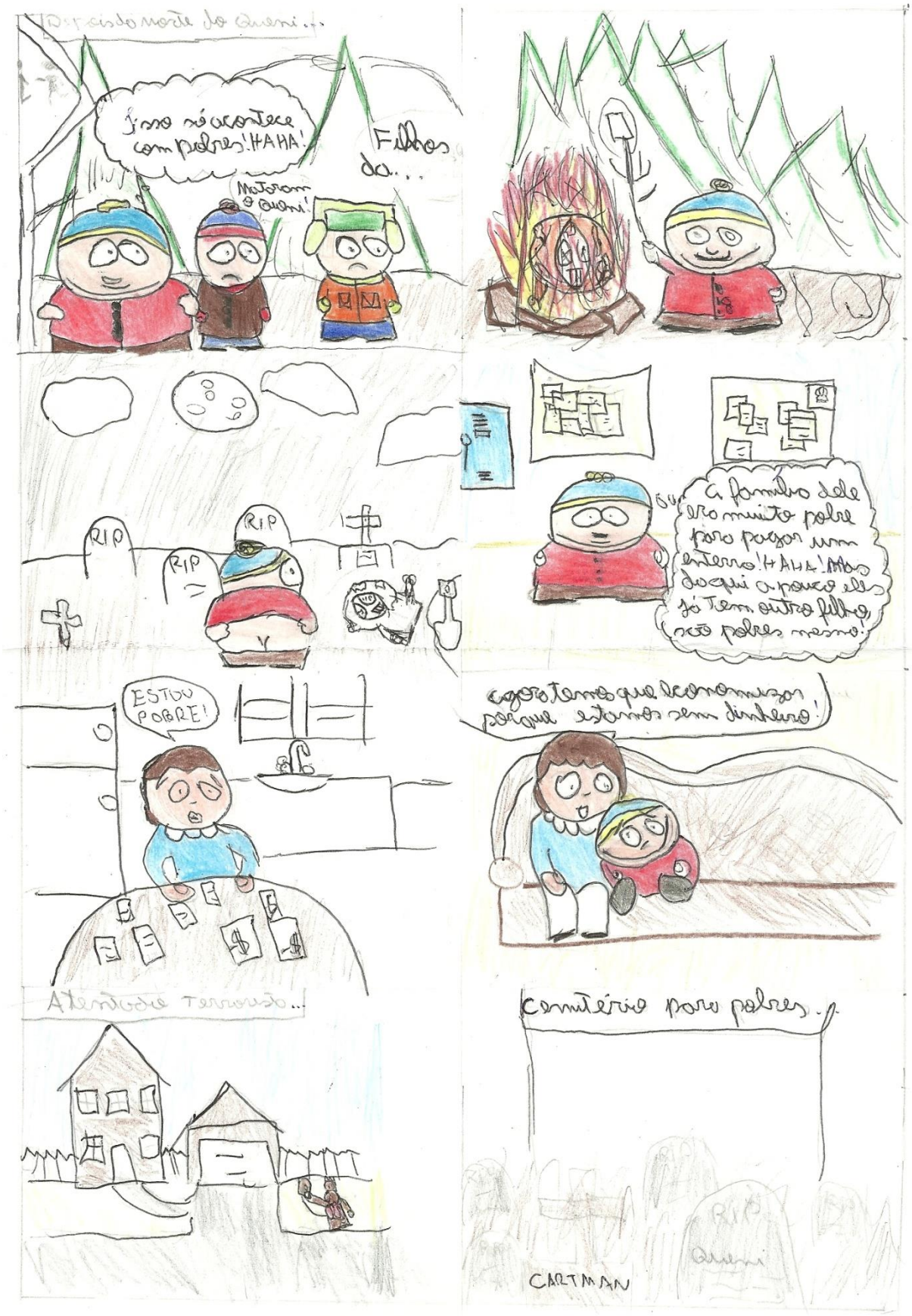
1.2.7.6.5 Dalton





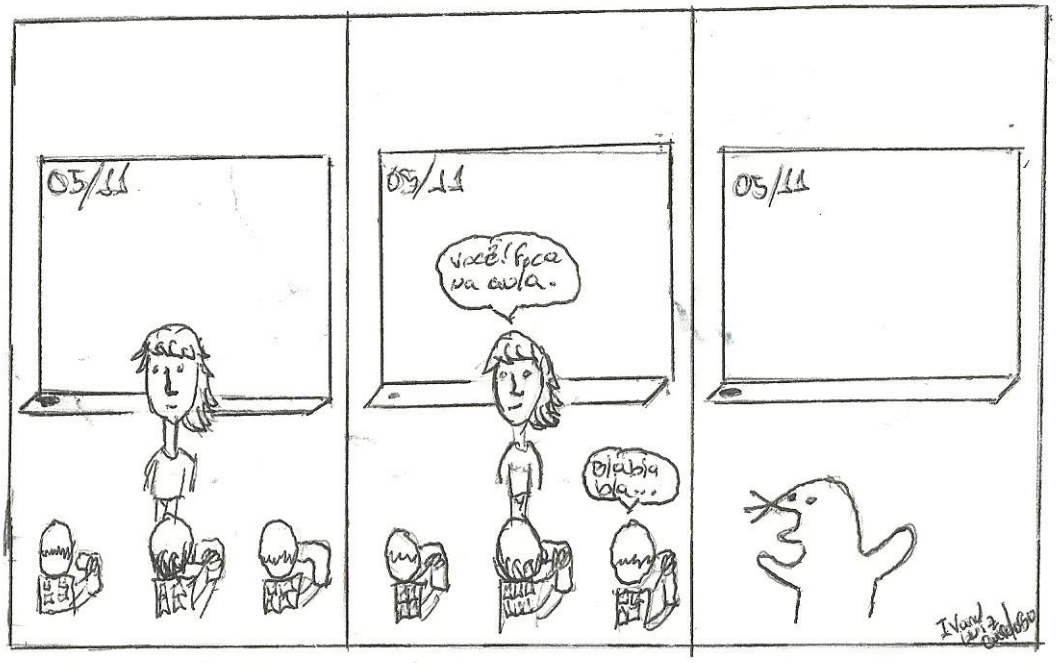
1.2.7.6.6 Douglas

1.2.7.6.7 Gabryel

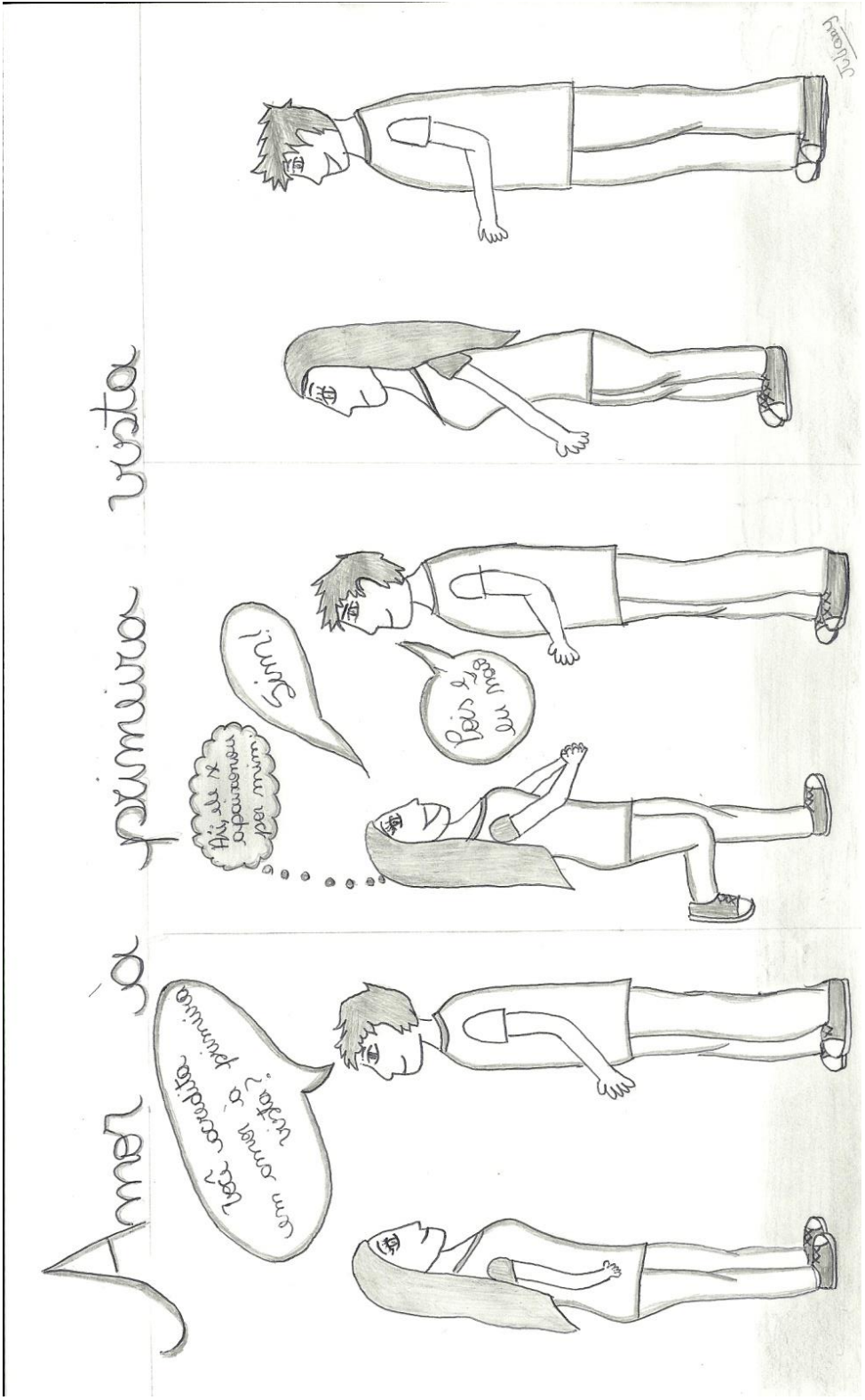


1.2.7.6.8 Ivan

Foca



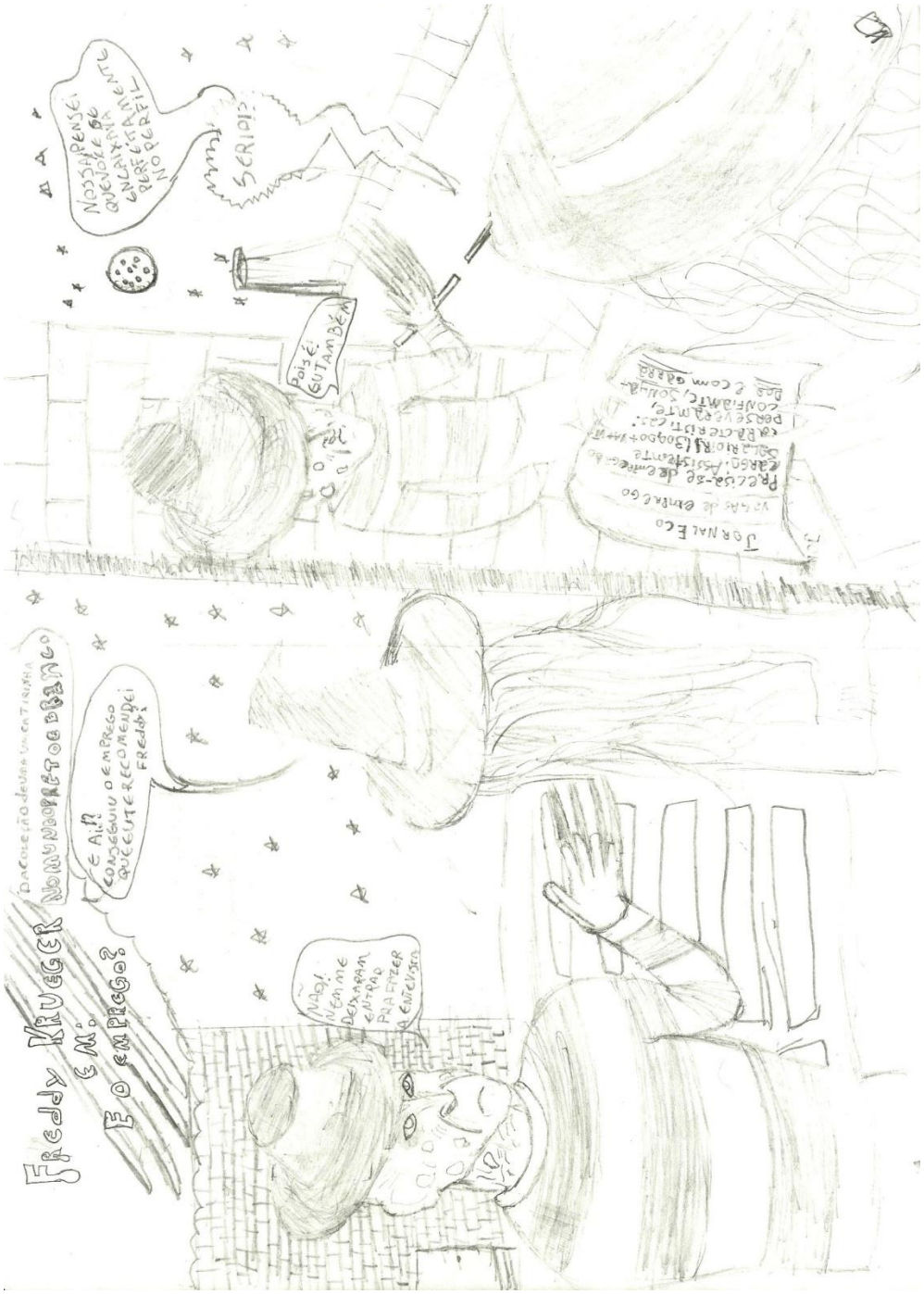
1.2.7.6.9 João Vitor



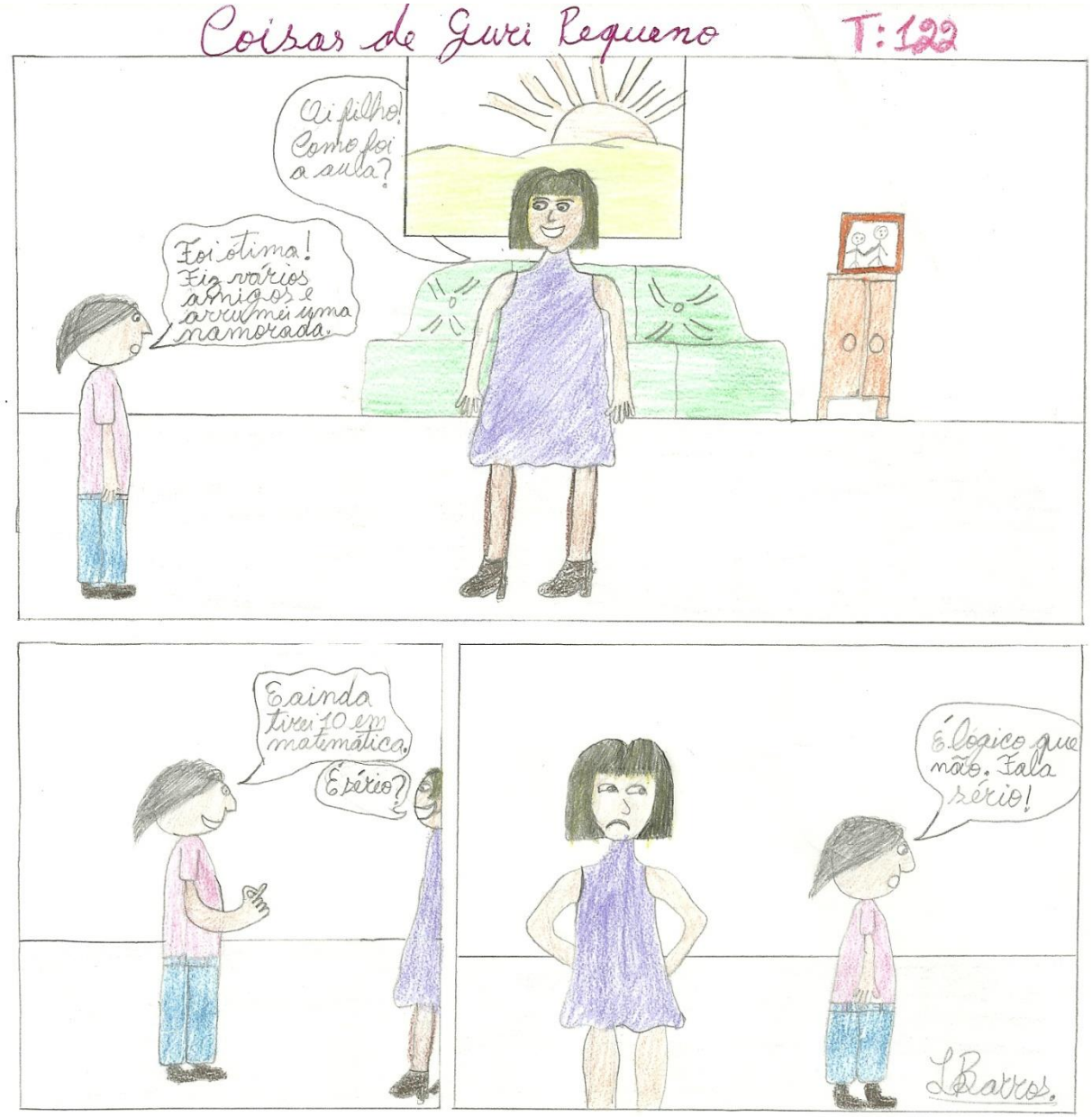
1.2.7.6.10

Juliany

1.2.7.6.11 Kauê

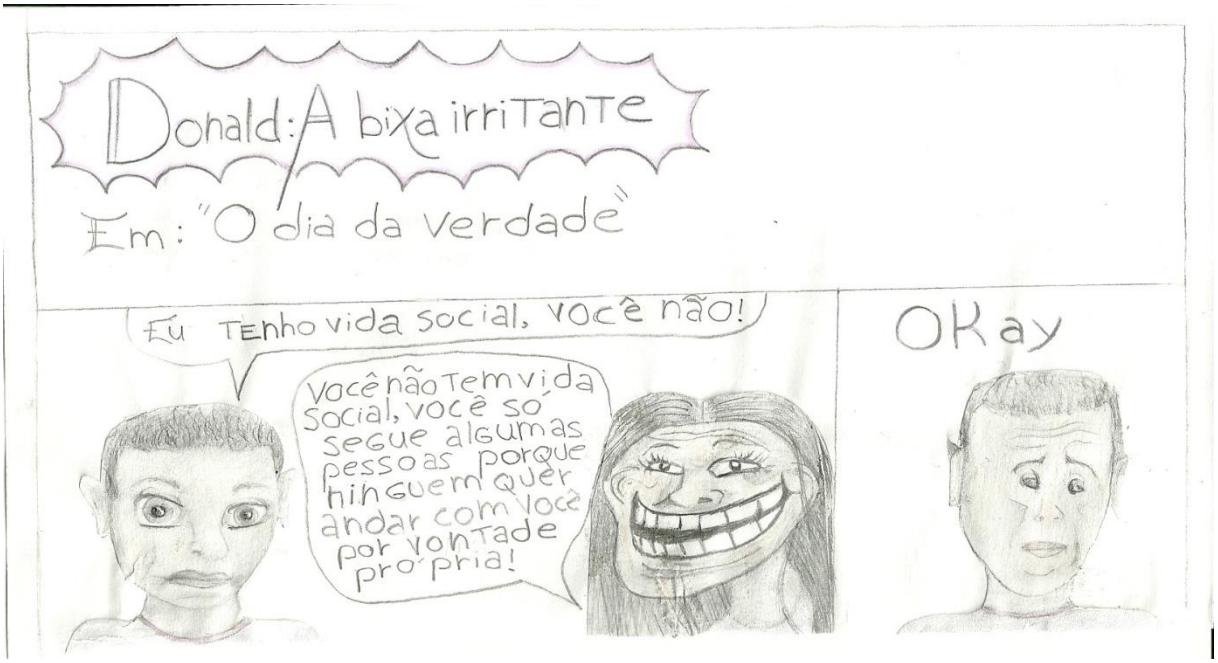

Freddy Krugger
E o emprego?
Não! Nem me deixaram entrar pra fazer a entrevista
E aí? Conseguiu o emprego que eu te recomendei Freddy?
Nossa! Pensei que ia ficar no perfil
Sério?
Pois é! Eu também
Jornal Eco
Precisa-se de emprego

1.2.7.6.12 Luan

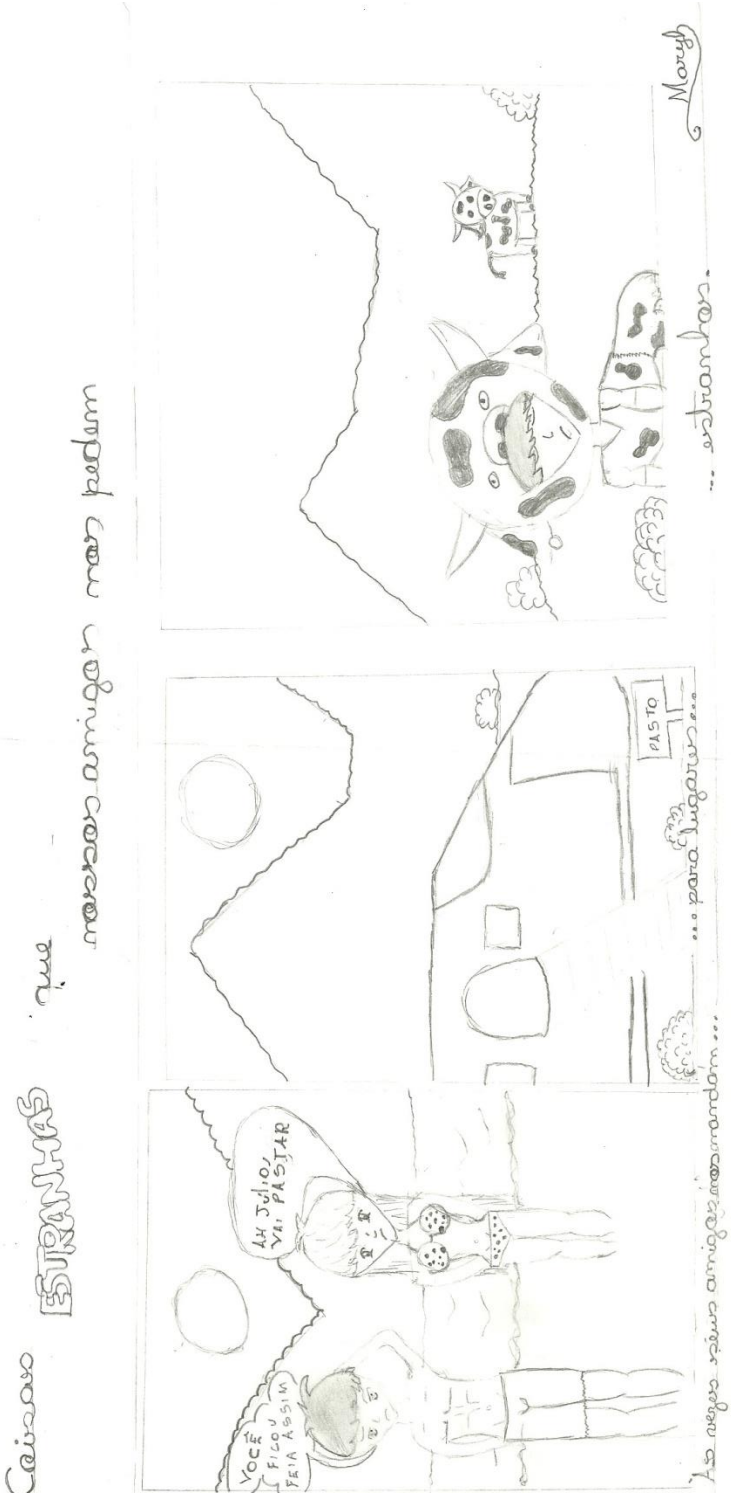

Coisas de Guri Pequeno
T: 122
Ai filho! Como foi a aula?
Foi ótima! Fiz vários amigos e arrumei uma namorada.
E ainda tirei 10 em matemática.
É sério?
É logico que não. Fala sério!
L.Barros.

1.2.7.6.13 Luiz Eduardo

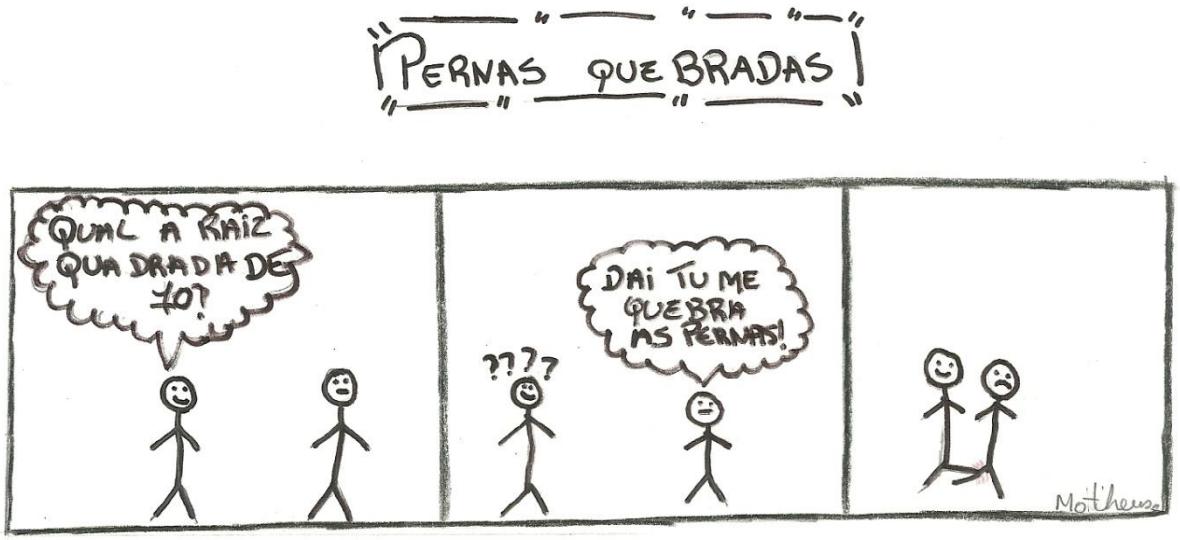
1.2.7.6.14 Mariana



1.2.7.6.15 Marielle



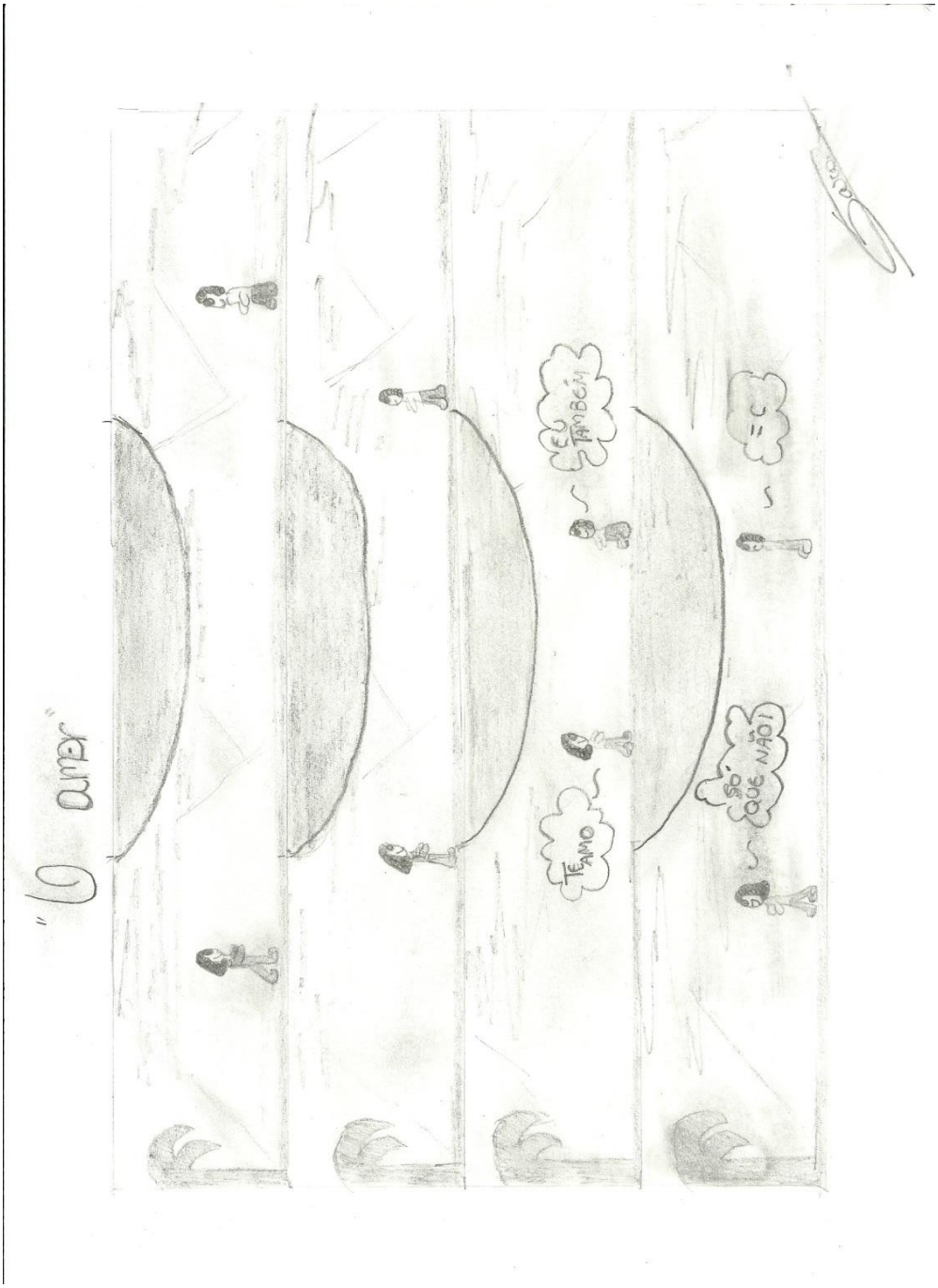
1.2.7.6.16 Matheus Andrade



1.2.7.6.17 Matheus Imlau

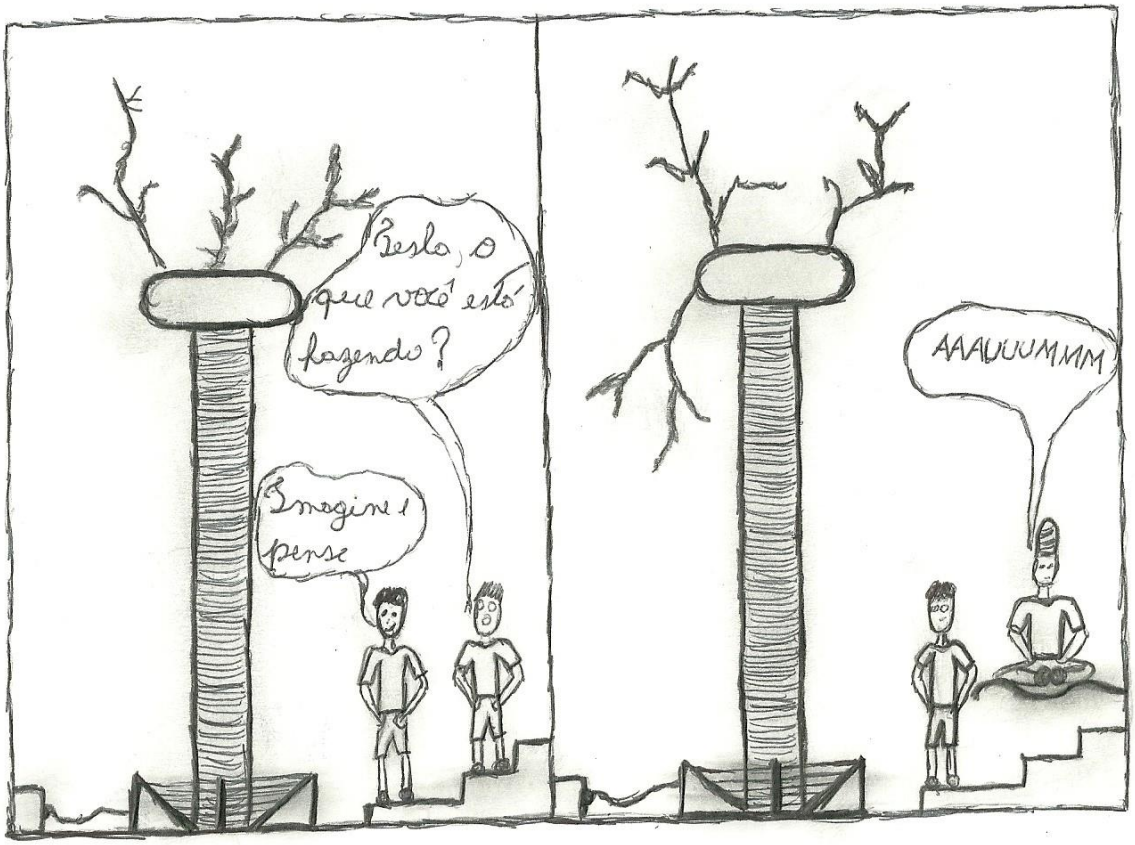
1.2.7.6.18 Rogério

1.2.7.6.19 Sara

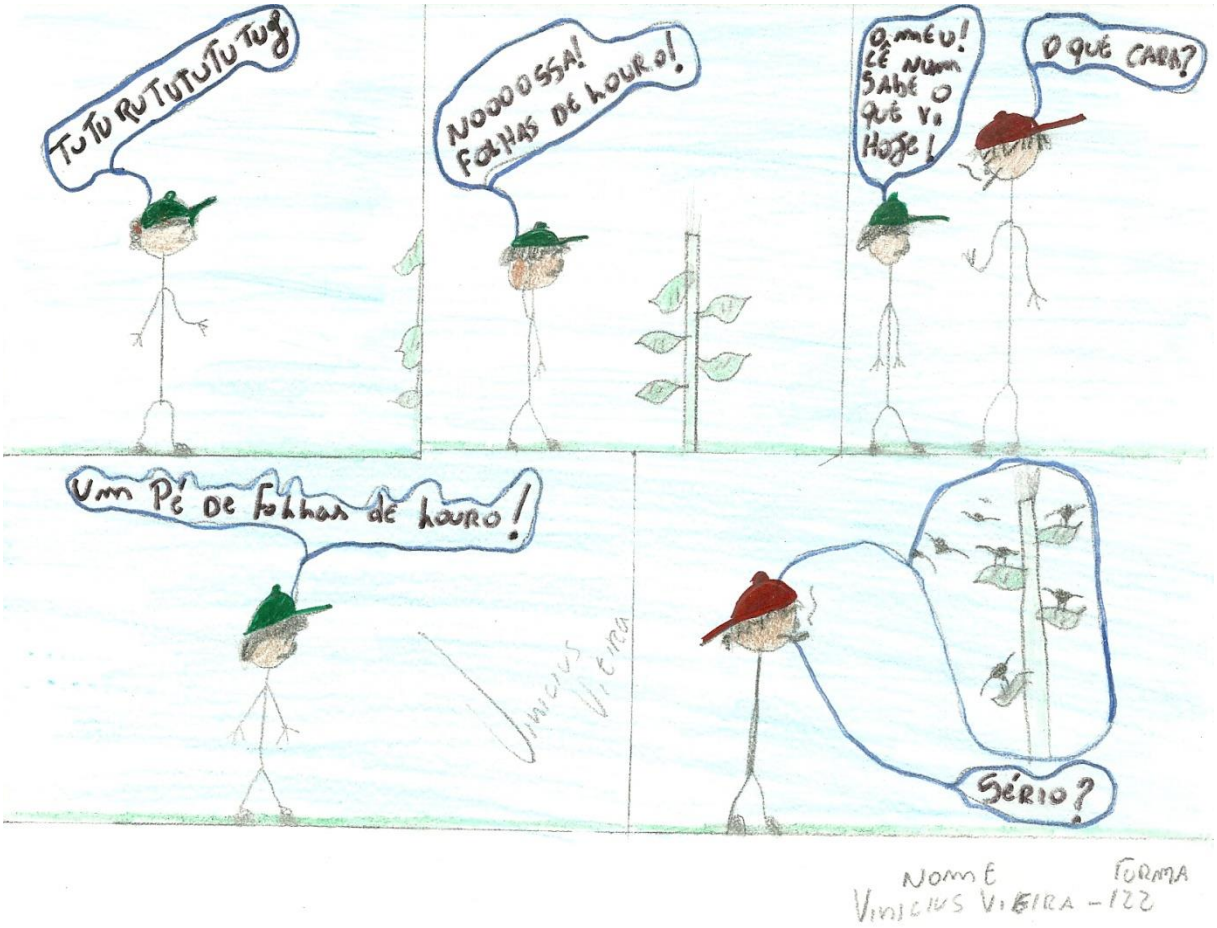


1.2.7.6.20 Tamiris

1.2.7.6.21 Thiago

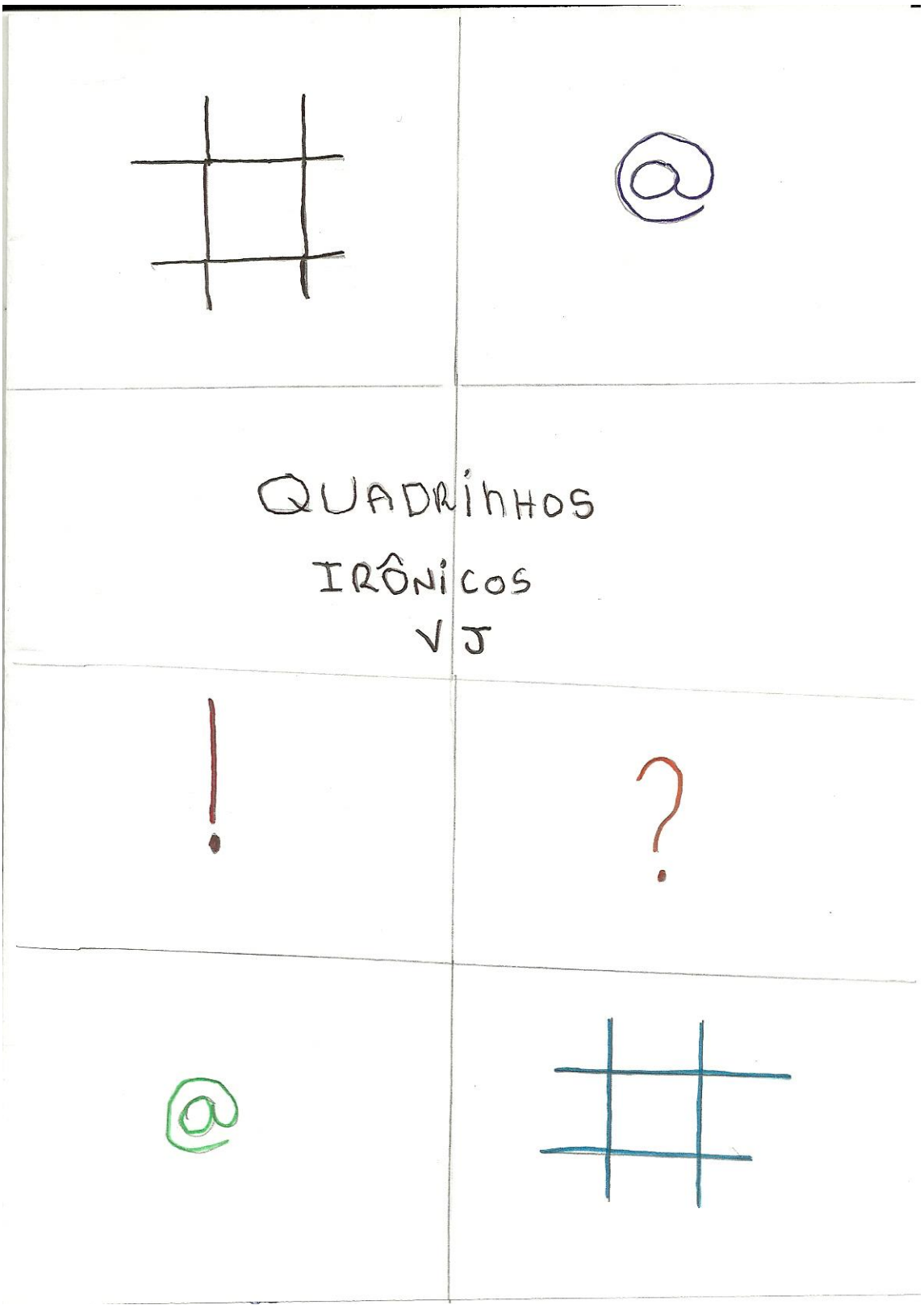


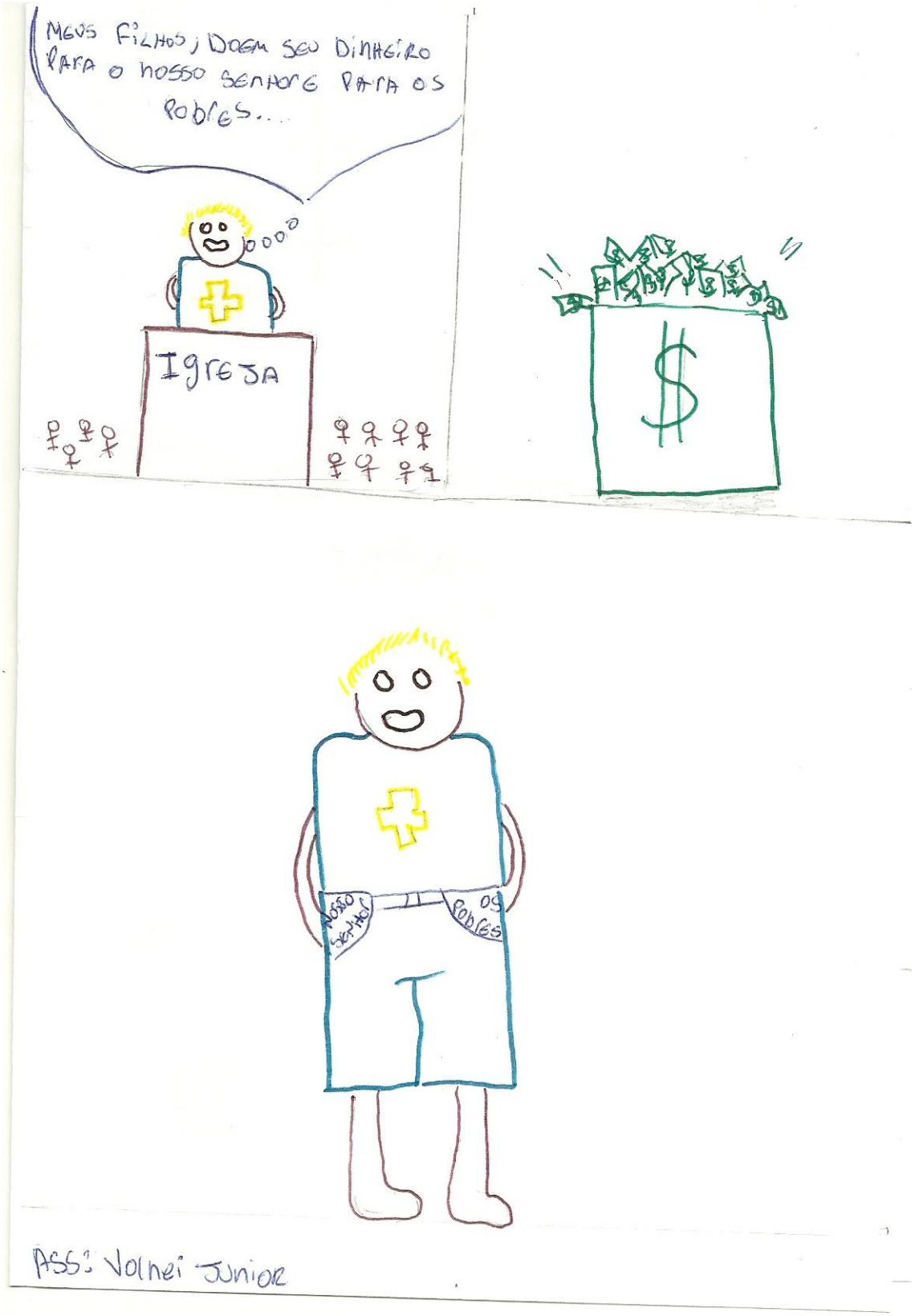
1.2.7.6.22 Vinicius



NOME FORMA
VINICIUS VIEIRA - 122

1.2.7.6.23 Volnei




Meus filhos, doem seu dinheiro para o nosso senhor e para os pobres...
Igreja
nosso senhor
os pobres
ASS: Volnei Junior

1.2.8 Conceitos finais

Clara	Autorretrato: + A gente: E Jogo: P Ironia: E Tirinha: E **Conceito final: E**
Tamiris	Autorretrato: + A gente: I Jogo: P Ironia: S Tirinha: P **Conceito final: S**
Juliany	Autorretrato: + A gente: S Jogo: E Ironia: E Tirinha: P **Coceio final: P**
Thiago	Autorretrato: + A gente: S Jogo: E Ironia: P Tirinha: I **Conceito final: P**
Luiz Eduardo	Autorretrato: + A gente: P Jogo: E Ironia: E Tirinha: E **Conceito final: E**
João Vitor	Autorretrato: + A gente: I Jogo: E Ironia: I Tirinha: S **Conceito final: I**
Matheus Imlau	Autorretrato: + A gente: P Jogo: E Ironia: E Tirinha: P **Conceito final: E**
Ana Alzira	Autorretrato: + A gente: S Jogo: E Ironia: S Tirinha: E **Conceito final: P**

Ângela	Autorretrato: + A gente: E Jogo: P Ironia: I* Tirinha: S **Conceito final: S** ***** não entregou
Bruno	Autorretrato: + A gente: S Jogo: P Ironia: I Tirinha: P **Conceito final: P**
Dalton	Autorretrato: + A gente: P Jogo: P Ironia: S Tirinha: E **Conceito final: P**
Douglas	Autorretrato: + A gente: I* Jogo: E Ironia: I Tirinha: S **Conceito final: I** ***** não entregou
Gabryel	Autorretrato: + A gente: E Jogo: P Ironia: E Tirinha: E **Conceito final: E**

Ivan	Autorretrato: + A gente: P Jogo: E Ironia: I Tirinha: S **Conceito final: S**
Kauê	Autorretrato: + A gente: P Jogo: E Ironia: I* Tirinha: E **Conceito final: P** ***** não entregou
Luan	Autorretrato: + A gente: P Jogo: E Ironia: I Tirinha: P **Conceito final: P**
Mariana	Autorretrato: + A gente: I* Jogo: E Ironia: I* Tirinha: I **Conceito final: I** ***** não entregou
Marielle	Autorretrato: + A gente: E Jogo: E Ironia: I Tirinha: P **Conceito final: P**

Matheus Andrade	Autorretrato: + A gente: S Jogo: P Ironia: I Tirinha: S **Conceito final: S**

Vinicius	Autorretrato: + A gente: I* Jogo: P Ironia: I* Tirinha: S **Conceito final: I** ***** não entregou

Rogério	Autorretrato: + A gente: S Jogo: P Ironia: S Tirinha: E **Conceito final: P**

Volnei	Autorretrato: + A gente: S Jogo: E Ironia: I* Tirinha: P **Conceito final: S** ***** não entregou

Sara	Autorretrato: + A gente: S Jogo: P Ironia: P Tirinha: E **Conceito final: P**

1.2.9 Depoimentos dos alunos a respeito do período de estágio

1.2.9.1 Ana Alzira

No começo eu achava um pouco estranho aprender um conteúdo meio "fora do que programado", mas depois aprendi a gostar e achava divertido, porque além de nossas professoras também interagiam comnosco como se fossem nossas amigas. De início pensei que talvez colocassem um pouco além do que estávamos acostumados, mas depois acabou virando uma certa rotina de responsabilidade.

conceito: E

ANA ALZIRA

1.2.9.2 Bruno

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
LINGUA PORTUGUESA
TURMA: 122 ELETRONICA
PROFESSORAS ESTAGIÁRIAS: RAFAELA E RAQUEL
ALUNO: BRUNO GARBATZKI MADEIRA CUNHA

AVALIAÇÃO DAS AULAS MINISTRADAS PELAS ESTAGIÁRIAS.

A minha opinião sobre as aulas; foram muito boas, divertidas, teve uma grande interatividade entre professores e turma, Trazendo para a turma conteúdos simples, diretos, e de fácil entendimento, ajudaram a entender os conteúdos.

Com a interação, ajudou a "fixar" os conteúdos em nossa mente.

Dando uma "nota" geral, foi excelente.

Continuem assim!!! Precisamos de bons professores nesse Brasil, talvez não vai ser um caminho fácil, mas não desistam!

Um abraço, Bruno Garbatzki.

tilibra

1.2.9.3 Clara

6/11/2013

Caras Raquel e Rafaela

E, Assi é o conceito que dou para as aulas, pra falar a verdade nunca gostei de português (na verdade odiava) mas pela primeira vez foi diferente, gostei da matéria, consegui "acompanhar".

Foram as melhores aulas de português que já tive, foram aulas dinamicas cujas todos interagim, me fizeram entender melhor nossa lingua natural.

As duas professoras conseguiram cativar a todos, foram carinhosas, atenciosas, otimas professoras.

Uma coisa tenho certeza, a turma, a escola que terem vocês como professoras terão preciosidades nas mãos. Vocês são otimas professoras, encontraram a vocação de vocês e foram ela com todo amor possivel.

Atenciosamente
Clara L. Laurentino
6/11/2013-IFSC

1.2.9.4 Dalton

IF-SC
DALTEC
U.C.: Português
Professoras: Raquel e Rafaela
Aluno: Dalton Cruzel Pedro dos Santos.
Turma: 122

Avaliação Geral

Eu gostei muito das aulas, fizemos muitas atividades e aulas interessantes. Porem tenho uma observação a fazer; Teram que tentar ter mais controle da aula, porque nós tivemos consideração, mas os adolescentes de outras escolas podem, não ser iguais, não agirem da mesma forma.

Tirando tudo isso agradeço pelas aulas, que foram muito produtivas pra mim, porque eu nunca, aprendi metáfora muito bem então obrigado e parabéns a vocês, tudo de bom e que passem no doutorado e tenham um bom trabalho.

1.2.9.5 Douglas

Nome: Douglas Cochezatto dos Santos
turma: 122

No tempo em que a Raiara e a Raquel estiveram dando aula demos risadas e aprendemos sobre rima, meta fora, e tambem aprendemos que não existe erro e sim diferenças, esse tempo foi legal.

DIVERTIDA
AMADA
QUERIDA
PREUCUPADA
COOPERATIVA
INTELIGENTE

QUERIDA
PIADISTA
FOFA
AMADA
INCENTIVADORA
LEGAL
DINAMICA

Nesses acrosticos, mesmo tendo adjetivos diferentes, mas todos esses adjetivos servem para vocês duas.

Com Amor Douglas

FORONI

1.2.9.6 Gabryel

IFSC 122 Gabryel Lasso Bernardes

Avaliação

A estadia com o estagiários foi agradável, confesso que não consigo achar pontos negativos durante esse período, as metodologias que usaram foi muito diversificadas variava desde o tradicional até vídeos. Descobri que os estagiários não gastaram muito de árvores já que eram muitos os papéis todos porem cada um deles tinha um sentido estar lá, como dito antes não achei pontos negativo exceto o fato de vem embora

1.2.9.7 Ivan

06/11 Ivan Luiz Cardoso turma 122

Depois desse mês inteiro de aula com a Rafaela e a Raquel, depois de vários aulas animadas, vários faleis entregues para nós, tive que comprar uma pasta para eu guardar tudo, depois de ficar com sono durante as terças-feiras por ter que acordar as 6 da manhã e ter que ficar no colegio até as 17 horas, as aulas com as estagiarios estão chegando ao fim, parabéns para as duas, não sei se vocês ja haviam feito algum outro estágio antes, caso sim, as duas estão de parabéns as aulas foram ótimas, caso este foi o primeiro estágio, vocês duas foram ótimas, se sairam super bem. Voltem aqui mais vezes, "até mais e obrigado pelos peixes."

1.2.9.8 Juliany

Aluna: Juliany Zimermann

Rafaela e Raquel

As aulas foram bem construtiva, pois aprendi muito com vocês. Gostei das metodologias utilizadas porque deixavam as aulas mais "agitadas" e menos monotonas.

No momento acho que não tenho nenhuma critica para fazer, pois vocês são duas professoras incrivelmente prontas para começar a atuar nessa profissão.

A unica coisa que me resta é elogiar vocês pela personalidade, profissionalidade, pela atenção que tiveram com a turma.

Vocês são excelentes profissionais, espero que consigam alcançar seus objetivos

Obrigado por tudo que fizeram por nós, principalmente por compartilhar as suas sabedorias, pelo carinho, paciencia e compreensão

1.2.9.9 Kauê

Por: Kauê dos Santos Turma 122

Avaliação das aulas
de
Rafaela e Raquel
~~duplo sentido~~

Achei as aulas ótimas, acho que Rafaela e Raquel mereciam um E, em fim, uma das coisas que achei interessante nas aulas foi a questão de que caso alguem não soubesse alguma palavra logo nos pediam que pegassemos o dicionário e encontrassemos a palavra que não conhecemos na turma, o que foi uma boa maneira de aprender o significado e seu sinificado, achei ~~outras~~ ~~estratégias~~ que fazem os alunos participarem da aula bastante, eu acredito haver aprendido muito ~~como~~ mesmo com tão poucas aulas, ~~mas~~ ainda tenho apenas uma critica: foram ~~desperdiçado~~ muito papel, mas de resto... tá tudo bem.

1.2.9.10 Luan

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom / /

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis
Departamento Acadêmico de Linguagem, Tecnologia, Educação e Ciência - DALTEC
Florianópolis, 6 de novembro de 2013
Estagiárias: Raquel e Rafaela.
Aluno: Luan de Barros
Fase: 1ª Fase - 2013/2 Turma: 122

Avaliação das Estagiárias

Para mim, vocês foram demais mesmo. Com certeza, vocês serão as melhores professoras de língua portuguesa do estado! E durante este tempo, vocês nos ensinaram muitas coisas, como as variações, o sarcasmo (que aprendemos muito bem) e a metáfora.

Enfim, obrigado e sentiremos saudades.

BEIJOS!

FORONI

1.2.9.11 Luiz Eduardo

- Luiz Eduardo da silva 06/11/13
- 12I
- Raquel e Bufarela

Avaliação as aulas de português.

Nessas semanas em que ocorreu essa "experiência" por assim dizer, eu acredito que o objetivo principal das professoras tenha sido alcançado, visando que sobre todos os conteúdos foram muito esclarecedores. Quando as professoras chegaram em sala de aula eu olhava o português de uma maneira diferente, pensava que o português tenha que seguir uma linha correta sem que sofra abusos e elas mostraram que não segue dessa forma, pois pessoas com uma instrução maior quebra essa linha.

Mais outro ponto positivo é entreter o aluno para que ele se mantenha atento a aula, mostrando em slids ou vídeos, que contenham um pouco de comédia, para nos apresentar ao conteúdo.

Uma critica generalizada, continuar com o bom humor, não deixar a vida pessoal interferir em sala de aula e manter um relação saudável com os alunos.

Então, concluindo, a performance foi excelente, foram professoras atentas e levando pela experiencia em sala de aula se explicaram muito bem e bem esclarecido, e com certeza atingiram o ponto de aprendizado fazendo com que pudessemos aprender e enxergar o universo do português de uma maneira mais correta. Visando tudo isso continuem dessa forma e sempre procurando uma boa relação com os alunos, espero que tenham um grande futuro pela frente, pois o nosso país e o mundo depende de vocês.

1.2.9.12 Marielle

PUCCA

Avaliação da experiência com estagiária

Por: Marielle Cristina Carvalho

Turma: 122

Francamente, eu adorei as aulas mestradas pelas estagiárias; já havia tido experiência com aulas dadas por futuras formandas em outras escolas, porém essas foram as melhores e sentirei saudade.

As aulas em si foram muito produtivas, pois fluíram naturalmente, parecia que estavamos entre amigas.

Sobre as professoras nem há oque falar, são pessoas incríveis e com certeza serão brilhantes professoras no futuro.

Parabéns;

Muito sucesso,

Marielle

1.2.9.13 Matheus Andrade

Matheus Andrade Alves

Depoimento

Gostei das duas estagiarias, achei a explicação delas boa, também gostei que eles usassem bastante o projetor para ~~mostrar~~ mostrar cenas de filmes, seriados para explicar o conteúdo, ter usados seriados e filmes que o pessoal conhece, fazer as explicações e dar explicações com um conteúdo de um filme.

A única crítica é que podiam passar mais o conteúdo no quadro, com todas as definições e etc..

1.2.9.14 Matheus Imlau

TOP HAT

06/11/2013

Matheus Imlau 122

Rafaela e Raquel sinceramente, no tempo em que vocês nos observavam, achei que vocês não daviam conta, mais no primeiro dia de aula percebi que me enganei por completo. Ao longo dos primeiros aulas sobre variação linguistica, consegui compreender com clareza, mais eu penso que as vezes na explicação poderiam ser usados metaforas faceis, para que associemos futuramente. No mais achei vocês bem assim aptas para a (profissão) profissão, pareciam (bem) bem experientes, pois envolvem o aluno e o estimulam a participar diferente de alguns professores. (de física por exemplo). (E)

1.2.9.15 Rogério

data 6.11.13

S T Q Q S S D

Rogério V. S. Jr

Durante o período em que a Raquel e a Rafaela estiveram presentes em sala as aulas se tornaram mais divertidas e na minha opinião mais chamativa.

Foi um período especial para mim e com certeza para elas pois não é sempre que se tem a honra de receber estagiárias tão boas.

Não sou muito bom com palavras, então vou parar por aqui.

Conceito: E

☆☆☆

1.2.9.16 Sara

data
S T Q Q S S D

Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia.

Florianópolis, 06 de novembro de 2013

-> Depoimento pessoal -> Sara Louise - 122

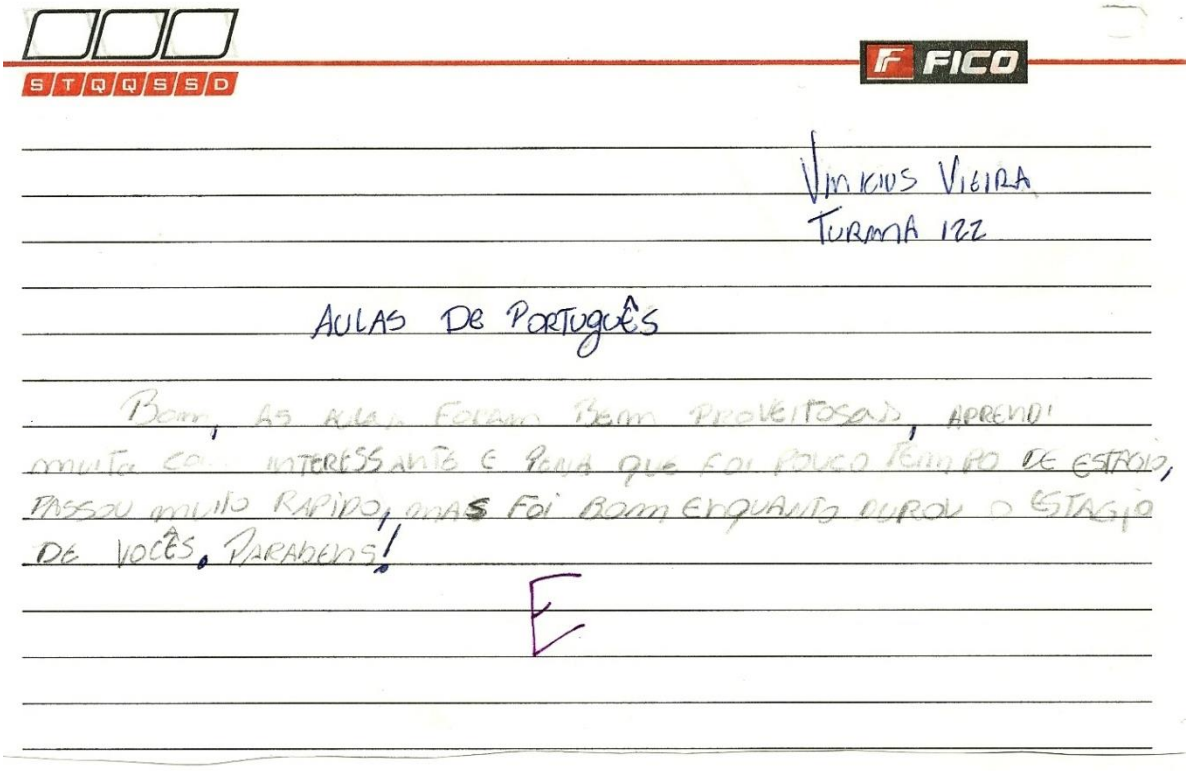
Então, no início fiquei meio surpresa com a presença de vocês, mas logo me acostumei. Achei a idéia de trocá-las nossas professoras realmente muito interessante e muito bom, pois assim teríamos uma variação.

Vocês explicam extremamente bem, dão oportunidade, se preocupam com o nosso bem estar. São muito educadas e muito criativas. Gostei muito desse período de tempo com vocês e sentirei falta!

Apesar de tudo, acho que a Raquel deveria explicar com mais amplitude, ela é muito atenciosa e explica bem mas mesmo assim falta algo.

Gostei muito das brincadeiras que vocês aplicaram, e concerteza me deixaram sem dúvidas de que serão ótimas professoras. Parabéns, Boa Sorte e muita paciência porque irão precisar!!!

1.2.9.17 Vinicius



Vinicius Vieira
Turma 122

Aulas de Português

Bom, as aulas foram bem proveitosas, aprendi muita coisa interessante e para que foi pouco tempo de estudo, passou muito rapido, mas foi bom enquanto durou o estagio de vocês. Parabens!

E

1.2.9.18 Volnei

Nome: Volnei

TURMA: 122

x EU Volnei Junior só tenho uma opinião para vocês duas, Crafaela e Raquel, vão deixarem a turma levar vocês, acho que isso acontecu em algumas aulas, eu acho que isso acontecu por que nossa turma é muito eletrica muito ligada, e as vezes vocês se deixam se levar por isso.

1.3 Reflexão sobre a prática pedagógica

Ao término da docência realizada na turma 122, ficamos satisfeitas por termos conseguido por em prática nosso projeto com êxito. Consideramos que o projeto foi bem sucedido, pois percebemos que os alunos conseguiram refletir sobre sua língua materna através de suas percepções intuitivas a respeito dos fenômenos apresentados por nós. Foram capazes de realizar atividades de análise linguística baseadas em identificação da ocorrência e formulação de hipóteses para explicar os fenômenos.

Durante as primeiras aulas, os alunos puderam conhecer a linguística através da perspectiva variacionista, estudando um pouco sobre a natureza mutável do sistema linguístico. Ao longo das primeiras semanas, eles foram apresentados aos diversos níveis em que uma língua pode variar (e mudar): (i) o diacrônico, aquele que mostra a mudança através do tempo, analisando a gramaticalização da forma de tratamento *Vossa Mercê* para o pronome pessoal *você*; (ii) o diatópico, que reflete a variação regional, estudando fenômenos linguísticos de diferente regiões do país e comparando o português brasileiro ao europeu; (iii) o diastrático, o qual explicita a variação de acordo com a classe social e o nível de escolarização, aprendendo que há fenômenos em variação em todos os estratos sociais e que nossa língua não irá *morrer* por isso; e (iv) o diamésico, que evidencia a variação através dos diversos meios de expressão, estudando a diferença entre língua falada e língua escrita.

Na primeira dessas aulas, sobre variação através do tempo, mostramos aos alunos a diacronia do *você*, conforme supracitado. Como encaminhamento avaliativo, pedimos para que, com base no que foi estudado sobre o pronome *você*, realizassem uma pesquisa sobre o termo *a gente*. O objetivo da atividade era que nos apresentassem a origem do termo (uma gramaticalização do substantivo *gente*) e qual sua função sintática nos textos anexados à atividade (pronome de primeira pessoa do plural).

Para nossa surpresa, recebemos muitas cópias da internet, mescladas a conceitos normativos, como "não se deve utilizar essa expressão em contextos formais, pois ela é feia e errada". Percebemos que eles não haviam feito uma verdadeira pesquisa, talvez por não terem compreendido bem o enunciado, ou por não saberem como se faz uma pesquisa. Afinal, tradicionalmente, não é comum que se peça tal tipo de atividade durante as aulas de língua portuguesa. Decidimos, portanto, interromper nosso planejamento e dedicar nossa próxima aula à metodologia de pesquisa – de modo muito simplificado, é claro. Ensinamos a eles como realizar pesquisa no *Google*, quais sites são confiáveis e quais não são (e por que), como elaborar um texto próprio a partir da pesquisa lida etc. Um dos pontos importantes foi

mostrar aos alunos que eles deveriam escrever seus textos utilizando suas próprias palavras; não esperávamos que se expressassem utilizando termos linguísticos como *morfologicamente*, *funcionalismo*, *Teoria Gerativa* etc. O importante era que lessem textos confiáveis, compreendessem-nos e depois compusessem seus próprios textos, a partir de seus olhares. Certamente não desejávamos que eles compreendessem tudo o que haviam lido, no caso de um artigo científico; apenas precisavam compreender dois simples pontos: (i) qual expressão originou o *a gente* como pronome e (ii) qual função gramatical ele assumiu em nosso paradigma pronominal. Para isso, relemos com a turma o enunciado da questão, evidenciando o que estava sendo pedido.

Ao fim da aula, encaminhamos, pois, a refacção da atividade, como forma de recuperação. Quando os alunos entregaram, nos sentimos bastante satisfeitas, pois muitos realmente se empenharam nessa nova pesquisa; escreveram textos mais longos, mais reflexivos, mais caprichados, mais detalhados. Sem dúvidas, foi de extrema importância essa interrupção no planejamento para explicar aos alunos o passo a passo de uma pesquisa. Se tivéssemos corrido com as aulas da forma como estavam planejadas, os alunos teriam apenas recebido conceito "I", sem terem sido orientandos a como realizar a atividade. Não podemos, jamais, cobrar de nossos alunos aquilo que não os ensinamos.

Às vezes, pecamos pela superestimação dos alunos quanto a conceitos ou métodos os quais consideramos banais; mas há momentos em que é necessário parar e olhar para o conteúdo ministrado e a atividade encaminhada com a lente do discente, buscando compreender sua realidade e sua visão de mundo. Imaginamos que um aluno de ensino médio de uma boa escola saiba muito bem realizar pesquisas na internet, por exemplo, pois o meio eletrônico faz parte de seu dia a dia, englobando todas as suas atividades e imergindo-o na natureza virtual das relações. Entretanto, esquecemo-nos de que a atividade científica (também histórica) de pesquisa muitas vezes não faz parte da realidade do aluno; ele domina a ferramenta, mas isso não significa que saiba utilizá-la amplamente, especialmente para fins escolares. Precisamos utilizar as novas tecnologias a nosso favor, partindo daquilo que o aluno já conhece para ensinar-lhe a expandir as possibilidades de utilização do instrumento. Com certeza, essa é uma metodologia que sempre utilizaremos em nossas aulas como futuras professoras.

Depois da realização dessa atividade e ao fim do conteúdo "variação linguística", os alunos foram convidados a realizar uma pesquisa sobre variação lexical no Brasil, analisando diferentes estados brasileiros. Trouxeram-na para a sala de aula e realizaram o *jogo da*

variação lexical, percebendo as especificidades dialetais de cada região brasileira. Essa avaliação fez uma espécie de sistematização de um conteúdo bastante amplo: variação e mudança linguística. Através de suas pesquisas, os alunos puderam perceber que a variação ocorre em diversos níveis que se interconectam, pois o léxico específico de cada região também é perpassado pela classe social, meio de expressão, tempo e estigma ou prestígio que uma forma da língua pode sofrer. Certamente não teríamos tempo de realizar uma atividade avaliativa referente a cada nível de variação, mas acreditamos que todas acabaram sendo contempladas nessa última e na atividade inicial sobre o pronome *a gente*. Ademais, e muito importante, os alunos foram avaliados durante todo o tempo, em suas participações nas aulas, entrega de trabalhos, atenção às explicações e interesse em fazer perguntas.

Entretanto, o que se percebeu foi que os alunos acabaram pesquisando somente as expressões ou itens lexicais relativos ao tema (estado brasileiro) de seu grupo, não estudando as especificidades do falar de outras regiões, o que só pôde ser apreendido durante a realização do jogo. Mesmo assim, consideramos que o objetivo foi alcançado, pois não esperávamos que os alunos decorassem as especificidades do falar de cada região, mas sim que compreendessem a existência da variação diatópica e como ela se manifesta em nosso país. Em geral, as gramáticas tradicionais apontam para uma grande homogeneidade do português dentro do Brasil – que seria um país com pouca variação linguística ou dialetal, a despeito de seu tamanho. Entretanto, o que os alunos puderam perceber durante as aulas e a realização do jogo, em especial, é que o sistema linguístico (no caso, do português) é heterogêneo, assim como a cultura o é. E essa heterogeneidade é fruto de influências internas (sistêmicas) e externas (sociais), o que pôde ser atestado durante a realização da atividade, em que os alunos perceberam a identidade linguística (e cultural) de cada estado brasileiro.

Fechamos o conteúdo, a partir das aulas anteriores e do que haviam pesquisado para a realização do jogo, explicando sobre as diferentes normas que podem reger um sistema linguístico: vernacular, culta e padrão. Foi muito interessante, pois os alunos puderam perceber que utilizar a norma vernacular não é errado; além disso, aprenderam que cada pessoa possui o seu vernáculo e que isso torna os falares *diferentes* entre si, não alguns *incorretos* em detrimento de outros.

Durante as aulas, eles iam construindo os conceitos em conjunto; sempre que um aluno manifestava-se de modo preconceituoso, outro ressaltava que tal forma linguística não era *feia* ou *errada*, mas apenas diferente. Conseguiram entender que o preconceito linguístico é, na verdade, social. Julga-se incorreta a forma como uma pessoa fala não por valorar

formalmente seu dialeto, mas por associar sua variante às camadas sociais iletradas e menos favorecidas economicamente.

Um dos alunos, em seu depoimento na última aula, escreveu:

> Quando as professoras chegaram em sala de aula eu olhava o português de uma maneira diferente, pensava que o português tinha que seguir uma linha correta sem que sofra abusos e elas mostraram que não segue dessa forma, pois pessoas com uma instrução maior quebra essa linha.[18]

Essa fala nos mostra que o aluno compreendeu que a variação existe independentemente da classe social na qual o falante está inserido. Conseguimos, pois, mostrar-lhes que a variação é intrínseca ao sistema linguístico, não sendo, logo, fruto de degradação ou empobrecimento causado por pessoas que *não sabem falar*.

Nas aulas seguintes, trabalhamos os conceitos de ironia, sarcasmo, polissemia e ambiguidade. Tendo em vista que utilizaríamos como exemplo muitas tirinhas, a aula introdutória foi sobre linguagem não-verbal e narrativas imagéticas.

Os alunos entraram em contato com a linguagem irônica em crônicas, músicas, tirinhas e vídeos. Perceberam que a ironia pode estar manifestada em uma palavra, em uma sentença ou perpassando todo o discurso; apresentamos a eles os textos em uma gradação, para que fossem construindo o conceito a partir da ironia mais simples até a mais complexa.

Durante as aulas, os alunos participavam bastante, mostrando entendimento do sentido irônico dos textos e percebendo que a ironia pode também ocorrer na forma de sarcasmo. Entretanto, quando precisaram fazer o registro escrito do sentido de ironia em uma crônica encaminhada por nós, tiveram dificuldades. Para nossa surpresa, muitos deles não conseguiram se expressar claramente a respeito do texto lido, ou não compreenderam o discurso irônico. Nosso espanto se deu especialmente pelo fato de a crônica escolhida para a atividade ser bastante simples[19].

Entretanto, acreditamos que eles tenham, sim, compreendido o conceito geral de ironia. Talvez tenham tido dificuldade de expressar-se na língua escrita e/ou não tenham entendido a ironia daquele texto em especial.

A aula seguinte foi destinada aos conceitos de ambiguidade e polissemia, novamente com crônicas, vídeos e tirinhas. Os alunos participaram bastante das aulas, mostrando compreensão do conteúdo. Nesta aula em especial, não hesitaram em dizer que não haviam compreendido, fazendo-nos ir ao quadro várias vezes para explicar a diferença entre os

---

[18] Depoimento do aluno Luiz Eduardo (cf. item 1.2.9.11). Optamos por manter o trecho exatamente como escrito pelo aluno.

[19] *O verdadeiro George Clooney*, de Luis Fernando Verissimo.

conceitos, apresentando diferentes exemplos, até que sanassem suas dúvidas. Este comportamento já era esperado, uma vez que é normal que se confunda o conceito de polissemia com o conceito de ambiguidade.

Na penúltima aula, trabalhamos metáfora conceptual. Buscando desmistificar a ideia de metáfora como figura de linguagem utilizada para embelezar o discurso, apresentamos diversos exemplos de metáforas cotidianas, evidenciando o caráter cognitivo desse tipo de manifestação linguística. Os alunos foram construindo a aula juntamente conosco, trazendo novos exemplos e discutindo-os.

Em seu depoimento, na última aula, um aluno escreveu "[...] agradeço pelas aulas, que foram muito produtivas pra mim, porque eu nunca aprendi metáfora muito bem então obrigado [...]" [20]. Portanto, acreditamos que os alunos tenham conseguido ressignificar esse conceito.

Na última aula, agradecemos aos alunos pela compreensão durante o período de estágio, por terem colaborado com as aulas e nos ajudado a alcançar os objetivos de nosso projeto nesse momento tão importante de nossas vidas. Pedimos, depois, que eles escrevessem seus depoimentos acerca da experiência de estágio. Ficamos muito felizes com seus textos, pois recebemos muitos elogios. Neste mesmo dia, encaminhamos a atividade de recuperação sobre o conteúdo de ironia, agora com a letra da música *Perfeição*[21], da banda Legião Urbana, indicando que os alunos entregassem a atividade para a representante de turma que se responsabilizou por entregá-la a nós. Não foram muitos os alunos que realizaram a atividade de recuperação. Mas, em geral, percebemos que os que fizeram se esforçaram bastante, buscando explicar de maneira mais clara e detalhada a ironia presente no texto lido; conseguiram recuperar seus conceitos.

Havíamos planejado, ademais, uma pequena surpresa a eles, preparando *brownies* para cada um, a serem entregues no fim da aula, juntamente com um marca-páginas que retomava alguns conceitos estudados em aula. Entretanto, foram os alunos que nos surpreenderam: ao chegarem à sala, traziam bolo e refrigerantes para nos fazerem uma despedida. Ficamos muito contentes e satisfeitas com o carinho deles.

Por fim, percebemos que é possível, sim, trabalhar com linguística na sala de aula. Os alunos aprenderam a perceber sua língua materna como tão importante quanto todas as

[20] Depoimento do aluno Dalton (cf. item 1.2.9.4). Novamente, optamos por manter o trecho exatamente como escrito pelo aluno.
[21] A escolha da letra deu-se pela simplicidade da letra e porque a ironia encontra-se explícita nela. Além disso, alguns alunos já haviam manifestado o gosto pelo estilo musical da banda em suas camisetas.

outras línguas (ou dialetos), pois deixamos, durante as aulas, de privilegiar somente as variedades cultas de prestígio para refletir *também* sobre as outras variedades, inclusive as vernaculares.

Os alunos, incentivados à pesquisa, puderam perceber que a língua é uma faculdade inata a todos os seres humanos e que sofre influências do meio, constituindo-se em um sistema heterogêneo. Compreenderam que investigar a língua pelo viés naturalista implica em não valorar o objeto; os fenômenos linguísticos estão manifestando-se a cada dia, a cada expressão escrita ou oral, a cada conversa ou monólogo, e nós temos um *corpus* extremamente abundante para análise, sendo alimentado a cada segundo.

Ademais, compreenderam que todos somos capazes de realizar análises linguísticas acerca de nossa língua materna, afinal, possuímos esse conhecimento de forma intuitiva. Não precisamos, pois, de *guardiões da língua* para que a compreendamos e saibamos como utilizá-la.

2. A DOCÊNCIA EM PROJETOS EXTRACLASSE

2.1 O projeto de docência

2.1.1 Problematização, escolha do tema e justificativa

Como os professores de língua portuguesa do DALTEC já possuem a prática de oferecer oficinas na modalidade extraclasse, nós, estagiárias, fomos inseridas nesse processo. Foram ofertadas, pois, quatro oficinas diversas com temáticas que abrangem algum conteúdo relacionado ao ensino de língua, mas que normalmente não é ensinado em sala de aula.

Optamos por criar um projeto diferenciado, que proporcionasse aos alunos da instituição um olhar diferente para a linguagem, refletindo linguisticamente sobre a linguagem chula e os tabuísmos, com base, especialmente, nos estudos de Pinker (2008) e Pires de Oliveira e Basso (no prelo).

Os palavrões são estruturas universais a todas as línguas, embora com especificações decorrentes da cultura e do momento histórico em que vivem os falantes. Portanto, se são construções comuns a todas as línguas, são também uma janela para o estudo da natureza humana.

Com maior ou menor frequência, dos mais chulos aos mais banais, todos utilizamos palavrões; seja em imprecações (quando xingamos alguém que nos aborreceu), no uso de termos vulgares para coisas cotidianas (quando usamos *bosta de vaca* para nos referirmos a

um certo tipo de *fertilizante*), nos expletivos (*assisti a um* puta *filme bom*) e no uso mais comum, mesmo àquelas pessoas que raramente utilizam palavrões em outros contextos, a catarse (o palavrão que escapa quando damos uma topada na quina da parede ou quando nos damos conta de que esquecemos a carteira em casa na metade do caminho para o trabalho).

Buscamos trabalhar as bases biológicas da linguagem chula, tentando encontrar explicações para sua origem; as realizações sintáticas e semânticas de alguns palavrões, com um foco especial no uso de expletivos, analisando seu uso como elemento gramatical; e as suas manifestações pragmáticas, no intuito de compreender por que certo tipo de linguagem é inserida no campo do tabuísmo.

O projeto não foi realizado tendo em vista uma turma específica, pois, por possuir caráter de extensão, as oficinas foram abertas a todos os alunos do IFSC e à comunidade externa também. Nosso público alvo, portanto, foi bastante amplo: alunos do IFSC em geral (dos cursos técnicos integrados, técnicos pós-médios, tecnólogos e superiores) e alunos de outras instituições que estivessem cursando Ensino Médio ou Superior.

2.1.2 Reflexão Teórica

O projeto extraclasse[22] foi elaborado objetivando o ensino de linguística na sala de aula, ou seja, o estudo científico e reflexivo a respeito da língua. Foi um projeto experimental e inovador, que se propôs apresentar essa ciência tão pouco conhecida por quem não faz o curso de letras, por exemplo.

Compreendemos a linguagem como um objeto de muitas faces: ela é parte da biologia humana, tendo sua origem em nossas *estruturas cognitivas*; é um sistema heterogêneo, mutável, que se organiza segundo regras *lógicas* e *sociais*. Todas essas características estão interligadas, portanto, buscamos apresentar aos alunos um pouco de cada uma delas, trazendo como objeto para as nossas aulas a linguagem chula.

Para a composição do projeto como um todo, baseamo-nos, especialmente, nos trabalhos de Pinker (2004; 2007) e Basso e Pires de Oliveira (2012). Esforçamo-nos por criar em sala de aula um verdadeiro laboratório de estudos da linguagem, tendo como objetivo geral realizar o exercício de reflexão sobre as palavras chulas, através do estudo científico da linguagem, desenvolvendo atividades de análise linguística baseadas em identificação da ocorrência, coleta de dados, análise de fenômenos e formulação de hipóteses para explicá-los.

[22] A fundamentação teórica do projeto extraclasse encontra-se minuciosamente apresentada no item 1.2.2 deste relatório, pois, como segue a mesma linha do projeto de docência, não há necessidade de repetição das informações.

2.1.3. Objetivos

2.1.3.1 Objetivos gerais

Refletir sobre a própria língua, através do estudo científico da linguagem, por meio de atividades de análise linguística – sintática e semântica – baseadas na identificação da ocorrência de alguns "palavrões" em determinados contextos, formulando hipóteses para explicar esses fenômenos.

2.1.3.2 Objetivos específicos

Reconhecer a linguística como a ciência que estuda as línguas naturais;
Desmistificar os "erros" gramaticais, entendendo o funcionamento natural da língua;
Compreender por que certas palavras são consideradas chulas;
Perceber a estrutura gramatical presente no uso de alguns palavrões;
Entender que alguns palavrões ganharam ressignificação e funcionam também como quantificadores, mais especificamente intensificadores, nas línguas naturais;
Desenvolver uma atitude reflexiva, questionadora e consciente em relação aos fenômenos linguísticos em geral, sem que se aceite os conhecimentos antes de eles serem questionados e refletidos.

2.1.4 Conhecimentos trabalhados

Introdução à linguística;
Etapas de um estudo científico;
Modelos atômicos;
Linguagem chula e tabu;
Percepção automática do significado;
Mudança linguística;
Diferentes maneiras de denotar um referente;
A origem do uso do palavrão em diversos contextos;
Quantificadores;
Intensificadores chulos;
Distribuição sintática;
Interpretação semântica;
Análise linguística.

2.1.5 Metodologia

Iniciamos “Uma *puta* oficina legal: a ciência por trás dos palavrões” apresentando a ciência que estuda as línguas naturais em uma aula mais expositiva, utilizando o programa *Power Point* para explicar sobre as etapas de um estudo científico de qualquer objeto para diferentes teorias. Associamos a teoria científica da língua com as teorias científicas para modelos atômicos, estudadas provavelmente na disciplina de química no Ensino Médio, em que a descoberta de novas características do objeto analisado exigiu uma nova teoria para explicá-lo. Escolhemos o exemplo da química, pois esta é uma das áreas já bem consagradas como científica e assim, os alunos perceberiam com mais facilidade a natureza de um estudo científico e poderiam compará-lo aos estudos linguísticos.

Em seguida, refletimos acerca do conceito de erro, empregado por muitos leigos que não entendem determinado fenômeno como algo a ser analisado e estudado, atentando para o fato de se um cientista pode ou não julgar valorativamente seu objeto. Por exemplo, não se vê um biólogo dizendo que a asa de uma borboleta está errada ou certa, por que, então, as pessoas são julgadas negativamente se disserem “as menina” ao invés de “as meninas”? Após, discutimos brevemente acerca do preconceito linguístico e sua origem baseada em uma gramática prescritiva. Assim, pudemos explicar brevemente os diferentes tipos de gramáticas existentes e as utilidades de cada uma delas. A partir dessa explicação, os alunos foram levados a pensar uma ressignificação da concepção de língua, podendo, então, começar a percebê-la como objeto que é estudado também cientificamente.

No segundo dia de oficina, também por meio do programa *Power Point*, apresentamos o termo *tabu* e o seu significado. Em seguida, fizemos uma explicação acerca do caráter automático da percepção do discurso (ao ouvirmos ou lermos uma palavra, acessamos automaticamente seu significado) como uma possível explicação de por que os palavrões nos soam tão invasivos e desagradáveis e por isso temos reações tão negativas em relação a eles e a outras palavras.

Para que os alunos pudessem perceber a relação entre pensamento e linguagem, trouxemos um exemplo de “Efeito Stroop” – tentativa de leitura de nomes de cor, sendo que elas estavam impressas em uma cor diferente daquela que expressa sua semântica – para ilustrar o caráter automático da percepção do discurso. Os alunos participaram dessa atividade dizendo, ao serem solicitados, a cor em que determinada palavra estava escrita.

Em sequência, trouxemos exemplos dos efeitos provocados pelos palavrões na mudança linguística, compreendendo a linguagem chula como um aspecto sócio-cognitivo. Por último, fizemos um exercício de lembrança acerca das palavras que possuem origem chula, mas que utilizamos corriqueiramente.

A terceira aula foi iniciada com a motivação de que os alunos pudessem recordar os contextos em que empregam os palavrões e as mais variadas formas como eles aparecem. Depois, exibimos os vídeos "Fiat Punto 2014 Black Motion - Comercial lâmpada palavrão - BlogAuto" (com palavrões censurados por apitos sonoros) e "Fiat Punto 2014 Série Especial Black Motion - Comercial lâmpada - BlogAuto" (com palavrões trocados por palavras eufemísticas). Fizemos uma breve discussão acerca do vídeo e iniciamos uma conversa acerca das várias formas de denotar um mesmo referente, seja por tabu, disfemismo, eufemismo, formal etc., apresentando exemplos.

Para que os alunos compreendessem a razão de empregarmos a linguagem chula em cada um de seus contextos de uso possíveis, explicitamos questões sobre a existência do palavrão catártico e dos tabuísmos provenientes de fluidos corporais e de sexo. Por fim, fizemos uma breve menção à maneira menos ofensiva de uso dos palavrões, que são os expletivos (assunto da próxima aula).

Iniciamos a quarta aula com uma explicação sobre importância da quantificação, desconstruindo o conceito de quantificação que a gramática tradicional vinculou como sendo apenas aos numerais. Ilustramos o assunto com a realização de uma dinâmica bem simples, em que a turma foi separada em três grandes grupos os quais receberam uma lista de palavras com coisas que existem e podem ser percebidas pelos sentidos. Cada grupo recebeu um nome (i. Grupo das coisas fáceis de contar; ii. Grupo das coisas difíceis de contar, por isso usa-se formas de medidas; iii. Grupo das coisas incontáveis) e discutiu com quais palavras, de acordo com o nome do grupo em que estavam, ficavam e quais deveriam ser descartadas.

Após, discutimos sobre a resposta que os alunos estabeleceram na dinâmica e também sobre as palavras que indicam quantidades imprecisas. Em seguida, apresentamos os quantificadores absolutos, suas implicações e o cuidado que devemos ter com estas palavras. Como exemplo, explicamos que os artigos definidos e indefinidos também podem ter um sentido de quantificação. Para finalizar a aula, apresentamos os intensificadores chulos como um tipo de quantificador.

As duas últimas aulas são dependentes, na quinta aula delimitamos o que podemos chamar de intensificador chulo e o que devemos descartar para a análise ficar restrita a um

tipo específico de palavras. Por meio dos exemplos, que foram mostrados aos alunos, buscamos entender qual é a distribuição sintática dos intensificadores chulos que anteriormente foram delimitados. Em seguida, tentamos estabelecer uma análise para um dos intensificadores chulos, o *puta*. Nessa aula, solicitamos uma atividade para casa, em que os alunos deveriam tentar aplicar a mesma metodologia de análise de distribuição sintática para outro tipo de intensificador que não tivesse sido contemplado na aula.

Iniciamos a última aula com o gancho deixado pela quinta aula, que seria definir a interpretação semântica que os intensificadores chulos parecem ter, que se aproxima da atribuição de um valor em uma escala. Após isso, esboçamos uma análise dividida em duas etapas, uma para os intensificadores chulos que se assemelham aos adjetivos e outra para aqueles intensificadores chulos que não se assemelham aos adjetivos. Para finalizar, recapitulamos o que foi estudado durante a oficina, solicitando que os alunos participassem e dissessem o que eles haviam compreendido de todas as aulas anteriores.

2.1.6 Planos de aula 1 – 6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor supervisor: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Oficina: Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

Plano de aula 1: 1h/a
(08/10 – Terça-feira – 12h30min às 13h30min)

Tema: Introdução à linguística

Objetivo geral:
Estabelecer o primeiro contato com a linguística, reconhecendo-a como a ciência que estuda as línguas naturais.

Objetivos específicos:
Identificar os processos de um estudo científico;
Relembrar as teorias científicas de modelos atômicos;
Ressignificar a concepção de língua, percebendo a língua como um objeto a ser estudado cientificamente.

Conhecimentos abordados:
Introdução à linguística;
Etapas de um estudo científico;
Modelos atômicos.

Metodologia:
Através de slides:

Apresentação da linguística como a ciência que estuda as línguas naturais;

Identificação das etapas que compõem um estudo científico de qualquer objeto;

Exibição das teorias que, dentro da química, estudaram os modelos atômicos, evidenciando que: a descoberta de novas características do objeto analisado exige uma nova teoria para explicá-lo;

Comparação entre o estudo de ciências em áreas já consagradas como científicas (como a química, a matemática, a física e a biologia) e o estudo de ciência na linguística;

Explicação acerca daquilo que os leigos chamam de erro: é apenas mais um fenômeno a ser analisado – um cientista nunca pode julgar valorativamente seu objeto;

Discussão acerca do preconceito linguístico originário da tradição prescritivista de gramática;

Explicação a respeito dos diferentes tipos de gramática e discussão sobre as utilidades de cada uma.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Computador com projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua.

Referências
PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

SALLES, A. M. *Química inorgânica*. Coleção Objetivo: Sistema de Métodos de Aprendizagem, vol. 8.

Anexos

Anexo 1: Atividade para casa sobre método científico.

Instituto Federal de Santa Catarina
Oficina de Língua Portuguesa
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel
Data: 08 de outubro de 2013.
Nome:_____

Atividade

Em um parágrafo, explique por que o texto abaixo não é fruto de trabalho científico.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:
Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)
Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:
Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")
Eu vi ela. (surge o som "viela")
Eu amo ela. (surge o som "moela")
Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:
Subir pra cima.
Quero ver isso com os meus olhos.

7.2.6. Neologismo

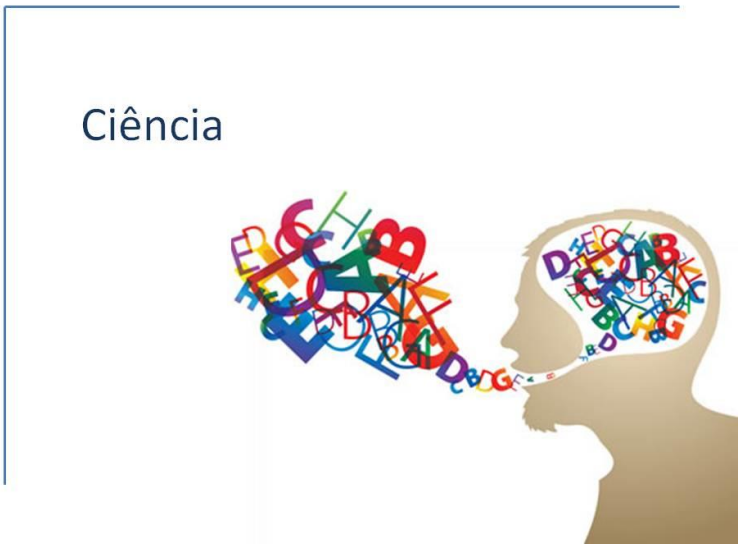
Criação desnecessária de palavras novas:
Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

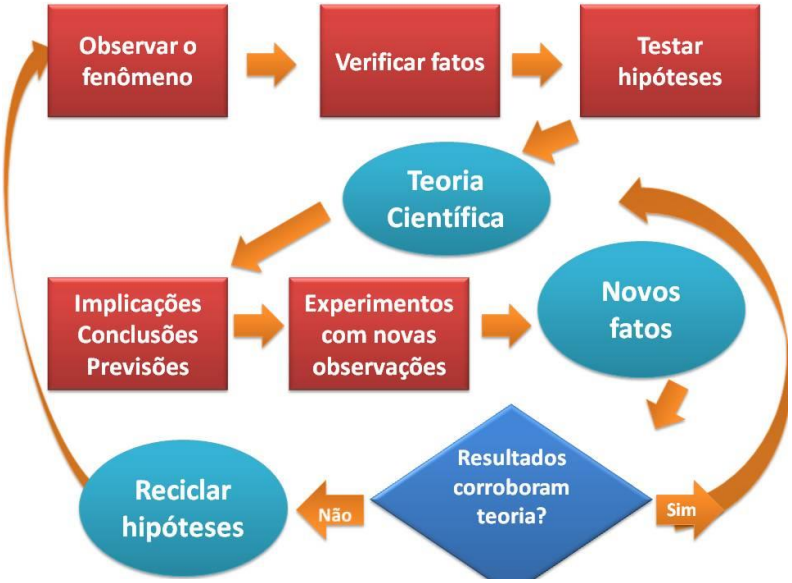
7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:
O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

Fonte: MARTINO, A. *Português esquematizado*. São Paulo: Saraiva, 2012.

Anexo 2: Slides



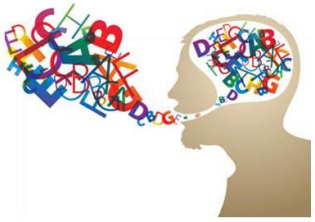


Teorias do modelo atômico

1. John Dalton (1803)

O átomo como uma esfera maciça.

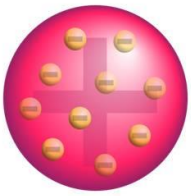
"Bola de bilhar"



2. J.J. Thomson (1897)

O átomo como uma grande esfera positiva com elétrons, de carga negativa incrustados.

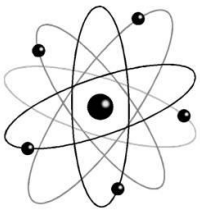
"Pudim de passas"



3. Ernest Rutherford (1911)

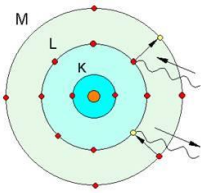
O átomo como uma pequena esfera positiva, o próton, com elétrons, de carga negativa, girando em torno do núcleo.

"Sistema planetário"



4. Niels Bohr (1913)

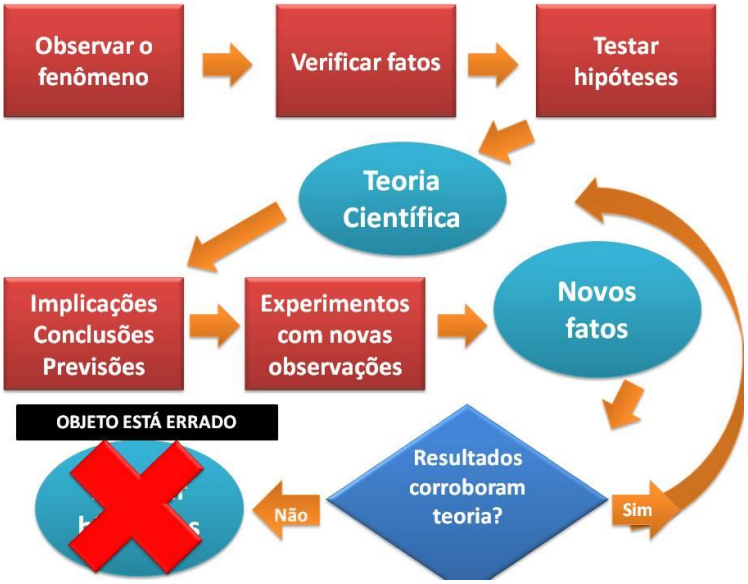
O átomo como uma pequena esfera positiva, o próton, com elétrons, de carga negativa, girando em torno do núcleo em órbitas específicas, sem perder energia.



4. Erwin Schrödinger (atual)

O átomo como uma pequena esfera positiva, o próton, com elétrons, de carga negativa, girando em torno do núcleo em orbitais – regiões do espaço ao redor do núcleo onde existe a máxima probabilidade de se encontrar o elétron.

O estudo de língua



A noção de “erro” em língua

Regras categóricas

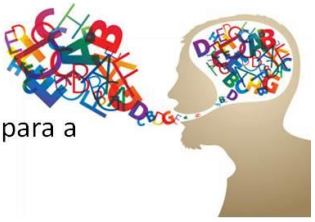
Regra de posição do determinante:

Os livros √
** Livros os* X

Regras variáveis

Regra de marcação do plural no sintagma nominal:

Os livros interessantes √
Os livros interessante √
Os livro interessante √



→Note que o *-s* cai da direita para a esquerda

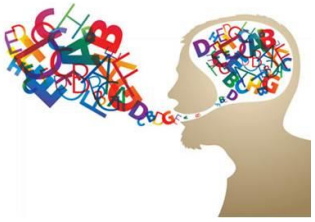
O preconceito linguístico

Gramáticas

Gramática natural (Universal)

Gramática como modelo científico

Gramática normativa



Obrigada!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor supervisor: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Oficina: Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

Plano de aula 2: 1h/a
(15/10 – Terça-feira – 12h30min às 13h30min)

Tema: Linguagem chula e tabu

Objetivo geral:
Reconhecer a linguagem tabu como constituinte de todas as línguas humanas.

Objetivos específicos:
Entender por que temos reações negativas em relação a algumas palavras;
Perceber a relação entre pensamento e linguagem;
Compreender a linguagem chula como um aspecto sócio-cognitivo que influencia a mudança linguística.

Conhecimentos abordados:
Linguagem chula e tabu;
Percepção automática do significado linguístico;
Mudança linguística.

Metodologia:
Através de slides:

Apresentação do termo *tabu* e seu significado;

Explicação acerca do caráter automático da percepção do discurso (ao ouvirmos ou lermos uma palavra, acessamos automaticamente seu significado): possível explicação de por que os palavrões nos soam tão invasivos e desagradáveis;

Exposição de um exemplo de "Efeito Stroop" para ilustrar o caráter automático da percepção do discurso. As palavras aparecerão no slide uma de cada vez e um dos alunos terá que dizer a cor em que a palavra está escrita. Será escolhido um aluno para cada sequência de palavras;

Explicação, com exemplos, a respeito do efeito que os palavrões podem ter na mudança linguística;

Lembrança acerca das palavras que utilizamos hoje corriqueiramente, mas que possuem origem chula.

Recursos didáticos:
Quadro negro;

Computador com projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua, especialmente no que se refere à linguagem chula e tabu.

Referências
PINKER, S. *Do que é feito o pensamento*: a língua como janela para a natureza humana. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

Anexos

Anexo 1: Slides para as aulas 2 e 3

Por que os palavrões nos soam agressivos e desrespeitosos?

O acesso ao significado é automático.

O Efeito Stroop

Sequência 1

palavra

palavra

palavra

palavra

palavra

palavra

Sequência 2

vermelho

verde

laranja

cinza

rosa

azul

Sequência 3

vermelho

verde

laranja

cinza

rosa

azul

Sequência 4

Caralho

Merda

Foder

Puta

Cuzão

Porra

Mudança linguística

Os palavrões podem influenciar o curso da mudança linguística:

Palavras ruins tiram as boas de circulação.

Exemplo:

"O gerente geral do São Paulo, Carlos dos Santos, foi com outras pessoas aos vestiários durante o intervalo e bateu com um **pau** nos jogadores do Tigre. [...]"

(http://terceirotempo.bol.uol.com.br/futebol/times/sao-paulo/noticias/2012/12/tigre-acusa-chefe-de-seguranca-tricolor-de-agressao-sao-paulo-aponta-incoerencia-76972.html)

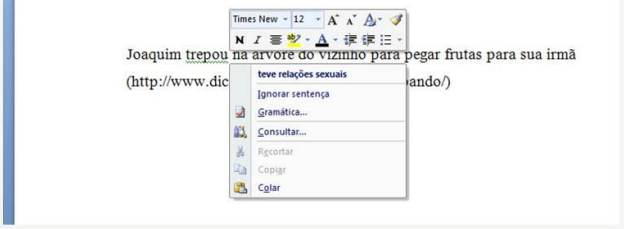
“Preço das cousas que pertencem ao vestuário e armas
[...]
Por uma **boceta** de tartaruga para **tabaco**, seis oitavas.
Por uma **boceta** de prata de relevo para **tabaco**, se tem oito oitavas de prata, dão dez ou doze, de ouro, conforme o feitio dela.”

(http://www.jangadabrasil.com.br/revista/junho67/cp67006c.asp)

... Oitava: unidade monetária equivalente a 1200 réis (época da mineração em MG)

“Joaquim **trepou** na árvore do vizinho para pegar frutas para sua irmã.”

(http://www.dicionarioinformal.com.br/trepando/)



“O período aquisitivo de férias é o período de 12 (doze) meses a contar da data de admissão do empregado que, uma vez completados, gera o direito ao empregado de **gozar** os 30 (trinta) dias de férias.”

(http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/ferias_em_dobro.htm)

“Com o passar dos anos, o ‘pão tipo francês’ foi ganhando nomes próprios em cada região do país. Em São Paulo ficou conhecido como pãozinho, no Rio Grande do Sul, **cacetinho** e na Paraíba, pão aguado. Aqui em Minas Gerais, passou a se chamar pão de sal.”

(http://vejabh.abril.com.br/blog/moca-de-padaria/tag/cacetinho)

“Uma água de **côco** 18 reais um roubo !!!”

(http://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303272-d1063814-r169192897-Mistura-Salvador_State_of_Bahia.html)

Mas algumas palavras perdem o caráter tabu com o tempo.

Censura

Exemplos:

Pentelho
Chato
Bacana

Os usos do palavrão

Descritivo
O cachorro cagou em cima do tapete.

Agressivo (xingamento)
Vá se foder!

Catártico
Puta que o pariu!

Empático (expletivos)
Assisti a um filme bom pra caralho!

Os eufemismos

Uso de aliteração e assonância

Exemplo:

Carácoles, cacilda, poxa, caramba, filho da mãe etc.

Voldemort:
Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado
Você-Sabe-Quem

Comercial Punto 2014

Versão com palavrões censurados por **apito**:
http://www.youtube.com/watch?v=0U5JqmSU42I

Versão com palavrões censurados por **eufemismos**:
http://www.youtube.com/watch?v=Hdk0VOSSWuw

Objeto [denotação]

Eufemismos
referem uma entidade sem evocar emoções indesejadas

Disfemismos
referem uma entidade ressaltando seu aspecto negativo, repulsivo ou nojento

O contexto de uso

Tabu: merda
Levemente disfemístico: bosta
Levemente eufemístico: dejeto, material fecal, sujeira
Formal: fezes, excremento, defecação
Para crianças: pupu, cocô, caca, número 2
Médicos: fezes, bolo fecal
Animais, pequena quantidade: titica
Agrícola: fertilizante

Às vezes optamos por utilizar palavrões para enfatizar o aspecto negativo do referente.
Quer fazer o favor de catar a merda que seu cachorro fez no meu jardim!?

Se tentarmos substituir os tabuísmos por seus sinônimos educados, não obteremos o mesmo efeito. Veja:

Quer fazer o favor de catar o bolo fecal que o seu cachorro fez no meu jardim!?

A **avaliação social** é muito importante para o status de aceitação individual de uma palavra.

"Quando se começa a tratar dele (sexo) explicitamente, logo se é obrigado a escolher entre a linguagem do berçário, a linguagem da sarjeta ou a da aula de anatomia."

(C.S. Lewis)

O palavrão catártico

Ocorre quando nos deparamos com situações desagradáveis imprevistas ou quando sentimos uma dor forte.

Possível explicação:

Reação cerebral que desencadeia um circuito de raiva.

Nossas emoções desagradáveis normalmente ficam contidas por barreiras de estruturas cerebrais. Nos animais, as reações que escapam a essas barreiras são os gritos e urros de dor ou raiva; nos seres humanos, os palavrões catárticos cumprem esse papel.

Portanto, os palavrões catárticos seriam uma junção entre o circuito de raiva do mamífero (gritar) e os costumes vocais humanos (gritar obscenidades).

O palavrão proveniente de fluidos corporais

Merda, mijo, peido, ranho, catarro etc.

Possível explicação:

Os fluidos corporais são vetores de muitas doenças.
Evolutivamente, aprendemos a ter nojo para nos protegermos delas.

E isso se reflete, involuntariamente, na percepção do discurso de nojeiras, classificando-o como tabu.

O palavrão proveniente de sexo

Vá se foder.

Bom conselho?

Possível explicação:

Os malefícios causados pela sexualidade durante a vida humana.

Físicos: estupro, transmissão de doenças, gravidez indesejada, pedofilia, incesto etc.

Emocionais: traição, ciúme, abandono etc.

O sexo sem compromisso, ao longo da história, favoreceu mais o homem, biologicamente e culturalmente.

Essa pode ser uma explicação de por que os palavrões relacionados a sexo foram, ao longo da história, mais utilizados por homens do que por mulheres.

Mesmo após toda a revolução sexual, ainda não enxergamos o sexo com tanta naturalidade como se pretenderia; por isso nosso cérebro ainda cria barreiras para bloquear pensamentos que são ativados pela linguagem sexual.

O palavrão expletivo

O jeito menos ofensivo de usar tabuísmos

Uma puta oficina legal!
Um filme bom pra caralho!

Obrigada!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor supervisor: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Rafaela Miliorini Alves de Brito
Oficina: Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

Plano de aula 3: 1h/a
(22/10 – Terça-feira – 12h30min às 13h30min)

Tema: Linguagem chula e tabu

Objetivo geral:
Reconhecer a linguagem tabu como maneira de expressão em diferentes contextos de uso.

Objetivos específicos:
Refletir sobre os vários níveis da linguagem chula e seus efeitos sócio-cognitivos;
Compreender a razão de empregarmos a linguagem chula em cada um de seus contextos de uso possíveis.

Conhecimentos abordados:
Linguagem chula e tabu;
Diferentes maneiras de denotar um referente;
A origem do uso do palavrão em diversos contextos.

Metodologia:
Através de slides:

Lembrança sobre as várias formas e contextos em que empregamos os palavrões;

Exibição dos vídeos "Fiat Punto 2014 Black Motion - Comercial lâmpada palavrão - BlogAuto" (com palavrões censurados por apitos sonoros) e "Fiat Punto 2014 Série Especial Black Motion - Comercial lâmpada - BlogAuto" (com palavrões trocados por palavras eufemísticas);

Discussão acerca do vídeo;

Conversa acerca das várias formas de denotar um mesmo referente: tabu, disfemismo, eufemismo, formal etc., com exemplos;

Levantamento de possíveis explicações para a existência do palavrão catártico e dos tabuísmos provenientes de fluidos corporais e de sexo;

Breve menção à maneira menos ofensiva de uso dos palavrões: os expletivos (assunto da próxima aula).

Recursos didáticos:

Quadro negro;
Computador com projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua, especialmente no que se refere à linguagem chula e tabu.

Referências
PINKER, S. *Do que é feito o pensamento*: a língua como janela para a natureza humana. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor supervisor: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Oficina: Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

Plano de aula 4: 1h/a
(29/10 – Terça-feira – 12h30min às 13h30min)

Tema: Quantificar coisas e propriedades

Objetivo geral:
Compreender que as informações sobre as coisas do mundo apresentam-se diferentemente e que se utiliza o conceito *quantificadores* para referir-se a todos os recursos que a língua possui para expressar dimensões, capacidades e intensidades.

Objetivos específicos:
Compreender a importância do conceito de quantificação;
Conhecer os diferentes tipos de quantificadores da língua.

Conhecimentos abordados:
Quantificadores.

Metodologia:
Explicação da importância da quantificação;

Desconstrução do conceito de quantificação que a gramática tradicional vinculou como sendo apenas aos numerais;

Realização da dinâmica – a turma será separada em três grandes grupos, que receberão uma lista de coisas. Cada grupo receberá um nome (i. Grupo das coisas fáceis de contar; ii. Grupo das coisas difíceis de contar, por isso usa-se formas de medidas; iii. Grupo das coisas incontáveis) e um conjunto de palavras, devendo discutir e escolher com quais palavras ficará e quais serão descartadas, de acordo com o nome do grupo que receberam;

Discussão sobre a resposta que os alunos estabeleceram na dinâmica e sobre as palavras que indicam quantidades imprecisas;

Apresentação dos quantificadores absolutos, suas implicações e o cuidado que devemos ter com eles;

Explicar que os artigos definidos e indefinidos também podem ter um sentido de quantificação;

Apresentação dos intensificadores chulos como um tipo de quantificador.

Recursos didáticos:
Fotocópias das palavras para a dinâmica em grupo*;*
Quadro negro;
Computador com projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem da língua, especialmente no que se refere ao uso de quantificadores.

Referências
PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

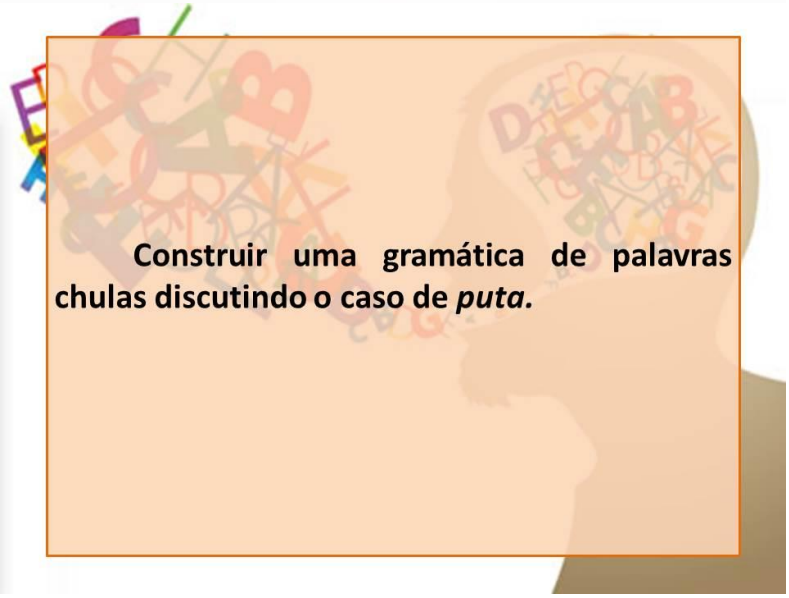
BASSO, Renato Miguel & PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Notas sobre os assim-chamados "intensificadores chulos"*. Manuscrito.

_____. Feynman, a linguística e a curiosidade revisitado. *Matraga*. V. 19 Nº. 30 jan/ jun, 2012.

FERRAREZI JR., Celso. ***Semântica para a educação básica.*** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Anexos

Anexo 1: Slides para a aula 4



Procedimento metodológico

Podemos construir gramáticas a partir de qualquer **fragmento de uma língua natural**.

Mesmo que o nosso ponto de partida seja uma simples sentença, para chegarmos à gramática precisamos comparar aquela ocorrência a outras, porque **uma gramática é um sistema**.

Assim, nosso **primeiro passo** é construir um *corpus*.

Analisar dados de oralidade e de escrita;

Mobilizar a intuição dos falantes, aquilo que eles sabem sem saber que sabem;

Explicitar esse conhecimento.

Como o primeiro passo é arrumar um *corpus*. Faça uma pequena busca no *Google* para detectar alguns usos do *puta*.

Em seguida, classifique essas construções, coloque-as em caixinhas...

Quatro usos de *puta*:
(i) como interjeição – *Puta que pariu!*;
(ii) como um predicado – *Joana é puta.*;
(iii) como adjetivo – *O João está puto com a Telma.*,
(iv) como um intensificador – *Esse é um puta cara alto*.

Sua pesquisa deverá ser entregue na próxima terça-feira (5/11).

É possível fazermos várias propostas de explicação para um mesmo fenômeno.

Qual delas é a melhor solução?
A melhor explicação é aquela que dá conta do maior número de dados – tem maior poder de predição (abrangência empírica) – com o menor número de hipóteses.

O uso como intensificador, exemplificado em *uma puta oficina legal*, nos interessa, primeiramente, porque essa é a única expressão que caracteriza o português brasileiro – ela não é encontrada no português europeu – e porque ela está em **processo mais adiantado de gramaticalização** e tem *uma puta chance* de **virar sistema**, exatamente porque já **perdeu a marca de negatividade** e **mantém apenas uma avaliação do falante que pode ser negativa ou positiva.**

Outra indicação desse processo de gramaticalização é o fato de que ele aparece dicionarizado.

Sobre o nosso objeto de estudo...

Trata-se de um **quantificador chulo**, porque ele parece ser um tipo de intensificador e intensificadores são quantificadores.

Puta é um intensificador que parece, por um lado, com o *muito* e, por outro, com *grande*.

Parece às vezes um advérbio e às vezes um adjetivo, mas em qualquer dos casos ele será um **quantificador**.

Quantificadores

Percebemos as coisas no mundo através dos sentidos, que nos informam tamanho, formas, cores.

Isso diz respeito a como nos relacionamos com o mundo:

Carregar <u>um grão de arroz</u> é **diferente** de carregar <u>mil quilos de arroz</u>.

A noção de quantidade é bem relevante, pois possui um grande valor cultural.

Quanto dinheiro tenho no banco?
Quantos centímetros tenho de altura?
Quantas pessoas tiraram nota maior que eu?
Quantos amigos possuo?

Quantidade → Sentido cardinal
Quantidade → Dimensões
Quantidade → Capacidades
Quantidade → Intensidades

Quantificador – recurso que a língua possui para expressar as formas de quantificação que conhecemos.

Complexos na língua natural;
Na Gramática Tradicional a visão de quantificação é passada apenas pelos numerais.

Quantificar coisas que existem no mundo.

(Dinâmica)

Lista de palavras

livro – cadeira – água – gasolina – gás – feijão – areia – lentilha – farinha de trigo – talco – perfume – carro – gato – árvore – cimento – casa – tijolo – caneta – chá – computador – comprimido – xarope – ovo – cabelo – tempo – ar – cabelo

Coisas fáceis de contar

Coisas difíceis de contar, por isso usamos formas de medida

Coisas incontáveis

De acordo com a natureza dos objetos, criamos formas diferentes de contá-los.

Formas imprecisas de quantificar, no entanto, compreendemos mais ou menos do que se fala.

Um monte de areia
Um monte de ouro
Um monte de farinha
Um monte de cabelo
Um monte de livros

Tente ordenar as quantidades abaixo da que pesa menos para a que pesa mais.

Por que vemos a palavra “monte” de formas diferentes em relação a coisas diferentes?

Quantificadores absolutos:

(Todos) os brasileiros são preguiçosos.

Uns brasileiros são preguiçosos.

Quantificadores absolutos:

Uma criança está chorando.
Todas as crianças estão chorando.
Nenhuma criança está chorando.

Interação dos quantificadores absolutos:

Todos os alunos falam **uma** língua.

1. Leitura distributiva.
2. Leitura de escopo invertido.

Todos os alunos da sala compraram **um** presente para o professor.

Quantificar propriedades das coisas:

Maria é muito bonita.
João é meio chato.
João é completamente idiota.

Como medir a beleza?
Que critérios utilizamos para fazer as quantificações acima?

Muito magro
Muito gordo
Muito sarado

Muito pobre
Muito rico

Muito feio
Muito bonito

Em todos os casos a quantificação é positiva, mas a grande quantidade pode ser pior do que a pequena.

Obrigada.

Anexo II: Lista de palavras para a dinâmica

Lista de palavras

livro – cadeira – água – gasolina – gás – feijão – areia – lentilha – farinha de trigo – talco – perfume – carro – gato – árvore – cimento – casa – tijolo – caneta – chá – computador – comprimido – xarope – ovo – cabelo – tempo – ar – cabelo

Coisas fáceis de contar

- -

Lista de palavras

livro – cadeira – água – gasolina – gás – feijão – areia – lentilha – farinha de trigo – talco – perfume – carro – gato – árvore – cimento – casa – tijolo – caneta – chá – computador – comprimido – xarope – ovo – cabelo – tempo – ar – cabelo

Coisas difíceis de contar, por isso usamos formas de medida

- -

Lista de palavras

livro – cadeira – água – gasolina – gás – feijão – areia – lentilha – farinha de trigo – talco – perfume – carro – gato – árvore – cimento – casa – tijolo – caneta – chá – computador – comprimido – xarope – ovo – cabelo – tempo – ar – cabelo

Coisas incontáveis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor supervisor: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Oficina: Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

Plano de aula 5: 1h/a
(05/11 – Terça-feira – 12h30min às 13h30min)

Tema: Os intensificadores chulos

Objetivo geral:
Compreender o uso dos intensificadores chulos, entendendo que esse uso é bastante sistemático, ou seja, há uma gramática por trás dele que sabemos sem nos dar conta de que sabemos.

Objetivos específicos:
Entender que para se fazer uma análise científica é preciso delimitar o objeto de estudos;
Diferenciar o que é e o que não é intensificador chulo para delimitar o objeto a ser estudado;
Estabelecer relações sintáticas e semânticas de alguns intensificadores chulos;

Conhecimentos abordados:
Intensificadores chulos;
Distribuição sintática;
Interpretação semântica.

Metodologia:
Explicação, com muitos exemplos, do que pode e do que não pode ser considerado intensificador chulo;

Entendimento, por meio dos exemplos citados, sobre qual é a distribuição sintática e a interpretação semântica dos intensificadores chulos que anteriormente foram delimitados;

Separação dos intensificadores chulos em algumas categorias para a tentativa de estabelecer uma análise na próxima aula.

Solicitação de uma atividade para casa, em que os alunos tentem aplicar a mesma metodologia de análise de distribuição sintática e interpretação semântica para outro tipo de intensificador que não tenha sido contemplado na aula.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Computador com projetor multimídia.

Avaliação:

Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos que o aluno tem a respeito das relações sintáticas e semânticas que podem ser estabelecidas pelos intensificadores.

Referências

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

BASSO, Renato Miguel & PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Notas sobre os assim-chamados "intensificadores chulos"*. Manuscrito.

_____. Feynman, a linguística e a curiosidade revisitado. *Matraga*. V. 19 Nº. 30 jan/ jun, 2012.

FERRAREZI JR., Celso. ***Semântica para a educação básica.*** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Anexos

Anexo 1: Slides para a aula 5

Quantificadores absolutos:

Uma criança está chorando.
Todas as crianças estão chorando.
Nenhuma criança está chorando.

Interação dos quantificadores absolutos:

Todos os alunos falam **uma** língua.

1. Leitura distributiva.
2. Leitura de escopo invertido.

Todos os alunos da sala compraram **um** presente para o professor.

Quantificar propriedades das coisas:

Maria é muito bonita.
João é meio chato.
João é completamente idiota.

Como medir a beleza?
Que critérios utilizamos para fazer as quantificações acima?

Muito magro
Muito gordo
Muito sarado

Muito pobre
Muito rico

Muito feio
Muito bonito

Em todos os casos a quantificação é positiva, mas a grande quantidade pode ser pior do que a pequena.

i) o que são IC?;

ii) qual é a distribuição sintática e a interpretação semântica dos IC?;

iii) uma tipologia para os IC;

Obrigada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Professor supervisor: César Cordeiro Vieira
Estagiária responsável pela aula: Raquel Darelli Michelon
Oficina: Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

Plano de aula 6: 1h/a
(12/11 – Terça-feira – 12h30min às 13h30min)

Tema: Esboço de análise para os intensificadores chulos

Objetivo geral:
Compreender o uso dos intensificadores chulos, entendendo que esse uso é bastante sistemático, ou seja, há uma gramática por trás de seu uso.

Objetivos específicos:
Entender os objetivos da classificação de intensificadores chulos por seus tipos;
Compreender que alguns intensificadores chulos comportam-se como fenômenos escalares;
Compreender que alguns intensificadores chulos comportam-se como operadores sobre proposições;

Conhecimentos abordados:
Intensificadores chulos;
Análise linguística.

Metodologia:
Tentativa de dividir os intensificadores chulos em categorias, de acordo com o tipo de operação que realizam nas sentenças;

Esboço de análise dos intensificadores em duas etapas, aqueles que se assemelham aos adjetivos e aqueles que não se assemelham aos adjetivos;

Apresentação dos possíveis problemas que ficaram em aberto.

Recursos didáticos:
Quadro negro;
Computador com projetor multimídia.

Avaliação:
Serão avaliadas a concentração e a participação nas aulas, bem como o posicionamento relativo às questões de conhecimentos linguísticos básicos e instintivos a respeito da análise dos intensificadores.

Referências

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

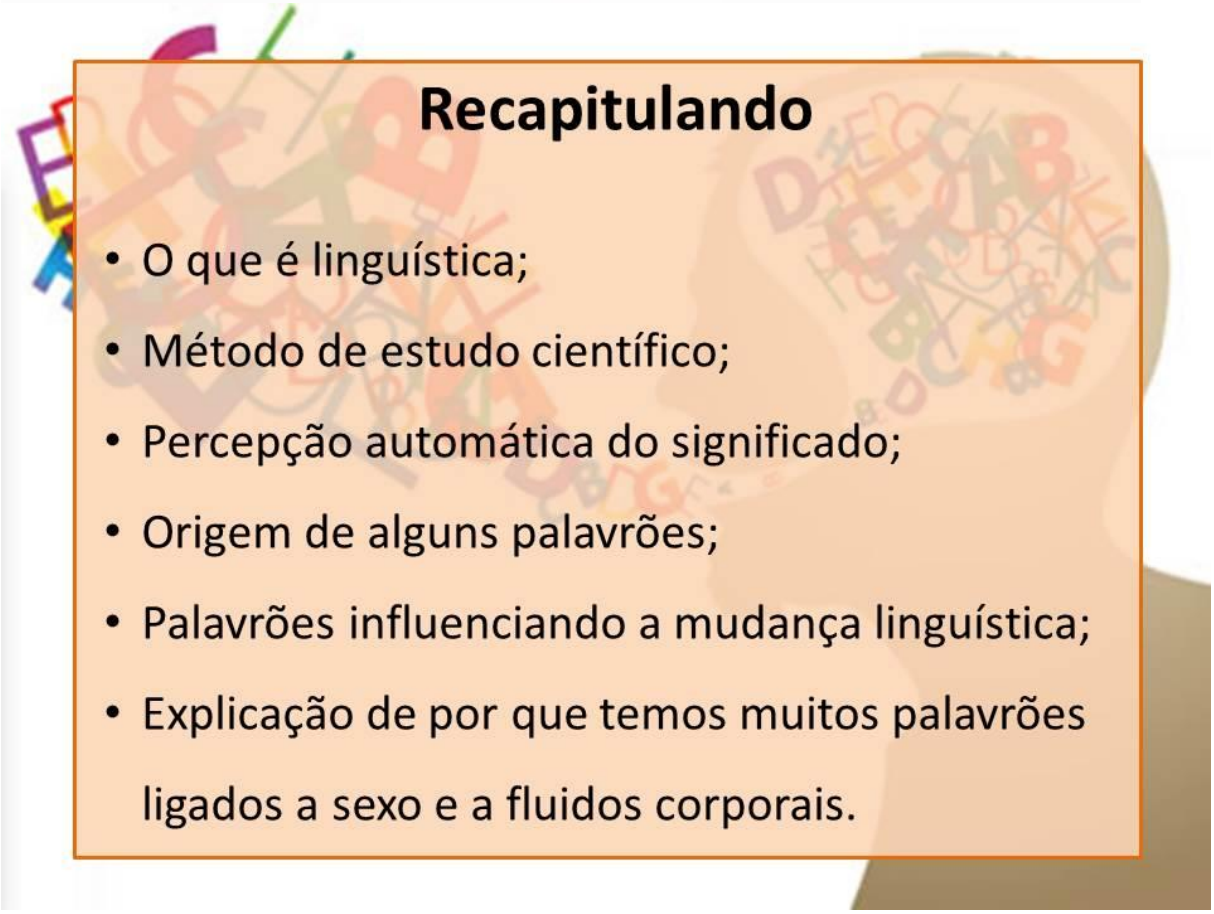
BASSO, Renato Miguel & PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Notas sobre os assim-chamados "intensificadores chulos"*. Manuscrito.

_____. Feynman, a linguística e a curiosidade revisitado. *Matraga*. V. 19 Nº. 30 jan/ jun, 2012.

FERRAREZI JR., Celso. ***Semântica para a educação básica.*** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Anexos

Anexo 1: Slides para a aula 6



- **O que são Intensificadores Chulos (IC)?;**
- **Qual é a distribuição sintática e a interpretação semântica dos IC?;**

O que são IC?

• IC são exemplificados pelos itens em destaque nas sentenças abaixo:

(1) Ontem eu assisti um **puta/baita** filme.

(2) Ontem eu assisti um filme bom **pra caralho/bagarai/pacas**.

(3) Ontem eu assisti um filme **do caralho/do cacete**.

(4) Ontem eu assisti um filme **foda**.

(5) Eu não vou lavar **essa merda de** louça.

O que são IC?

• Os itens sublinhados, contudo, participam de outras construções e têm outras interpretações:

(6) Puta! / Puts! Esqueci a chave em casa!

(7) Eles ficaram putos com o resultado da prova.

(8) Puta que pariu! / Puta merda! / Puta vida!

(9) Ele é um puto! / Ele é um filho da puta!

(10) Que foda! / Que merda!

O que são IC?

• Apenas o que temos em (1)-(5) pode ser caracterizado como IC, pois desempenham uma operação específica (um tipo de advérbio) ou são predicados (adjetivos)

• O uso de palavras da classe dos "palavrões" para desempenhar papéis gramaticais ou funcionar como predicados tem nuances interpretativas que os falantes mobilizam com maestria;

puta / baita

(11) Ontem eu assisti um/esse/dois puta / *muito(s) filme(s)
(12) Ontem eu assisti *puta / muito um filme
(13) Ontem eu assisti um filme *puta / ? muito
(14) Ontem eu assisti um puta / *muito filme bom/ruim
(15) Ontem eu assisti * puta / ??muito um filme bom/ruim
(16) Ontem eu assisti um filme * puta / muito bom/ruim
(17) Ontem eu assisti um filme bom/ruim * puta / ??muito
(18) Eu assisti um puta / *muito filme bom/ruim.
(19) João é * puta / muito alto
(20) João é um puta / *muito homem alto
(21) João é um homem *puta / muito alto
(22) João é um homem alto *puta / *muito

puta / baita

- Como mostram os exemplos de (11) a (22), 'puta' só pode ser usado no interior do sintagma nominal, sempre depois do determinante e antes do nome núcleo, e não há concordância de gênero ou número; a presença explícita de um adjetivo não é obrigatória.

- Resumidamente, a sintaxe de "puta" é:

(23) Det puta N (Adj)

puta / baita

• Trata-se de uma estrutura bem "sólida":

(24) Filme, eu vi um Ø bem legal ontem.

(25) Filme, eu vi um Ø muito bom ontem.

(26) * Filme, eu vi um puta Ø ontem.

(27) * Filme, eu vi um puta Ø bom ontem.

(por que?)

puta / baita

• 1. Sem adjetivo explícito

'puta' não pede adjetivo explícito, como faz 'muito'.

Nesse caso a interpretação é *sempre positiva, i.e.* 'um puta filme' é um filme (muito) bom.

A não ser que o N seja negativo: 'João fez uma puta burrada' significa que a burrada feita por João é muito grande.

• 2. Com adjetivo explícito

Com adjetivo explícito, a intensificação recai sobre esse adjetivo.

'um puta filme ruim' é um filme muito ruim.

- Esses IC têm um comportamento semelhante a advérbios, pois modificam um predicado (propriedade), e por isso não se combinam com outros advérbios – mas há controvérsias;

- São invariáveis morfologicamente;

Obrigada.

2.1.7 Atividades dos alunos sobre método científico

2.1.7.1 Eduardo

INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

Instituto Federal de Santa Catarina
Oficina de Língua Portuguesa
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel
Data: 08 de outubro de 2013.
Nome: Eduardo K. Binotto

Em análise científica, os erros na linguagem são na verdade fatos novos a serem analisados. Com isso, cientificamente, a norma culta é que deveria se adaptar a essas expressões e não o contrário. Desta forma, a teoria se adaptaria às evidências, não as evidências se encaixarem à teoria

2.1.7.2 Gustavo Simas

INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

Instituto Federal de Santa Catarina
Oficina de Língua Portuguesa
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel
Data: 08 de outubro de 2013.
Nome: Gustavo

O texto julga frases e termos fora do padrão científico de pesquisa, classificando-os como "defeitos"; criticando e avaliando como errado a escrita e até mesmo a pronúncia de palavras comuns; descartando hipóteses de admissão destes modos de grafia e pronúncia; impondo como incorreto algo que existe; negando a realidade.

2.1.7.3 Gustavo Back

Pois esse texto trabalhou apenas numa teoria, não houve nada além da explicação do que era cada tópico. Não houve explicação de causa, previsão...

Nome: Gustavo Bourdot Back

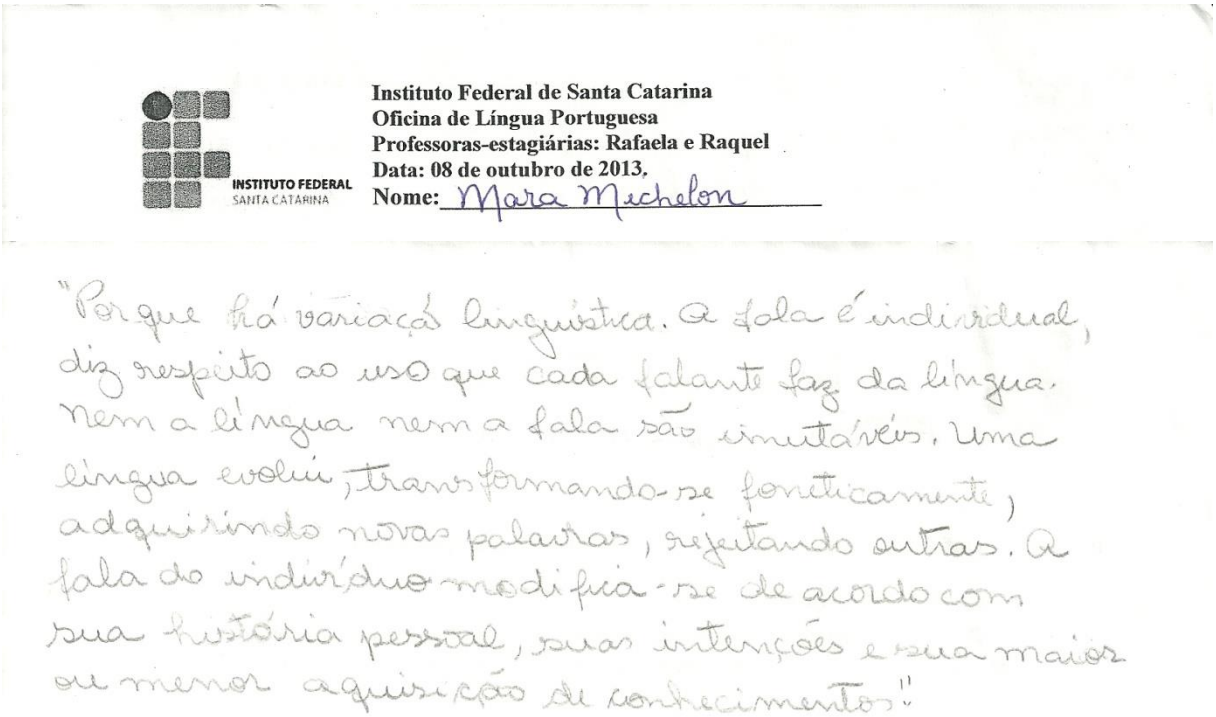
Turma: 223

2.1.7.4 Julio

Instituto Federal de Santa Catarina
Oficina de Língua Portuguesa
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel
Data: 08 de outubro de 2013.
Nome: Julio M. Correia

Um trabalho científico é fruto de um processo que tem como principais etapas a observação de um fato, o levantamento de hipóteses que expliquem esse fato e a realização de testes em cima destas hipóteses. O texto não passa por esse processo, ele é apenas um aglomerado de normas e conceitos que dita um modelo a se seguir. Portanto, não se trata de um trabalho científico.

2.1.7.5 Mara



Instituto Federal de Santa Catarina
Oficina de Língua Portuguesa
Professoras-estagiárias: Rafaela e Raquel
Data: 08 de outubro de 2013.
Nome: Mara Michelon

"Porque há variação linguística. A fala é individual, diz respeito ao uso que cada falante faz da língua. Nem a língua nem a fala são imutáveis. Uma língua evolui, transformando-se foneticamente, adquirindo novas palavras, rejeitando outras. A fala do indivíduo modifica-se de acordo com sua história pessoal, suas intenções e sua maior ou menor aquisição de conhecimentos!"

2.1.7.6 Mateus

18 / 10 / 13

IFSC

MATEUS DA SILVA 291

ATIVIDADE - OFICINA LAB TEXTO "UMA 'PUTA' OFICINA ESCAL"

A Folha em questão não apresenta um texto de caráter científico, pois não é expresso, além da informação em si, nenhuma explicação de como se chegou àquela conclusão, do porquê de ela ser verdadeira, etc.

2.2 Reflexão sobre a prática pedagógica em atividades extraclasse

Antes de iniciarmos a implementação do projeto já pensávamos em ministrar uma oficina que pudesse levar a linguística, por mínimo que fosse, para a sala de aula, mas abrangendo-a de maneira diferenciada, em um contexto sem a obrigação de pensá-la como parte das atividades curriculares e sem a preocupação com uma aprovação ou reprovação ao final do processo.

Várias reuniões foram feitas entre professoras-estagiárias e professores da disciplina de Língua Portuguesa do DALTEC para que combinássemos como aconteceria a oficina, quais as melhores datas, quais os conteúdos/temas seriam mais procurados e quais os locais adequados para cada oficina. Em reunião, as professoras-estagiárias fizeram as suas propostas de oficinas e todas foram aceitas. Foi-nos solicitado que enviássemos por *e-mail* o título da nossa proposta de oficina, um resumo do que aconteceria nas aulas, bem como os objetivos, o público alvo, etc. para a professora responsável por compilar todas as informações das oficinas para posterior divulgação.

Mesmo tudo sendo preparado com certa antecedência, houve um atraso com relação ao início da divulgação, pois não se sabia exatamente quais os veículos poderiam ser utilizados para que se alcançasse o maior número de inscrições. Todos estavam apreensivos, pois a oficina só seria viabilizada se houvesse, pelo menos, quatro inscritos. As professoras-estagiárias sugeriram que as oficinas fossem divulgadas na página do *facebook* que os alunos da instituição criaram, mas nem todos tinham acesso, pois é uma página fechada.

De acordo com o cronograma, e por solicitação do DALTEC, deveríamos iniciar a docência no projeto extraclasse no dia 01 de outubro, pois o quanto antes terminasse a docência seria melhor, já que os professores relataram as experiências com a evasão dos alunos das oficinas quando ela estava programada até o final do semestre[23]. Com o atraso da divulgação, pudemos alterar a data de início para o dia 08 de outubro. Já com a data alterada, cada dupla ficou responsável por divulgar as oficinas[24] em todos os lugares que conseguisse, uma vez que as oficinas possuem o caráter de extensão, abrangendo o público alvo para além da instituição.

As oficinas foram, então, divulgadas na página do LabTexto, na página oficial da instituição, por algumas professoras-estagiárias que entregaram *folders* no horário de saída

[23] Este problema dá-se porque os alunos da instituição são a maioria dos inscritos nas oficinas e, quando chega o final do semestre, eles possuem um acúmulo de provas e trabalhos das disciplinas curriculares e não conseguem articular as atividades obrigatórias com as atividades extracurriculares.
[24] Cf. Anexo 12, que mostra o cartaz de divulgação elaborado pelo DALTEC.

dos alunos da instituição e pelas duplas em diferentes lugares. Nós elaboramos também alguns *folders*[25] de divulgação somente da nossa oficina, o qual circulou pelas redes sociais durante o período de inscrição. Um dos atrativos para as oficinas certamente foi a oferta de um certificado de participação que será elaborado pela instituição.

Intitulamos o projeto de *Uma puta oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões* e elaboramos seis encontros de uma hora (das 12h30min às 13h30min) que aconteceram uma vez por semana (todas as terças-feiras). Com dezesseis inscritos[26], iniciamos a oficina no dia 08 de outubro. Dos inscritos, compareceram à primeira aula onze e mais dois que se inscreveram no dia. No segundo dia de oficina recebemos mais uma inscrição. No total, a oficina contou com dezenove inscritos, mas apenas nove concluíram a oficina com o mínimo de frequência esperado, 75%.

Durante as semanas que aconteceu a oficina, mantínhamos contato com os alunos por *e-mail*, sempre os lembrando do nosso encontro de terça-feira e enviando os materiais utilizados em sala de aula. As aulas foram muito proveitosas tanto para nós quanto para os alunos, pois percebíamos que eles estavam atentos a tudo o que dizíamos, participavam bastante e nos deixavam sugestões de vídeos e *sites* sobre os temas abordados.

Daquilo que havíamos planejado, fizemos apenas uma pequena alteração. O objetivo inicial era que pudéssemos analisar sintática e semanticamente vários intensificadores chulos, mas, devido à complexidade do conteúdo e do pouco tempo para falar dele, optamos por fazer a análise detalhada apenas do intensificador chulo que originou o título da oficina, o *puta*, e deixamos que os alunos utilizassem o mesmo recurso de análise para tentarem pensar sobre o comportamento de outras expressões.

A nosso ver, estas foram as principais dificuldades da prática pedagógica: o pouco tempo para dizer tudo o que poderia ser compartilhado com os alunos sobre o uso das palavras chulas e o fato de alguns alunos precisarem faltar às aulas, por conta das avaliações de recuperação das disciplinas curriculares, que estavam marcadas para o mesmo horário da oficina.

Ao término da oficina, saímos da instituição com a sensação de dever cumprido, pois havíamos colocado em prática o que estava planejado. Recebemos agradecimentos e parabéns dos alunos por termos oferecido uma oficina tão diferente e instigante. Os depoimentos orais dos alunos foram muito gratificantes, pois percebemos que eles de fato haviam aprendido e estavam espalhando estes conhecimentos para seus familiares e amigos, além de tomarem

[25] Cf. Anexo 13.
[26] Cf. Anexo 9.

postura crítica sobre o que havíamos dito nas aulas, opinando de maneira significativa sobre os conteúdos.

Para nós, a principal diferença entre a docência no ensino da disciplina de Língua Portuguesa e a docência na oficina foi a própria questão do perfil da turma, que apesar de apresentar a maioria dos participantes da própria instituição, estes eram de cursos e fases diversificados, trazendo certa maturidade para a turma, tanto do ponto de vista comportamental quanto para o nível das reflexões e questionamentos.

3. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

3.1 Reunião de avaliação da turma 122

04 de outubro, das 13h30min às 15h30min

A reunião de avaliação, no IFSC, equivale ao Conselho de Classe das outras escolas. Nela, estão em pauta: a turma, os professores e os alunos. Participam dela: os professores de cada disciplina, um membro do DALTEC (como coordenador e secretário, registrando a reunião), um membro da Coordenadoria Pedagógica e os dois representantes de turma. As reuniões são feitas separadamente, discutindo-se uma turma de cada vez.

Primeiramente, a palavra é dada aos representantes de turma, os quais leem a avaliação da turma acerca dela mesma, da instituição e de cada um dos docentes. Com relação ao professor de língua portuguesa, o único ponto negativo ressaltado é a falta de domínio de turma. No geral, estão felizes com a instituição, com os professores e com a turma, apontando, apenas, que precisam se concentrar mais nas aulas, controlando a conversa.

Em seguida, cada professor faz seus comentários acerca da turma. Reclamam sobre a chegada tardia de alguns alunos, o grupo de conversa que se formou ao fundo da sala, a indisciplina de alguns (apesar de serem muito participativos); um dos professores mostra-se preocupado com o isolamento de alguns membros da turma, que não se relacionam com os demais. Em geral, os professores elogiam a turma, afirmando que é tranquila de se trabalhar e composta por alunos participativos.

Os representantes de turma anotam as considerações dos professores e, depois, são convidados a se retirarem.

Inicia-se, então, a avaliação individual de cada aluno, seguindo a ordem da chamada:

Aluno	Principais comentários dos professores
1. A.A.	Tem problema cardíaco e já esteve internada; é frequente, faz as atividades; tímida; "I" em matemática.
2. A.C.	É repetente, tem muitas faltas e é irresponsável; possui rendimento baixo em quase todas as disciplinas; seus pais não sabem de sua situação, acreditando que é boa aluna.
3. B.G.	É repetente, costuma se atrasar para algumas aulas e conversa muito; tem uma "boa lábia", não apresenta problemas de conteúdo e melhorou bastante com relação ao semestre anterior; está com "E" em muitas disciplinas, mas parece apresentar dificuldade na escrita.
4. C.Z.	Tem fibrose cística e às vezes precisa ficar internada; excelente aluna, dedicada, mas está com um "I" em língua portuguesa (LP) e outro em matemática. É também a representante da turma.
5. D.A.	É repetente, mas porque desistiu devido a questões pessoais,

	não de conteúdo; possui grande conflito familiar (entre pai e mãe); é bom aluno, mas com baixo rendimento em física.
6. D.F.	É repetente, conversa muito e é bastante disperso; parece ser levado pelo grupo, pois não faz nenhuma atividade sozinho, tentando sempre enrolar os professores com desculpas mirabolantes; apresenta dificuldade na escrita e compreensão de textos, não realizou nenhuma atividade da escrita do diário, em LP, até agora; tem "I" em LP e em matemática.
7. G.L.	Não leva muito a sério alguns conteúdos, pois é bastante brincalhão, mas é muito bom aluno em todas as disciplinas (excelente em LP); teve convulsões na aula de educação física anterior a Reunião de Avaliação e está sob medicação forte.
8. I.L.	É calado, maduro, assíduo, produz o suficiente; bom aluno; "I" em física e matemática.
9. J.V.	É bom aluno, participativo, determinado e esforçado, mas apresenta dificuldade significativa e baixo rendimento em quase todas as disciplinas; tem dificuldade na escrita e "I" em matemática; se isola do restante da turma.
10. J.Z.	Aluna mediana em algumas disciplinas e boa em outras; se juntou ao D.F., por isso está conversando muito e acabou não apresentando o trabalho de LP.
11. K.S.	Bom aluno, muito falante e participativo; "I" em matemática e em física.
12. L.B.	Excelente em tudo e super participativo; melhor aluno nas aulas de LP; sua mãe é muito exigente e nunca considera suficiente o trabalho do filho.
13. L.E.	É muito conversador, mas ótimo aluno em todas as disciplinas, exceto no Projeto Integrador (PI), apresentando conceito "I".
14. M.M.	É muito tímida (um dos professores nem se lembrava dela); não realizou algumas atividades; "I" em matemática e em educação física.
15. M.C.	Boa aluna.
16. M.A.	Bom aluno, excelente em LP e muito interessado em informática; quieto.
17. M.I.	Muito inteligente, bom aluno em todas as disciplinas, excelente em LP.
18. R.V.	Bom aluno, responsável e participativo; é o melhor aluno da turma nas aulas de matemática.
19. S.L.	Boa aluna em geral, excelente em PI, mas conversa muito em LP; "I" em física e em matemática.
20. T.V.	Boa aluna em algumas disciplinas e mediana em outras; apresenta dificuldade na escrita e em física; "I" em matemática.
21. T.S.	Bom aluno, participativo e responsável.
22. V.F.	Não veio mais às aulas; é considerado desistente.
23. V.V.	Faltou às últimas aulas, devido à participação em um campeonato de Box fora do estado; possui muitas faltas e apresenta baixo rendimento em física, química e matemática (conceito "I" nessa última); é bom aluno nas demais disciplinas.
24. V.P.	É tímido; bom aluno em PI, biologia e informática; "I" em LP, física e matemática.

Tabela 2: Avaliação dos professores, durante a reunião de avaliação do dia 04 de outubro de 2013, acerca de cada um dos alunos da turma 122.

3.2 Atendimento aos pais

09 de outubro, das 18h30min às 21h

O atendimento aos pais é organizado da seguinte maneira: cada dia é destinado a uma fase; cada disciplina é agrupada em uma sala de aula, onde se concentram todos os professores daquela área que ministram aulas para pelo menos uma das turmas daquela fase; os pais vão conversar com os professores que desejam, de acordo com a disciplina; os professores ficam sentados, cada um no local da sala destinado a ele, com uma etiqueta com seu nome colada à parede, uma cadeira para se sentar e mais duas à frente para acomodar os pais.

Sentamos e aguardamos a chegada de cada um dos pais (os quais podiam ir acompanhados de seus filhos). Apenas oito pais, em uma turma de 23 alunos frequentes, comparecem:

Aluno	Representante presente	Comentários
1. M.I.	Mãe (acompanhada do filho)	Mãe reclama que o filho não lê muito e que tem dificuldades na escrita. O professor afirma que M.I. é um ótimo aluno e que aparenta ter bastante leitura, pois apresenta bons trabalhos; Rafaela explicou a ela que seu filho provavelmente lê bastante na internet, esclarecendo que a leitura não precisar se dar somente em livros.
2. J.Z.	Mãe	Afirmamos[27] que J.Z. é boa aluna; que conversava muito, mas tem melhorado nesse aspecto. Mãe diz que a filha nunca ficou de recuperação, mas que é um pouco preguiçosa para a leitura; afirma não olhar mais o caderno da filha, mas sempre perguntar se ela está realizando as tarefas; ressalta que a aluna é uma excelente filha. Moram em São Pedro de Alcântara.
3. V.P.	Mãe	Mãe diz-se assustada, pois os professores estão reclamando do grande número de faltas de seu filho; segundo ela, nunca recebeu reclamações acerca de V.P. ao longo de toda sua vida escolar (acha que a razão pode ser a autorização que ela deu ao filho, recentemente, para namorar). Parece bastante preocupada, mas dizemos que

[27] Utilizaremos os verbos na primeira pessoa do plural, referindo-nos a: Rafaela e Raquel (dupla de estagiárias) e César (professor-regente da turma), pois, em geral, nós três fizemos os mesmos comentários sobre os alunos a seus pais. Quando separarmos o que foi dito pelo professor do que foi dito por nós-estagiárias, o faremos explicitamente.

		ele é bom aluno, faltando apenas a realização de algumas atividades.
4. S.L.	Mãe	Mãe afirma que S.L. é uma ótima filha e muito estudiosa; diz que a menina elogia muito a escola e os professores. Moram em Rancho Queimado: Sara acorda todos os dias ainda de madrugada para pegar o ônibus para Florianópolis. Dissemos que o único problema de S.L. é a conversa.
5. B.G.	Mãe	Mãe diz que seu filho lê frequentemente; mas é bastante crítica e preocupa-se muito (tendo em vista que B.G. é repetente). Afirmamos que seu filho é um bom aluno, que conversava muito, mas agora tem melhorado consideravelmente nesse aspecto. A mãe demonstra pouca confiança em nós, estagiárias, dizendo que seu filho não pode achar que agora as aulas serão fáceis porque suas professoras tem *a mesma idade dele*[28].
6. J.V.	Pai (acompanhado do filho)	Fizemos elogios a seu filho, afirmando que é um aluno muito interessado e determinado[29]. O pai é uma pessoa extremamente simples, sem estudo, e mostra-se bastante orgulhoso do filho. Nós nos emocionamos.
7. L.B.	Mãe (o filho está na sala, mas ao longe; não acompanha a reunião)	Elogiamos muito L.B. (não há nenhuma reclamação a fazer dele), mas sua mãe se mostra bastante crítica e diz que exige sempre o máximo de seu filho. O professor preocupa-se, perguntando se ela não está sendo muito rigorosa com o menino. A mãe afirma que não, pois quer que L.B. estude enquanto ainda é jovem, para poder ter uma vida mais confortável do que a que seus pais têm condições de proporcionar-lhe hoje. A mãe vai embora e nos deixa preocupados.
8. C.Z.	Mãe	Elogiamos muito a C.Z.. A mãe fica feliz, diz que a filha adora ler e que língua portuguesa é a sua disciplina favorita; faz muitos elogios à escola e diz que C.Z. está adorando estudar lá.

Tabela 3: Registro do atendimento feito aos pais dos alunos da turma 122 presentes na reunião de pais do dia 09 de outubro de 2013.

3.3 Reunião com a coordenação pedagógica

26 de setembro, às 14h

[28] B.G. tem 15 anos.

[29] Desde as primeiras aulas observadas, já percebemos que J.V. parecia ter grande dificuldade na expressão oral e escrita (também na leitura em voz alta), na compreensão de textos e no entendimento das atividades. Mas seu pai nos emocionou tanto, que preferimos não tocar nesse assunto. Como na data da reunião ainda estávamos iniciando o período de docência, optamos por debater o assunto mais tarde com o professor regente da turma. Certamente, não seria esse o momento de fazer comentários ao pai, por não termos ainda discutido o assunto com o professor regente e a coordenação pedagógica da escola. Cf. as seções 3.4, 3.5.2 e 3.5.3, a seguir, para verificar as medidas tomadas quanto a esse caso.

Uma reunião com alguns membros da coordenação pedagógica (duas pedagogas) da escola foi marcada com o objetivo de sermos (nós, estagiárias) apresentadas à instituição de modo amplo, da mesma maneira como o são os professores novos, assim que ingressam na escola. Além disso, dedicaríamos algum tempo do encontro para discutir acerca da concepção de avaliação praticada no IFSC.

A coordenação pedagógica é formada por alguns assistentes sociais, pedagogos, técnicos em assuntos educacionais e uma psicóloga; o trabalho da coordenação é realizado em conjunto entre todos esses profissionais, buscando fazer um trabalho diferente em uma escola tradicional.

O papel desse setor é realizar trabalhos direcionados aos alunos e aos professores (de maneira integrada), auxiliando também na formulação dos currículos dos cursos e atuando na assistência social.

As pedagogas informam que nesse semestre temos a 2ª turma a ingressar na instituição através do sistema de cotas. A escola reserva 60% de suas vagas para alunos cotistas de escolas públicas, divididas em três grupos: (i) negros, indígenas e pardos; (ii) baixa renda – abaixo de um salário mínimo e meio; ou (iii) baixa renda – acima de um salário mínimo e meio.

Explicam-nos a respeito da elaboração dos currículos dos Cursos Técnicos Integrados, esclarecendo que não são fruto da fusão entre o currículo do Ensino Médio com o do Curso Técnico: na realidade, são textos completamente novos, que buscam integrar os conteúdos, ressignificando-os para esse novo momento histórico.

A escola possui hoje um documento de Organização Didático Pedagógica (ODP), o qual está em processo de reformulação para se tornar o Regulamento Didático Pedagógico (RDP), integrado a todos os *campi* do Instituto Federal do estado.

Inicia-se, então, uma longa exposição por parte de uma das pedagogas acerca de noções básicas de planejamento e avaliação. Ela nos lembra de que o planejamento das aulas não deve ser engessado, pois precisamos levar em conta a realidade de cada aluno como sujeito social e histórico único.

Ressalta a importância de avisarmos aos alunos que eles estarão sendo avaliados constantemente, por sua participação em sala, comportamento durante as aulas etc. Relembra as áreas sobre as quais a avaliação deve se debruçar: competências, habilidades e atitudes.

Sobre a recuperação de conteúdos, informa-nos que a escola possui a prática da recuperação paralela, que prevê o resgate do que foi trabalhado na medida em que forem

surgindo as dificuldades. Dessa forma, o aluno realiza atividades de recuperação a todo o momento, não somente ao fim do semestre.

A outra pedagoga presente nos pede para que informemos ao DALTEC caso algum aluno se ausente por três aulas consecutivas, pois eles entrarão em contato com os pais. Ademais, avisa-nos que, caso algum aluno não compareça na data da avaliação, terá direito a realizá-la em outra data se apresentar atestado médico em até 48 horas.

Por fim, citam o Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais (Napne), destinado ao apoio dos professores que trabalham com alunos que possuem necessidades especiais. Na reunião, não obtivemos muitas informações acerca desse núcleo – o qual está presente nos IF de todo o país –, mas seus objetivos encontram-se mais bem descritos no site do IF de Brasília. Veja:

> O principal objetivo do Napne é criar, na instituição, a cultura da "educação para a convivência" e aceitação da diversidade.
> Nos campi dos Institutos Federais (IF's) os Napne's são o principal lócus de atuação no processo de inclusão. Cada escola tem um coordenador deste núcleo, eles são nomeados, por meio de portaria, pelo Diretor Geral. O corpo de apoio dos núcleos é composto por sociólogos, pais de alunos, docentes, técnicos e os próprios estudantes que buscam, por meio de diversos caminhos, possibilidades para ingresso, permanência e saída, com sucesso, de nossas instituições.
> (Disponível em: http://www.ifb.edu.br/reitoria/pro-reitorias/2236-napne. Acesso em: 25 nov 2013.)

3.4 Reunião com pedagoga da escola

29 de outubro, às 15h30min

Durante o período de observação das aulas de língua portuguesa na turma 122, percebemos que havia um aluno, J.V., o qual aparentava ter mais dificuldade do que os colegas na compreensão das atividades, na expressão oral em sala e na leitura em voz alta.

Para nossa surpresa, durante a reunião de avaliação[30], os professores apenas relataram que J.V. era um aluno esforçado e responsável, mas com baixo rendimento em todas as disciplinas. Não foi levantada a possibilidade de ele precisar de um acompanhamento especial, diferenciado em relação aos outros alunos, por apresentar dificuldades significativamente maiores do que as de seus colegas. Como estávamos presentes apenas para observar, tendo em vista que ainda não havíamos assumido a docência da turma, não fizemos nenhum comentário.

Ao iniciarmos nosso período de docência, explicamos em aula a origem do pronome *você*, o qual é resultado de uma gramaticalização da forma de tratamento *Vossa Mercê*. Pedimos, então, aos alunos, que fizessem uma pesquisa acerca da expressão *a gente*,

[30] Cf. seção 3.1

explicando de onde ela surgiu (tomando como base o que foi explicado sobre a forma *você*) e qual sua função sintática.[31]

Ao lermos a atividade realizada pelo aluno em questão, confirmamos nossas suspeitas: ele realmente possuía uma dificuldade acima do previsto para um estudante de Ensino Médio. Seu texto apresenta características semelhantes ao de um aluno de Ensino Fundamental, é confuso e não tem coesão. A impressão que se tem é de que ele escreve num fluxo de pensamentos, não conseguindo transpor suas ideias para a língua escrita.

Com essa atividade, pois, fomos capazes de atestar duas coisas: (i) ele possuía dificuldade na leitura de enunciados e no entendimento de explicações orais, pois não trouxe a pesquisa de acordo com o que foi pedido no enunciado (escrito) e explicado em sala (oralmente); (ii) ele possuía problemas de escrita, não conseguindo expressar-se claramente nesse veículo. Restava-nos, agora, investigar se havia outros problemas, como compreensão de narrativas[32] escritas e orais e expressão oral.

Decidimos, então, conversar com o professor-regente da turma a respeito do caso e marcar uma reunião com um membro da coordenação pedagógica da escola, na tentativa de buscar uma solução para esse problema. Como nosso conhecimento limita-se à área de letras, esperávamos uma orientação da coordenação pedagógica acerca das melhores estratégias que poderiam ser utilizadas por nós para auxiliar esse aluno, fornecendo o apoio necessário para que atingisse os objetivos propostos pela disciplina de língua portuguesa e para que seguisse sua vida escolar bem e amparado.

Por encaminhamento da coordenação, preenchemos um documento entregue pelo setor, explicando a situação. Após o encaminhamento deste à coordenação (com a atividade sobre a expressão *a gente* anexada), foi marcada uma reunião com uma das pedagogas do setor. No intervalo de tempo entre o primeiro contato com a coordenação e a reunião, realizamos um atendimento ao aluno, juntamente com o professor regente da turma (descrito no item 3.5.2 a seguir).

Na reunião, estávamos presentes nós duas, o professor regente da turma e a pedagoga responsável. Ela estava com o documento de acompanhamento pedagógico discente preenchido por nós em mãos para mediar a conversa. Detalhamos a situação do aluno, contando nossas impressões e apresentando evidências da dificuldade dele através da cópia de sua atividade e de nossos depoimentos sobre o ocorrido no atendimento particular.

---

[31] Cf. atividade anexada ao plano de aula 2.
[32] *Narrativas*, aqui, no sentido de *histórias fictícias* (em contraposição aos *enunciados de questões*).

Ao afirmarmos que nossa opinião era de que J.V. parecia apresentar dificuldade cognitiva, a pedagoga contrapôs, questionando se o caráter da situação não seria, de fato, social. Lembramo-nos da reunião de pais e do atendimento com o aluno, em que pudemos perceber as condições sociais da família e o histórico da vida escolar do aluno.

Conversamos a respeito disso e questionamos qual seria o papel da instituição no caso. A pedagoga nos explicou que a escola possui apenas uma psicóloga e que o nome do aluno precisaria ser colocado em uma lista de espera para atendimento profissional. Enquanto isso, deveríamos continuar realizando um trabalho paralelo com ele durante a aula e em horários alternativos.

O professor ressaltou que J.V. é um aluno cuja dificuldade é tão evidente, que necessitará de acompanhamento psicológico e pedagógico durante todo o curso, não somente durante as aulas de língua portuguesa. Lembramos que os professores, durante a reunião de avaliação, afirmaram que o aluno apresentava dificuldade significativa em todas as disciplinas.

Após essa reunião, realizamos mais um atendimento com o aluno, descrito no item 3.5.3 a seguir, e depois encerramos nosso período de docência. Esperamos que os professores e a coordenação pedagógica da escola deem continuidade ao caso, buscando proporcionar a J.V. o auxílio de que ele necessita para conseguir permanecer no curso e finalizá-lo com êxito.

3.5 Atendimento aos alunos

O professor regente da turma marca horários de atendimento particular com os alunos cujas dificuldades em aula são por ele percebidas. Tem por hábito chamá-los em duplas, uma vez por semana, no espaço do Laboratório de Leitura e Produção de Textos – LabTexto. Nós acompanhamos três desses atendimentos, descritos abaixo, auxiliando o professor nas atividades.

3.5.1 Atendimento 1 (M.C. e A.C.)

09 de outubro, às 17h30min

Estão presentes os alunos L.B., M.C. e A.C.. Os dois últimos vieram para o atendimento, mas L.B. está apenas utilizando o mesmo espaço para estudar e realizar outras atividades; vai embora cedo.

O professor separa o trecho de um texto de Moacir Scliar[33] presente num livro didático[34] e dita para que os alunos transcrevam, sem explicitar-lhes a pontuação. O objetivo é perceber como está a escrita dos estudantes, conferindo se sabem utilizar bem a pontuação e os demais recursos de estruturação de um texto escrito, como parágrafo etc.

Enquanto o docente dita, os alunos escrevem em seus cadernos. Ele pede, então, que M.C. vá ao quadro; enquanto o professor lê o que o aluno escreveu em seu caderno, vai ditando novamente o início do texto para que ele escreva, dessa vez, no quadro. Enquanto isso, dita a metade final do texto para que A.C. vá escrevendo no quadro, ao lado de M.C.. Eles terminam e o professor vai lendo o que escreveram no quadro, corrigindo e explicando muito lentamente cada detalhe.

3.5.2 Atendimento 2 (K.S. e J.V.)

23 de outubro, às 17h30min

Chegamos antes do professor e aproveitamos para conhecer melhor os alunos, buscando levantar alguns dados sociais a respeito deles.

O primeiro a chegar é K.S. Antes de vir para o IFSC, ele estudou na Escola Básica Municipal José do Valle Pereira, localizada no bairro João Paulo. Perguntamos sobre o que costumava aprender nas aulas de língua portuguesa e o aluno lembra de gramática (pontuação) e adaptação em quadrinhos. Diz que gosta muito de quadrinhos, mas ultimamente não tem lido tanto por considerá-los infantis. Gosta também de escrever, criando narrativas, mas afirma ter dificuldades para transpor seus pensamentos para o papel, no momento da elaboração de um texto.

Na infância, sua mãe lia muito para ele e a família tinha muitos livros em casa. Ambos os pais de K.S. são professores e leitores: a mãe é pedagoga e o pai ensina filosofia/sociologia. O aluno diz gostar de ler, mas assume que fica entediado facilmente com alguns livros. Atualmente, começou a leitura da *Divina Comédia*, de Dante.

J.V. chega depois. Fazemos perguntas semelhantes[35]. O aluno mora em Florianópolis há dois anos e, antes de vir para o IFSC, estudou na Escola de Educação Básica Professora Laura Lima, localizada no bairro Monte Verde. Antes de vir para a cidade, morava em Capivari de Baixo e suas aulas na antiga escola eram unicamente baseadas no livro didático.

---

[33] In.: SCLIAR, M. *O carnaval dos animais*. Porto Alegre: Movimento, 1963.
[34] AMARAL, E. et al. *Novas palavras*: Português, Ensino Médio. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003. p. 556.
[35] Não questionamos J.V. sobre a existência de um ambiente de leitura em casa, pois já havíamos percebido, devido à reunião de pais, que seus pais não eram leitores e que a família era de classe social desfavorecida.

O aluno lembra-se de ter muitas aulas de gramática e também cita a adaptação em quadrinhos. Relembra com alegria de uma atividade do livro em que era apresentado o início de uma história para que os alunos a completassem.

O professor regente da turma chega e nós relatamos a ele o que os dois alunos nos haviam contado até o momento.

Perguntamos a J.V. se suas antigas professoras não trabalhavam com livros de literatura em sala; ele afirma que não, somente com o *livro de português*[36]. O professor pergunta se não havia biblioteca na escola e o aluno responde que sim, havia, mas que eles nunca foram levados até lá.

Após essa breve entrevista, iniciamos a dinâmica de atendimento. O professor traz um conto de Marina Colasanti narrado em áudio e coloca-o no computador para reprodução. Ouvimos a história duas vezes e, depois, o professor pergunta aos meninos o que eles entenderam da história. K.S. parece ter compreendido a narrativa, mas J.V. conta-a de modo confuso, inserindo acontecimentos que não estavam presentes no conto da autora em questão. Tentamos ir conversando com ele, relembrando aos poucos o enredo da história e fazendo perguntas, entretanto o aluno parecia seguro em narrar o conto de modo diferente.

Ficamos preocupados, pois, novamente, J.V. apresentou compreensão insuficiente, desta vez, sobre uma narrativa oral (de ficção). Além disso, durante a "entrevista" que realizamos no início do atendimento, tivemos grande dificuldade em compreender o que ele dizia, pois sua expressão oral é complicada e confusa; foi preciso pedirmos para que ele repetisse o que dizia muitas vezes. Entretanto, percebemos que o problema não é de dicção e sim de expressão linguística (o que pode esconder uma razão cognitiva), pois sua fala é pouco coerente, como um fluxo de ideias.

3.5.3 Atendimento 3 (K.S., J.V. e D.F.)

30 de outubro, às 17h30min

Do mesmo modo como havíamos feito no atendimento anterior, realizamos uma breve entrevista com D.F., aluno que veio pela primeira vez ao atendimento. Durante o Ensino Fundamental, ele estudou no Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA), mais conhecido pelos moradores como *Barreirão*, localizado em Barreiros, na cidade de São José, região da grande Florianópolis.

[36] Essa é a maneira como o menino chamava o livro didático.

D.F. conta que suas aulas de língua portuguesa eram mais voltadas à leitura e à escrita. Diz que gosta muito de ler, mas, atualmente, tem dedicado pouco tempo a essa atividade. Afirma ainda que foi alfabetizado mais cedo do que a maioria das crianças, aprendendo a ler e a escrever ainda em casa.

Havíamos conversado com o professor sobre o comportamento de J.V. durante o atendimento anterior e, buscando alternar os estímulos na tentativa de perceber mais amplamente as dificuldades do aluno – como foi trabalhada a compreensão oral na semana anterior –, optamos por utilizar neste dia a narrativa escrita. O professor escolheu a *Carta do Chefe Seattle*[37]:

> Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o Governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aqueles índios. Faz mais de um século e meio. Mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade. (Disponível também em: http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm. Acesso em: 26 nov 2013).

No famoso documento, o cacique dirige-se ao então presidente norte-americano reivindicando cuidados com a terra pelos homens brancos, descrevendo a relação que os índios mantêm com a terra e comparando-a aos maus tratos exercidos pelo homem branco.

Lemos a carta e o professor pergunta aos alunos do que trata o texto. Novamente, J.V. narra sua versão do texto e mostra incompreensão; é capaz de relatar apenas a superfície da história, sem perceber o sentido por trás das palavras do cacique. Os outros alunos, por outro lado, conseguem compreender as significações mais profundas, dentro do esperado para a idade deles.

3.6 Algumas considerações

É muito importante que o docente participe das situações de vivência escolar além do período em que está em sala de aula, ainda mais em uma instituição que proporciona ao docente um suporte ao que ele necessita, pois conta com uma ótima estrutura tanto profissional quanto física. Enquanto estávamos na escola, pudemos acompanhar o professor de língua portuguesa da turma 122 em diversas atividades, o que nos possibilitou um contato melhor com os profissionais da instituição, bem como a percepção das atribuições que são esperadas de um docente em uma escola.

---

[37] Presente no livro didático *Novas Palavras*, p. 520.
Disponível também em: http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm. (Acesso em: 26 nov 2013).

A participação na reunião de avaliação foi bastante positiva, pois nela tanto os docentes quanto a turma (através da participação de dois representantes) ganham voz, o que nos fez perceber o laço que a instituição cria com os alunos, fazendo-os entender que a opinião deles também é muito importante para o decorrer do dia a dia escolar. Além disso, observar a interação entre os professores de todas as disciplinas e a coordenação pedagógica foi fundamental, pois um completava a fala do outro e muitos dos até então considerados problemas de indisciplina ou desatenção dos alunos, foram esclarecidos por fatores externos como doença, participação em campeonatos esportivos etc. Nesse sentido, compreendemos o quanto é importante o diálogo dentro da escola, pois ele contribui para um maior reconhecimento do aluno como um sujeito social e histórico, com imperfeições e aptidões em diferentes esferas, como qualquer indivíduo.

No atendimento aos pais conseguimos enxergar parte do ambiente familiar de alguns alunos e perceber o quanto isso reflete na vida escolar. Por exemplo, o caso de uma aluna que parecia concentrar-se pouco nas aulas, mas que precisava sair de madrugada de casa por causa dos horários de ônibus para Florianópolis; ou ainda um aluno que possui uma cobrança muito rígida em casa com relação aos estudos (mesmo sendo um excelente aluno) e quase não tem tempo para atividades extras que todo adolescente gosta de fazer.

A reunião com a coordenação pedagógica nos ajudou esclarecer questões que estavam em aberto, principalmente aquelas relacionadas à metodologia de avaliação, que na instituição dá-se através de conceitos (I- insuficiente; S- suficiente; P- proficiente; e E- excelente), explicando-nos que a avaliação não deveria ser aplicada primeiramente de forma numérica para, posteriormente, transformá-la em um conceito. Para isso, mostraram-nos as estratégias que poderíamos seguir para bem avaliarmos os alunos.

A reunião sobre o aluno João Vitor não aconteceu como esperávamos, pois a pedagoga responsável estava de férias e nos encaminhou para outra pedagoga que não conhecia nem acompanhava o caso do aluno. Por isso, ela nos deu esclarecimentos gerais e superficiais sobre os procedimentos necessários para encaminhar um aluno à psicóloga da instituição. Ainda assim, solicitou que continuássemos acompanhando, juntamente com o professor da turma, as possíveis dificuldades que o aluno pudesse apresentar. Percebemos, nesse sentido, que a burocracia envolvida nesses casos precisa ser ultrapassada para que o aluno possa, se for o caso, ser diagnosticado o quanto antes, pois assim o professor possui mais ferramentas e sabe com o que poderá trabalhar em sala e no atendimento individual com esse aluno.

O atendimento aos alunos foi bem interessante. O professor sempre chamava dois ou três alunos para comparecerem ao LabTexto no horário de atendimento destinado à turma (quartas-feiras, das 17h30min. Às 18h30min.). Acompanhar essa atividade foi muito importante, pois percebemos que nem tudo que é responsabilidade do docente da disciplina Língua Portuguesa pode ser concretizado em sala de aula, por isso, os atendimentos em duplas facilitam o diagnóstico do professor quanto às habilidades e competências esperadas dos alunos, podendo-se perceber no quê eles possuem mais dificuldades (se na expressão oral ou escrita, na leitura etc).

Pudemos perceber a instituição como um ambiente dinâmico, em que os profissionais das diferentes áreas são constantemente desafiados, pois novas situações acerca dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem surgem a cada dia.

Todas as atividades foram muito importantes e nos proporcionaram maior contato com a realidade dos alunos aos quais lecionamos, mas algumas delas foram essenciais, pois nos possibilitaram a percepção das atitudes e posturas a serem tomadas por nós como futuras professoras.

Por fim, compreendemos que o fazer docente não se esgota dentro da sala de aula. Muito pelo contrário: a maior parte dessa profissão está concentrada fora dela. Participar de reuniões, formular o projeto de ensino, planejar as aulas, escolher e organizar os materiais etc. constituem o maior volume de trabalho do professor. Com tudo isso pronto, entrar em sala de aula torna-se tarefa simples; é apenas a execução de tudo aquilo que foi planejado. É como alcançar o cume da montanha: só se chega lá após ter escalado toda a extensão do relevo; uma vez no topo, resta-nos apreciar a vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de docência em Língua Portuguesa no Ensino Médio trouxe-nos imensa alegria desde o início, principalmente com a notícia de que, assim como no estágio no Ensino Fundamental, conheceríamos a realidade escolar e teríamos nossa segunda experiência como docentes em uma escola federal de renome no país.

Logo iniciamos nossas atividades na instituição e desde o primeiro dia fomos todos bem recepcionados, o que nos empolgou mais. Conhecer o perfil da instituição e sua Organização Didático Pedagógica, os professores de Língua Portuguesa e os alunos das duas turmas nas quais lecionamos[38], nos possibilitou o aprendizado de questões só compreendidas quando vivenciadas: a preocupação do colégio em tentar proporcionar um ambiente limpo, acolhedor e organizado; e o esforço dos professores de todas as disciplinas, juntamente com a coordenação pedagógica, em incidir sobre as representações sociais e cognitivas dos estudantes.

O período de observação foi imprescindível para que planejássemos aulas com recursos que estivessem mais próximos dos estudantes que conhecemos e para os quais lecionamos. Foi a partir da observação e do contato com a realidade do cotidiano da instituição, dos professores de Língua Portuguesa e dos alunos, que amadurecemos para questões fundamentais que ajudaram na elaboração do projeto de docência.

A implementação dos projetos de docência (curricular e extraclasse) foi, antes de qualquer coisa, um grande desafio. Por serem projetos inovadores e, de certa forma, tão sonhados, estávamos com certo receio quanto à sua aplicabilidade. Dedicamo-nos muito ao estágio, tentando, sempre que possível, trazer aulas inovadoras e interessantes, com temas atuais e relevantes, mas sem desprezar o que na sala de aula tem de tradicional e tentando não fugir do planejamento semestral da instituição.

A maioria das aulas foram agradáveis e divertidas tanto para nós quanto para os alunos, que ajudaram a fazer da sala de aula o que chamamos de um verdadeiro laboratório da linguagem, tornando o processo de ensino-aprendizagem bastante dinâmico, pois os conceitos foram construídos através de discussões, em que as intuições dos estudantes foram analisadas e debatidas. Vale ressaltar também que assumimos uma prática comum ao professor da turma, que sempre levava o dicionário em suas aulas e caso algum aluno perguntasse o significado de

[38] 1. Turma 122 – 1ª fase do Curso Técnico Integrado em Eletrônica; 2. Turma da oficina – com alunos tanto da instituição quanto de fora dela.

alguma palavra, o professor estendia o dicionário, fazendo com que o aluno autonomamente procurasse pelo que buscava.

As avaliações deram-se por meio de quatro atividades: duas de pesquisa e duas de elaboração de textos, sendo que duas delas precisaram ser refeitas, caracterizando, assim, o que a instituição nomeia de recuperação paralela. Nesse sentido, fomos capazes de (i) identificar o quanto os estudantes conseguiram apreender das nossas aulas, (ii) perceber o quanto eles foram capazes de desenvolver a partir e além do conteúdo ministrado e (iii) diagnosticar nossa metodologia de ensino, percebendo se (e quando) algo precisava ser modificado.

Buscamos retornar as atividades avaliativas aos alunos não apenas com o conceito anotado e com indicações de ajustes a se fazer, mas também com recados motivadores, que destacavam os aspectos positivos, incentivando-os a fazer a recuperação, quando fosse necessário. Consideramos essa uma prática que trouxe bons resultados, pois normalmente as recuperações seguiam as instruções deixadas por nós e conseguimos notar uma maior dedicação por parte dos estudantes.

A nossa última aula no estágio docência foi marcada pelo carinho dos alunos, que nos fizeram uma surpresa e levaram bolo e refrigerantes para que tivéssemos uma despedida. Como se não fosse o suficiente, recebemos também um *feedback* muito positivo sobre o nosso período de estágio nos depoimentos (com críticas e sugestões) que os estudantes nos deixaram; deles nós ganhamos inclusive conceitos.

No último dia de docência extraclasse, os alunos nos ajudaram a relembrar o que havíamos discutido nas aulas anteriores e nos deram depoimentos orais de como estavam satisfeitos e felizes por terem participado da oficina.

Certamente a execução dos projetos que elaboramos nos proporcionou um aprendizado único para a nossa prática como futuras professoras de Língua Portuguesa, pois finalizaremos a graduação em Letras entendendo que fazer da linguística um tópico para as aulas de português não é nada utópico.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. *Aula de português.* São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 54. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011 [1999].

BASSO, Renato Miguel & PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Notas sobre os assim-chamados "intensificadores chulos"*. Manuscrito.

_____. Feynman, a linguística e a curiosidade revisitado. *Matraga.* V. 19 Nº. 30 jan/ jun, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:* Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros curriculares nacionais para o ensino de língua portuguesa*. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português Linguagens*: volume 1. 7. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

CHOMSKY, N. *Estructuras Sintáticas*. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. *Language and problems of knowledge*. The Managua Lectures. The MIT Press: Cambridge, Mass., 1991.

_____. *Linguagem e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1971.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2012.

COLASSANTI. M. Eu sei, mas não devia. In.:_____. *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. p. 29-46; 225-253.

DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura*: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Editora Penso, 2012.

Documento "Organização Didático Pedagógica", 2009. (Disponível em: http://florianopolis.ifsc.edu.br/images/stories/sitepdf/ODP_2009.pdf. Acesso em: 01 out 2013).

EISNER, W. *Quadrinhos e a arte sequencial*: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira*: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Olimpíadas de língua portuguesa. (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=CUKfzAeGNrE. Acesso em: 30 abr 2013.)

FERRAREZI JR., Celso. ***Semântica para a educação básica.*** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva.* São Paulo: Contexto, 2011.

FEYMAN, R. P. *Deve ser brincadeira, Sr. Feynman!* Tradução Cláudia Bentes David. Brasília: Editora da UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GONÇALVES, R. T.; BASSO, R. M. *História da Língua*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2010.

GÖRSKY, E. M.; COELHO, I. L. *Variação linguística e ensino de gramática*. Working papers in linguística, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun., 2009.

IANNONNE, L. R; IANNONNE, R. A. *O mundo das histórias em quadrinho*. São Paulo: Moderna, 1994.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

ILARI, R. *Introdução à Semântica*: Brincando com a Gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Methafors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

MCCLOUD, S. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: M. books, 2005.

Organização Didático Pedagógica do IFSC. (Disponível em: http://florianopolis.ifsc.edu.br/images/stories/sitepdf/ODP_2009.pdf. Acesso em: 02 out 2013.)

PINKER, S. *Do que é feito o pensamento*: a língua como janela para a natureza humana. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

_____. *O instinto da linguagem*: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R.; QUAREZEMIN, S. *Construindo gramáticas na escola*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2013.

Proposta de novo Regulamento Didático Pedagógico do IFSC. (Disponível em: http://linkdigital.ifsc.edu.br/2013/07/18/ifsc-tera-regulamento-didatico-pedagogico-atualizado/. Acesso em: 01 out 2013).

RAMOS, G. Auto-retrato aos 56 anos. (Disponível em: http://graciliano.com.br/site/autorretrato/. Acesso em: 01 out 2013).

Site do Instituto Federal de Santa Catarina. <http://www.ifsc.edu.br>. Acesso em: 26 out 2013.

Tirinhas sobre ironia, ambiguidade e polissemia. (Disponível em: http://www.jacarebanguela.com.br/. Acesso em: 01 out 2013).

TOFIELD, Simon. *Simon's cat*: as aventuras de um gato travesso e comilão. Porto Alegre: L&PM, 2012.

VEREZA, S. (org.). *Sob a ótica da metáfora*: tempo, conhecimento e guerra. Niterói: Editora da UFF, 2012.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.). *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERISSIMO, L. F. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. O que cada um tem por dentro. In.:_____. Em algum lugar do paraíso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. (Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-que-cada-um-tem-por-dentro,368256,0.htm. Acesso em: 01 out 2013).

_____. O verdadeiro George Clooney. In.:_____. Em algum lugar do paraíso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. (Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/01/28/o-verdadeiro-george-clooney-261247.asp. Acesso em: 01 out 2013).

Vídeo "Jerry e Elaine: 'this' & 'that'" (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Xm-S2jBTl3g. Acesso em: 01 out 2013)

Vídeo "Placa de sarcasmo". (Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=t2qcBTupXHw. Acesso em: 01 out 2013).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *A língua como um sistema diferenciado*. In:____. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. p. 87-126.

ANEXOS

ANEXO 1

6.1.1 Termo de compromisso de estágio obrigatório (TCE) – Rafaela Miliorini Alves de Brito

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional
Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC – Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 492114

O(A) **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IF-SC**, CNPJ 11.402.887/0001-60, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). **Maria Clara Kaschny Schneider**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Rafaela Miliorini Alves De Brito**, CPF **057.311.409-95**, telefone **4832047296**, e-mail **rafaelamiliorini@gmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **9174033** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE e a UFSC em 14/06/2010** e vinculado à disciplina **men7002**.

Art. 2º: O(A) Prof.(a) **Maria Izabel De Bortoli Hentz**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).

Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de **14 horas (2 horas diárias)**, a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologi**, de **12/08/2013** a **11/12/2013**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Cesar Cordeiro Vieira**.

Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº **4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1** da seguradora **Capemisa Seguradora de Vida e Previdencia S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32)**.

Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.

Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.

Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.

Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio **sem remuneração**.

Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.

Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.

Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 492114

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 1º ano – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 14 de agosto de 2013.

Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Rafaela Miliorini Alves De Brito - Estagiário

Maria Clara Kaschny Schneider - Representante na CONCEDENTE

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Silvana Rosa Lisboa de Sá
Diretora Executiva do IF-SC
Reitora em Exercício
Portaria 1861, D.O.U de 01/12/2011

Cesar Cordeiro Vieira - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 492114 - Gerado pelo SIARE em 14/08/2013 às 18:14:12 hs.

6.1.2 Termo de compromisso de estágio obrigatório (TCE) – Raquel Darelli Michelon

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional
Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC – Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 492031

O(A) **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IF-SC**, CNPJ 11.402.887/0001-60, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). **Maria Clara Kaschny Schneider**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Raquel Darelli Michelon**, CPF **072.954.579-25**, telefone **4884053640**, e-mail **kel_1207@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **8292033** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE e a UFSC em 14/06/2010** e vinculado à disciplina **MEN7002**.

Art. 2º: O(A) Prof.(a) **Maria Izabel De Bortoli Hentz**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).

Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de **14 horas (2 horas diárias)**, a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologi**, de **12/08/2013** a **11/12/2013**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Cesar Cordeiro Vieira**.

Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº **4251.2012.121.82.307717.38.0.000-1** da seguradora **Capemisa Seguradora de Vida e Previdencia S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32)**.

Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.

Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.

Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.

Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio **sem remuneração**.

Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.

Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.

Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 492031

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de... ano (1º, 2º, ou 3º ano) – Ensino Médio; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:
Florianópolis, 15 de agosto de 2013.

Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Raquel Darelli Michelon - Estagiário

Maria Clara Kaschny Schneider - Representante na CONCEDENTE

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Silvana Rosa Lisboa de Sá
Diretora Executiva do IF-SC
Reitora em Exercício
Portaria 1861, D.O.U de 01/12/2011

Cesar Cordeiro Vieira - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 492031 - Gerado pelo SIARE em 14/08/2013 às 18:25:38 hs.

ANEXO 2

6.2.1 Registro de observação de aulas de língua portuguesa – Rafaela Miliorini Alves de Brito

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO
Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703

METODOLOGIA MEN DE ENSINO

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC
Turma: 122
Professor(a): Cesar Cordeiro Vieira
Estagiário(a): Rafaela Miliorini Alves de Brito
Período de observação total: 21 de agosto a 17 de setembro de 2013.

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	21/08	14:25 – 15:20	História da Língua Portuguesa	
Aula 2	26/08	14:25 – 15:20	Crônicas	
Aula 3	27/08	13:30 – 14:25	Diário	
Aula 4	27/08	14:25 – 15:20	Diário	
Aula 5	28/08	14:25 – 15:20	Literatura e Leitura Ficção x Realidade	
Aula 6	02/09	14:25 – 15:20	O que é Literatura	
Aula 7	03/09	13:30 – 14:25	Seminários História da Língua	
Aula 8	03/09	14:25 – 15:20	Seminários História da Língua	
Aula 9	04/09	14:25 – 15:20	Seminários História da Língua	
Aula 10	09/09	14:25 – 15:20	Seminários História da Língua	
Aula 11	11/09	14:25 – 15:20	Eleição do Representante de turma	
Aula 12	17/09	13:30 – 14:25	Jogo sobre história da língua	
Aula 13	17/09	14:25 – 15:20	Jogo sobre história da língua	

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Assessoria de Português
DAFG/IFSC

6.2.2 Registro de observação de aulas de língua portuguesa – Raquel Darelli Michelon

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO
Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 331-9243 – Fax: (48) 331-8703

METODOLOGIA MEN DE ENSINO

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)
Turma: 122
Professor(a): Cesar Cordeiro Vieira
Estagiário(a): Raquel Darelli Michelon
Período de observação total: De 21 de agosto a 17 de setembro de 2013.

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	21/08	14h25min - 15h20m	História da Língua Portuguesa	
Aula 2	26/08	14h25min - 15h20min	Crônicas	
Aula 3	27/08	13h30min - 14h25min	Diário	
Aula 4	27/08	14h25min - 15h20min	Diário	
Aula 5	28/08	14h25min - 15h20min	Literatura e leitura Ficção x Realidade	
Aula 6	02/09	14h25min - 15h20min	O que é literatura?	
Aula 7	03/09	13h30min - 14h25min	Seminário História da Língua	
Aula 8	03/09	14h25min - 15h20min	Seminário História da Língua	
Aula 9	04/09	14h25min - 15h20min	Seminário História da Língua	
Aula 10	09/09	14h25min - 15h20min	Seminário História da Língua	
Aula 11	10/09	13h30min - 14h25min	Eleição do Representante de turma	
Aula 12	10/09	14h25min - 15h20min	Jogo sobre história da língua	
Aula 13	11/09	14h25min - 15h20min	Jogo sobre história da língua	

Assessoria de Português
DAFG/IFSC
Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

ANEXO 3
Questionário respondido pelo professor regente da turma

1. Qual o ano e o local de sua Graduação?
1981, UFSC – Florianópolis.

2. Qual o ano e o local de sua Pós-Graduação (e qual a especialidade)?
1988, UFSC – Florianópolis; mestrado em Literatura Brasileira.

3. Qual é a sua carga horária de trabalho? São previstas horas de planejamento dentro dessa carga horária?
Minha carga horária de trabalho é de 40h/a semanais com Dedicação Exclusiva. Nessa carga horária estão previstos horários de planejamento.

4. Seu contrato é efetivo?
Sou professor efetivo.

5. Há quanto tempo você exerce a atividade docente?
Exerço atividade docente há 32 anos.

6. Há quanto tempo leciona no IFSC?
Leciono no IFSC há 5 anos como efetivo. Já trabalhei duas vezes anteriormente com contrato de substituto (dois anos de 1996 a 1998 e um semestre em 2002 na UNED/S.J.)

7. Você exerce outras atividades dentro da instituição, além da docência? Quais?
Integro comissão de implantação de Ensino Médio Integrado de Meteorologia, atendimentos aos alunos, oficinas; faço aulas como aluno de inglês em curso extracurricular.

8. Na escola há algum projeto específico que trata das questões da linguagem? Você participa dele?
Já participei, mas neste semestre, ainda não.

9. Você tem autonomia para escolher o material didático ou acata determinações de outros profissionais da instituição?
Tenho autonomia para escolher materiais didáticos.

10. Você considera importante o uso do livro didático? Por quê?
Considero importante o uso do livro didático. Penso que ele não deva ser um condutor das aulas, não deve ser recurso único do professor. Por outro lado é um recurso que facilita o trabalho do professor na elaboração de materiais para as aulas; o aluno tem os conteúdos de forma organizada; aprende a lidar com livro, a consultá-lo quando necessitar; exercitar leitura, pesquisar. É importante também o recurso de imagens que podem contribuir para o desenvolvimento dos estudos.

11. Como são os planejamentos de ensino? São elaborados de forma individual ou coletiva?
Os planejamentos de ensino costumam ser elaborados em conjunto com os professores que trabalham as mesmas fases.

12. Qual sua perspectiva teórica de ensino–aprendizagem?

Penso numa linha próxima ao Sócio-Interacionismo.

13. Quais as suas práticas sociais de leitura: frequenta biblioteca, livraria, feira de livros, roda de história?

Costumo visitar feira de livro; biblioteca procuro muito raramente; livraria, procuro quando quero comprar algum livro. Nesses ambientes, não costumo ler – no passado lia em bibliotecas e livrarias – apenas escolher livros.

14. O que você escreve no seu dia a dia?

Quanto à escrita, ultimamente limito-me a fazer alguns registros pessoais e de assuntos relacionados a trabalho.

ANEXO 4
Plano de ensino para a primeira fase de 2013/2

PLANO ENSINO PRIMEIRA FASE

PROFESSOR: César Cordeiro Vieira
Curso Técnico de Integrado
Unidade Curricular: Português (Módulo I)
Carga horária semanal: 4 h/a carga horária semestral: 80 h/a 2013/2

Número de aulas	**Conteúdo/ Atividades**
02	Apresentação do Plano de Ensino/ Exercício escrito de auto apresentação
02	Dinâmica de apresentação oral (um aluno apresenta o outro através da produção textual do colega)
04	Relatório (referências, citações). Exercícios práticos de citações bibliográficas, padronização da escrita, fonte, etc. Visita e cadastro dos alunos na Biblioteca do IF-SC.
04	Apresentação de técnicas de oratória (com vistas a apresentação de trabalhos e Seminários).
04	História da Língua portuguesa- tópicos principais sobre o Novo Acordo Ortográfico (em vigor a partir de 2013).
02	Orientação e prática de Registro de Aula - Pontuação
02	Avaliação
04	Variação linguística- conceito, exemplos, problematizações, debate, exercícios práticos.
04	GT- Poesia (estrutura, exemplos, produção-avaliação) - varal de poesia, recital (violão)- funções da linguagem (fática, emotiva, etc.)
06	GT- Notícia- texto informativo (jornais, revistas)- estrutura, exemplos, produção - avaliação)
06	GT- Crônica (estrutura, exemplos, produção- avaliação) - intertextualidade, inferências.
06	GT- Conto (estrutura, exemplos, produção- avaliação)
06	GT- Cartum, quadrinhos (estrutura, exemplos, produção - avaliação)
06	GT- Fábula e anedota: leitura, análise e produção (ambiguidade, ironia, humor)
04	GT- Carta – (estrutura, exemplos, produção - avaliação)
04	Literatura de informação - Carta de Pero Vaz de Caminha – Quinhentismo - Periodização da Literatura Brasileira
02	(opcional) GT- Emergentes (email e Blog)- divulgação em Blog da Turma da melhor produção textual de cada aluno para comentários e sugestões- parceria com o LINFO.
04	Avaliações e autoavaliações.
02	Recuperação final

Sugestões para o trabalho com alguns Gêneros Textuais:

POESIA
Objetivo- conhecer alguns consagrados poemas da Literatura Brasileira, incluindo letras de música.
Apresentação- temas, estrutura (verso, estrofe, rima, metrificação, poema visual), figuras de linguagem.
Autores sugeridos: Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Cora Coralina (Saber Viver), Mário Quintana, Ricardo Azevedo, Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto (Questão de Pontuação), Tiago de Melo, Adélia Prado, Adoniran Barbosa e outros.
Avaliação- produção poesia, recital em grupo, varal de poesia.

CRÔNICA
Objetivo- Leitura, análise com reconhecimento dos elementos básicos constitutivos do gênero.
Apresentação- análise de temas, estrutura (identificação das partes descritivas e reflexivas)
Autores e textos sugeridos:
_ "A última Crônica" – Fernando Sabino
_ "Sexa" - Luís Fernando Veríssimo
_ "Dias Perfeitos" - Cecília Meireles

NOTÍCIA- texto informativo (jornal, revista)
Objetivo- apresentar e levar jornais diversos e revistas para serem lidos e manuseados em sala de aula; reconhecimento da circulação social de cada publicação; público-alvo, etc.
Apresentação- identificação de características que são comuns (título, lead, fato)
Material sugerido- jornal Diário Catarinense, Hora, A Notícia, Revista Isto É, Época, Veja, Nova Escola, etc.

CONTO
Objetivo- Leitura, análise com reconhecimento dos elementos básicos constitutivos de um conto.
Apresentação- temas, estrutura (personagens, tempo, espaço, narrador, clímax, desfecho), estilo.
Autores e textos sugeridos:
_ "Conto de Escola", Machado de Assis
_ "O menino e o Bruxo", Moacyr Scliar
_ "As formigas", Lígia Fagundes Telles
_ "Conto de verão" Nº2: Bandeira Branca, Luís Fernando Veríssimo
_ "O grande Edgar", Luís Fernando Veríssimo

COMPETÊNCIAS

- Identificar e produzir textos de diferentes gêneros do discurso nas suas especificidades de uso, aplicação e circulação social;

- Desenvolver a capacidade de fazer uso de expressão oral para leitura e apresentação de ideias, experiências e sentimentos;

HABILIDADES

- Identificar as variantes linguísticas nas modalidades oral e escrita, os níveis de registros, os dialetos e as variedades estilísticas;
- Reconhecer e fazer uso dos diferentes gêneros do discurso em textos verbais e não-verbais, assim como o intertexto e as inferências;
- Diferenciar o texto técnico do literário;
- Ler e identificar os usos dos diferentes tipos de texto em contextos variados;
- Ler e compor textos de diferentes gêneros (orais e escritos), com vocabulário adequado

e argumentos próprios a partir de textos verbais ou não-verbais;

– Apresentar resultados de pesquisas, de leituras, temas e ideias, valendo-se de recursos da comunicação oral.

BASES TECNOLÓGICAS

GÊNEROS TEXTUAIS

- Texto literário e texto não-literário
- Poema
- Crônica
- Conto
- Cartum
- Fábula
- Paródia
- Anedota
- Relato pessoal: carta; diário.
- Texto teatral escrito
- Gêneros digitais: e-mail; blog
- Gêneros instrucionais: manuais, bulas, receitas.

LÍNGUA: USO E REFLEXÃO

- História da Língua Portuguesa
- Linguagem verbal e linguagem não verbal
- Variantes linguísticas
- Semântica: sinonímia e antonímia; polissemia, ambiguidade.
- Denotação e conotação
- Intertexto e interdiscurso
- Grafema e fonema: sílaba, encontros vocálicos, encontros consonantais, dígrafos, ortoepia e prosódia.
- Ortografia e divisão silábica
- Paralelismos sintáticos e semânticos

- Figuras de linguagem: ironia, comparação e metáfora, metonímia, antítese, paradoxo, prosopopeia, hipérbole, eufemismo.

LITERATURA

- Funções da literatura
- Gêneros literários (épico, lírico e dramático)
- Periodização da literatura brasileira
- Literatura contemporânea
- Quinhentismo no Brasil

METODOLOGIA

Aulas serão expositivas e dialogadas; com leituras; com vídeos; pesquisas; saída de campo; slides; seminários; debates; jogos interativos; exercícios orais e escritos; apresentações artístico-culturais. Os alunos terão acesso aos conteúdos a partir da utilização de textos complementares, livros didáticos, dicionários, jornais, revistas e outras fontes como: filmes, vídeos, slides, músicas, etc.)

AVALIAÇÃO

A avaliação será qualitativa, não equivalendo, os conceitos (**E, P, S** e **I**), a valores numéricos. Portanto, o resultado final não será passível de cálculos aritméticos.

Haverá, no mínimo, 4 (quatro) avaliações, realizadas através de produções orais e escritas: provas, trabalhos, pesquisas, seminários e exercícios (individuais e em grupo), produções artísticas, participação nas aulas e frequência e civilidade.

Portanto, serão consideradas as atitudes no que refere à sociabilidade, respeito humano e ao patrimônio público, organização e o cumprimento das normas estabelecidas pela escola.

Os alunos com conceito I, terão o direito de realizar uma prova de recuperação parcial, referente aos conhecimentos com menor rendimento. Para ser aprovado, o aluno deverá ter conceito final **S**, **P** ou **E**.

RECUPERAÇÃO

A recuperação de estudos deverá ocorrer durante as aulas, ou em horário extraclasse, para o aluno que obtiver conceito **I** (insuficiente).

A critério do professor, poderá configurar-se na reescrita ou na produção de um novo texto; na correção ou na resolução de nova prova em que haja a recorrência de conteúdo avaliado

anteriormente; na apresentação do mesmo ou de outro trabalho.

A primeira avaliação, motivo da recuperação, não será, necessariamente, anulada, podendo ser considerada no conjunto dos conceitos alcançados pelo estudante no decorrer do semestre e analisada no processo de aprendizagem.

Caso o aluno falte no dia de realização de alguma avaliação, deverá - no prazo e da forma prevista pela Organização Didático-Pedagógica – apresentar atestado médico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela N.; FADEL, Tatiana. ***Português**: **literatura, gramática**, produção de texto*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. ***Português: linguagens***. São Paulo: Atual, 2005.

INFANTE, Ulisses. ***Textos: leituras e escritas***. São Paulo: Scipione, 2005 .

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. ***Português: literatura, gramática, produção de texto***. São Paulo: Moderna, 2004.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. ***Português: de olho no mundo do trabalho***. São Paulo: Scipione, 2005.

ASSIS, Machado de. ***Conto de Escola***. In.:
http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000191.pdf
Acesso em 09/08/10.

ANEXO 5

Questionário aplicado pelo professor aos alunos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA

CAMPUS FLORIANÓPOLIS

DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE FORMAÇÃO GERAL

UNIDADE CURRICULAR: PORTUGUÊS

Professor:

Aluno(a): ..... TURMA: .....

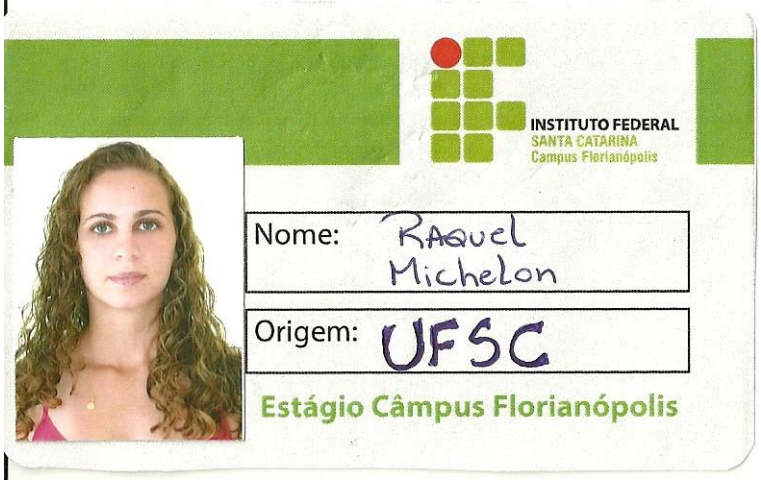
Data: .....

(AUTO)CONHECIMENTO DO ALUNO(A):

Escrever um texto sobre você, inserindo informações como: idade; onde nasceu (Estado, cidade, bairro); morou em outros lugares? Viajou? Que outros lugares conhece? De onde é sua família? Em que lugar gostaria de viver? E passear? Como é sua família? Como gostaria que ela fosse? O que gosta de fazer? O que não gosta? Gosta de ler? O que já leu na sua vida? Que últimos textos ou livros leu? O que gostaria de ler? O que não gostaria de ler?Que pessoa(s) você admira? Por quê?Você tem projetos de vida?Já se definiu por alguma profissão? E seus objetivos como pessoa? Qual o seu grande sonho? Tem religião, acredita em alguma coisa além do mundo material? Cultiva amigos? Como são eles? O que mais valoriza numa amizade e nas pessoas? Gosta de animais, de plantas?Como é sua alimentação? Momentos felizes na sua vida, momentos marcantes,comoventes tristes.Como é seu dia –a –dia? Como você se caracterizaria com uma palavra, e com várias palavras? De que forma acredita que os outros lhe vêem? Como se considera como estudante de modo geral?, E como aluno de português? Como foi a sua experiência de estudar português nas séries anteriores? O que espera da escola? E da unidade curricular de português? O que você acha que pode/precisa melhorar? Etc. Que título daria a esse texto?

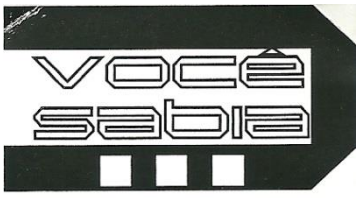
ANEXO 6

Identificações utilizados pelas professoras-estagiárias para terem acesso ao IFSC



ANEXO 7

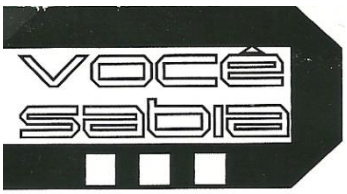
Marca-página entregue como lembrança para os alunos da turma 122 e da oficina no último dia de aula



...que a Língua Portuguesa é resultado da mistura entre a variedade do latim falada na Península Ibérica com línguas germânicas, o árabe e outros dialetos latinos? O Português surgiu em meados do século IX, durante o movimento da Reconquista, uma série de guerras com o objetivo de expulsar os árabes da Península Ibérica. Os primeiros textos em Português que chegaram até nós datam do século XI. Desde 1532, com a vinda dos primeiros colonos ao Brasil, o Português circula em todo o território nacional.

... que fora o português – o único idioma oficial – há aproximadamente 150 outras línguas no Brasil? E olha que esse número não considera as comunidades de imigrantes, nem as pessoas que aprendem uma língua estrangeira. São só os idiomas indígenas, falados por cerca de 160 000 pessoas. Entre as Línguas indígenas podemos citar: nheengatu, caingangue, caapor, karitiana, tucana, etc.

UFSC CCE Centro de Comunicação e Expressão nec núcleo de estudos gramaticais http://negr.paginas.ufsc.br/



... que a Linguística é o estudo científico da linguagem, que possibilita o conhecimento de sua estrutura e funcionamento. O linguista é o cientista que estuda toda e qualquer manifestação linguística. O método de estudo geralmente é descritivo e analítico, além de comparativo, o que, na maioria das vezes, resulta em evidências de uma estrutura comum a todas as línguas naturais.

... que para a criança adquirir linguagem ela deve ser exposta a uma língua dentro do período crítico, ou seja, até os 6 anos de idade? A criança nasce com um órgão responsável pela linguagem. Quando ela é exposta a uma língua dentro do período crítico esse órgão se desenvolve, e a criança passa por vários estágios de aquisição. Ao final dos estágios a criança terá a língua do adulto.

UFSC CCE Centro de Comunicação e Expressão nec núcleo de estudos gramaticais http://negr.paginas.ufsc.br/

ANEXO 8

Controle de frequência e autorizações de entradas tardias durante o período de estágio docência na turma 122

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis

Diário de Classe - Controle de Frequência

Curso 604 Curso Tecnico Integrado em Eletrônica **Periodo** 2013 2 **Módulo** 1 1ª Fase **Turno** Vespertino **Turma** **9910122**

Unidade Curricular **POR60401 Português e História Liter. Brasil.** **Professor** **CESAR CORDEIRO VIEIRA**

	Matrícula	Aluno	07/10	08/10	09/10	14/10	15/10	15/10	16/10	21/10	22/10	22/10	23/10	29/10	29/10	30/10	04/10	05/10	05/10	06/10	Total de Faltas	Conceitos	Situação Final
1	131001217-2	ANA ALZIRA MENEZES DE SOUZA	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	SESE	
2	131002206-2	ANGELA COLQUE BECKER	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	EPIS	
3	131002047-7	BRUNO GARBATZKI MADEIRA CUNHA	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	F	A	.	.	.	.	.	.	1	SPIP	
4	132002478-5	CLARA ZANELATO LAURENTINO	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	EPEE	
5	131002158-9	DALTON ARYEL PEDRO DOS SANTOS	.	.	.	.	.	.	F	.	.	.	F	.	.	.	.	.	.	.	2	PDSE	
6	131001013-7	DOUGLAS FOCHEZATTO DOS SANTOS	.	.	.	.	F	F	F	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	3	IEIS	
7	132004284-8	GABRYEL LESSA BERNARDES	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	EPEE	
8	132004737-8	IVAN LUIZ CARDOSO	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	PEIS	
9	132003064-5	JOAO VITOR RIBEIRO GARCIA	.	.	.	.	.	.	.	F	.	.	F	.	.	.	.	.	.	F	3	IEIS	
10	132002258-8	JULIANY ZIMERMANN	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	SEEP	
11	132003265-6	KAUE DOS SANTOS	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	A	.	.	.	.	A	.	.	0	PEIE	
12	132004007-1	LUAN DE BARROS	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	A	.	.	.	.	.	.	0	PEIP	
13	132002409-2	LUIZ EDUARDO DA SILVA	.	.	.	.	F	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	1	PEEE	
14	132002218-9	MARIANA MACHADO DA COSTA	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	F	.	.	.	.	.	.	F	2	IEII	
15	132002772-5	MARIELLE CRISTINA CARVALHO	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	EEIP	
16	132002173-5	MATHEUS ANDRADE ALVES	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	SPIS	
17	132002338-0	MATHEUS IMLAU	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	PEEP	
18	132002195-6	ROGERIO VITORIA SILVEIRA JUNIOR	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	F	.	.	.	.	.	.	.	1	SPSE	
19	132004466-2	SARA LUISA WEISS BROERING SERINO	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	0	SPPE	
20	132004461-1	TAMIRIS VARGAS	.	.	.	.	.	.	F	.	.	.	F	.	.	.	.	.	.	.	2	IPSP	
21	132002127-1	THIAGO SCHURAUS	.	.	.	F	.	.	.	.	F	F	F	.	.	.	.	.	.	.	4	SPEI	
22	132002430-0	~~VICTOR PERREIRA CAMPOS~~																			—		
23	132003690-2	VINICIUS VIEIRA	.	F	F	.	.	.	.	F	.	.	F	.	.	.	.	.	.	.	4	IPIS	
24	132004573-1	VOLNEI PUTON JUNIOR	.	.	.	.	.	F	F	.	A	A	.	F	.	.	.	.	.	.	3	SEIP	
25	122004076-2	~~YURI CALIEL ARMBORST~~					.														—		

Data: ___ / ___ / _____ **Assinatura:** _____

·07/10: Faltou ler o autoretrato: Bruno, Sara, Douglas, Ângela ↳ leram no dia 08/10. OK!

·22/10: Volnei chegou às 14h, entregou autorização do DALTEC.

·23/10: Kauê chegou às 14h40, não entregou autorização do DALTEC.

·29/10: Bruno chegou atrasado, entregou autorização do DALTEC. Luan chegou atrasado, não entregou autorização do DALTEC.

·05/11: Kauê chegou atrasado, entregou autorização do DALTEC.

·O aluno Yuri compareceu apenas no dia 14/10.

*A = chegada com atraso.

IFSC - CAMPUS FLORIANÓPOLIS/SC- DALTEC

AUTORIZAÇÃO DE ENTRADA TARDIA

HORÁRIO DE CHEGADA: 13:55

Unidade Curricular: PT6

Aluno: Bruno Gorbatzki M. Cunha

Turma: 122 Data: 24 / 10 /2013

ODP: Art.89, Inciso I: O aluno que chegar atrasado à aula, somente poderá ingressar no início da aula seguinte.

Servidor Responsável

IFSC - CAMPUS FLORIANÓPOLIS/SC- DALTEC

AUTORIZAÇÃO DE ENTRADA TARDIA

HORÁRIO DE CHEGADA: 14:00

Unidade Curricular: PT6

Aluno: Volnei Puton Junior

Turma: 122 Data: 22 / 10 /2012

ODP: Art.89, Inciso I: O aluno que chegar atrasado à aula, somente poderá ingressar no início da aula seguinte.

Servidor Responsável

IFSC - CAMPUS FLORIANÓPOLIS/SC- DALTEC

AUTORIZAÇÃO DE ENTRADA TARDIA

HORÁRIO DE CHEGADA: 13:50

Unidade Curricular: PT6

Aluno: Kzue Dos Santos

Turma: 122 Data: 05 / 11 /2013

ODP: Art.89, Inciso I: O aluno que chegar atrasado à aula, somente poderá ingressar no início da aula seguinte.

ANEXO 9

Controle de avaliação durante o período de estágio docência na turma 122

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis

Diário de Classe - Avaliações

Curso 604 Curso Tecnico Integrado em Eletrônica
Módulo 1 1ª Fase

Turma 9910122 **Ano** 2013 **Período** 2 **Professor** CESAR CORDEIRO VIEIRA
Unidade Curricular POR60401 Português e História Liter. Brasil.

Aulas Dadas: 19

	Matrícula	Aluno	1ª Etapa									2ªEtapa									Total de Faltas	Situação Final
			1	2	3	4	5	6	7		Conceitos									Conceitos		
1	131001217-2	ANA ALZIRA MENEZES DE SOUZA	+	I	E	S	S	E			P											
2	131002206-2	ANGELA COLQUE BECKER	+	I	P	E	I	S			S											
3	131002047-7	BRUNO GARBATZKI MADEIRA CUNHA	+	S	P		I	P			P											
4	132002478-5	CLARA ZANELATO LAURENTINO	+	P	P	E	S	E	E		E											
5	131002158-9	DALTON ARYEL PEDRO DOS SANTOS	+	I	P	P	S	E			P											
6	131001013-7	DOUGLAS FOCHEZATTO DOS SANTOS	+	I	E	I	I	S			I											
7	132004284-8	GABRYEL LESSA BERNARDES	+	P	P	E	E	E			E											
8	132004737-8	IVAN LUIZ CARDOSO	+	P	E	P	I	S			S											
9	132003064-5	JOAO VITOR RIBEIRO GARCIA	+	I	E	I	I	S	I		I											
10	132002258-8	JULIANY ZIMERMANN	+	S	E		I	P	E		P											
11	132003265-6	KAUE DOS SANTOS	+	I	E	P	I	E			P											
12	132004007-1	LUAN DE BARROS	+	S	E	P	I	P			P											
13	132002409-2	LUIZ EDUARDO DA SILVA	+	I	E	P	S	E	E		E											
14	132002218-9	MARIANA MACHADO DA COSTA	+	I	E	I	I	I			I											
15	132002772-5	MARIELLE CRISTINA CARVALHO	+	I	E	E	I	P			P											
16	132002173-5	MATHEUS ANDRADE ALVES	+	S	P	S	I	S			S											
17	132002338-0	MATHEUS IMLAU	+	P	E	P	P	P	E		E											
18	132002195-6	ROGERIO VITORIA SILVEIRA JUNIOR	+	I	P	S	S	E			P											
19	132004466-2	SARA LUISA WEISS BROERING SERINO	+	I	P	S	P	E			P											
20	132004461-1	TAMIRIS VARGAS	+	I	P	I	I	P	S		S											
21	132002127-1	THIAGO SCHURAUS	+	I	E	S	I	I	P		P											
~~22~~	~~132002430-0~~	~~VICTOR FERREIRA GAMPOS~~																				
23	132003690-2	VINICIUS VIEIRA	+	I	P	I		S			I											
24	132004573-1	VOLNEI PUTON JUNIOR	+	S	E			P			S											
~~25~~	~~132004076-2~~	~~YURI GALIEL ARMBORST~~																				

1 - Autorretrato (07/10)
2 - Atividade 1: "a gente" (14/10)
3 - Jogo da Variação lexical: Atividade 2 (22/10)
4 - Recuperação Atividade 1: "a gente" (29/10)
5 - Atividade 3: ironia em crônica (04/11)
6 - Atividade 4: tirinha (06/11)
7 - Recuperação Atividade 3: ironia em música

Observações: Tamiris entregou a Ativ. 1 no dia 15, pois havia trazido o arquivo "errado" no dia 14/10; Ativ. 1 verificamos 5 cópias da internet (Angela, Tamiris, Rogério, Dalton e Kauê); 21/10 - Volnei e Vinicius disseram que quem fez a Ativ. 1 foi apenas o Volnei e este acrescentou o nome do Vinícius; 22/10 - Vinicius ficou com conceito 'I' na Ativ. 1 e o conceito do Volnei subiu para 'S'; 05/11 - Sara entregou a Ativ. 3 com atraso, mas com justificativa;

ANEXO 10

Controle de desenvolvimento pedagógico durante o período de estágio docência na turma 122

Instituto Federal de Santa Catarina
Campus Florianópolis

Diário de Classe - Desenv. Pedagógico

Curso 604 Curso Tecnico Integrado em Eletrônica

Módulo 1 1ª Fase

Unidade Curricular POR60401 Português e História Liter. Brasil.

Turma 9910122 **Ano** 2013 **Periodo** 2

Professor CESAR CORDEIRO VIEIRA

Data	Num. Aulas	Atividade desenvolvida (conteúdo ou tópico desenvolvido e estratégias utilizadas)	Recursos utilizados (local, equipamentos, material didático)
07/10	1	Introdução ao projeto (apresentação das estagiárias), Apresentação dos alunos.	xerox, poema Graciliano.
08/10	2	Variação diacrônica (músicas, vídeos, gramática e discussões)	xerox; datashow; quadro.
09/10	1	Variação diatópica (exposição e discussão)	xerox; quadro.
14/10	1	Variação diatópica (exposição e discussão)	quadro
15/10	2	Variação diastrática (exposição oral e discussão)	quadro; xerox.
16/10	1	Variação diamésica (exposição oral e discussão)	quadro.
21/10	1	Retomada da atividade 1: como fazer pesquisa	datashow, internet.
22/10	2	Normas linguísticas / Jogo da Variação Lexical	quadro; material trazido pelos alunos.
23/10	1	Linguagem não-verbal (exposição e discussão)	slides; vídeo.
29/10	2	Ironia (exposição oral + vídeo + tirinhas + discussão)	vídeo; xerox (crônicas e tirinhas)
30/10	1	Polissemia e Ambiguidade (exposição oral + tirinhas + discussão)	quadro; xerox.
04/11	1	Metáfora (exposição oral e discussão)	quadro; xerox.
05/11	2	Produção de tirinhas em sala	papel e material para desenho
06/11	1	Fechamento (depoimentos das professoras e alunos)	xerox.

Assinatura professor (es):

ANEXO 11

Tabela com o controle de frequência da oficina no período de estágio docência

INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

Controle de frequência

Professoras-estagiárias: Rafaela Miliorini e Raquel Michelon

Supervisão: César Vieira (IFSC) e Maria Izabel Henz (UFSC)

Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

	Matrícula	Turma	Curso	Aluno	08/out	15/out	22/out	29/out	05/nov	12/nov	Total de faltas
1	102602001-0	711	Técnico Integrado de Eletrotécnica	Alessandra Cavalheiro Brianezzi	F	F	F	F	F	F	6/6
2	111603021-1	621	Técnico Integrado em Edificações	Aretha Rodrigues	C	C	C	F	C	C	1/6
3	não informado		não informado	Bárbara Camila Nunes	F	F	F	F	F	F	6/6
4	092603024-8	821	Técnico Integrado em Edificações	Bruna Luisa Schmitz dos Santos	C	F	F	F	F	F	5/6
5	132004817-0	131	não informado	Camila Vargas de Souza	F	F	F	F	F	F	6/6
6	111602038-3	611A	Técnico Integrado em Eletrotécnica	Carla Ramos	C	C	F	F	F	F	4/6
7	121000568-9	422	Técnico Integrado em Eletrônica	Eduardo Körbes Binotto	C	C	C	C	C	C	zero
8	101603014-0	821	Técnico Integrado em Edificações	Gabriel Guimarães Raupp	C	C	C	F	C	C	1/6
9	131000912-0	223	Técnico Integrado em Edificações	Gustavo Bourdot Back	C	C	C	C	C	F	1/6
10	131000912-0	422	Técnico Integrado em Eletrônica	Gustavo Simas da Silva	C	C	C	C	C	C	zero
11	121000288-4	421	Técnico Integrado de Edificações	Julio Machado Correia	C	C	C	C	C	F	1/6
12	131001762-0	211	Técnico Integrado em Eletrotécnica	Mateus da Silva	C	C	C	C	C	C	zero
13	EXTERNO	X	Graduação em Letras Libras UFSC	Mara Luzia Darelli Michelon	C	C	C	C	C	C	zero
14	EXTERNO	X	Psicóloga	Mariana De Bastiani Lange	F	F	F	F	F	F	6/6
15	1220045640	MII	Tecnologia em Design de Produto	Nayana Zoche Schneider	C	C	C	C	C	F	1/6
16	EXTERNO	X	Mestrado em Linguística UFSC	Valéria Cunha dos Santos	F	F	F	F	F	F	6/6
17	não informado		não informado	João José	C	F	F	F	F	F	5/6
18	não informado		não informado	Eduardo Francisco	C	C	F	F	F	F	4/6
19	não informado		não informado	Lucas Martins Mendes	F	C	F	F	F	F	5/6

Situação regular: 9/19

Excedeu o mínimo de faltas: 5/19

Realizou a inscrição, mas nunca compareceu: 5/19

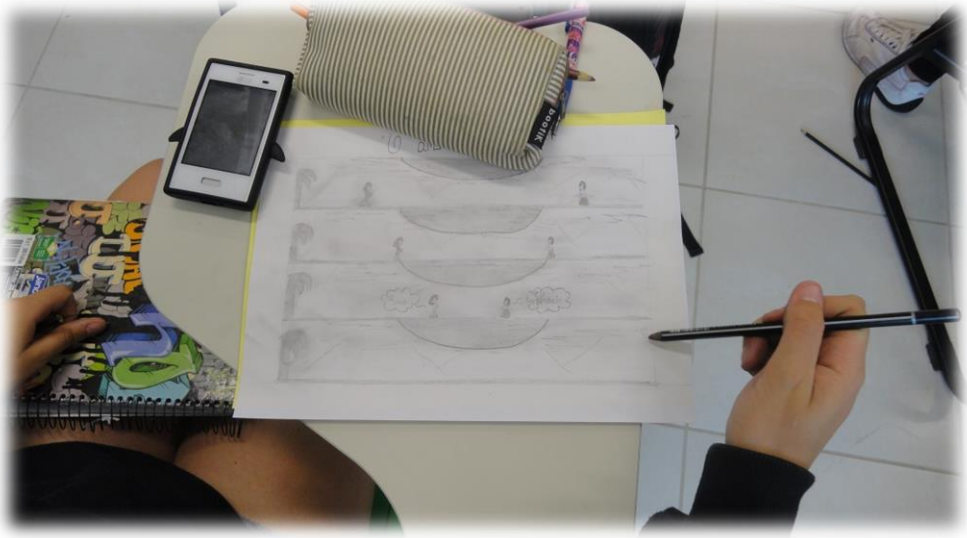
Observação: a aluna Carla Ramos precisou interromper sua participação na oficina por motivo de trabalho.

ANEXO 12

Fotografias de alguns momentos com a turma 122


ELEMENT


ELEMENT



ANEXO 13
Fotografias de alguns momentos com a turma da oficina


PROFESSIONAL STYLE
CONTROLLED
AMERICAN
POWER
SERIE
SUPERIOR QUALITY
MACEIÓ


PROFESSIONAL STYLE
CONTROLLED
AMERICAN
POWER
SERIE
SUPERIOR QUALITY
MACEIÓ

ANEXO 14

Folder de divulgação das oficinas oferecidas pelo DALTEC em 2013.2

INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

OFICINAS LABTEXTO 2013-2

LEVIS

OFICINA E TEMA	VAGAS E PÚBLICO-ALVO	DURAÇÃO E LOCAL	DIA/HORA MINISTRANTE(S)	EMAIL PARA INSCRIÇÃO
OFICINA 1 Leitura e produção de texto argumentativo	15 vagas comunidade do IFSC em geral	6 semanas Início em 1/10	**A**: Terça- 9h40 às 10h35 profa. Elisa Tonon Local: LABTEXTO **B**: Quarta – 14h às 14h55 Prof. Marco Pessoa Local: LEVIS	elisa.tonon@ifsc.edu.br marcopessoa@ifsc.edu.br
OFICINA 2 Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões	20 vagas Alunos do IFSC ou de outras instituições que estejam cursando Ensino Médio ou Superior	6 semanas Início em 1/10 Local: LEVIS	Terça – 12h30 às 13h25 profa. Rafaela Miliorini (UFSC) profa. Raquel Michelon (UFSC) prof. César Cordeiro Vieira	rafaelamiliorini@gmail.com
OFICINA 3 Discutindo a redação do Enem	15 vagas alunos do Integrado a partir da 5ª fase ou de outras instituições que estejam cursando Ensino Médio	3 semanas Início em 1/10 Local: LABTEXTO	Terça e Quinta 12h15 às 13h15 profa. Bruna B. Ribeiro (UFSC) profa. Talita T. Prokoski (UFSC) profa. Daniella Yano	talitaprokoski@gmail.com
OFICINA 4 Revisão Textual e Edição de Textos	15 vagas comunidade em geral	4 semanas Início em 1/10 Local: LINFO	Terça – 17h45 às 19h15 profa. Erika Agnellino (UFSC) profa. Laiana Martins (UFSC) prof. César Cordeiro Vieira	estagioletras.ifsc@gmail.com
OFICINA 5 História em quadrinho e adaptação	15 vagas alunos do IFSC em geral	6 semanas Início em 30/9 Local: LEVIS	Segunda – 17h45 às 18h40 profa. Ana Luiza B. da Rosa (UFSC) profa. Thalita Coelho (UFSC) profa. Gizelle Corso	oficinahqifsc@gmail.com
OFICINA 6 O conto narrativo	15 vagas alunos do IFSC em geral	4 semanas Início em 2/10 Local: LEVIS	Quarta - 12h45 às 13h45 Profa. Lênia Pisani Gleize	lerescrever8@gmail.com
OFICINA 7 Elaboração de relatório	15 vagas alunos em fase de produção de Relatório Final, TCC ou Dissertação	3 semanas **início em 13/11** Local: LABTEXTO	Quarta – 13h30 às 15h30 Profa. Eliane Bareta	ebareta@ifsc.edu.br

INSCRIÇÕES ABERTAS!!

- As oficinas são atividades oferecidas pelos professores da Assessoria de Língua Portuguesa (DALTEC - IFSC) em parceria com estudantes da UFSC e com o LEVIS (Laboratório de estudos da visualidade – IFSC) e abertas à comunidade escolar;
- **Local**: LABTEXTO (sala 15 da Ala Norte) e LEVIS (sala 231 do Bloco Central);
- **Inscrições**: diretamente com o professor ministrante, via email, informando nome, número de matrícula, turma e a oficina que deseja realizar;
- **Início**: a partir de 7/10/2013
- **Maiores informações**: com o professor ministrante ou na página **www.labtexto.com**
- Os participantes com 75% de frequência receberão certificado ao final das oficinas.

DESCRIÇÃO

OFICINA 1 - Leitura e produção de texto argumentativo

A oficina irá trabalhar com a leitura, compreensão, análise e produção de textos argumentativos (resenha, carta e artigo de opinião) relacionados a temas atuais. É destinada àqueles que desejam aprimorar suas habilidades de leitura e escrita.

OFICINA 2 - Uma *puta* oficina legal: conheça a ciência por trás dos palavrões

Uma introdução ao estudo da linguística – a ciência que estuda a linguagem natural – com os objetivos de: (i) desmistificar os "erros" gramaticais, entendendo o funcionamento natural da língua; (ii) compreender por que certas palavras são consideradas chulas e perceber a estrutura gramatical presente no uso de alguns palavrões.

OFICINA 3 - Discutindo a redação do Enem

Esta oficina é direcionada aos alunos interessados em entender e conhecer mais de perto a proposta e os critérios de avaliação da redação do Enem. O foco dos encontros será prática de escrita e reescrita de textos dissertativo-argumentativos em prosa, com base em temas de ordem política, social ou cultural, tal como exigido no ENEM.

OFICINA 4 - Revisão Textual e Edição de Textos

A Oficina de Revisão Textual e Edição de Textos pretende mostrar aos alunos a importância de um texto bem escrito e organizado, livre de erros ortográficos e gramaticais, prolixidades e redundâncias, que se colocam como obstáculos para a compreensão de um texto.

OFICINA 5 - História em quadrinho e adaptação

Nessa oficina, procuraremos debater questões acerca das histórias em quadrinho (HQ), como especificidades narrativas e adaptações para o cinema. Além disso, abordaremos as implicações de se adaptar uma obra literária para HQ, ao mesmo tempo em que tentaremos desconstruir certos preconceitos ainda presentes no senso comum acerca de adaptações e do gênero histórias em quadrinho.

OFICINA 6 - O conto narrativo (continuação da oficina iniciada no semestre anterior)

A oficina pretende refletir sobre a experiência de leitura de narrativas breves, com ênfase na obra de autores latino-americanos. Procurar-se-á criar condições para que os participantes possam atuar de forma crítica, como leitores ativos, e possibilitar bases para o aprimoramento da produção textual.

OFICINA 7 - Elaboração de relatório

A oficina é destinada a alunos que estejam em fase de produção de Relatório, Trabalho de Conclusão de Curso ou Dissertação.

ANEXO 15

Folder de divulgação da oficina que ministramos na instituição

Uma *puta* oficina legal:

conheça a ciência por trás dos palavrões

Uma introdução ao estudo da linguística – a ciência que estuda a linguagem natural – com os objetivos de: (i) desmistificar os "erros" gramaticais, entendendo o funcionamento natural da língua; (ii) compreender por que certas palavras são consideradas chulas e perceber a estrutura gramatical presente no uso de alguns palavrões.

Início dia 8 de outubro

Serão 6 encontros às terças-feiras das 12h30min às 13h30min.

UFSC

INSTITUTO FEDERAL SANTA CATARINA

Ministrantes:
Rafaela Miliorini e Raquel Michelon
Supervisão: César Vieira

Uma *puta* oficina legal:

conheça a ciência por trás dos palavrões

Uma introdução ao estudo da linguística – a ciência que estuda a linguagem natural – com os objetivos de: (i) desmistificar os "erros" gramaticais, entendendo o funcionamento natural da língua; (ii) compreender por que certas palavras são consideradas chulas e perceber a estrutura gramatical presente no uso de alguns palavrões.

Início dia 8 de outubro

Serão 6 encontros às terças-feiras das 12h30min às 13h30min.

UFSC

INSTITUTO FEDERAL SANTA CATARINA

Ministrantes:
Rafaela Miliorini e Raquel Michelon (UFSC)
Supervisão: César Cordeiro Vieira (IFSC)

ANEXO 16

Autorização para o uso de imagens e materiais dos alunos para fins acadêmicos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

(Eu,) Nós Valdir e Maurís (Pai e Mãe), responsável pelo aluno(a) Lauan de Barros, matrícula nº 13200401, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Aproveitamos para agradecer todo esforço, dedicação e conhecimento que passaram ao nosso filho. Que Deus ilumine o caminho de vocês duas: Rafaela e Raquel e assim tenham um futuro brilhante. Foi um prazer conhecê-las no Conselho de Classe. Muito obrigado por tudo.
Um grande abraço. Pais de Lauan.

Florianópolis, 05/11/13

Assinatura: [illegible]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Solange Maria da Silva, responsável pelo aluno(a) Thiago Schirous, matrícula nº 13200121 27-1 da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 05/11/12

Assinatura: Solange Maria da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Joice Jenire, responsável pelo aluno(a) Kauã dos Santos, matrícula nº 132003265-6, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 05 / 11 / 2013

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Marcos Antônio Laurentino, responsável pelo aluno(a) Clara L. Laurentino, matrícula nº 132002478-5, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 06 / 11 / 2013

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Carlos Augusto da Silva Alves, responsável pelo aluno(a) João Vitor R. Garcia, matrícula nº 13200 3064-5, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 03 / 11 / 2013

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Bucelí de Oliveira, responsável pelo aluno(a) Ivanluiz Cardoso, matrícula nº 13200 4737-8, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 30 / 10 / 13

Assinatura: Bucelí de Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Daniela Ap. Rocha, responsável pelo aluno(a) Daiane A P dos Santos, matrícula nº _____, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 29 / 10 / 13

Assinatura: _____

Somente para fins acadêmicos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Elenide Souza, responsável pelo aluno(a) Volmei Rotoh Junior, matrícula nº 1320045731, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 29 / 10 / 13

Assinatura: Elenide de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Leonilda W. Broering, responsável pelo aluno(a) Sara Louise W. Broering, matrícula nº 132001466-2, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 02 / 11 / 13

Assinatura: Leonilda W. Broering

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Veronica Rosa de Andrade Alves, responsável pelo aluno(a) Matheus Andrade Alves, matrícula nº 132002973-5, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 03 / 11 / 2013

Assinatura:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Rogério Ambrozini Silveira, responsável pelo aluno(a) Rogério Vitorino Silveira Jr, matrícula nº 132002195-6 da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 04/11/2013

Assinatura: _____

Matrícula nº 132002195-6

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Thayane Bessa Bernardes, responsável pelo aluno(a) Gabriel Bessa Bernardes, matrícula nº 132[illegible]84, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 29/10/13

Assinatura: Thayane Bernardes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Rosangela C. Schimidt, responsável pelo aluno(a) Matheus Imlau, matrícula nº 132002338-0, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 29 / 10 / 2013

Assinatura: Rosangela C. Schimidt

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, LEILA R. GARBATZKI, responsável pelo aluno(a) BRUNO G.M. CUNHA, matrícula nº 131002047-7, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 29/10/13

Assinatura: Leila R. Garbatzki

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Cecilia Ribeiro de Castilho Silva, responsável pelo aluno(a) Luiz Eduardo Silva, matrícula nº 132002408-2, da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 11 / 11 / 13

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Nair Hoffmann Zimermann, responsável pelo aluno(a) Juliany Zimermann, matrícula nº 132002258-8 da turma 122, autorizo o uso de imagens, textos, materiais e registros pedagógicos produzidos no contexto do estágio de docência das acadêmicas Rafaela Miliorini Alves de Brito e Raquel Darelli Michelon, do Curso de Letras da UFSC, sob a orientação dos professores César Cordeiro Vieira, do IFSC, e da professora Maria Izabel de Bortoli Hentz, da UFSC, para fins de registro em seus Relatórios de Estágio e de socialização em eventos acadêmicos e científicos organizados especificamente para este fim.

Florianópolis, 07 / 11 / 13

Assinatura: Nair H. Zimermann